

AS BRUXAS DE HOLLOW COVE



JINX CÓSMICO

AUTORA BESTSELLER DO *USA TODAY*
KIM RICHARDSON

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

AS BRUXAS DE HOLLOW COVE



JINX CÓSMICO

AUTORA BESTSELLER DO *USA TODAY*
KIM RICHARDSON

Table of contents

1. [Página de título](#)
2. [Copyright](#)
3. [Contents](#)
4. [Capítulo 1](#)
5. [Capítulo 2](#)
6. [Capítulo 3](#)
7. [Capítulo 4](#)
8. [Capítulo 5](#)
9. [Capítulo 6](#)
10. [Capítulo 7](#)
11. [Capítulo 8](#)
12. [Capítulo 9](#)
13. [Capítulo 10](#)
14. [Capítulo 11](#)
15. [Capítulo 12](#)
16. [Capítulo 13](#)
17. [Capítulo 14](#)
18. [Capítulo 15](#)
19. [Capítulo 16](#)
20. [Capítulo 17](#)
21. [Capítulo 18](#)
22. [Capítulo 19](#)
23. [Capítulo 20](#)
24. [Capítulo 21](#)
25. [Capítulo 22](#)
26. [Capítulo 23](#)
27. [Capítulo 24](#)
28. [Capítulo 25](#)
29. [Capítulo 26](#)
30. [Loucura em Frenesi](#)
31. [Mais Livros De Kim Richardson](#)
32. [Sobre A Autora](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)
3. [Contents](#)

JINX CÓSMICO
AS BRUXAS DE HOLLOW COVE, LIVRO
DEZ

KIM RICHARDSON

Este livro é uma obra de ficção. Todas as referências a eventos históricos, pessoas reais ou locais reais são usadas de forma fictícia. Outros nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação da autora, e qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é inteiramente coincidência.

Jinx Cósmico, As Bruxas de Hollow Cove, Livro Dez
Direitos autorais © 2024 por Kim Richardson
Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução
no todo ou em qualquer forma.

www.kimrichardsonbookstore.com

CONTENTS

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26

Loucura em Frenesi
Mais Livros De Kim Richardson
Sobre A Autora

CAPÍTULO I

Você já ouviu falar de uma bruxa de poções que era péssima em poções? Você está olhando para ela.

O processo de fabricação de poções consiste basicamente em mexer, ferver em fogo brando, fazer alguns encantamentos e esperar. Sou muito boa na parte da espera. Excepcional. Digna de troféu. E é só isso.

Fiquei olhando para a substância grumosa, com aspecto de molho e borbulhante.

— É para ter essa aparência? E esse cheiro? Ugh. É como uma combinação de meias molhadas e da caixa de areia do Hildo.

— Ei — miava o gato, esticado preguiçosamente no balcão ao lado do fogão. Sua cauda balançava para frente e para trás em uma irritação perigosa. — Minha areia tem cheiro de lavanda, obrigado. É o que está escrito na *caixa*: com aroma de lavanda.

— Diz o gato que não limpa sua própria caixa de areia.

Os olhos do gato se estreitaram e seus lábios se contraíram quando ele os puxou para trás no que só poderia ser um sorriso.

— Você me pegou.

Ruth se inclinou sobre meu caldeirão de ferro fundido, do tamanho de uma panela de macarrão, no fogão. Mechas soltas de cabelo branco caíam do nó acima de sua cabeça, emoldurando a bela carranca em seu rosto.

— Oh, meu Deus.

Meu rosto caiu.

— *Oh, meu Deus, isso não parece promissor. Parece que desperdicei todas as suas ervas e raiz de mandrágora de novo.*

Eu estava no topo da tabela de pontuação de sem noção quando se tratava de fazer poções. Talvez quanto pior fosse o cheiro, melhor seria a potência da poção? É, acho que não.

Ruth deu um sorriso caloroso e paciente e bateu em minha mão. Seus grandes olhos azuis eram gentis e brilhantes.

— Está tudo bem. Jogue-o na pia e vamos começar de novo. Não se martirize. Fazer poções requer tempo e prática. E, acima de tudo, é preciso paciência. O encantamento e os ingredientes são igualmente importantes. Todo mundo acha que é fácil, que qualquer tolo pode fazer poções. Isso não poderia estar mais longe da verdade. Se você estragar um elemento, a poção está estragada.

Uma bolha na minha poção inchou e depois estourou, jogando gotas molhadas no meu rosto. Eu engasguei com o cheiro.

— Quanto tempo você levou para preparar sua primeira poção? Perguntei, enxugando o rosto com um pano de prato.

Ruth deu de ombros.

— Cerca de cinco minutos.

Como eu disse. Eu era a pior bruxa criadora de poções da história da magia.

Engolindo o que restava do meu orgulho, que era do tamanho de uma ervilha, levantei o pesado caldeirão de ferro e joguei a substância fétida na pia. A única parte satisfatória do processo de fazer poções era ver as tristes misturas sendo engolidas pelo ralo. Mas, por outro lado, era também um lembrete de meu fracasso total. E que eu teria de fazer tudo de novo.

Infelizmente, esse não foi meu primeiro desastre com poções. Parei de contar depois de trinta e seis tentativas fracassadas.

Essa não era nem a pior parte. Isso já estava acontecendo há três semanas. Eu sabia que Ruth não queria alimentar minhas esperanças, pois ela parecia determinada a que eu tivesse sucesso, e eu a amava por isso. Mas ela sabia tão bem quanto eu que o problema não eram as ervas, a agitação no sentido anti-horário ou mesmo o latim que saía da minha língua sem esforço.

Foi a falta de magia.

Sem magia, eu não conseguia invocar uma simples poção, muito menos fazê-la funcionar. Eu era verdadeiramente eficiente quando se tratava de medir ingredientes em uma xícara ou evitar que a poção secasse. Mas esses talentos não importavam se a magia não estivesse presente. Não poderia fazer uma poção mágica sem seu ingrediente vital - a magia.

E eu não tinha nenhuma. Eu estava sem magia. Tão magicamente seca quanto o deserto do Saara.

Algumas semanas atrás, até Dolores havia tentado dar um impulso em minha magia, submetendo-me a várias maldições, feitiços e feitiços que deveriam *despertar* minha bruxa interior. Quando minha pele explodiu em furúnculos e queimaduras cruas e sangrentas, ela percebeu que era uma causa perdida. *Eu* era uma causa perdida. Nada que ela ou qualquer outra pessoa pudesse fazer ajudaria a restaurar minha magia.

— Você está desperdiçando todas essas boas ervas e pós. — Dolores, sentada à mesa da cozinha, olhou para mim por cima de seus óculos de leitura. — Você sabe quanto custa a artemísia hoje em dia? Ou raiz de valeriana? Acácia?

Meu coração se afundou um pouco mais.

— Não, não sei.

Eu estava custando à minha tia Ruth uma pequena fortuna com todas as poções fracassadas. Eu havia recebido um cheque de pagamento do tesoureiro da cidade há duas semanas, o salário normal dos Merlins. Eu ia descontá-lo e dar tudo para a Ruth antes que o dinheiro parasse de chegar. Porque todos nós sabíamos que, sem a minha magia e com toda a cidade sabendo, mais cedo ou mais tarde, Gilbert teria prazer em acabar com tudo. Eu não ficaria surpresa se ele viesse bater em nossa porta e exigisse um reembolso.

— Não se preocupe com isso — disse Ruth, fazendo uma careta para Dolores. — A prática leva à perfeição. Se no início você não conseguir, tente novamente. Vamos tentar de novo.

Gesticulando para si mesma, ela puxou o avental contra o corpo. A inscrição dizia: UMA VEZ QUE VOCÊ SE TORNAR UMA BRUXA, NUNCA MAIS VAI MUDAR!

Que fofa. Mas isso não fez com que eu me sentisse melhor.

— Também não adianta bater em gato morto — comentou Dolores enquanto folheava as páginas de seu jornal.

Suspirei.

— Ela tem razão. Não sou boa nisso. Estou apenas desperdiçando todas as suas boas ervas e pós. Vou arruinar você. Deveríamos parar.

Ruth me dispensou com um aceno de mão.

— Não dê ouvidos a ela. Ela só está com ciúmes porque... — Ela baixou a voz e se inclinou para mais perto. — Ela nunca foi boa em poções.

— Ouvi isso — rosnou Dolores, embora Ruth tenha dado uma risadinha ao se aproximar de Hildo e acariciar a cabeça do gato. Ele então começou a fechar os olhos em um êxtase felino.

Mais cedo ou mais tarde, como Dolores havia feito antes dela, Ruth acabaria percebendo a inutilidade de seus métodos e acabaria com minhas aulas de poções. Além disso, seu estoque de ingredientes mágicos e ervas estava acabando. Eu sabia que ela só estava fazendo isso por mim por causa da bondade do enorme coração de Ruth. Ela queria que eu acreditasse que ainda era uma bruxa, que ainda havia esperança. Mas depois de três semanas sem um pinga de progresso, tive de aceitar que aqueles dias de bruxa haviam acabado.

Derrick, o incubus, havia tirado minha magia, e parecia que eu ficaria assim... para sempre.

É, acho que não. Eu não estava desistindo tão facilmente. Ainda bem que fui abençoada com uma dose saudável de teimosia, acompanhada de muita coragem.

Eu tinha algumas ideias. Primeiro, eu iria encontrar tudo o que pudesse sobre os incubus, especificamente como transferir de volta os poderes que eles haviam roubado. Minha teoria era que, se eu encontrasse Derrick, poderia forçá-lo a transferir de volta meus

poderes. Se você pensasse no incubus como um tipo de armazenamento digital, como um pen drive, seguindo essa lógica, eu poderia entrar nele e recuperar o que era meu.

Sem o meu poder demoníaco, eu tinha certeza de que não poderia mais viajar para o Submundo. Eu teria que convocá-lo para este lado dos planos com a ajuda da Iris. Minha amiga bruxa das trevas já estava trabalhando em alguns feitiços para manter o incubus preso enquanto recuperávamos meus poderes, uma parte crucial que ainda estávamos tentando descobrir.

Não contei a minhas tias sobre meu plano. Não queria que elas ficassem esperançosas se não funcionasse. Mas o verdadeiro motivo era que o feitiço poderia me matar.

Até agora, de acordo com nossas pesquisas, nada nos antigos tomos mágicos nos falava sobre a transferência de poderes de um incubus ou de qualquer outro demônio. Exceto por um livro que roubei da seção "especial" de Dolores.

O livro chamava-se *The Demon Grimoire*. Um único verbete tratava da transferência de poderes de um demônio para uma bruxa. *Daemonium magicae ad pythonissam transportaret*, dizia o texto. O feitiço era complicado e exigia semanas de preparação. Iris e eu passamos todas as noites das últimas duas semanas trabalhando nele. Agora ele estava completo e pronto para que eu o tentasse hoje à noite.

E eu o faria.

E se isso não desse certo, eu teria que, de alguma forma, convocar Lúcifer e tentar fazer um acordo com ele. Como se faz isso? Eu pensaria sobre isso quando chegasse a hora.

— Meninas! Vocês não vão *acreditar nas* promoções da Macy's!

Ao olhar para cima, depois de enxaguar o caldeirão, vi Beverly entrando na cozinha com os quadris balançando. Ela estava linda e elegante como sempre, com seu jeans escuro e blusa preta, que acentuava seu cabelo loiro na altura dos ombros. Ela foi até a ilha da cozinha e deixou cair seis grandes sacolas de compras.

— Veja o que tenho para você, Tessa.

Beverly colocou a mão em uma das sacolas e tirou um vestido de verão de linho azul-claro.

— Sinta isso — disse ela ao se aproximar e empurrar o vestido para mim. — Sinta como esse material é glorioso. Marcus não conseguirá tirar as mãos de você com isso. Nada é mais irresistível para um homem do que a sensação suave do tecido contra sua pele macia e sensual.

Forcei um sorriso.

— Você realmente não precisava ter feito isso.

O vestido era lindo. Só que ultimamente eu não estava com o

humor alegre para usar algo assim.

Beverly desviou o olhar.

— Eu sei disso, bobinha. Mas eu queria. Além disso, sou tamanho trinta e seis e...

— Quarenta e dois — interrompeu Dolores com uma careta.

Beverly lançou um olhar na direção de Dolores.

— Eles não tinham mais nenhum do meu tamanho *trinta e seis*. E estava com setenta e cinco por cento de desconto. Eu simplesmente não podia deixar passar.

— Obrigada, é lindo — eu disse a ela, feliz por ver o sorriso genuíno que apareceu no rosto de Beverly. — Você realmente não precisa comprar roupas para mim.

Beverly me deu um encolhimento de ombros.

— Eu sei disso. Mas eu já estava lá e, bem, você me conhece. Adoro fazer compras — acrescentou ela com uma risadinha.

— Tudo bem, mas prometa-me que vai parar. Não terei mais espaço em meu closet para colocar todas essas roupas novas.

O fato é que, desde que foi libertada do feitiço de Derrick, Beverly começou a comprar roupas novas para mim toda vez que saía para fazer compras, o que acontecia algumas vezes por semana. Eu sabia que essa era a maneira de ela me mostrar que estava arrependida, embora eu tivesse dito a ela que nada disso era culpa dela, pois Derrick a havia escolhido especificamente para chegar até mim. Ele a usou muito, a enganou e a enfeitiçou. Nada disso foi obra dela.

No entanto, ela não parecia querer parar.

Beverly enfiou a mão na menor de suas bolsas e tirou algo rosa.

— Veja o que comprei — disse ela enquanto girava um par de algemas cor-de-rosa e fofas em seu dedo.

Dolores tirou os óculos do rosto.

— Isso são algemas?

Beverly sorriu enquanto erguia o quadril.

— São mesmo. Não são fabulosas?

Seus olhos verdes brilharam.

— Vou experimentá-las com Dale hoje à noite.

Ela as colocou nos pulsos e jogou as mãos sobre a cabeça como se já estivesse amarrada.

— Fico incrível deitada em uma cama nua com algemas. Isso faz com que meus seios se projetem para a frente.

Eu me encolhi, não querendo formar um visual - tarde demais.

— Dá uma boa elevação aos meus seios.

Dolores bufou.

— Você precisará de mais do que algemas para isso.

Beverly baixou as mãos.

— Você só está com ciúmes porque da última vez que fizeram

sexo, os quartos estavam iluminados por velas.

Puxa vida.

Ruth soltou uma risadinha.

— Fico incrível deitada em uma cama nua com algemas. Isso faz com que meus seios se projetem para a frente.

Eu me encolhi, não querendo formar um visual - tarde demais.

— Dá uma boa elevação aos meus seios.

Dolores bufou.

— Você precisará de mais do que algemas para isso.

Beverly baixou as mãos.

— Você só está com ciúmes porque da última vez que fizeram sexo, os quartos estavam iluminados por velas.

Puxa vida.

Ruth soltou uma risadinha.

Acho que eles são bonitinhos.

— Ah. Você deveria comprá-las em cores diferentes — disse ela, com os olhos arregalados. — Como amarelo, laranja, vermelho, verde, azul e violeta. Assim, você poderia ter todas as cores do arco-íris.

— Eu já fiz isso — disse Beverly, balançando as sobrancelhas sugestivamente, e seu sorriso se alargou.

Dolores arregalou os olhos com tanta força que achei que eles iam saltar e cair sobre a mesa.

Eu ri.

— Essa família é seriamente perturbada. Fico feliz por fazer parte dela.

— Por falar em família — disse Dolores ao se inclinar para frente na cadeira — você teve notícias de sua mãe?

— Ontem. Ela estava pintando sua nova sala de estar de branco - não de branco - de *pomba* branca. Acho que foi o último cômodo em que ela ainda não havia tocado.

Meu pai surpreendeu minha mãe no dia seguinte ao casamento deles com uma pequena casa de campo cinza, com detalhes em branco e centralizada entre lilases maduros, com fileiras de rododendros cor-de-rosa em volta de uma varanda. Ela ficava em Moon Way, uma rua acima da Stardust Drive. Aparentemente, minha mãe havia dito ao meu pai, anos atrás, o quanto gostava daquela casa. Ele se lembrou. Ele também fez uma oferta irrecusável aos antigos proprietários. Eu lhe perguntei quanto ele havia pago pela casa, mas tudo o que ele fez foi sorrir.

— Ela merece — ele me disse.

Então, tudo bem.

Ela estava redecorando e reformando a casa nas últimas três semanas, com um banheiro principal e uma cozinha atualizados. Tive pena dos carpinteiros que ela contratou e fiquei feliz por não estar passando por uma reforma com minha querida mãe.

Eu amava minha mãe, mas não tinha certeza se morar na mesma casa era bom para nós duas. Além disso, ela e meu pai mereciam a tão necessária privacidade. Eles estavam separados há muito tempo e tinham muito o que conversar.

Por falar em tempo, o presente de Lilith que permitiu que meu pai participasse de seu próprio casamento sob o sol não era algo permanente. Depois do terceiro dia, ele começou a sentir os efeitos do nosso mundo, mais ou menos como eu quando estava no Mundo Inferior. Afinal de contas, ele era um demônio. Ele não podia ficar em nosso mundo indefinidamente.

— Mas como você vai visitar a mamãe nessa nova casa? — perguntei a ele em uma de minhas primeiras visitas ao local. — Você disse que a Casa Davenport era seu único portal para este mundo se não contasse com as linhas ley.

— É verdade. Era — ele me disse. — Lilith pode não ter me dado uma permissão permanente neste mundo, mas ela conseguiu manipular a proibição que eu tinha de usar falhas e outros portais para fazer a travessia. Não é uma remoção, é mais uma influência. Eu a senti no dia do meu casamento. E ela ainda está lá. Eu já a testei. Deixe-me mostrar a você.

Assim como na Casa Davenport, meu pai havia criado um portal com a porta do porão da casa de campo. Eu só podia supor que uma réplica da mesma porta também existia em seu apartamento no Submundo. Ele agora podia viajar para frente e para trás a partir desse chalé, assim como fazia com a Casa Davenport.

— Ouçam, senhoras — anunciou Dolores de repente, tirando-me de meus pensamentos. — Estamos recebendo um cartão de mensagem.

A torradeira tremeu, seguida de um som de chocalho vindo de dentro, como se estivesse sofrendo uma falha mecânica. Então, com um estalo, um cartão branco saiu de uma das aberturas para torrar como um pãozinho. Dolores, por ser a mais próxima, o pegou. Colocando os óculos de leitura de volta no nariz, ela olhou para baixo e leu o cartão.

— O que está dizendo? Temos um novo caso? — perguntou Ruth com entusiasmo, afastando-se do fogão.

Abri a boca para me juntar às perguntas de Ruth, mas me contive. Sem magia, eu não poderia trabalhar em nenhum caso no campo. Mas ainda poderia ajudar na pesquisa e no planejamento. Eu ainda era um

Merlin - até que não fosse mais. E ser um Merlin também era investigar. Eu poderia fazer isso sem magia.

Desanimada, tirei o caldeirão vazio da pia e o coloquei no fogão.

— Tessa. É para você — ouvi Dolores dizer.

Eu me virei, com a pulsação acelerada.

— Eu? Sério?

Meu sorriso se desvaneceu com as linhas de preocupação na testa de Dolores e a rigidez de sua postura.

— Qual é o problema? Quem enviou o cartão?

Dolores tirou os óculos e se virou na cadeira para ficar de frente para mim. Ela segurou o cartão em sua mão, gesticulando, e disse:

— É da Greta.

Agora meu coração estava tentando sair do meu peito como uma borboleta assustada.

— O que ela quer

Greta Trickle era a diretora da Divisão de Treinamento em Julgamentos de Bruxas. Eu duvidava que ela estivesse dando os parabéns pelo casamento dos meus pais.

— Passei em seus malditos testes. Isso é por causa das linhas ley? Porque, notícia de última hora, não posso mais usá-las.

Eu sabia que Silas, um dos árbitros, havia dito que eu tinha trapaceado porque tinha usado as linhas ley nos testes. Parecia que o desgraçado tatuado não estava disposto a deixar isso para lá.

— Eles ficaram sabendo do que aconteceu com você — disse Dolores, observando-me. Seus olhos ficaram arregalados e sérios.

— Eles sabem que você perdeu sua magia.

Oh, droga.

Lambi meus lábios.

— Então, o que isso significa exatamente?

— Isso significa — começou Dolores com um contato visual desconfortável enquanto se mexia na cadeira, — que Greta e seu comitê estão vindo aqui... para testá-la.

Ótimo.

CAPÍTULO 2

— Para testá-la? — repetiu Marcus, olhando para mim do outro lado da mesa. — Testar sua magia?

Ele se sentou com os braços cruzados sobre o peito generoso, fazendo com que seus ombros largos se destacassem. Seus peitorais pareciam querer sair da camisa enquanto seus olhos dançavam em um ritmo predatório. Ele era uma criatura viril, uma fera poderosa que era extraordinariamente gentil no quarto. Eu era uma garota de sorte.

— Acho que sim. Se eles quiserem testar meu QI, ficarão muito desapontados.

— Mas você acabou de dizer que eles sabem que você não tem mais magia.

Eu estremei por dentro. Não importava quantas vezes por dia eu ouvisse isso, ainda assim era doloroso.

— Eu sei. A Dolores diz que é um procedimento ou algo assim. Eles precisam ter certeza de que não é um boato. Aparentemente, há muita competição entre os Merlins. Eles chegam ao ponto de criar boatos como esse para tentar desacreditar outras bruxas. Eles me testarão, verão que não posso mais fazer magia e então... tirarão minha licença de Merlin para sempre.

Eu odiava o fato de minha voz soar irregular, o quanto de emoção havia nela. Mas eu não podia evitar. Tirar minha licença de Merlin depois de tirar minha magia tornava tudo mais real. Final.

Os olhos cinzentos e finos, emoldurados por cílios escuros, do tipo que as mulheres pagam muito dinheiro para colar, mas que sempre parecem falsos, foram franzidos. A luz de seu escritório brilhava sobre seus cabelos negros bagunçados. Suas maçãs do rosto altas estavam manchadas de preocupação, o que só o tornava mais sexy. Que o Caldeirão me ajude, ele era lindo. Mas nem mesmo sua extrema sensualidade fez com que eu me sentisse melhor no momento.

Suspirei pelo nariz.

— Então... por que você me pediu para vir até aqui de calça de moletom?

Revirei os olhos para ele, para a camisa preta e para os jeans.

— Você não está vestido como se quisesse sair para correr.

Levantei minha mão.

— Devo avisá-lo. Sou excepcionalmente ruim para correr - especialmente longas distâncias. Tenho pulmões pequenos.

Simulei uma tosse.

— Veja, a caminhada os destruiu.

Marcus se afastou de sua mesa e ficou de pé.

— Venha comigo.

Eu me levantei animada.

— Vamos fazer isso em algum lugar secreto?

Meus hormônios femininos estavam em polvorosa com a ideia de fazer sexo horizontal, vertical e suspenso com o chefe. Ele era extremamente criativo em todas as coisas carnavais.

Um sorriso transformou seu belo rosto em um sorriso de derreter calcinhas.

— Não me tente.

A luxúria em seus olhos era gratificante.

— Oh, eu vou tentar você — eu disse. — Pode contar com isso.

Segui o chefe para fora de seu escritório e pelo corredor, passando por uma Grace irritada sentada na recepção, até uma porta no lado oposto do escritório à qual eu nunca havia prestado atenção.

Marcus abriu a porta e eu o segui para dentro.

Entrei no que parecia ser uma academia. Os equipamentos de ginástica foram empurrados para os lados para dar espaço aos grandes tapetes azuis que cobriam a maior parte do piso.

— Esta é a nossa sala de treinamento — disse o chefe ao fechar a porta e se juntar a mim. — É onde fazemos nossos exercícios e mantemos nosso corpo em forma. Treinamos regularmente. Isso melhora nossa força muscular e aumenta nossa resistência. No meu ramo de trabalho, é importante manter a forma. Fora de forma, você morre.

Olhei para ele.

— Você quer que eu treine? A coisa mais próxima que tenho de exercício é levar minha taça de vinho à boca. Sou muito boa nisso.

Marcus riu, mas depois seus olhos ficaram sérios.

— Tessa. Você ainda é um alvo.

Ele levantou a mão diante de minha objeção.

— Lúcifer ou não, o mal ainda está à espreita no mundo, especialmente onde vivemos. Você precisa aprender a se defender *sem* magia.

As temidas palavras.

— Lá se vai minha ideia de fazer sexo nesses tapetes sujos.

Eles eram um pouco nojentos.

— Estou falando sério.

Marcus agarrou meus ombros e me virou para encará-lo.

— Não ter magia não é uma sentença de morte, mas não ser capaz de se defender quando um bandido está vindo em sua direção com uma faca é. Você é uma mulher. Não é justo, eu sei, mas neste mundo,

as mulheres sempre têm de estar atentas. Você precisa estar preparada. Você precisa ser capaz de cuidar de si mesma em uma situação ruim.

— Eu posso cuidar de mim mesma.

— Começaremos com o básico, e você poderá eventualmente aprender a usar adagas e depois armas.

— Não — eu disse a ele e me afastei de seu aperto. — Não quero nem tocar em uma arma. De jeito nenhum.

— Tessa.

— Não. Vou fazer isso — falei, agitando minhas mãos pela academia. — cambalhotas. Polichinelos. Socos no ar. Eu estou dentro. Mas não quero saber de armas.

— Tudo bem.

— Ótimo.

Revirei os olhos por causa de suas roupas novamente.

— Estamos fazendo isso agora? Não é melhor você ir se trocar?

Eu estava gostando dos jeans justos, mas não achei que fossem material de treinamento. A não ser que ele fosse ficar pelado... eu poderia concordar com isso.

Marcus balançou a cabeça no momento em que um toque soou em seu bolso. Ele tirou o celular do bolso.

— Não sou eu quem vai treinar você.

— Você não é? Então quem é?

O chefe sacudiu a cabeça atrás de mim enquanto colocava o telefone no ouvido. Eu me virei e segui seu olhar.

— Ah, cacete,, não.

Uma loira alta em uma roupa de ginástica preta e justa saiu de uma porta do outro lado da academia. Com seu corpo em forma e voluptuoso, que era o sonho de qualquer homem e o pesadelo de qualquer outra mulher, ela era linda, perfeita e uma verdadeira vadia.

Minha arqui inimiga. Allison. Também conhecida como Barbie Gorila.

— Você só pode estar brincando comigo. Não vou treinar com ela de jeito nenhum. Especialmente com a maneira como ela estava sorrindo para mim, como um lince sorria para um coelho encurralado. Que merda. Sem magia, eu estava morta. Ela sabia disso. Eu sabia. Era a única coisa que tínhamos em comum.

— Onde está a Scarlett? Eu quero a Scarlett — perguntei ao chefe, achando que a nova delegada seria uma escolha muito melhor, pois ela não me olhava como se quisesse esmagar meu crânio. — Por que a Scarlett não pode me treinar? Eu gosto dela. Ela gosta de mim. É uma combinação perfeita.

O rosto de Marcus estava contraído, como se o que ou quem quer que estivesse no telefone tivesse acabado de ter dado a ele uma notícia

terrível.

— Marcus?

— Tenho que ir — disse ele, com os olhos em todos os lugares, menos em mim.

— Espere. O quê? Você não pode me deixar aqui sozinha com a Godzilla loira.

Marcus não tirou o telefone do ouvido quando se virou e saiu correndo pela porta. O medo encheu minhas entranhas até se tornar quase palpável. Ele tinha acabado de me deixar sozinha com a mulher que odiava minhas entranhas. E sem magia, bem, eu ia levar uma bela surra.

— Vá para a esteira, *bruxa* — disse Allison, e eu voltei minha atenção para a loira alta.

Ela apertou o rabo de cavalo alto enquanto um sorriso baixo e assustador se espalhava por seu rosto. Isso fez com que os cabelos da minha nuca eriçarem. Seus olhos azuis brilhavam com uma alegria sádica, na expectativa de me dar uma surra. Ela estalou os nós dos dedos. Eu quase podia ver a multidão de socos e chutes vindo em minha direção.

Ah, sim, ia doer muito.

Relutantemente - porque Marcus estava certo e eu precisava aprender a me proteger sem magia - caminhei até as esteiras. Minhas pernas estavam rígidas como vigas de metal até que parei a cerca de dois metros do tapete.

Eu era uma mulher sensata e madura. Eu poderia fazer isso. Na verdade, eu era a mulher mais imatura da minha idade que eu conhecia.

— Isso vai ser uma droga. Não é? — O único consolo que tive foi o fato de ela não portar nenhuma arma. Aquele traje era muito apertado para esconder uma faca ou qualquer tipo de arma. A menos que ela a tivesse enfiado na bunda. Essa ideia me fez sorrir. Ela era, afinal de contas, uma vadia metida. Parecia que ela ia usar os punhos e as pernas. Eu não tinha certeza se isso era melhor.

Suas narinas se dilataram e seu sorriso se alargou como se ela pudesse sentir o cheiro do medo em mim. Era óbvio para qualquer pessoa com um cérebro. Eu era o presente de aniversário da Allison.

— Marcus me pediu que lhe ensinasse alguns movimentos básicos de autodefesa para começar — disse ela, sua voz mantendo o mesmo prazer impiedoso que brilhava em seus olhos. — Eu não queria fazer isso, mas vou fazer porque ele me pediu. E olhando para você agora, bem, digamos que você não tem um corpo muito forte para lutar. Você tem mais gordura do que músculos. Você é mole. Fraca. Você é uma morte fácil.

— Obrigada. Um dia você irá longe com elogios como esse. E

espero que você continue lá.

Allison arqueou uma sobrancelha.

— Ele vai acabar deixando você — disse ela. Minha expressão se congelou diante da feiura e da facilidade com que ela disse isso. — O que a tornava especial, o que fazia com que ele a quisesse, bem, já não existe mais. Os homens não gostam de mulheres fracas e lamentáveis.

Cerrei os dentes.

— Uau. Você é realmente a razão pela qual a deusa criou o dedo do meio.

Eu sabia que ela estava apenas tentando me perturbar, me irritar, para que eu perdesse o foco. Mas suas palavras me machucaram.

Allison revirou os olhos sobre meu corpo, e seu rosto se contorceu como se estivesse olhando para algo sujo e repugnante.

— Ele vai voltar para mim, você sabe. É só uma questão de tempo até que ele veja o que você é.

— Uma pessoa decente com uma ótima personalidade?

Eu quase podia sentir o vapor saindo de meus ouvidos.

A wereape riu.

— Uma perdedora.

Meu coração estava acelerado, meu corpo estava quente e frio por causa da raiva que se espalhava em meu âmago. Pensei em uma resposta, mas minha mente estava sofrendo de uma névoa cerebral temporária. A verdade é que era exatamente assim que eu me sentia - como uma perdedora.

— Vou esperar alguns meses — disse Allison, maravilhada com o que viu em meu rosto, — antes que ele volte para a *minha* cama e faça amor *comigo*. Eu lhe disse antes... ele *sempre* volta para mim. Sempre.

Uma raiva ardente me invadiu, nascida da indignação. A ideia de Allison pulando em cima do Marcus fez algo dentro de mim estalar. Chame isso de fera. Chame de primitivo. Chame do que você quiser. Era a necessidade avassaladora de guardar o que era meu. Marcus.

Está bem. Agora ela estava realmente me irritando.

— Você vai ficar me insultando o dia todo ou vai realmente me treinar? Porque, se não conseguir, talvez seja melhor ir buscar a Scarlett.

Allison se abaixou.

— Prepare-se.

Copiei sua postura, minha pressão arterial subiu.

— Ok, o que estamos fazendo...

Sua perna se projetou e ela me deu um chute no estômago.

Fiquei sem fôlego quando voei para trás e aterrissei com força na bunda. Que droga. Não era a aterrissagem elegante que eu queria fazer na frente da Allison. Tudo bem, ela era rápida. Muito rápida, e muito mais rápida do que eu, sem dúvida.

Meu rosto se inflamou quando me levantei.

— Como exatamente isso é autodefes...

O cotovelo de Allison me atingiu na mandíbula.

Cambaleei para trás, sentindo o gosto de sangue em minha boca. Se ela achava que eu ficaria aqui parada e a deixaria me bater até virar uma polpa, ela era tão estúpida e inútil quanto aquelas saias lápis que usava.

A risada de Allison era alerta e áspero.

— Primeira lição. Você precisa estar pronta para tudo.

Cuspi o sangue de minha boca, minha raiva aumentando.

— Se eu tivesse minha magia, estaria usando sua pele como um casaco - não que eu esteja dizendo que casacos de pele são uma coisa boa, mas você me entende.

— Ainda bem que você não tem mais magia.

O sorriso da wereape era uma mistura de diversão gananciosa e excitação quando ela veio até mim, rápida como uma rajada de vento de tempestade com sua velocidade paranormal de wereape. Tão, tão injusto.

Tentei me lembrar do que havia aprendido em minha experiência limitada com a única aula que fiz sobre autodefesa, mas tudo o que me veio à mente foi uma série de blá blá blá.

Eu mal tive tempo de bloquear o golpe de Allison quando ela veio para cima de mim sem pausa, em um borrão de pernas, punhos e domínio.

Chutei com a minha perna. Ela encontrou.

Allison deu um grito e tropeçou para trás.

— Há! — falei, surpresa com meu lado durona, enquanto a dor reverberava por toda a minha coxa. Eu sabia que a havia atingido em cheio. Eu estava sentindo isso.

A surpresa no rosto de Allison me encheu de confiança.

— Sim. É isso mesmo. Não esperava por isso. Você viu?

Levantei as duas mãos em forma de golpes de caratê. Não faço ideia por que fiz isso. Eu estava fazendo o que me ocorria primeiro.

As chances eram de que ela fosse me dar uma surra, mas parecia que a sorte estava do meu lado.

A wereape sorriu.

— Vamos lá, vadia.

Pisquei os olhos.

— Oh, estou aqui.

Allison rosnou e se lançou selvagememente contra mim. Eu me joguei para trás, mas não rápido o suficiente. Gritei quando a sola de seu sapato bateu em meu peito, cortando meu ar. Cambaleei para trás e perdi o equilíbrio. Dedos apertaram meu cabelo e fui sacudida para cima, meu couro cabeludo gritando de dor. E então fiquei ainda mais

surpresa quando seu punho se conectou com minha mandíbula. Meus joelhos se torceram e eu caí.

Manchas pretas mancharam minha visão, e eu pisquei, tentando me livrar da tontura, pois cada respiração causava uma dor aguda em meu peito. Respirei novamente. De repente, meus pulmões estavam transbordando de ar, parecendo que iam explodir quando o oxigênio os enchia.

Acho que a sorte *não* estava do meu lado.

A wereape soltou uma risada ofegante.

— Que diabos foi isso? Você não consegue nem mesmo lutar contra os ataques mais básicos. Você não vale nada. Uma piada. Eu esperava mais de uma bruxa de Davenport.

Lutei contra a tontura e, com algum esforço, consegui ficar de pé.

— Sim, bem... se eu quisesse ouvir uma bundona, eu peidaria.

Eu não conseguia acreditar que Marcus tivesse achado isso uma boa ideia. Ele sabia o que ela sentia por mim. Isso mostrava como os homens eram realmente ignorantes às vezes. Eu teria uma conversa com ele depois disso.

Allison balançou a cabeça.

— Toda essa gordura extra no seu corpo está deixando você lenta. Como a avó, lenta.

Pressionei a mão em meu peito, massageando a caixa torácica.

— Homens de verdade gostam de curvas em suas mulheres. Somente cães gostam de ossos.

A wereape riu enquanto me cercava.

— Vou quebrar todos os ossos desse seu corpo macio antes de terminar com você.

— Como isso é autodefesa?

Eu ofegava.

— Acho que não é.

A loira alta me mostrou seus dentes perfeitos, mas seus olhos ficaram tensos e maliciosos.

— Chame isso de vingança por todas as maldições que você me lançou. Eu não esqueci. Você e sua bruxa nervosa. Isso é o que você ganha por roubar meu macho.

Claramente, ela estava desequilibrada.

— Em primeiro lugar, ele *não* é seu macho. Ele não é seu macho há muito tempo. Marcus é um homem de personalidade forte. Ele fez sua escolha. E ele me escolheu.

Esbocei um sorriso em meu rosto.

— Eu ganhei.

O rosto de Allison ficou vermelho. Ela veio em minha direção com a mesma velocidade de wereape que era realmente impressionante. Mas seus golpes eram alimentados por raiva e emoção, não por

habilidade ou precisão.

Oooh. Eu a tinha deixado furiosa. E essa era a única coisa que eu tinha a meu favor.

Caí no chão, rolando enquanto evitava os chutes e socos da wereape. A Barbie Gorila realmente sabia dar um soco.

De pé sobre mim, Allison bateu a perna, tentando esmagar meu crânio com seu sapato. Mas eu escorreguei para o lado. Seu golpe foi amplo antes que ela percebesse seu erro. Eu estendi minha perna, peguei-a pelo tornozelo e girei, fazendo-a tropeçar nos tapetes.

— Acho que estou pegando o jeito disso.

Olhe para mim. Eu estava indo bem.

De pé, me lancei contra ela sem nenhuma habilidade real. Parecia que eu estava bastante desequilibrada, com meus dedos estendidos à minha frente como garras.

Ela deu um pequeno suspiro de surpresa quando estendi minha mão e a peguei em seu pescoço.

Seu cotovelo surgiu do nada e me atingiu na têmpora esquerda.

Ai. Isso. Machucou.

Ao soltá-la, cambaleei para trás, mas meus olhos estavam fixos na loira que se aproximava.

— Vou matar você, bruxa — rosnou, suas feições se deformando, o que removeu qualquer traço de delicadeza e a fez parecer muito masculina e irritada. Sem falar que era feia.

Respondi ao seu rosnado com meu próprio sorriso agressivo e cheio de dentes e levantei um dedo.

— Tecnicamente, não sou mais uma bruxa. Lembra? Você mesma disse isso. Mas estou confusa, já que você não está me dando uma surra como imaginava. Veja. Sou melhor do que você pensava. Estou certa?

Allison deu um soco tão rápido que a cabeça da maioria dos homens teria girado.

Naquele exato momento, optei por não me mexer. Na verdade, não tive tempo nem de piscar.

O punho da wereape fez contato com meu intestino. Quando dei por mim, ela havia agarrado meu braço esquerdo com uma das mãos, prendendo-o em um golpe que eu sabia ser de estalar os ossos. Ela enfiou o joelho na lateral da minha cabeça. Eu gritei e consegui me soltar da chave, mais como se ela tivesse me soltado para poder me bater de novo e de novo.

Allison permaneceu ali com um sorriso satisfeito no rosto, como alguém que quisesse continuar a infligir dor por horas ou até que a vítima morresse.

Com meu braço esquerdo latejando de dor, eu não tinha muito ânimo para o combate. Eu me sentia quebrada e derrotada, meus

membros eram um macarrão inútil.

Então, fiz o que qualquer pessoa sã faria.

Dei um salto para a frente e dei uma cabeçada na cadela.

Ouvi um grunhido quando ela deu um solavanco para trás e caiu de bunda no chão em uma queda muito feia.

— Ow, ow, ow — cantei, segurando minha cabeça enquanto ela vibrava até o interior de minhas orelhas. — Eles fazem isso parecer tão indolor nos filmes.

Talvez eu vencesse. Talvez ela não fosse tão forte quanto pensava.

A wereape se levantou e tirou o cabelo de sua testa suada.

— Você vai pagar por isso, sua vadia louca.

Dei de ombros, ainda sentindo a dor no braço esquerdo e na cabeça.

— Sim, bem, a sanidade é altamente superestimada.

Allison sorriu sem mostrar os dentes. E então ela disparou para frente, batendo os punhos como marretas. Eu me esquivei e girei, mas não tinha como igualar sua velocidade.

Um punho duro aterrissou bem no meio do meu corpo, o suficiente para tirar o ar dos meus pulmões e talvez machucar algumas costelas. Eu me inclinei para frente de dor quando seu sapato bateu em minhas costas. Eu me joguei para frente. A lateral do meu rosto e as palmas das mãos arderam enquanto eu derrapava no tapete.

— Já foi o suficiente? — ouvi a Allison perguntar. A diversão em sua voz foi a única coisa que me fez levantar novamente.

Minhas pernas balançavam com o esforço de ficar de pé. Meus ouvidos zumbiam com o constante latejar em minha cabeça. Eu deveria ter desistido. Deveria ter dito a ela que já estava farta. Mas eu era teimosa e estava com raiva. E não queria mostrar a ela medo ou fraqueza. Estúpida? Sim. Isso foi estúpido.

Forcei uma risada.

— Isso é tudo o que você tem? Seu maracujá enrugado.

Percebi que estava assinando minha própria sentença de morte, mas não pude evitar. Aquela wereape mexeu com meus nervos.

Com uma expressão dura, a wereape se aproximou como um vento impetuoso e me deu um golpe nas costas sem perder o impulso. Cambaleei para trás e me equilibrei antes de cair.

— Desistir? Ou você quer mais? — ela provocou, circulando-me novamente como uma predadora. Ela mostrou os dentes, seu rosto a poucos centímetros do meu.

Eu cerrei a mandíbula.

— Posso ter um minuto para pensar sobre isso?

Um borrão de pernas foi meu único aviso.

E então ela me deu um chute bem no meio da minha abençoada passarinha.

Ao contrário do que as pessoas pensam, ser atingida na vagina dói pra caramba.

Soltei um gemido e caí de lado, com a minha região latejando - e não de um jeito bom. Minhas entranhas se retorceram quando uma dor oca encontrou seu caminho até lá, e eu me esforcei para respirar durante a dor. Piscando em meio às lágrimas, olhei de boca aberta para a wereape.

— E agora? Você já teve o suficiente?

Allison me observou com uma expressão que misturava prazer e repulsa.

— Sim — sussurrei, e a ouvi dar uma risadinha. Sim, ela iria se gabar disso por anos.

E, sem mais nem menos, Allison me deu uma surra.

Meu dia não poderia ser pior. Pelo menos era o que eu pensava.

CAPÍTULO 3

Andei com as pernas tortas até em casa. Você também andaria, se sua vagina tivesse sido esmagada por uma Barbie Gorila. Eu estava com a vagina machucada e precisava de uma bolsa de gelo agora.

Esqueça qualquer tipo de sexo por um tempo, e isso era uma tragédia colossal quando o parceiro sexual era o chefe supersexy de Hollow Cove, que tinha superpoderes no quarto.

Por falar no chefe, fiz uma pausa, com as pernas agachadas, e peguei meu telefone.

— Tessa? Está com pressa para ir ao banheiro?

Olhei de relance para o telefone e vi Martha saindo da varanda da Casa Davenport, com um sorriso no rosto ao observar minha postura estranha.

— Cólicas— eu disse a ela ao tocar no ícone do telefone. Martha era a rainha das fofocas da cidade. Se eu dissesse uma única palavra sobre minha vergonhosa surra na Allison, seria o motivo de chacota da cidade por um ano. Não, seria para sempre. Já era ruim o suficiente que todos que eu cumprimentava me mostrassem seus sorrisos de pena. Eu poderia passar sem que eles me olhassem como uma mulher fraca e quebrada.

— Eu tenho a coisa certa para isso — disse a bruxa rechonchuda. Sua sombra pervinca combinava com sua saia longa e volumosa.

— Anti-inflamatório. Você só precisa borrifar em volta do seu Querida V — continuou ela, com os olhos arregalados e gesticulando com as mãos em volta da virilha — e as cólicas desaparecem em poucos minutos. É um dos meus campeões de vendas. Passe na loja quando tiver um tempo — acrescentou ela, continuando a acenar com a mão no ar.

— Mmm-hmmm.

Certo. Eu não estava prestes a borrifar nada perto da minha Querida Lady V, muito obrigada. Digitei o número do telefone de Marcus e esperei. Quando o correio de voz atendeu, desliguei e decidi enviar uma mensagem de texto para ele.

Eu: Preciso conversar com você. Ligue para mim.

Sim, Allison definitivamente havia tirado um pedaço do meu orgulho, mas eu estava muito irritado com Marcus para deixar isso apodrecer. Ele poderia ter pedido a Scarlett, a nova delegada, que me ensinasse autodefesa se estivesse tão preocupado comigo. Até mesmo

Cameron teria sido mais adequado. Mas a Allison? Ele sabia que ela me desprezava. O que diabos ele estava pensando?

Furiosa, fui até a varanda e, com muito cuidado, subi os degraus. Quando entrei, fechei a porta com um leve empurrão. Três vozes distintas vieram da cozinha. Com a furtividade de uma mulher de oitenta anos com quadris ruins, arrastei-me até a escada como um ladrão em minha própria casa.

Eu deveria ter pedido a Ruth alguns de seus tônicos curativos, mas não queria que elas me vissem assim, espancada e quebrada por ninguém menos que Allison, a wereape que Iris continuou a amaldiçoar por meses em nome da solidariedade. O carma estava me chutando a bunda.

Já estava me sentindo humilhada o suficiente. Não queria a piedade delas. Conhecendo Dolores, ela provavelmente iria até a Agência de Segurança de Hollow Cove e discutiria com Allison, o que só aumentaria minha humilhação. Eu não precisava que minhas tias lutassem minhas batalhas, mesmo que eu mal conseguisse lutar as minhas próprias batalhas a essa altura.

Segurei-me na grade de madeira para me apoiar.

— Casa? — sussurrei. — Você pode me pegar e me levar para o meu quarto?

Esperei apenas um momento. Uma súbita onda de energia voou ao meu redor e me envolveu como um cobertor. Em seguida, fui levantada do chão, com os joelhos dobrados como se eu estivesse sentado em uma cadeira invisível, mais parecida com um elevador de escada. Soltei um suspiro e relaxei enquanto uma bolha de energia se formava ao meu redor.

E então eu estava me movendo.

Subindo e subindo a escada, flutuei até o patamar de cada andar, com um pequeno sorriso estampado no rosto até chegar à plataforma do sótão.

Casa me deixou em frente à porta do meu quarto.

— Obrigado, Casa. O que eu faria sem você?

Depois de tirar a roupa, entrei em uma ducha quente e fiz o melhor que pude para limpar minha vergonha. Marcas vermelhas e roxas marcavam meu peito e as laterais onde Allison havia me chutado e socado, minha pele estava machucada e dolorida ao toque.

Fiquei no meu quarto pelo resto do dia, principalmente olhando para o meu telefone. Marcus não havia retornado a ligação. Não recebi nem mesmo uma mensagem de texto dele. Admito que fiquei irritada, mas sabia que ele era um homem ocupado e provavelmente estava em algum caso importante.

Bateram à minha porta.

— Sou eu — disse a voz de Iris.

— Está aberta — gritei.

Iris entrou e fechou a porta atrás de si. Ela deu uma olhada em mim, sentado na cama, e seu queixo caiu.

— Oh, meu Deus! Seu rosto! Você não me disse que ela bateu em seu rosto.

Pressionei a mão na lateral da minha mandíbula e depois na bochecha, onde Allison havia me atingido com o cotovelo, ou seria o punho? Talvez tenha sido o joelho. Eu não conseguia me lembrar.

— É tão ruim assim?"

Liguei para Iris algumas horas depois do banho e contei o que havia acontecido. Eu havia me olhado no espelho antes do banho. O lado esquerdo do meu rosto parecia ter sido picado por uma vespa. Depois disso, não consegui me olhar novamente.

A bruxa das trevas franziu a testa.

— Pois é. Seu olho esquerdo está quase inchado.

Ela se apressou e jogou sua grande bolsa ao meu lado na cama.

— Ela vai pagar por isso. Vou amaldiçoá-la com sangue. Ela vai se arrepender do dia em que encostou um dedo em você.

— Não faça isso. Se você fizer isso, ela vai descontar em mim novamente. Ela vai me esperar em algum beco escuro e depois vai atacar. Acho que já chega de chutes na bunda por enquanto.

— Aqui.

Ela me entregou um shake de proteína de chocolate e depois um canudo.

— Você realmente deveria pedir à Ruth para preparar algo para você. Ela é muito boa em curar corpos machucados. Você sabe disso.

Peguei o shake e passei o canudo pela pequena abertura na parte superior.

— Eu sei. Talvez eu pergunte a ela mais tarde.

Duas manchas vermelhas apareceram nas bochechas de Iris, o que significava que seu interior estava mais irritado do que ela estava deixando transparecer.

— Ela não pode se safar com isso. Você contou ao Marcus? Não acredito que ele a designou para seu treinamento de autodefesa. Argh. Estou tão brava com ele. Eu poderia simplesmente amaldiçoá-lo com feitiço de saco irritado. O que ele estava pensando?

Engoli um gole do shake com gosto de leite com chocolate, tentando não pensar nas bolas irritadas de Marcus.

— Ele não estava pensando. Esse é o problema. Ele confiava nela, eu acho. Ele não achou que ela me venceria.

— Bem, espero que você tenha dado um puxão de orelha nele.

— Não consegui entrar em contato com ele.

Iris balançou a cabeça. De sua bolsa, ela tirou um pequeno recipiente de metal e abriu a tampa.

— Aqui está. Esta é uma pomada cicatrizante que recebi da Ruth. Vai anestesiá-lo o hematoma e ajudá-lo a cicatrizar mais rápido.

— Obrigada.

Coloquei meu shake, agora vazio, na mesa ao lado e peguei o recipiente. A pomada era verde e tinha a textura de vaselina. Passei um pouco no rosto, no peito e nas costelas, onde mais doía. Um pouco de frio penetrou em minha pele onde eu havia passado a pomada. Eu já podia sentir os efeitos da cura.

— Você está pronta? — perguntei à Bruxa das Trevas enquanto deixava de lado a pomada.

Iris suspirou.

— Tem certeza de que está disposta a isso? Quero dizer... não há motivo para não esperarmos até amanhã.

— Claro que sim. Quanto mais eu esperar para recuperar minha magia, mais ficarei exposta a mais agressões da Allison. Nunca serei uma lutadora como ela. Não fui feita para isso. Ela tem anos de experiência em combate físico. Eu tenho talvez meia hora. Levarei anos para alcançá-la, e não quero esperar tanto tempo. Quero minha magia de volta.

— Eu sei.

Iris examinou meu rosto por um momento.

— Tudo bem, então. Vamos começar.

Segui Iris até o meio do meu quarto, onde me juntei a ela no chão. Minha mente ainda estava agitada com os eventos de hoje, mas eu os afastei e me concentrei. Eu precisava estar concentrada e alerta para o que estava prestes a fazer.

Estávamos prestes a prender um demônio em um círculo de invocação, o chamado Derric Desgraçado Baudelaire.

Obviamente, sem o nome verdadeiro do demônio, não era possível invocá-lo. Mas nós tínhamos algo ainda melhor do que isso. Tínhamos o DNA do desgraçado.

Iris, sendo a estranha bruxa das trevas que eu considerava minha própria irmã, havia roubado sua escova de cabelo, escova de dentes e até mesmo sua roupa íntima suja - não pergunte - de seu iate depois que ele escapou pela Fenda. Ela os catalogou em Dana, seu álbum de DNA, onde colecionava fios de cabelo, pedaços de tecido cortados, dentes, fios de cílios, unhas dos pés e gotas de sangue seco - tudo em nome das maldições das Trevas.

De sua bolsa, Iris tirou Dana, uma tigela de cerâmica, um pilão, seis velas pretas e um pouco de giz. Seus olhos se encontraram com os meus.

— Tem certeza?

Meu pulso acelerou.

— Tenho.

Eu estava igualmente aterrorizada e animada.

Isso funcionaria. Tinha que funcionar.

Depois de acender as seis velas e com o giz na mão, Iris se inclinou para frente e traçou um grande círculo, o Círculo de Salomão, para proteger o conjurador do demônio. Em seguida, ela escreveu cinco nomes de arcanjos em latim ao redor dele dentro de uma serpente enrolada antes de desenhar o Triângulo de Salomão, onde o demônio invocador apareceria. Em vez de escrever o nome do demônio dentro do triângulo, ela o deixou em branco.

Ela se virou para mim e me entregou o giz.

— Sua vez.

— Certo.

Embora eu não fosse mais uma bruxa, isso não significava que eu não pudesse me proteger com um círculo. Até mesmo um humano comum poderia se proteger de demônios com um círculo, se feito corretamente.

Quando terminei meu círculo, atravessei a sala e desliguei as luzes. A luz da vela projetava sombras tremeluzentes nas paredes e no chão. Voltei e entrei em meu círculo, esperando e sentindo todo o peso e a ansiedade se instalarem em minha pele.

Em seguida, Iris puxou Dana para seu colo e folheou as páginas até se fixar em uma página. Arrancando a fina folha de plástico, ela retirou algo das páginas. Ali, presas entre seus dedos, estavam pequenas mechas de cabelo castanho-escuro.

— O desgraçado era um esbanjador — eu disse.

Iris sorriu, satisfeita consigo mesma.

— Sem dúvida, ele era.

Ainda sorrindo, ela deixou o cabelo cair dentro do triângulo e, em seguida, tirou algumas ervas e pequenas bolsas de sua bolsa grande. Depois de polvilhar algumas ervas e pó em sua tigela, ela os esmagou com seu pilão. Em seguida, acendeu um fósforo, murmurou algumas palavras que não consegui captar e deixou o fósforo cair sobre a mistura.

Uma chama alta dançou sobre a tigela e depois caiu, deixando um longo rastro de fumaça. Iris colocou a tigela entre o triângulo e o círculo e, em seguida, entrou em seu próprio círculo.

Ela olhou para mim e disse:

— Vamos começar.

Assenti com a cabeça, meu coração disparou enquanto eu respirava calmamente. Pequenas emoções de excitação surgiram, sabendo que estávamos prestes a recuperar minha magia. Será que vai doer? É possível. Eu aceitaria de bom grado baldes de dor se isso significasse que eu poderia ter minha magia de volta. *Chupe isso, Lúcifer.*

— Juntas agora — ordenou Iris, sua voz ecoando no ar parado

como um sino.

Embora já tivesse feito isso antes, eu sabia que dessa vez seria diferente. Eu não tinha magia para usar, nada para acrescentar ao feitiço além de meu corpo físico.

— Nós o conjuramos — recitamos em uníssono, — demônio do Submundo para ser sujeito à nossa vontade. Nós o prendemos com grilhões adamantinos inquebráveis. Nós o invocamos, demônio, no espaço à nossa frente!

Meu pulso se acelerou com a súbita onda de magia - a magia da Iris, não a minha - deixando minha pele cheia de arrepios. Era como arranhar minhas unhas em um quadro negro. A sensação era estranha, antinatural e totalmente diferente do que eu estava esperando. Eu não sabia o quanto seria diferente, agora que não tinha nenhuma reserva mágica. Eu era basicamente uma humana.

É assim que os humanos se sentem quando brincam de mágica?

Dei um solavanco, recuando instintivamente, e quase saí do meu círculo. Mas fiquei, concentrando-me em Iris. Minha pele se arrepiou quando a energia fluiu ao meu redor com uma nitidez incomum, e meu coração palpitou loucamente em meu peito. Senti uma onda de poder cair em cascata sobre mim - fria, porém quente e totalmente familiar.

Meu cabelo se ergueu com o vento gelado repentino, carregando o cheiro de enxofre junto com o fedor de demônio. Isso me fez lembrar de meu curto período no Mundo Inferior. As sombras dançavam ao longo das paredes enquanto as velas tremulavam ao vento. O ar chiava e zumbia com energia como uma tempestade elétrica.

Com um estalo de ar deslocado, lá estava Derrick, de pé no triângulo.

Ou melhor, o incubus.

Peguei você, seu desgraçado.

CAPÍTULO 4

O demônio tinha a mesma aparência que tinha nas entranhas de seu iate há algumas semanas. Ele usava um terno escuro sobre sua pele cinza-clara, pastosa e enrugada, como um homem de duzentos anos. Ao contrário de um homem, havia algo de estranho em sua forma, que parecia não ser deste mundo. Com um metro e oitenta de altura, seus braços e dedos longos e finos terminavam em garras afiadas. Ele tinha uma mandíbula alongada com maçãs do rosto altas e salientes e um nariz largo e achatado, o que lhe dava uma aparência mais bestial. Uma mecha de cabelos grisalhos e pretos ficava no topo de sua cabeça e desaparecia em seu pescoço.

Ele não era o belo homem de quarenta anos que fingia ser. Não, esse era seu verdadeiro eu. E ele era repugnantemente feio.

O incubus olhou para baixo e encarou o triângulo que o prendia e, em seguida, olhou para cima, seus olhos se movendo de Iris para mim.

— Senhoras. Que bom vê-las novamente. Isso é para negócios ou prazer? — ele ronronou, e eu quase vomitei.

— Eu quero o que você tirou de mim — rosnei, com minhas emoções à flor da pele, e tive que me lembrar constantemente de permanecer em meu círculo de proteção. Parte de mim não queria nada mais do que correr até ele e lhe dar um soco no rosto.

O incubus revirou os olhos para mim, com a expressão enrugada.

— O que você fez com seu rosto? Era um rosto tão bonito. Seu homem bateu em você? É disso que você gosta? Você gosta de ser um pouco dura? Eu não costumo bater em minhas mulheres, mas se é isso que você gosta, bem, eu nunca diria não.

A raiva se agitou dentro de mim.

— Claro. Você é mais do tipo que rouba magia e mata — eu disse a ele.

Derrick, o incubus, deu de ombros.

— Você não pode usar isso contra mim. Faz parte da minha natureza. Eu faço o que me faz sentir bem, assim como você.

Apertei os lábios.

— Você está certo. E vai ser muito bom quando eu - nós destruímos você.

— Lúcifer não está aqui para protegê-lo — disse Iris, com a voz imponente e não cheia de emoções inúteis como a minha. Ainda bem que ela estava fazendo a convocação. — Nós estamos no controle,

demônio. Não você.

O incubus olhou para ela.

— Mmmm. Dê-me uma chance e eu lhe mostrarei um momento gostoso, bruxa bonita. Eu sei do que você gosta, aí embaixo.

Os olhos dele desceram lentamente pelo corpo dela.

— Tudo o que você precisa fazer é me deixar fazer.

— Silêncio! — gritou Iris, e o incubus fechou a boca com força. — Eu sou sua mestre agora. Estou no controle, e você fará o que eu mandar.

Uau. Iris foi incrível. Meu peito inchou com toda a sua grandiosidade. Se eu pudesse lhe dar um tapão de cumprimento agora, eu o faria.

A irritação apareceu no rosto do demônio.

— Você está cometendo um erro.

— Diz o cara preso em um triângulo — respondi. — Boa tentativa. Mas não vai funcionar. Sua bunda é nossa agora.

— Sem meu nome verdadeiro, você não pode me controlar... a menos que... — Os olhos do incubus se voltaram para a tigela de cerâmica no chão. — O que você usou? Deixe-me adivinhar... pele? Não, espere... era cabelo. Não foi?

— Você solta cabelo como um pastor alemão — resmunguei com azedume. — Mas os cães são leais, gentis e bonitos. Você é apenas um desgraçado feio.

Os olhos do demônio brilhavam com raiva real, mas não era nada comparado aos meus, ao que eu sentia naquele exato momento. Era um milagre eu ainda estar em meu círculo.

O incubus cruzou as mãos diante de si.

— O que você quer? Você deve querer algo de mim. Se não são horas de sexo prazeroso, o que é?

Respirei fundo e soltei o ar.

— Como eu disse. Quero o que você pegou. Quero minha magia de volta.

— Impossível — disse o incubus com uma risada. — Uma vez que eu pego a magia de uma bruxa, não há como devolvê-la. Ou eu não fui claro quando tirei o que a tornava especial?

— Mentiroso.

Iris tirou um pequeno pedaço de papel do bolso. Ela olhou para ele.

— Eu sei como fazer isso. Estamos trabalhando nesse feitiço em particular há semanas. A magia que você tirou da Tessa ainda está em você. E vamos recuperá-la esta noite.

A incerteza passou pelo rosto do demônio.

— Esse feitiço não existe.

— Oh, existe sim — eu disse a ele, sorrindo ao ver a hesitação em

seus olhos. — Nós o encontramos.

Iris dobrou o papel e o colocou na tigela. Em seguida, ela pegou uma das velas e acendeu o canto do papel antes de colocar a vela de volta.

Ela se levantou e cantou:

— Obscuram appello, januam reseras — levantando os braços com sua voz. — Truncum magicum, vires quae semel cepisti redde.

Estremeci quando a sensação de magia se espalhou por mim e pela sala. Meus ouvidos soaram com o pulsar do poder, o poder das trevas. Pontadas de poder rastejavam sobre minha pele como o zumbido de uma linha elétrica. Se eu alguma vez duvidei das habilidades de bruxa das trevas de Iris, essa foi uma verificação da realidade. A bruxa minúscula e de aparência pixelada era um pitbull do poder das trevas.

Um brilho de mechas brancas se enrolou ao redor do incubus como uma corda transparente. As gavinhas serpentearam ao redor dele e começaram a se afastar como se alguém estivesse arrancando sua alma. Só que essa não era sua alma.

Essa era a minha mágica.

Era isso. Estava funcionando! Eu podia sentir isso. Minha magia voltaria para mim. Meus olhos ardiam e eu piscava rapidamente. Eu ia voltar a ser uma bruxa. E quando eu fosse, a primeira coisa que faria seria dar um chute no traseiro da Allison.

Sim, eu era superficial e imatura. Mas, mesmo assim, eu ia fazer isso. Ela estava merecendo.

A pressão na sala diminuiu e, em seguida, a energia no ar se estabilizou e, quando olhei para o incubus, aquelas gavinhas brancas, minha magia, o haviam deixado.

Minha respiração ficou acelerada enquanto eu usava minha vontade, extraindo minha magia excepcional e super-habilidades - mas nada.

Nem mesmo uma gota. Meu poço de magia e poder estava tão seco e vazio quanto estava no dia em que o incubus o tirou de mim.

O riso chegou aos meus ouvidos. Olhei para o incubus.

— O que é tão engraçado?

— Isto.

O demônio saiu de seu triângulo.

Que droga.

Dei uma olhada para Iris. Seus olhos estavam redondos, e eu podia ver o pânico se formando por trás deles. Não foi assim que planejamos.

— Você achou mesmo que seu pequeno triângulo patético me prenderia? — disse o incubus.

Nós achávamos. Realmente achávamos.

— Como eu disse antes, vocês, bruxas, não são páreo para mim —

continuou ele. — Eu as dominarei todas as vezes. Assim como agora. Pequenas bruxas tolas.

Uma onda fantasma de pânico acelerou meu coração e minha respiração. *O que eu fiz?*

— Mas devo lhe agradecer — disse o incubus. — Você me deu uma maneira de entrar. E já que estou aqui... bem... é melhor me alimentar. Não é? Quero dizer, por que não?

Permaneci no meu círculo, pensando que era a única coisa que poderia impedir o demônio de me ferir.

— Iris? E agora?

A Bruxa das Trevas parecia paralisada de medo ou confusão. Ela continuava balançando a cabeça como se estivesse lutando para ordenar seus pensamentos.

Droga. Ela estava perdendo o controle.

— Iris!

Derrick olhou para ela, com uma expressão feroz e faminta.

— É a minha vez.

Ele se lançou em direção a ela, rápido, rápido demais. Seus longos dedos envolveram o pescoço dela, prendendo-a no local. Ela se debateu sob seu domínio, mas era como um coelho tentando se libertar das garras de um lince. Uma vez que ele a pegava, não havia como escapar.

Observei, horrorizada, o incubus se inclinar sobre ela. Sua boca se abriu e, em seguida, um pedaço de algo amarelo saiu da boca dele e a atingiu. Ela ficou mole em suas mãos. Tudo voltou para mim em um instante.

Ele estava tentando roubar a magia dela.

Antes que meu cérebro percebesse que minhas pernas estavam se movendo, eu havia me jogado contra o demônio, esquecendo as dores da surra que levei de Allison. Tudo o que eu conseguia pensar era na Iris. Eu tinha que tirar o demônio de perto da minha amiga.

Derrick nem se mexeu quando meu corpo bateu no dele. Ele era como um bloco de cimento.

Com meu inexistente treinamento de autodefesa, fiz o que qualquer pessoa teria feito em minha situação.

Fui até seus olhos.

Usando meu dedo indicador, apunhalei-o em seu olho esquerdo.

Ele gritou, sua conexão momentânea com Iris se dissipou e aquele fio amarelo e nojento desapareceu.

Funcionou.

Palavras guturais saíram da boca do incubus. Ele estendeu a mão, e brotos de gavinhas negras me atingiram no peito.

Ops.

Atravessei a sala e bati com força na parede ao lado da porta do

meu quarto, como se tivesse sido atingida por uma bala de canhão. Deslizei para baixo, lutando contra as estrelas negras em minha visão e tentando ficar consciente. Droga. Eu tinha quase certeza de que havia sofrido uma concussão.

Quando olhei para trás, o incubus tinha Iris em seu poder novamente. Uma fina névoa amarela, semelhante a um véu, estava se afastando do corpo dela e entrando em sua boca horrenda, drenando sua magia. Seu rosto estava pálido e desenhado. Ela parecia doente e emaciada, como se estivesse morrendo de câncer.

Pensei na Casa expulsando-o, mas o demônio estava ligado à Iris. Eu não sabia o que aconteceria com ela se Casa Davenport os separasse para expulsar o demônio. Isso poderia matá-la.

— Casa, sussurrei. — Abra a porta.

Senti um influxo de magia e a porta do quarto se abriu com um estrondo.

— Socorro — gritei, minha voz estava fraca enquanto tentava lutar contra a tontura. — — Socorro! — Tentei novamente. Dessa vez, foi mais alto. — Socorro! — Eu gritei. Ok, minha voz saiu do quarto em disparada, graças à ajuda da Casa.

Gritos e berros irromperam do andar de baixo. O chão sob minha bunda vibrou quando os sons de pessoas subindo as escadas correndo chegaram até mim.

Usando a parede como apoio, eu me levantei no momento em que Dolores, Beverly e Ruth entraram no quarto.

Dolores virou a cabeça na minha direção, seus olhos escuros passando pelo meu rosto machucado. Sua carranca se aprofundou. Eu conhecia aquele olhar. Era o olhar "vou lhe dar isso depois".

— Você deveria ter ficado longe — disse Beverly, com o rosto corado de raiva enquanto avançava sobre o demônio. — Grande erro. Eu vou matá-lo, demônio.

O véu amarelo e fluido se retraiu na boca do incubus enquanto o demônio fazia uma careta.

— É bom ver você também, Beverly, querida. Linda como sempre, para uma mulher *idosa*.

O rosto de Beverly se contraiu de raiva.

— Suas palavras não têm mais efeito sobre mim. Não estou mais sob seu feitiço conivente e nojento.

— Veremos — respondeu o demônio.

— Solte-a, incubus — rosnou Dolores enquanto estendia as mãos, com o fogo elementar dançando sobre suas palmas. — Acabou. Você não pode escapar. Você foi um tolo ao pensar que poderia entrar em nossa casa e não ser morto. Deveria ter ficado acorrentado ao seu mestre, Lúcifer.

— Sim.

Ruth passou por Dolores e se acomodou à sua esquerda. Ela fechou as mãos e encarou o incubus.

— Você é carne de incubus morto.

— É verdade, o poder de Lúcifer não está mais ao meu alcance — disse o incubus, sua voz conversando como se as ameaças de morte não fossem preocupantes. — Mas vocês não podem me matar.

Ele lançou seu olhar para cada uma de minhas tias. Ele ainda estava segurando Iris pelo pescoço, seu corpo mole, sua cabeça inclinada e seu rosto escondido pelo cabelo. — Se vocês me matarem, ela morre. É simples assim.

— O quê?

Um sentimento de pavor apertou minha garganta, quase me sufocando.

— Mentiroso — cuspiu Beverly. — Não acredite nele, Tessa. Tudo o que sai daquele buraco pútrido que ele chama de boca são mentiras.

O incubus levantou Iris alguns centímetros do chão e depois a sacudiu, seus membros balançando como uma boneca de pano.

— Estou mentindo? Matar um incubus antes que ele termine o beijo só matará o receptor. Veja bem... nós estamos conectados. Essa pequena bruxa das trevas e eu estamos ligados. Se você me matar, sua bruxinha morre.

Meu peito se apertou com uma onda de pânico. Afastei-me da parede e me aproximei, com o pavor enchendo minhas pernas e fazendo com que parecessem espaguete cozido demais, de modo que era difícil ficar de pé.

— Isso é verdade?

Olhei para minhas tias.

— A Iris pode morrer se você o matar?

O rosto de Dolores estava contraído. Eu podia ver os planos e esquemas sendo formulados por trás de seus olhos.

— Eu não sei. Não tenho certeza. Ele pode estar mentindo, assim como pode estar dizendo a verdade.

— Ele é um mentiroso — rosnou Beverly, com os dentes à mostra em uma careta. — Ele nunca disse uma única verdade. Eu não acreditaria em nada do que ele diz. Ele é um desgraçado manipulador e enganador.

Quando Beverly acertava, ela acertava.

Rastejei até onde havia desenhado meu círculo, com o giz manchado no piso de madeira.

— Mas e se ele estiver dizendo a verdade? E se você o matar e a Iris morrer?

Minha garganta ardia. Nosso plano mestre havia sido um desastre de proporções gigantescas. Além de não ter funcionado, minha melhor amiga possivelmente estava prestes a pagar por isso com a própria

vida. Como as coisas puderam dar tão errado tão rapidamente? Eu tinha sido um tola. Uma maldita tola.

— Não podemos arriscar — disse Ruth, com um ar sombrio sob a luz fraca. — Não podemos arriscar a vida de Iris. Não podemos fazer isso com ela. Teremos que confiar no incubus.

— E se ela morrer de qualquer maneira?

A bile subiu em minha garganta enquanto eu olhava para o demônio.

— E se isso não fizer diferença? E se for tarde demais?

A sala ficou em silêncio por um momento, enquanto pensávamos no melhor resultado para a Iris.

— Mas se eu tiver *permissão* para sair — disse o incubus, com os olhos fixos em mim como se eu fosse a única a decidir. — Ela pode sobreviver.

— *Poderá* sobreviver? — Eu gritei para ele. — Você está brincando comigo? Não. Diabos, não. Não é o suficiente.

O demônio mostrou os dentes para mim.

— Sua escolha. Acho que você realmente não se importa com sua amiga aqui — disse ele, empurrando Iris em minha direção com a mão.

— Pare de fazer isso — eu disse a ele, meu estômago revirando toda vez que ele a empurrava como se fosse um animal atropelado.

Ele riu baixo.

— Ciúmes porque ela ainda tem magia e você não? É por isso que você queria que eu a tirasse dela?

— Ora, seu filho da puta

A raiva borbulhou dentro de mim até se espalhar como uma febre quente. Quando dei por mim, estava me movendo em direção ao incubus.

— Ah, ah, ah, cuidado agora, Tessa — advertiu o incubus, colocando o corpo de Iris diante de si como um escudo. — Eu poderia facilmente quebrar seu pescoço. Portanto, não faça nenhuma besteira.

Alguém agarrou meu braço e me puxou para trás.

— Afaste-se, Tessa — ordenou Dolores ao me soltar. — Iris já sofreu o suficiente. Você quer que ela sofra mais?

Fiquei olhando para minha tia alta, incrédula e irritada.

— Claro que não. Como você pode dizer isso?

Dolores me ignorou, com os olhos no demônio e a mandíbula cerrada.

— Tudo bem. Vamos deixar você ir embora.

Abri e fechei a boca. A verdade é que era exatamente isso que eu teria dito. Eu nunca arriscaria a vida de Iris. Mesmo que o incubus estivesse mentindo, era uma chance que teríamos que correr e esperar que não estivesse.

O incubus sorriu com um ar de lobo.

— Excelente escolha, Dolores. Posso dizer que você está maravilhosamente alta hoje? Sempre tive uma queda por pessoas altas. É uma pena que você seja um pouco masculina.

Dolores levantou as mãos. Chamas amarelas e laranjas dançavam em suas palmas.

— Nós o deixaremos ir embora, mas se eu suspeitar que você está tentando prejudicá-la mais de alguma forma... eu vou te fritar.

O incubus se curvou ligeiramente a partir da cintura.

— Eu não esperaria menos de uma bruxa experiente como você.

A carranca de Dolores se aprofundou.

— Faça isso agora.

O demônio nos observou por um segundo. Ele piscou e depois soltou a mão de Iris. Em um segundo, ele estava no meu quarto e, no outro, desapareceu.

O corpo de Iris estava caindo.

Eu me joguei para frente e a peguei antes que ela caísse no chão. Nós duas caímos no chão ao mesmo tempo, mas eu estava segurando-a, embalando-a.

Tirei o cabelo de seu rosto. Meus dedos se contorceram quando senti como suas bochechas estavam frias.

— Ela está com muito frio.

Estendi a mão e peguei sua mão. Seus dedos estavam gelados.

Ofegante, eu a coloquei no chão o mais gentilmente possível e senti uma cotovelada no meu lado.

Dolores se virou para mim.

— Diga-me exatamente o que você fez. Tudo.

Pisquei os olhos, minha mente girando em torno de onde começar minha história.

— Agora!

Eu me encolhi.

— Nós convocamos o incubus... quero dizer, a Iris convocou — falei como uma idiota.

— Nós sabemos disso, mas como? Com o quê? O que você usou para convocá-lo? Você tinha o nome verdadeiro dele?

— Não.

Virei a cabeça e olhei para a tigela de cerâmica, que estava virada e do outro lado do meu quarto.

— Com alguns de seus cabelos. Iris conseguiu pegar alguns de seu iate há algumas semanas, antes de ser apreendido.

Ruth se ajoelhou ao meu lado.

— E você conseguiu invocá-lo apenas com um pouco de cabelo?

Ela pegou a mão de Iris em seu colo e verificou seu pulso.

— Foi a Iris. Ela estava trabalhando nisso há semanas. Funcionou.

Até que não funcionou mais.

Isso tudo foi culpa minha.

— Seu pulso está muito fraco — disse minha tia Ruth, com o rosto triste e ainda segurando a mão de Iris. — Não é um bom sinal.

Abri a boca para perguntar o que ela queria dizer, mas Dolores me adiantou.

— Algo não se encaixa. Não deveria ter sido tão fácil chamá-lo — informou Dolores, sua expressão sombria. — Você não deveria ter sido capaz de convocar o incubus.

Balancei a cabeça, frustrada.

— O que você quer dizer com isso? Funcionou. Não funcionou? A Iris o convocou. Ele estava aqui.

— Não *deveria* ter funcionado — repetiu minha tia alta. — Não com apenas alguns fios de cabelo. Não sem um nome.

Esfreguei meus olhos.

— Estou confusa. Funcionou. Todos vocês viram o deagradado. A Iris estava experimentando um novo feitiço. Bem, era uma combinação de um feitiço antigo com um pouco de seu próprio toque.

Beverly ficou acima de mim.

— O que Dolores está tentando dizer é que só funcionou porque ele *queria que funcionasse*.

O medo percorreu minha espinha, ampliado pelas palavras de minha tia.

— Como se ele estivesse esperando que eu fizesse isso?

Oh, caldeirão, não.

— Sim.

Dolores me observou, com os olhos firmes e sérios.

— Ele deixou que você o convocasse porque era isso que ele queria. Ele queria que você tentasse para que ele pudesse...

— Pegar o poder da Iris.

Lágrimas brotaram em meus olhos quando olhei para minha amiga inconsciente. Dolores estava certa, e eu havia caído na armadilha dele.

— Ou qualquer bruxa — disse Dolores. — Ele provavelmente estava esperando que fosse uma de nós.

— Eu.

O rosto de Beverly se contorceu lentamente em uma careta agonizante.

— Ele queria que fosse eu.

— A questão é que ele estava esperando — disse Dolores. — Ele sabia que você seria tola o suficiente para tentar recuperar seus poderes. Ele sabia que você estava desesperada o suficiente para tentar qualquer coisa.

E que eu estava disposta a sacrificar o poder da minha amiga pelo meu próprio. Eu era uma idiota egoísta.

Engoli com força.

— Eu não sabia...

— Não, você não sabia.

Dolores me lançou um olhar duro.

— O que você deveria ter feito era nos contar. Nós poderíamos ter lhe dito o mesmo. Poderíamos ter impedido essa loucura.

— Por que a Casa não interveio? — perguntei. — Por que ele não impediu o Derrick?

— Porque você *invocou* o demônio — respondeu Dolores. — Você o convidou para entrar. Se o demônio tivesse entrado em nossa casa por outros meios, sim, Casa teria revidado. Não nesse caso.

Inclinei-me e coloquei minha mão no ombro de Iris.

— Iris?

Eu a sacudi gentilmente.

— Iris, acorde.

Examinei seu rosto pálido, esperando que seus grandes olhos castanhos se abrissem e olhassem para mim. Mas suas pálpebras permaneceram fechadas.

— O que há de errado com ela? Por que ela não está acordando?

Dolores olhou para suas irmãs antes de responder.

— Se ela ainda não acordou, receio que não seja nada bom."

Examinei o rosto de Iris.

— Não estou entendendo. Eu estava fraca quando Derrick tirou meu poder, mas não estava inconsciente. Até a Susan, que parecia um cadáver, ainda estava acordada. Por que a Iris não acorda?

Ruth bateu em minha mão com a dela.

— Pelo que sei, com o incubus, com você e Susan, ele conseguiu tirar todos os seus poderes sem ser interrompido. Vocês duas estavam bem, um pouco doentes e fracas, mas no geral estavam bem.

— Mas com a Iris — disse Dolores. — É como o que o incubus disse. A conexão foi interrompida, quebrada. E parece que isso fez algo com a Iris de uma maneira ruim.

O terror me apunhalou o coração.

— Como? O que aconteceu com ela?

O rosto de Dolores estava dolorido.

— Acho... acho que ela está em coma.

CAPÍTULO 5

Não é preciso dizer que não dormi nada na noite passada depois do que aconteceu com a Iris. Depois de ter colocado minha melhor amiga em coma, meu coração se afundou ao perceber que tudo isso era culpa minha.

Depois que a transportamos para o quarto entre nós quatro, minhas tias começaram a se revezar no uso de sua magia para tentar curá-la.

Enquanto Dolores e Beverly trabalhavam em encantos e feitiços de cura, Ruth e Hildo estavam ocupados trabalhando com todos os tônicos de cura à sua disposição - desde o estimulante de cura usual até o elixir de cura super-duper que ela havia feito para Marcus quando ele foi atingido pela magia dos magos das Trevas.

As emoções estavam à flor da pele quando peguei uma cadeira no meu quarto e me sentei do outro lado da cama de Iris, esperando e desejando ver o rosto feliz da minha amiga. Eu estava cansada e meu corpo doía depois da surra que levei de Allison, mas isso não era nada comparado à culpa e ao medo de que minha amiga nunca mais acordasse.

— Beba isto.

Ruth havia me oferecido um tônico curativo na noite passada.

— Não. Guarde para a Iris.

Eu me recusava a me sentir melhor até que minha amiga abrisse os olhos. A dor era um lembrete da minha estupidez que quase causou a vida da minha amiga. Não tínhamos certeza se ela sobreviveria.

O relógio digital do meu telefone marcava 9h15. E, embora minhas tias não tivessem parado de fazer todos os feitiços de cura e de dar a ela todos os tônicos de cura durante a noite, Iris ainda não estava mostrando nenhum sinal de melhora.

Sem magia, eu não podia fazer muito além de manter Iris confortável e ajudar Ruth a administrar o tônico na boca de Iris. Eu me senti desamparada e inútil. Mas a verdadeira emoção vencedora foi a raiva de mim mesma. Eu não tinha muito espaço para mais nada.

O som de madeira rangendo chamou minha atenção. Ronin se recostou em sua cadeira à minha frente, sentado no lado oposto da cama de Iris. Seu cabelo, geralmente perfeitamente penteado, estava em ângulos estranhos, como se tivesse levado um choque, resultado de passar os dedos nele a cada poucos minutos. Seu rosto estava

desenhado e ele parecia ter envelhecido.

Eu liguei para o Ronin na noite passada, quando Iris estava de volta em sua cama. Ele apareceu dois minutos depois com aquela velocidade de vampiro, parecendo que estava prestes a derrubar algumas paredes. Seus olhos eram selvagens e cheios de dor. Depois que a viu, ele meio que se fechou. Ele pegou a mão dela e não a soltou mais. Isso foi há horas.

Limpei as lágrimas do rosto e olhei novamente para o celular. Nenhuma ligação nova. Nenhuma mensagem de texto.

— Marcus ainda não deu notícias? — perguntou Ruth enquanto abaixava a cabeça de Iris no travesseiro. Ela deixou cair o frasco que acabara de administrar no bolso frontal grande do avental, pegou um pano e o passou nos lábios de Iris.

Balancei a cabeça com a mandíbula cerrada.

— Não. Nada.

Eu ainda não tinha tido notícias de Marcus desde ontem. Ele não havia retornado nenhuma de minhas ligações ou mensagens de texto. Eu havia desistido entre quinta e a décima mensagem. Se ele quisesse me ligar, ele poderia. Mas não o fez. Ou ele não queria, ou não podia. No momento, eu realmente não tinha tempo ou energia para refletir sobre os motivos.

Iris estava em apuros mortais. E neste momento, que se danem meus sentimentos. Ela veio primeiro.

— Bem, eu não me preocuparia com isso — acalmou Ruth, e eu olhei para ela a tempo de vê-la ajustando o avental. — Tenho certeza de que ele tem um bom motivo para não ligar para a namorada, especialmente quando há uma crise e ela precisa dele.

Ai. Bem, quando você coloca as coisas dessa forma, então, sim, mas eu ainda estava irritada. Eu sabia que Marcus era um cara ocupado, com muitas responsabilidades, mas um telefonema de retorno ou uma simples mensagem de texto para me dizer que ele estava bem levava apenas um minuto. No entanto, ele não mandou.

Ruth estendeu a mão e roçou a bochecha de Iris com os dedos. Depois, virou-se para mim e disse:

— Provavelmente tem a ver com o lobisomem alfa da cidade de Nova York. Ele está tentando fazer com que Marcus assuma o controle de sua matilha há anos. Aquele grandalhão não aceita um não como resposta.

Pisquei os olhos.

— O quê?

Os lábios de Ruth se abriram com um olhar de surpresa.

— Eu disse que acho que tem a ver com o lobisomem alfa da cidade de Nova York...

Acenei com a mão para ela.

— Não, não. Quero dizer, eu ouvi o que você disse. Só estou tendo dificuldade para processar isso em meu cérebro. Então... existe um alfa wereape em Nova York?

— Sim — disse Ruth, com um sorriso brilhante em seu rosto doce.

— Com uma matilha?

Os olhos de Ruth se arregalaram.

— Uma realmente *grande* — disse ela e abriu as mãos para me mostrar o tamanho. — É a maior matilha da América do Norte. E o Zeke, que é o nome do alfa, quer o Marcus.

— Para assumir o controle do grupo.

Foi mais uma declaração para mim mesma do que uma pergunta. Se Marcus aceitasse, ele provavelmente teria que se mudar. Eu nunca tinha ouvido falar de um líder de matilha que vivesse longe de sua matilha. A ideia de ele ir embora fez meu coração disparar. Será que ele me levaria com ele?

— Marcus nunca mencionou isso?

Linhas de preocupação se estendiam pela testa de Ruth. Ela estava se mexendo de um pé para o outro, algo que fazia quando estava nervosa ou quando sabia que tinha falado fora de hora.

Um calafrio revirou minhas entranhas e me fez lutar para respirar.

— Não. Não, não mencionou.

Acho que eu ainda não sabia muito sobre o chefe. Parecia que Ruth sabia mais sobre ele do que eu. Não deveríamos estar guardando segredos um do outro. Pelo menos, não segredos importantes como esse. Mas era exatamente isso que estava acontecendo. Marcus estava guardando segredos de mim. O fato de ele não compartilhar algo tão importante comigo, algo que mudaria a minha vida, não me agradou.

Mas isso ainda não explicava por que ele não conseguia pegar o telefone e me ligar. Ou por que ele tinha saído com tanta pressa, deixando-me com a Barbie Gorila, que usava meu corpo como seu saco de pancadas pessoal.

Talvez Marcus já tivesse tomado a decisão de assumir o controle da matilha e não soubesse como me contar.

— Tenho certeza de que você terá notícias dele em breve — disse minha tia. Seus olhos azuis percorreram meu rosto. — Tem certeza de que não quer tomar alguns dos meus tônicos curativos?

— Não, obrigada.

Ruth enrugou o rosto, parecendo desapontada.

— Apenas um gole pode fazer maravilhas.

— Está tudo bem. Estou totalmente bem.

Eu merecia a aparência e a sensação que tinha, e pior.

— Seu rosto não está bem — rebateu minha tia. — Parece um saco de batatas roxas e verdes — acrescentou ela. Seus olhos me observaram enquanto as rugas ao redor da boca e da testa se

aprofundavam.

Ergui uma sobancelha.

— Eu gosto de batatas.

Ruth sorriu.

— Eu também.

Tentei sorrir, mas não conseguia sentir quais músculos do meu rosto pertenciam a quê. Se eu pudesse usar as linhas ley, poderia estar na cidade de Nova York em alguns instantes, e então faria com que ele me contasse.

As linhas ley...

Desanimada, voltei a me sentar no momento em que Dolores e Beverly entraram na sala. Elas eram tão diferentes, mas, naquele momento, ambas tinham as mesmas expressões desesperadas e tristes.

Dei um pulo da cadeira, com o coração batendo na garganta.

— O quê? — Eu conhecia aquele olhar. As pessoas faziam esse olhar antes de lhe darem más notícias.

Dolores tirou seus olhos tristes de Iris e encontrou os meus.

— Sinto muito, Tessa. Mas fizemos tudo o que podíamos pela Iris. Não há mais nada que possamos fazer.

— O que diabos isso quer dizer? — Minha voz estava dura, mas eu não me importava. Minha pressão arterial estava nas alturas.

Dolores suspirou, com o mesmo desespero sombrio e cansado ainda em seus olhos.

— Isso está além de nossa habilidade e capacidade de cura. Fizemos tudo o que podíamos. Está na hora de outros ajudarem.

— Outros? — Olhei para Ruth, mas ela se recusou a olhar para mim.

— Fizemos um acordo com o Centro Médico Lua Cheia, o hospital paranormal em Upstate New York, para vir buscar a Iris — disse Beverly. — Eles devem chegar em breve.

Eu sabia o nome daquele hospital.

— Esse é o mesmo hospital onde a Susan foi se curar.

Ok, eu poderia fazer isso. Eles ajudaram a Susan, então havia uma boa chance de que pudessem ajudar a Iris.

Dolores foi para o lado da cama e colocou seus longos dedos em volta do pulso de Iris.

— É o melhor lugar para ela — disse ela, soltando o pulso. — Conseguimos recuperar seus batimentos cardíacos e sua pressão está boa o suficiente para que ela possa viajar.

Acenei com a cabeça, sentindo alguma esperança.

— Está bem. Isso é bom. Parece uma ótima ideia. Eu vou com ela.

— Não, você não vai.

Ronin olhou para mim. Eu estremeci com a raiva que vi nos olhos do meu amigo.

— Não quero você perto dela. Se alguém vai, sou eu.

Meu amigo meio-vampiro não havia dito uma palavra para mim desde que chegou, até agora.

Eu admito. A maneira como ele me olhava me machucava muito. Eu não tinha muitos amigos íntimos, e Ronin era um deles. Mas agora, ele me odiava e me culpava. E, é claro, ele estava certo. Iris não estaria deitada em uma cama inconsciente e quase morta se eu não tivesse pedido a ela que me ajudasse. Conhecendo-a, ela não teria aceitado um não como resposta se eu tivesse lhe pedido para não ir em frente com isso. Mas estávamos preparando a convocação há semanas, certificando-nos de que tudo estivesse perfeito.

Estávamos muito enganadas.

Meus olhos arderam e eu olhei para a Bruxa das Trevas. *Deveria ser eu deitada aqui. Deveria ser eu.*

Um silêncio incômodo tomou conta da sala. É claro que eu não tinha mais ninguém para culpar além de mim mesma. Todos sentiam isso, até mesmo minhas tias, embora elas não dissessem ou demonstrassem da mesma forma que Ronin. Todas elas compartilhavam os mesmos sentimentos. Só não diziam isso na minha cara.

Isso não importava. De alguma forma, o silêncio deles tornava tudo pior.

A campainha da porta tocou, tirando-me de meus pensamentos mórbidos.

— São eles — declarou Beverly, compartilhando um olhar nervoso com suas irmãs.

Ronin se levantou e bateu com as coxas na lateral da cama de Iris. Ele se inclinou sobre ela, com o rosto apertado, como se não tivesse certeza de que queria que ela fosse embora e talvez não deixasse ninguém se aproximar dela.

Meu coração palpitava contra o peito e eu me sentia mal.

— Eu vou resolver isso

Fiquei de pé. Meus joelhos estalaram, assim como meus tornozelos e a parte inferior das costas, o som parecia pipoca de micro-ondas enquanto eu saía correndo da sala antes que os olhares do Ronin me destruíssem.

Desci a escada o mais rápido que meu corpo me permitiu, mal me lembrando de como cheguei ao saguão. Agarrei a maçaneta da porta, pensando em dizer a essas pessoas que não podiam ficar com minha amiga, e abri a porta.

Uma mulher e um homem estavam na varanda da frente, de frente para mim.

A mulher era idosa, sua pele era pálida e tinha mais rugas do que cabelos, e seu olhar provavelmente estava gravado em seu rosto por

anos de uso. Um vestido de seda verde cobria sua estrutura alta e orgulhosa, e seus olhos escuros brilhavam com um intelecto afiado.

O homem era mais alto, talvez um metro e oitenta, com cabelos escuros puxados para trás em um rabo de cavalo baixo e um cavanhaque combinando. Tatuagens de runas mágicas e sigilos cobriam a maior parte de suas feições severas e desciam pelo pescoço. Ele estava vestido todo de preto, sob um casaco de couro que lhe cobria os calcanhares.

Ele zombou cruelmente da reação que eu estava tendo, e a raiva se instalou em minhas entranhas.

Eu não o via há meses, mas reconheceria aquele cavanhaque e sorriso presunçoso em qualquer lugar.

Ele foi um dos árbitros bruxos dos julgamentos de Merlin, aquele que repetidamente me chamou de perdedora. Também foi ele quem espancou e torturou Marcus enquanto um amuleto mágico o impedia de se curar. Em troca, eu o amaldiçoei de volta e o marquei com seu próprio amuleto para que ele nunca mais pudesse usar esse tipo de magia.

Puxa vida.

Silas e Greta estavam aqui.

CAPÍTULO 6

Eu estava no quintal, bem na borda do pátio dos fundos, com os dedos dos pés balançando na grama. A enorme casa de fazenda branca estava serena e impecável, ladeada por bosques de sempre-vivas e choupos. Era artisticamente bem cuidada, com hortênsias brancas, rosas e azuis, lírios, buxo e centenas de variedades diferentes de rosas. O terreno era magnífico e digno de uma revista de jardinagem. Não é de se admirar que tanto minha mãe quanto Beverly quisessem se casar aqui. Nenhum outro lugar era tão bonito quanto o terreno da Casa Davenport.

Pena que eu não estava no clima de comemoração. Nem mesmo o doce aroma das rosas conseguiu elevar meu espírito.

Minhas tias se sentaram em um lado do pátio, enquanto Greta se sentou sozinha bem no meio, com Silas em pé do lado dela. O desgraçado tatuado me observava com um sorriso tímido. Uma ponta de medo tentou surgir, mas eu a reprimi. Sua indiferença fria fez meu sangue ferver. Eu realmente odiava o cara.

Emocionalmente, eu estava imersa em caos. Fisicamente, eu me sentia como se minhas tias tivessem se revezado para me bater até que eu caísse sofrendo. Eu me arrependia de não ter bebido um pouco do tônico curativo de Ruth, agora que tinha a sensação de que seria a vez de Silas bater em mim. Por alguma razão, o que quer que Greta e Silas fossem jogar em mim, eu me sentia mais confortável descalça.

Cinco minutos depois que Greta e Silas apareceram, os enfermeiros do Centro Médico Lua Cheia chegaram e levaram Iris em uma van branca sem descrição, semelhante às que os sequestradores usavam nos filmes. Eles a levaram em uma maca, com Ronin ao seu lado o tempo todo. Ele nunca fez contato visual comigo. Risque isso. Ele fez. Pouco antes de as portas se fecharem, eu o vi. O olhar sombrio que ele me lançou fez meu coração parar.

Naquele momento, eu sabia que, se Iris nunca mais se recuperasse, eu teria perdido uma amiga para sempre.

— Tessa Davenport.

Virei a cabeça e vi Greta me observando.

— Chegou ao meu conhecimento... — começou a velha bruxa. — Os rumores sugerem que você perdeu sua magia. Sua bruxa interior. É por isso que vim aqui hoje para verificar esses rumores por mim mesma e decidir se há alguma verdade neles.

— É verdade — resmungou Dolores. — Poderíamos ter lhe poupado a viagem.

Greta lançou um olhar de desdém na direção de Dolores e depois se voltou para mim.

— Tessa, você pode me explicar como alega ter perdido seus poderes?

A velha bruxa não era má, e agora eu sabia que ela estava torcendo por mim o tempo todo durante os julgamentos das bruxas. Na época, porém, eu não sabia.

Voltei meu olhar para Dolores. Seu leve aceno de cabeça e seus olhos arregalados foram suficientes para mim. Eu a conhecia bem o suficiente para entender exatamente o que sua expressão significava. Eu deveria contar "parte" da verdade a Greta. Tínhamos conversado sobre isso na noite passada e decidimos o que poderíamos contar a Greta e o que deveríamos manter em segredo. Como o fato de meu pai ser um demônio, embora eu não soubesse por quanto tempo mais poderíamos manter isso em segredo agora que minha mãe estava casada com ele - e o fato de eu ter libertado Lilith de sua prisão.

Suspirei pelo nariz.

— Um incubus levou minha magia.

As sobancelhas de Greta se ergueram até a linha de seu cabelo quase inexistente. Ela se aproximou mais em sua cadeira, seus olhos escuros me estudando.

— Um incubus, você diz?

Silas riu, e eu o encarei.

— É isso mesmo. Um incubus.

Sim, ele estava adorando isso. Eu era basicamente seu presente perfeito. Eu deveria ter colocado um laço na minha testa.

— Esse é o mesmo incubus que matou duas bruxas e feriu uma?

Mantive meus olhos em Greta para que ela não percebesse que eu estava escondendo alguns detalhes dela.

— É isso mesmo. Exatamente o mesmo.

A velha bruxa me observou sem piscar.

— Onde está o incubus agora?

— Foi embora — respondeu Dolores. — Não conseguimos derrotar o incubus. Ele fugiu. Sua voz estava firme, combinando com sua postura, e pude perceber que ela não se sentia à vontade para admitir o fracasso na frente dessa bruxa mais velha.

Greta fez um aceno de cabeça.

— É lamentável. Mas é ainda mais lamentável para você, Tessa. Você tinha um futuro brilhante.

— Conte-me sobre isso.

Greta cruzou as mãos em seu colo.

— Não detecto nenhuma falsidade vinda de você. Como você sabe,

eu sou a diretora da Divisão de Treinamento em Julgamentos de Bruxas, mas eu também sou a chefe do Grupo Merlin de Nova York. Como tal, é meu dever garantir que sua alegação de que perdeu sua magia seja verdadeira.

— É verdade — murmurei.

— É por isso que estamos aqui hoje — disse Greta. Silas a contornou e desceu para o pátio. — Para testar sua magia. Ver se você ainda tem algum vestígio de seu poder - mesmo que seja apenas uma faísca - ou se de fato você é uma...

— Uma falha — interveio Silas, com um sorriso vitorioso no rosto ao se aproximar e se juntar a mim na grama. Eu não tinha notado a bolsa de couro preta e desgastada presa em seu ombro até agora. — Eu lhe disse que você era uma perdedora.

Eu levantei uma sobrancelha.

— Você e Allison são perfeitos um para o outro.

Silas me encarou.

— Quem?

— A Barbie Gorila de seus sonhos.

— Ela fez isso em seu rosto? — perguntou o bruxo. Sua careta se ampliou com algo que ele viu ali. — Sim. Ela fez. Não foi? Acho que gosto dessa Allison. Você definitivamente deveria me apresentar.

Ruth se inclinou para frente em sua cadeira, com Hildo se equilibrando em seu colo enquanto olhava para Greta.

— Isso é realmente necessário? Todos nós podemos atestar que ela está bem. Nós tentamos. Todos nós tentamos fazer com que ela mostrasse alguma magia.

Ruth balançou a cabeça.

— Não há nada. Ela é tão sem graça quanto uma pedra.

Eu estremeci. Era um pouco doloroso quando alguém dizia isso em voz alta. Isso dava um certo caráter definitivo. Ainda mais agora que meu plano mestre de recuperar minha magia de Derrick havia saído pela culatra tragicamente.

Se esse seria o meu futuro, era melhor eu começar a aceitá-lo.

O problema é que eu não era boa em seguir ordens ou aceitar coisas.

— Temos um sistema para essas coisas, Ruth — comentou Greta. — A Tessa deve ser classificada como não mágica, se isso for verdade. Para seu próprio bem. Isso acabará com os rumores e ela poderá continuar com sua vida. Precisamos testá-la. Garantir a legitimidade dessas alegações.

— Quer dizer que você vai tirar a licença de Merlin dela.

Ruth fez uma careta, claramente insatisfeita com a resposta de Greta, mas se recostou na cadeira e começou a acariciar a cabeça do pobre Hildo com um pouco de força demais.

Greta olhou para mim e disse:

— Se ela estiver realmente sem magia, sim, sua licença Merlin será revogada indefinidamente. É a lei.

— Como deve ser — disse Silas, em voz alta o suficiente para que todos ouvissem.

— Você é uma trapaceira. Trapaceou nas provas com aquela magia de linha ley. Aprimoradores mágicos não são permitidos. Mas você não se importou. Achou que as regras não se aplicavam a você. Você as usou mesmo assim.

Soltei um suspiro.

— Isso de novo não.

Eu sabia em meu coração que não havia trapaceado, ainda mais porque Greta me concedeu minha licença no final das provas e ela me viu usar as linhas ley. O Silas simplesmente não gostou de mim desde o início. O que eu acho? Porque ele provavelmente tentou e não conseguiu obter o poder das linhas ley. Ele estava com ciúmes.

Silas puxou a alça de sua bolsa sobre a cabeça.

— Bela bolsa de homem — eu disse a ele. Vi uma cicatriz de aparência irritada na palma de sua mão direita, onde minha maldição o havia queimado. A dor que eu me lembrava de ter passado pelo rosto dele me deixou toda arrepiada. Foi uma pequena vitória, e eu aproveitei tudo.

Mas meu pequeno sorriso se desvaneceu diante do sorriso maligno que o bruxo me deu enquanto segurava a bolsa com uma mão e remexia dentro dela com a outra. Algo duro com formato cilíndrico saiu da lateral da bolsa.

Apontei o dedo para a bolsa, minha imaginação correndo solta.

— Se isso for um vibrador, vamos ter uma conversinha.

Silas continuou sorrindo, e senti minha pele se arrepiar.

Uh-oh.

— O que é isso?

Olhei para Greta.

— O que tem na sacola?

— Meu saco de truques da sorte — respondeu Silas, parecendo que estava prestes a fazer o test drive de um carro esportivo novo.

Greta lançou a Silas um olhar de advertência.

— Silas começará a realizar uma série de testes... exames necessários para testar sua magia. O teste das Três Maravilhas.

— Certo. As Três Maravilhas.

Eu não tinha ideia do que ela estava falando.

Olhei para o rosto de minhas tias, desejando que elas tivessem me contado sobre essas Três Maravilhas. Beverly estava sentada na beira do assento, roendo as unhas. Dolores estava com os braços cruzados sobre o peito, olhando para Greta como se estivesse pensando se

deveria ou não derrubar a bruxa mais velha da cadeira. E Ruth, bem, estava com as mãos envoltas no pescoço do pobre Hildo, parecendo que estava prestes a estrangulá-lo. A verdade é que elas pareciam mais assustadas do que eu.

Obviamente, elas sabiam sobre esses testes. Mas com o que aconteceu com a Iris, elas não tiveram tempo de me preparar. Não culpei minhas tias. Isso não era culpa delas. Era tudo culpa minha. E pelo que percebi de suas expressões, tive a sensação de que ia doer.

— Vamos começar — disse Greta, batendo palmas com a mão.

Silas sacou o que parecia ser um cassete de metal preto que às vezes se vê a polícia de choque usar.

Apertei os lábios, com as mãos nos quadris.

— Definitivamente, não é um vibrador. Bem, a menos que você goste desse tipo de coisa.

O bruxo murmurou algumas palavras que eu não entendi e depois soprou seu bastão. Sim, eu sabia como isso soava.

O bastão de metal de Silas (lá fui eu de novo) vibrou - vibrou mesmo - e então feixes de energia roxa, como pequenas correntes elétricas, dançaram ao longo da ponta.

Eu não gostei disso. E não gostei especialmente da ideia do sorriso malicioso em seu rosto.

Antes que eu pudesse me mover, o bruxo enfiou o bastão de metal em meu intestino.

— Ai! Mas que diabos? — gritei, cambaleando para trás e sentindo o impacto do golpe seguido pela dor aguda de qualquer magia que estivesse no bastão. Ardia como se eu tivesse levado um choque de choque. Desgraçado.

Silas agitou o bastão como se fosse uma varinha, parecendo satisfeito consigo mesmo. Sua expressão se tornou zombeteira.

— Queimou?

Cerrei os dentes.

— Sim, queimou, sua aberração. O que você esperava?

O olhar do bruxo se dirigiu a Greta. Eles se olharam e, em seguida, ele olhou de volta para mim, com os lábios se contraindo em um sorriso.

— Esse foi o primeiro teste.

— Ótimo.

— Você falhou.

Com a mão na barriga, olhei na direção de Greta. Ela estava sentada estoicamente, com o rosto sem expressão. Acho que ela esperava que houvesse dor. Não sabia dizer se ela estava desapontada por eu não ter passado no primeiro teste. Talvez ela estivesse esperando que eu o fizesse.

Silas bateu com o bastão em sua outra palma.

— Isso é magia gama. Ela reage à magia. Se você tivesse alguma magia, alguma energia interna, elementar ou mesmo das trevas, ela não teria queimado. Você teria sentido algo frio. Quando ela queima, é porque não há nada para neutralizá-la.

Isso foi novidade para mim.

Um súbito aperto no peito me deixou sem fôlego. Não sei por que essa declaração estava me afetando tanto. Franzi a testa, não gostando da maneira como ele estava dizendo a todas aqui o que já sabíamos. Minha magia havia desaparecido. Essa era apenas outra maneira de me humilhar ainda mais.

Silas se agachou ao lado de sua bolsa e colocou o bastão dentro dela. Em seguida, ele retirou um frasco de vidro com o que parecia ser areia preta.

— Oh não — disse a voz de Ruth em pânico.

— Oh, não? — Repeti, olhando para ela, meu próprio pânico aumentando com sua reação ao frasco. — Como assim, oh *não*? O que é isso?

Ela apertou Hildo em seu peito. A cabeça minúscula dele era a única coisa que não estava esmagada pelos braços dela. O rosto dela estava virado para trás, no que eu só poderia dizer que era um choque total.

Torcendo a tampa, Silas despejou um punhado daquela areia preta, jogou-a em mim e gritou:

— Vus ardeat!

Ouvi um estrondo como um trovão. Partículas negras saíram de seus dedos estendidos.

Eu sabia que não deveria correr. Esse era o segundo teste. Eu deveria ficar parada, exatamente onde estava, para que Silas pudesse realizar o segundo teste.

Ainda bem que nunca fiz o que me foi dito.

Eu fugi.

Com os braços em riste, corri na direção oposta, para longe daquela areia preta, e saltei sobre a grama o mais rápido que minhas pernas, já machucadas e cheias de dor, conseguiam me impulsionar. O lado bom da adrenalina é que ela escondeu minhas dores anteriores e me encheu de um bom e velho suco de maravilha.

Alfinetadas agitavam minha nuca como se cem formigas estivessem subindo e descendo pelo meu pescoço.

Balancei minha cabeça para trás. Uma nuvem de areia preta, poeira, o que quer que fosse, estava voando em minha direção, como um enxame de vespas furiosas.

Que droga. A poeira preta estava me seguindo!

Com a cabeça virada para trás e sem prestar atenção para onde estava indo, meu pé se prendeu em algo duro. Caí para a frente, com a

boca aberta, enfiando um pouco de grama e terra dentro dela. Aterrissei em uma posição estranha, com a cabeça para baixo e a bunda para o alto, como uma má postura de ioga de cachorro para baixo. Não é minha postura mais agradável.

Gemendo, me apoiei nos joelhos. Ofegante, respirei fundo.

Foi então que vi a nuvem de poeira diante de meus olhos.

Eu não podia fazer nada para impedi-la.

E quando respirei, a nuvem de poeira preta entrou em minha boca.

Minha garganta ardia, e eu tentava tossir, espirrar, vomitar. Eu só queria que o que eu tinha acabado de engolir saísse. Mas eu mal conseguia respirar, como se aquela poeira estivesse tentando me sufocar. Isso era uma maldição. *O Silas acabou de me amaldiçoar!*

A dor explodiu de dentro do meu corpo, reverberando até a minha cabeça e preenchendo todo o meu corpo enquanto me queimava como uma corrente de eletricidade. O pânico aumentou à medida que a dor de sua maldição ainda ardia em mim, corroendo minhas forças. Minha cabeça latejava como se alguém tivesse batido com uma marreta nela.

Foi quando as visões começaram.

O mundo ao meu redor desapareceu, e minha visão se reduziu a um túnel nebuloso. Então, imagens de pessoas e lugares diferentes começaram a passar diante dos meus olhos, como se eu estivesse assistindo a um videoclipe avançando rapidamente dentro da minha cabeça. Vi Marcus se afastando de mim no ginásio, um vislumbre de minha mãe chorando e um Sean indiferente, uma espiada nos olhos prateados de meu pai, zips de imagens de Dolores, Beverly e Ruth sentadas à mesa da cozinha. Um flash do rosto irritado de Ronin, seguido por Iris deitada em sua cama. Em seguida, as imagens começaram a se reproduzir novamente, só que mais rápido.

Eu estava tonta. Queria desligar o aparelho. Mas não conseguia.

As imagens eram cada vez mais rápidas, como se minha mente estivesse em um carrossel.

De repente, pisquei os olhos e as visões se dissiparam como uma névoa que se dissipa com o nascer do sol. Mas era como se minha cabeça estivesse fora do pescoço e continuasse girando.

Meu estômago se revirou, caí para frente e vomitei. E vomitei de novo até que tudo o que restou foi a bile ardente.

— O que você viu?

Tirei as lágrimas dos olhos e encontrei Silas em pé sobre mim.

— Você me amaldiçoou, seu filho da puta.

Quando já estava completamente vomitada, cambaleei até ficar de pé, me endireitei e comecei a caminhar de volta para a casa. Queria colocar o máximo de distância possível entre mim e o Silas.

— Esse foi o segundo teste, sua idiota.

O bruxo correu para me alcançar.

— Agora, o que você viu? — ele repetiu em voz alta o suficiente para que Greta e minhas tias ouvissem.

Não parei nem respondi até estar de volta ao meu lugar antes de sair correndo.

— Eu vi muitas coisas. Pessoas. Imagens girando diante de meus olhos.

Mais uma vez, Silas olhou para Greta, com o rosto cheio de expectativa.

— Você foi reprovada no segundo teste — disse ele, embora estivesse olhando para Greta.

Engoli, minha garganta ardia.

— Como isso funciona?

O bruxo se voltou para mim.

— Uma verdadeira bruxa verá apenas a si mesma. Sua bruxa interior. Você falhou no segundo teste.

Irritada, lancei olhares igualmente furiosos para minhas tias e Greta.

— Isso é realmente necessário? Posso lhes dizer que não tenho mais magia. Por que vocês têm que me fazer passar por isso? É bárbaro e cruel.

— Você precisa fazer todos os três testes, Tessa — respondeu Greta, com ar de profissional e sem emoção.

— Adorável.

Observei enquanto Silas tirava uma lâmina curva de sua bolsa.

— Espere. Isso faz parte do último teste?

Minha respiração ficou mais rápida quando percebi que alguma parte do meu corpo seria cortada.

— Você está com medo? — zombou Silas. Ele tinha uma pequena tigela de cerâmica na outra mão.

— A ideia de você nu é assustadora — eu disse a ele.

Silas apontou a adaga para minha mão.

— Preciso de um pouco de seu sangue.

— Apenas uma pequena quantidade será suficiente, Tessa — disse Greta. — É o teste final. Sangue da bruxa.

Cerrei os dentes.

— Tudo bem.

Estendi a mão e Silas cortou sua lâmina na minha palma. Eu estremeci com a picada, mas não foi tão ruim assim. Uma linha de sangue escorreu pelo corte fino.

— Sangue — disse Silas ao enfiar a tigela sob minha palma ensanguentada.

Seguindo as instruções dele, fechei a mão em um punho e espremi cinco gotas de sangue.

Satisfeito, Silas retirou a tigela. Ele a colocou no chão a seus pés e,

em seguida, borrifou algo que parecia ser pó preto sobre o sangue enquanto murmurava um feitiço.

Fiquei olhando para a tigela.

— E agora?

— Se você tiver alguma magia elementar, ela reagirá a isso — disse Silas. Ele tirou do paletó uma caixa de fósforos. Acertou um, uma chama se acendeu e ele o jogou na tigela.

Eu me inclinei, esperando que algo acontecesse. O quê? Eu não fazia ideia. Mas quando a pequena chama se apagou, tive a sensação de que era porque minha magia também havia se apagado.

Silas riu enquanto pegava a tigela do chão. Um sorriso de satisfação surgiu em seu rosto. Ele parecia extasiado.

Com a tigela na mão, ele foi até o pátio e a entregou a Greta. A velha bruxa pegou a tigela com as duas mãos, com o rosto pensativo enquanto a inspecionava.

Minhas tias se remexeram nervosamente em seus assentos, embora eu não soubesse por quê. Todas nós sabíamos o que ela estava prestes a dizer. Acho que elas esperavam, como eu também esperava, secretamente dentro do meu coração, que uma centelha de magia fosse deixada em mim em algum lugar, escondida.

Greta se levantou de sua cadeira. Seu rosto era uma máscara cuidadosa e sem expressão, embora eu pudesse ver algo como tristeza em seus olhos.

— Você completou o teste das Três Maravilhas.

A velha bruxa olhou para mim e disse:

— Tessa Davenport, com grande pesar devo informá-la de que você não é mais um Merlin.

Silas bateu palmas como se essa fosse a melhor notícia que ele já tinha ouvido.

Bem, que merda.

CAPÍTULO 7

Minha caminhada da vergonha consistiu em me retirar da presença do alegre Silas e Greta e depois subir as escadas para o sótão sem pedir ajuda a Casa Davenport.

Eu estava com raiva e humilhada, e as expressões de pena de minhas tias só me faziam sentir pior. Eu queria desabafar, gritar e ter um pequeno colapso com alguém que entendesse. Um comportamento totalmente aceitável, dadas as circunstâncias. Mas Iris não estava aqui. Ela provavelmente já estava no Centro Médico Lua Cheia com Ronin. Meus dois amigos mais próximos não estavam aqui, e Marcus estava me dando um fora.

Minha vida havia mudado drasticamente no último ano. Eu tinha descoberto minha magia, apenas para vê-la ser removida como se nunca tivesse existido. Com Greta fazendo uma declaração pública de minha não magia, juntamente com a remoção de minha licença Merlin, isso agora era público para todas as comunidades paranormais.

Eu não era mais uma bruxa.

Eu ia fazer uma festa de piedade? Claro que não.

Deixando as emoções de lado, sim, eu tinha sido humilhado pelos meus dois arquiinimigos, mas não estava desistindo. Não estava prestes a desistir de minha magia só porque os testes de Greta diziam isso. Tudo o que eles disseram foi que eu não tinha magia em mim - ainda.

Se minha vida seria assim, eu não deveria simplesmente aceitar e seguir em frente? Eu achava que não. Eu poderia estar com o corpo e a mente machucados, mas não estava morta. E enquanto eu ainda respirasse, eu recuperaria minha magia, mesmo que isso me matasse.

Eu ainda tinha algumas cartas para jogar. Certo, Derrick tinha sido um fracasso. Mas eu ainda tinha uma maneira de entrar em contato com ele. E isso era com meu pai.

Eu não tinha falado muito com ele desde o casamento. Ele e minha mãe precisavam de um tempo para se relacionar. Mas como meu plano com a Iris saiu pela culatra, meu pai precisaria desempenhar um papel. Ele iria me ajudar a encontrar Derrick e recuperar minha magia.

A ideia era que meu querido papai capturasse o incubus e o trouxesse para a Casa Davenport para que ele transferisse meus

poderes de volta para mim.

E ele também faria isso. Se ele quisesse que sua filha o visitasse novamente no Mundo Inferior, ele o faria.

— Iris, eu queria que você estivesse aqui — respirei. Normalmente, quando eu tinha esses planos malucos, minha amiga me convencia a desistir ou inventava um plano ainda mais maluco. Meu peito doeu com a lembrança do corpo mole de Iris nas mãos do incubus. A imagem me assombraria para sempre.

— Quando faço besteira, faço besteira grande.

Desanimada, deixei-me cair na beirada da cama e peguei meu telefone na mesa de cabeceira. Fiquei olhando para a tela. Ainda não havia recebido novas ligações ou mensagens de texto de Marcus. Sentia falta de ouvir sua voz e uma parte de mim sofria por ele ainda não ter entrado em contato comigo. Ele estava ocupado com alguma parte emocionante de sua vida, assim como a minha estava desmoronando.

Eu precisava dele, mas ele não estava lá para mim.

Conhecendo a mim mesma, se eu soubesse onde Marcus estava na cidade de Nova York, eu teria ido atrás dele. Mas eu não podia pagar uma passagem de ônibus, muito menos uma passagem de avião. Ele poderia estar em qualquer lugar da cidade de Nova York, e isso seria um comportamento bastante perseguidor.

O que Ruth havia dito novamente? O alfa wereape de Nova York, cujo nome eu já havia esquecido, queria que Marcus assumisse o controle de sua matilha? Parecia excitante. Talvez fosse um trabalho muito melhor do que ser o chefe de Hollow Cove.

Falando em shows, sem a renda regular da cidade como Merlin, eu teria que melhorar meu trabalho com os designs de capas de livros e sites, se quisesse manter minha parte nas contas de luz e mantimentos. Ouvi Dolores mencionar que Gilbert havia aumentado seus preços novamente. Algo a ver com a inflação. O casamento da minha mãe também ainda tinha algumas contas pendentes.

— Você está com uma aparência horrível — disse uma voz vinda de algum lugar atrás de mim.

Levantei-me, assobieei com a dor aguda na região lombar e olhei para a mulher que estava no meu quarto.

— Você tem que parar de fazer isso. Que tal um pequeno aviso da próxima vez, Lilith?

Os olhos vermelhos de Lilith brilhavam com malícia.

— Por que eu faria isso? É tão divertido ver você toda agitada desse jeito. E a maneira como seus olhos ficam grandes. Não tem preço.

A deusa de aparência de trinta e poucos anos tinha longas ondas de gloriosos cabelos ruivos que brilhavam como se estivessem pegando

fogo. Ela usava jeans de grife, um top vermelho sob uma jaqueta de couro preta curta e botas de cano curto que provavelmente custavam mais do que o meu salário mensal na cidade.

Eu ainda estava irritada com ela. Ela foi o principal motivo de eu ter perdido minha magia, mas eu estava muito cansada e emocionalmente esgotada para me importar agora.

— Você perdeu o casamento — eu disse a ela. — Foi realmente lindo. Então, por onde você tem andado? Não a vejo há algum tempo.

Eu estava curiosa para saber o que a deusa fazia o dia todo além de sexo.

Lilith entrou no meu closet e começou a mexer nas minhas roupas.

— Aqui, ali e em toda parte. Tenho que continuar me movendo. Não posso ficar em um só lugar por muito tempo.

Eu a segui e me apoiei no batente da porta.

— Por causa de Lúcifer?

Os ombros da deusa se enrijeceram. Ela pegou meu vestido preto favorito e o ajeitou sobre seu corpo.

— Ele é incansável em me encontrar. O desgraçado não perde uma. Mandou seu próprio guarda pessoal da última vez.

— E agora? Você vai passar o resto de sua vida se escondendo? Vai continuar fugindo? Eu pensei que você queria matá-lo.

Os olhos vermelhos de Lilith se encontraram com os meus e ela me encarou com um olhar. Senti um arrepio de medo subir pelas minhas costas.

— Cuidado, pequena bruxa demônio.

Desviei o olhar de seu olhar inquietante.

— Não sou mais uma bruxa demônio.

Graças a você.

Lilith jogou meu vestido no chão como se fosse um trapo velho descartado e continuou a tirar mais roupas minhas.

— Sim. Erro meu. Hmmm. Esses testes não foram tão bons para você. Foram?

Meus lábios se entreabriram.

— Você estava lá?

Não sabia bem por que, mas fiquei com mais raiva por ela ter se escondido em algum lugar nos arbustos, regozijando-se com meu fracasso total.

— Aquele homem tatuado tinha aquela coisa sexy e feia acontecendo. Eles tendem a ser muito ferozes no quarto. Como se precisassem compensar o que lhes falta em aparência. Você fodeu com ele?

Eca.

— Não. Você pode ficar com ele.

Lilith me deu um sorriso.

— Oh, eu vou.

Ela piscou para mim.

— Pode contar com isso.

Realmente nojento. Cruzei os braços sobre o peito.

— O que você está fazendo aqui, Lilith? Além de bagunçar meu armário?

Lilith jogou meu único par de jeans preto no chão.

— Eu vim ver você, tola. É isso que os amigos fazem. Não é? Eles passam um tempo juntas. Conversam e tudo mais.

Eu não tinha certeza se éramos amigas. Nem mesmo tinha certeza de que gostava dela.

— Mmm-hmm.

A rainha do inferno puxou minha jaqueta curta de couro preta.

— Minha — disse ela, e então começou a tirar a dela e puxou minha jaqueta favorita sobre os ombros. Eu não podia fazer nada a respeito.

Lilith puxou o cabelo para fora da gola.

— Seu rosto é realmente perturbador, sabe. O que aconteceu? Eu realmente espero que aquele seu belo homem não tenha feito isso. Porque se ele fez... eu posso cuidar dele. É só dizer.

Levantei a mão e toquei meu rosto.

— Não — eu disse, estremecendo com a dor. — Marcus não fez isso. Ele nunca levantaria a mão para mim. Isso aqui foi a Allison.

— Allison? Acho que não nos conhecemos.

Soltei um longo suspiro.

— A ex dele.

Os olhos vermelhos de Lilith se expandiram, olhando para mim como se tivesse acabado de brotar um terceiro olho em minha testa.

— E você não conseguiu se defender? Deixou que ela batesse em você? O que há de errado com você?

— Eu não *deixei que* ela me batesse — falei, irritada. — Mas não tenho a coordenação entre mãos e olhos necessária para um combate individual. Estes — levantei os braços e balancei os tríceps — não foram feitos para nenhum tipo de atividade física.

Se eu tivesse minha magia, teria destruído Allison. Ela também sabia disso e tinha se aproveitado de mim.

A deusa franziu a testa e acenou com um dedo em meu rosto.

— Eu posso cuidar disso. Deixar você linda novamente.

Ela colocou uma mão no quadril.

— Não tão bonita quanto eu, é claro, mas um sólido oito. Você nunca será mais do que um oito.

— Você realmente tem jeito com as palavras.

Balancei a cabeça, sentindo uma súbita onda de cansaço.

— Obrigada, mas usarei meus hematomas com orgulho. Um

lembrete do que sou agora. *Regular*.

Lilith estremeceu como se eu tivesse dito algo nojento e saiu do meu closet.

— Por que alguém se contentaria com o normal quando você pode ser espetacular?

Levantei minhas sobrancelhas para ela.

— Ah, sim — disse Lilith. — A coisa sem magia.

Se havia algum arrependimento, não pude vê-lo em seu rosto.

— Bem. Faça como quiser. Mas não posso dizer que seu macho vai querer ir para a cama com você com uma cara dessas. Sem ofensa.

Eu a segui até a saída. Minha pulsação deu um solavanco quando mencionei Marcus.

— Bem, de qualquer forma, ele não vai se deitar comigo tão cedo. Ele se foi.

A deusa parou e se virou.

— Foi embora? Como assim, *foi embora*? Ele está te dando um pé na bunda?

Na verdade, ele estava, mais ou menos. Eu ainda estava impressionada com a habilidade da deusa com a linguagem moderna.

— Não tenho certeza. Talvez ele não possa ligar. Não sei. Minha tia Ruth acha que ele está na cidade de Nova York conversando com um lobisomem alfa. O alfa quer que Marcus assuma o controle de sua matilha.

— Interessante. Ele tem todas as qualidades maravilhosas para ser o alfa de uma matilha distinta. Com toda aquela força inigualável e sua deliciosa beleza.

Franzi a testa com suas palavras. Ela fez parecer que queria possuir ele.

Lilith foi até a minha cômoda e puxou uma gaveta. Ela a vasculhou e tirou uma calcinha com bolinhas azuis e brancas.

— Preciso levá-la para fazer compras.

Esfreguei os olhos, querendo que ela fosse embora.

— Sim, bem, talvez em outro momento. Tenho muito em que pensar.

— Eu sei onde ele está — disse a deusa ao fechar a gaveta.

Meu coração parou.

— Você sabe? Como?

Lilith levantou uma sobrancelha perfeitamente bem cuidada.

— Certo. A coisa toda da deusa. Eu entendo.

— Exatamente.

Lilith estudou meu rosto, seus olhos vermelhos brilhando com aquela malícia novamente.

— E... eu posso levá-la até lá.

Abri a boca para perguntar como exatamente ela faria isso e me

contive bem a tempo.

— Acho que... obrigada?

A deusa deu um sorriso para mim.

— A questão é — disse Lilith, — o que você vai fazer quando chegar lá?

Boa pergunta. Muito boa pergunta.

— Não faço ideia. Acho que vou ver quando chegar lá.

Eu me sentia desconfortável e estranhamente animada com a perspectiva de ver Marcus novamente. Será que ele ficaria feliz em me ver? Eu não fazia ideia. A última coisa que eu queria era constrangê-lo de alguma forma. Mas o cara me devia uma explicação. Ele não deveria simplesmente falar sobre nosso futuro juntos, de não guardar mais segredos, e depois sumir e esperar que eu não fizesse nada além de esperar? Eu achava que não.

Lilith me olhou por um momento.

— Vejo que você está ansiosa para ir.

Ela torceu o nariz e disse:

— Não vamos a lugar nenhum antes de você tomar banho. Seu cheiro é particularmente forte.

Então, tudo bem.

CAPÍTULO 8

Quando uma deusa disse que iria me *levar* para a cidade de Nova York, eu não tinha ideia de que ela estava falando no sentido *literal*. No sentido de me agarrar *fisicamente* pelo braço e me puxar por algum portal da deusa para viajar com ela.

Não muito diferente das vezes em que usei as linhas ley, senti uma sensação familiar de flutuação e velocidade, mas era diferente. Não tinha certeza se era porque eu era praticamente humano agora e, sem minha essência mágica, as viagens paranormais não eram mais o que eram antes. Ou era assim que acontecia se você não fosse um ser celestial. Eu estava indo com minha primeira suposição.

Meus ouvidos continuavam a estalar com a mudança de pressão enquanto meu estômago revirava e pesava. Engoli, tentando manter o conteúdo baixo e não sobre mim, ou pior, sobre Lilith.

Porque Lilith estava bem ali, ao meu lado, puxando-me pela mão, como se fosse uma mãe puxando seu filho mais novo para que o acompanhasse.

Quando finalmente chegamos ao nosso destino, meus pés atingiram o solo sólido, mas minhas pernas pareciam de borracha. Lilith soltou minha mão e eu caí de joelhos, minha cabeça girando como se eu tivesse acabado de pular de uma montanha-russa. Foi um milagre para nós duas o fato de eu não ter vomitado.

Verifiquei meu telefone. A tela mostrava 19 horas. Levamos pouco menos de um minuto para chegar à cidade de Nova York. A viagem de Deusa foi mais rápida do que as linhas Ley, como viajar de jato em vez de ir de econômica.

Antes de sairmos, tomei um longo banho quente e até tentei esconder meus hematomas roxos e verdes no rosto, na mandíbula e nas sobrelanceiras com um pouco de corretivo. Não ficou perfeito, mas parecia bom à distância, não tanto de perto.

Lilith e eu tínhamos discutido sobre "roupas apropriadas para atrair homens" quando decidi abandonar o jeans apertado e vestir um moletom com capuz.

— Meu corpo quer que eu use o moletom — eu disse a ela. — Ele está me implorando. Ele quer ser acalmado em um algodão elástico.

— Quem se importa com o que seu corpo quer? — questionou Lilith. — Suéteres são para mães que praticam esportes. Não para mulheres atraentes que querem chamar a atenção de homens

deliciosamente lindos. Você não quer que ele a deseje? Que arranque suas roupas para ver o que há por baixo?

— Não é bem assim. Se você acha que meu rosto está ruim, não é nada comparado ao meu corpo. Além disso, quero me sentir confortável. Não me importo se não for sexy.

Eu lhe dei as costas e peguei minha bolsa, minha maneira de dizer a ela que não se importasse com isso.

— Tudo bem. Mas não diga que eu não o avisei para ficar com a melhor aparência possível.

O que diabos isso quer dizer?

Meus tênis Converse batiam na calçada enquanto eu me dirigia ao Central Park. Uma brisa soprava ao meu redor, fazendo com que meu cabelo fizesse cócegas no meu pescoço esporadicamente. Prendi-o em um rabo de cavalo grosso e emaranhado e o amarrei com um elástico.

Vários carros estavam estacionados ao longo do Central Park North, bem próximo à entrada do parque. Olhei através dos portões e vi grandes árvores de carambola florescendo, com suas flores rosas e brancas, enquanto eu inalava seu doce aroma. As pétalas de suas flores cobriam a calçada como neve.

Além disso, um arco-íris de flores e folhas de todas as formas, tamanhos e cores me recebeu: tulipas, narcisos, lilases, lírios do vale e arbustos de azaléia que teriam ficado fantásticos na frente da Casa Davenport.

— E você tem certeza de que Marcus está aqui? — perguntei, parada ao lado do portão de ferro na entrada do Central Park.

Lilith colocou as mãos nos quadris e me deu um olhar pontudo, lembrando-me de Dolores. Assustador.

— Aqui — disse ela ao me entregar uma chave de prata que não estava em sua mão há um segundo.

— O que é isso? — Olhei para a chave com desconfiança. — Se for uma chave para alguma orgia secreta e subterrânea, estou fora.

Eu ri. A deusa não riu.

— Uma chave para minha casa na cidade. — Lilith agarrou minha mão e forçou a chave em minha palma. — Caso não possa ficar com o seu macho sexy, você terá um lugar para ficar até descobrir o que fazer.

Fiquei olhando para ela.

— Quem é você?

Lilith penteou uma mecha de cabelo ruivo para trás.

— A mulher mais linda que já existiu.

Agora ela parecia a Beverly. Se ela continuasse a fazer coisas assim, ajudando-me em situações difíceis, eu acabaria gostando da deusa. Eu não tinha certeza de como me sentia em relação a isso.

Mas, se eu fosse adivinhar, diria que Lilith estava se sentindo

culpada pelo que aconteceu comigo. Ela pode não ser capaz de devolver minha magia, mas estava tentando me ajudar à sua maneira.

— Monte-o com força, minha pequena mortal — disse Lilith enquanto dava meia-volta e caminhava pela calçada na direção oposta.

Balancei a cabeça.

— Ela é uma deusa estranha.

Pisquei os olhos, e então... ela desapareceu. Simplesmente sumiu.

Soltei um longo suspiro e atravessei a entrada do parque. Eu não tinha pensado muito bem no que diria quando encontrasse Marcus. Eu era uma stalker? Isso era perseguição? Sim, era mesmo. E, de alguma forma, não me senti nem um pouco culpada por isso. Um ano atrás, eu teria me sentido. Acho que Lilith estava me influenciando.

Lindos postes de iluminação de aparência antiga zumbiam e piscavam. No momento em que o sol tocava as copas das árvores, o céu brilhava com a cor das brasas de uma fogueira. Meu pulso acelerou enquanto eu seguia a trilha e subia até o North Woods. Marcus ficaria feliz em me ver? Será que ele ficaria irritado?

Que diabos estou fazendo? Comecei a questionar minha decisão de vir para cá. Parecia uma má ideia. Agora era tarde demais para voltar atrás. Eu já tinha feito a viagem. Uma viagem gratuita. Eu não tinha dinheiro para gastar em uma passagem de ônibus de volta ao Maine. Além disso, eu tinha perguntas urgentes que precisavam ser respondidas. Por exemplo, por que diabos Marcus estava no Central Park? Por que ele não podia pegar o maldito telefone e me ligar?

Com apenas cinco minutos de caminhada, ouvi a comoção.

Reduzi a velocidade para uma caminhada relaxada, com meus ouvidos em alerta máximo enquanto tentava entender todas as vozes. Passei por um carvalho antigo e nodoso que parecia um braço de gigante brotando do chão. Ao passar pela árvore, entendi o motivo.

Em uma brecha na folhagem, havia uma grande clareira do tamanho de um ginásio. A terra batida se espalhava na forma de um círculo. E ao redor do círculo havia uma mistura de caras nus.

Respirei fundo.

Homens nus por toda parte, pelo menos uma centena, de todas as idades e etnias, seus corpos rasgados com músculos protuberantes e brilhantes ao sol poente, fazendo com que sua pele parecesse estar em chamas. Embora tivessem idades diferentes, todos tinham algo em comum - eram todos ridiculamente musculosos como fisiculturistas experientes. O tipo de homem que vivia na academia. Por alguma razão, era realmente difícil parar de olhar para todas aquelas bundas duras como pedra.

Eu mencionei que *todos* eles estavam nus?

— É assim que é estar em uma das fantasias da Beverly —

sussurrei, com um sorriso idiota no rosto.

Eu examinei os homens. Não reconheci a bunda de Marcus em meio ao mar de bundas. Os homens se aglomeravam, nenhum deles era Marcus, pelo que pude ver.

De costas para mim, todos estavam concentrados no que estava acontecendo dentro do círculo. Curiosa, eu precisava me aproximar. Avistei alguns gorilas no meio da confusão, com sua pelagem escura e seu tamanho, um forte contraste entre os machos nus e de pele humana.

Meu ritmo diminuiu, engoli com força e me aproximei para ter uma visão melhor. Achei estranho o fato de eles estarem aqui, ao ar livre, daquele jeito. Qualquer humano poderia estar caminhando pela trilha e receberia uma rude visão do tipo pelado. Um grupo de homens nus na cidade de Nova York? Pode ser. Um grupo de gorilas? Talvez não.

Se essa era de fato a matilha de wereape da cidade de Nova York, onde estava Marcus?

Um rugido ecoou pela floresta, seguido pelo som de rosnados, o bater de punhos na carne e o som repugnante de pele rasgando.

Eu me aproximei ainda mais.

Alguns homens viraram a cabeça quando me aproximei, seus rostos não revelaram nada enquanto me olhavam de relance e voltavam para trás, como se estivessem olhando para uma não ameaça ou para um humano desajeitado e tropeçante. Os rostos que me olhavam de volta pertenciam a homens jovens, homens de meia-idade e homens que estavam claramente na casa dos cinquenta anos. No entanto, aqueles homens poderiam envergonhar qualquer jovem de vinte anos em termos de aparência e forma física.

Como eu disse, essa era uma das fantasias de Beverly.

Cheguei perto o suficiente do círculo de wereapes, mas esses caras eram tão grandes e altos que eu precisaria de uma escada para ter uma visão clara. Onde eu conseguiria uma escada no meio do Central Park? Eu não conseguiria. Então não consegui.

— Desculpe-me. Uma mulher pequena está passando.

Com cuidado, afastei alguns dos homens usando minhas mãos em seus bíceps duros e fazendo o possível para não esfregar acidentalmente em suas partes inferiores, pois isso seria estranho.

— Cuidado para onde você aponta isso, grandão — eu disse a um homem grande e de pele escura. Ele realmente era *um* grandão.

O ar tinha um forte cheiro de transpiração masculina, testosterona e dominância. Quando finalmente consegui atravessar a parede de homens nus, fiquei paralisada.

Dentro do grande anel de gorilas e wereapes humanoides havia dois gorilas. O pelo deles era quase todo preto, exceto pelas selas

prateadas nas costas e nos quadris. Gorilas de dorso prateado. Os pelos de minha nuca se eriçaram com a ferocidade de seus ataques, a força bruta com que batiam com os punhos e os impactos que teriam transformado um humano comum em geleia.

Era difícil ver qual dos dois era maior, e era ainda mais difícil ver qual dos dois era mais forte. Eles estavam se movendo muito rápido. Ambos eram gorilas de dorso prateado, e ambos eram enormes, com músculos protuberantes e bocas cheias de dentes.

No entanto, um dos gorilas prateados tinha uma característica distinta que eu conhecia muito bem. Eu reconheceria seus olhos cinzentos em qualquer lugar.

Marcus.

CAPÍTULO 9

Ok, então meu namorado estava no Central Park lutando contra outro wereape cercado por centenas de caras pelados. Minha vida não poderia ficar mais estranha. Poderia? Sim, ela sempre pode ficar mais estranha.

— Droga — murmurei, tentando não piscar para não perder nada. Eu estava igualmente animada e apavorada, possivelmente mais animada.

Enquanto eu olhava, pude ver que o outro dorso prateado tinha muito menos pelo cinza nas costas e nos quadris. Ele era quase todo preto, e eu o considerei um wereape mais jovem do que Marcus.

O gorila mais jovem - vamos chamá-lo de George - avançou sobre Marcus, flexionando os músculos do peito como se isso fosse assustador. Com um grande impulso de suas pernas traseiras, o jovem gorila saltou no ar em direção a Marcus.

O chefe lhe deu um golpe de pura frustração e bateu com o punho em sua cabeça. A cabeça de George se inclinou para trás e ele caiu no chão, com o corpo mole. Eu não tinha ideia se ele estava morto ou não. Não tive a chance de refletir sobre isso.

Em um segundo, ele estava no chão e, em seguida, foi puxado por dois dos espectadores nus.

E então outro jovem gorila entrou no círculo.

Ele era diferente. Seu pelo era preto com toques de vermelho e, pelo caldeirão, ele era enorme. Maior até mesmo que Marcus. Pelo menos alguns centímetros mais alto e mais encorpado. Ele ainda não era um torso cinza. Mas ou ele era um gorila anormalmente grande ou estava tomando esteroides.

O medo apertou meu coração. Eu ainda estava irritada com Marcus, mas não queria que ele tivesse sua cabeça esmagada por esse monstro vermelho.

— O Lucas vai dar uma surra no Marcus — disse o wereape masculino à minha esquerda, sorrindo como se estivesse assistindo a um jogo de futebol na TV e seu time estivesse ganhando.

— Ele não vai — rosnou outro wereape com a cabeça raspada. — Maior não é sinônimo de melhor.

— Isso é verdade — eu disse com uma risada.

O wereape à minha esquerda me encarou por um instante, tempo suficiente para que meu sorriso desaparecesse, e depois voltou seus

olhos para a luta.

— Aposto no Lucas — disse o mesmo wereape à minha esquerda. — Marcus nunca quis isso. Ele é a escolha errada para alfa. Mas Lucas está conosco desde que era um menino. É dele.

— Isso não significa que ele seja a escolha certa como alfa — comentou o outro e recebeu algumas concordâncias murmuradas de alguns dos wereapes. — A melhor escolha é aquela que não quer isso. Aquele que não busca poder e status. Um verdadeiro líder não quer o poder. Ele pode tê-lo, mas sempre coloca sua matilha em primeiro lugar.

Franzi a testa. Ele estava fazendo sentido. Não gostei disso.

O wereape à minha esquerda grunhiu.

— Lucas vai ganhar. Você só precisa assistir.

O outro wereape bufou.

— Veremos — disse ele e cruzou os braços gigantescos sobre o peito enorme.

Nesse momento, notei que Marcus e Lucas estavam em pé em lados opostos do círculo, esperando.

— O que eles estão esperando?

Eu disse antes que pudesse me conter. A última coisa que eu queria era que Marcus levasse uma pancada na cabeça. Uma parte tola de mim queria pular no círculo, agitando minhas mãos como uma pessoa louca. Isso deveria chamar a atenção deles. Conhecendo Marcus, isso o faria parar, mas também o deixaria constrangido.

— Esperando que o Zeke dê a ordem — disse o wereape à minha esquerda.

Segui seu olhar. Um wereape mais velho estava bem bem do outro lado. Seu cabelo branco era curto, deixando visível o couro cabeludo. Ele estava franzindo a testa, com a pele ao redor dos olhos e da boca enrugada e desgastada, como um homem que já passou por muitas estações. Ele estava de pé com os braços sobre o peito largo, com tatuagens tribais penduradas nos braços e no lado direito do peito. Ele era o wereape mais alto aqui. Era difícil adivinhar a idade de um wereape. Eu não sabia se eles envelheciam como os humanos ou se eram abençoados com longevidade como os vampiros. Mesmo assim, ele parecia ter cerca de sessenta anos, mas ainda estava em uma forma incrível. Ele estava de pé com uma postura confiante - um assassino, um homem no controle, um homem claramente no comando.

Então esse era o Zeke.

Sim. Ele também estava nu. Meus olhos viram o seu galho e os bagos antes que eu pudesse me conter. É difícil *não olhar* para algo quando você sabe que *não deveria estar* olhando para aquilo.

— Comece — rosnou Zeke, enquanto sua carranca se aprofundava.

De imediato, os dois gorilas se lançaram um contra o outro. Eu me

encolhi quando Marcus se esquivou do golpe de Lucas e levantou o punho, acertando-o na nuca do outro homem.

Lucas, o gorila, cambaleou e, por um momento, achei que ele cairia. Mas então ele se endireitou, mostrou seus dentes rasgadores de carne para Marcus e atacou.

O gorila mais jovem acertou Marcus na lateral e o chefe caiu para trás. Fiquei olhando em silêncio, horrorizada. Mas ele se levantou quase no mesmo instante, batendo seus grandes punhos contra as costas de Lucas, dois de uma vez, como uma enorme marreta. Lucas caiu de joelhos. Ele olhou para cima e uma careta feia distorceu o rosto do gorila mais jovem.

Em seguida, ele atacou.

Meu coração batia forte na garganta enquanto eu assistia a essa luta violenta e aterrorizante. Lucas bateu em Marcus como um ônibus urbano bate em uma parede de cimento, e os dois caíram no chão em um borrão de punhos, carne batendo, rosnados, sibilos, dentes rangendo e pelos escuros voando. Cada gorila batia com os punhos, entrando em uma histeria fervorosa de golpes. O chão sob meus pés estremeceu e tremeu. Cada soco esmagador fazia com que a bile subisse pela minha garganta e o medo me atormentasse.

O ar tinha cheiro de sangue, suor e animais. Eu não conseguia entender a ânsia que via compartilhada nos olhos dos wereapes que assistiam. Eu? Já estava farta desse concurso de marcação de território.

— Quando eles param?

Não perguntei a ninguém em particular.

— Quando qualquer um deles se render — respondeu o careca de antes.

— E se eles não o fizerem?

O careca se virou para mim.

— Então um deles morrerá.

— Ótimo. Simplesmente fantástico.

A briga me fez lembrar da vez em que fui procurar Marcus no acampamento de Allegheny Tionesta Creek. Eu havia testemunhado o mesmo tipo de ferocidade entre dois gorilas, um velho alfa que não queria se submeter e o alfa mais jovem que era claramente o próximo líder. Eu tinha ficado toda irritada e incomodada, muito parecido com agora.

É estranho como a vida se repete. Ou talvez fosse apenas eu.

Ouvi o assobio de Marcus perdendo o fôlego com um chute brutal de Lucas no peito. O gorila mais jovem e maior estava dando tudo de si, lutando com brutalidade primordial. O rosto de Lucas ondulava de raiva enquanto suas sobranceiras se juntavam e uma luz selvagem dançava em seus olhos azuis profundos. Era óbvio que ele queria ser o

alfa.

Marcus era diferente. Ele lutava de forma diferente. Mais controlado, mais organizado, como se cada movimento que ele fazia ou fazia, cada soco, cada chute tivesse sido planejado ou tivesse sido planejado, calculado.

Com um urro terrível, Lucas se lançou contra Marcus, com os braços balançando. Sem pausa, o chefe atacou. Os dois atacaram com uma ferocidade terrível, com os rostos transtornados e as mãos fechadas em punhos enormes, enquanto se batiam. Os ossos rangeram.

O público vibrou, entusiasmado com a perspectiva de um dos gorilas ser rendido ou até mesmo morto.

Cerrei os dentes enquanto observava.

— Isso é muuuito estúpido — eu disse em voz alta. Aparentemente, mais alto do que eu pensava.

Marcus, o gorila, ficou quieto e seus olhos cinzentos se fixaram em mim.

Oh, droga.

A confusão tomou conta de suas feições. Sua boca se abriu no que só poderia ser descrito como um choque total. Sim, ele não estava me esperando. Ops.

Um calor comparável ao da lava derretida percorreu minha pele. Dei de ombros e acenei para ele com o dedo.

— Oi.

E então o punho gigante de Lucas surgiu do nada e bateu na cabeça de Marcus.

O chefe cambaleou para trás e se ajoelhou. Lucas estava em cima dele em segundos.

O medo se alojou em minha garganta quando Lucas cortou o peito de Marcus com sua mão em forma de garra. O sangue encharcou o chão com respingos de vermelho.

— Marcus!

Eu gritei, bem alto dessa vez.

Mas então o grito de outra pessoa abafou o meu.

— Chega!

Zeke entrou no círculo de luta, com os braços estendidos enquanto os dois gorilas se soltavam. Eles ficaram a alguns metros de distância, ofegantes. Lucas estava de olho em Marcus, com os lábios repuxados em um rosnado, o corpo baixo e preparado para outra rodada de luta. Mas o chefe nem estava olhando para seu rival. Ele estava olhando para mim.

E o Zeke também.

— Quem é você?

O lobisomem alfa atravessou o ringue e veio até mim, com seu corpo musculoso saliente e suas partes masculinas balançando de um

lado para o outro. Eu estava no inferno.

— Uh... uh...

Como sempre, quando em situações difíceis, meu vocabulário melhorou muito. Meu cérebro era uma selva selvagem de balbucios surpreendentes.

Zeke agora estava a cerca de 30 centímetros de mim. Os outros wereapes se afastaram para dar espaço ao seu alfa, mas eu fiquei onde estava.

— Quem é você e como você conhece o Marcus?

Puxa vida. O fato de ter o traseiro desse homem grande, nu e possivelmente zangado tão perto de mim estava me distraíndo seriamente. Esqueça. Todos esses cem ou mais homens estavam me distraíndo.

— Essa é a Tessa.

Olhei por cima do ombro de Zeke e vi Marcus, de volta à sua forma humana, caminhando até nós. Seu rosto estava apertado de preocupação, e vi algo como culpa em seus olhos. Ou arrependimento? Ele tinha um corte grande e sangrento no peito, mas não parecia estar incomodando muito.

O olhar de Zeke era duro e, a julgar pela curva descendente de sua boca, ele não estava feliz em me ver.

— Você não deveria estar aqui.

Eu levantei uma sobrancelha.

— Você não deveria estar pelado, balançando seu bastão de trovão e seus bagos balançando no Central Park, mas quem está julgando.

Marcus agarrou meu braço e me puxou para mais perto, batendo-me em seu peito duro.

— Tessa. O que está fazendo aqui?

— Procurando carrapatos? O que você acha? Eu estava preocupada. Vim procurar por você.

Percebi então que minha presença aqui provavelmente não era boa para a imagem dele. O fato de não haver outras mulheres aqui me disse que esse era um clube só para meninos e que eu tinha acabado de estragar a festa deles.

O maxilar do chefe se contraiu. Seus olhos cinzentos examinaram meu rosto, e os cantos se contraíram de preocupação.

— O que aconteceu com seu rosto?

A pontada em meu peito se transformou em uma dor física com a preocupação real em sua voz. Pensei em contar a ele o que Allison havia feito comigo, mas agora não era o momento certo.

— É uma longa história.

— Mas como você sabia onde me encontrar?

— Lilith me trouxe aqui.

Diante da carranca em seu rosto, acrescentei:

— Fiquei preocupada quando você não respondeu às minhas ligações ou mensagens. Senti-me estranhamente incomodada com o fato de todos os wereapes estarem ouvindo nossa conversa particular.

— Eu tirei o telefone dele — respondeu Zeke antes que Marcus tivesse a chance. — Eu não queria que nada distraísse Marcus.

Eu não tinha certeza se gostava desse Zeke.

— Gostaria que você tivesse me dito aonde estava indo antes de me deixar com a Barbie Gorila — eu disse a Marcus.

— Eu não tinha planejado ficar. Não era para isso acontecer.

— Você não é nosso parente.

Zeke se aproximou mais, o que significava que seu traseiro masculino estava ainda mais perto. Suas narinas se dilataram quando ele sentiu meu cheiro. Meu rosto se contraiu quando me lembrei de que não havia colocado desodorante.

— Ela não tem o cheiro de nenhum paranormal que eu conheço, mas ela viu através do glamour o suficiente para encontrar você.

Eu estava lá. Se essa área foi embaçada para manter os humanos afastados, como eu poderia vê-los se minha magia tivesse acabado?

— Eu era uma bruxa.

Sim, isso soou muito ruim. E as risadas que vinham dos wereapes ao redor não ajudavam.

Zeke olhou para trás de mim, como se estivesse procurando minha vassoura ou algo assim.

— Você *era* uma bruxa, mas não é mais uma bruxa?

— Algo assim.

— Esta é Tessa Davenport, de Hollow Cove — anunciou Marcus para os que o cercavam. — Uma bruxa da minha cidade. E minha namorada.

Os wereapes se enrijeceram, e era quase como se estivessem congelados no lugar.

Zeke, porém, não estava.

Seu rosto se enrugou em desdém.

— Não por muito tempo, ela não será. Quando você assumir o controle da minha matilha, encontrará uma companheira adequada. Uma fêmea wereape para ficar ao seu lado enquanto você governa. É assim que as coisas são feitas. Você pode transar com essa... ex-bruxa por enquanto, mas vai se casar com uma wereape.

Oh. Meu. Deus.

Ok, eu poderia começar a chorar muito ou tomar uma atitude. Escolhi tomar uma atitude.

— Escute aqui, seu grande brutalmente — eu disse, apontando o dedo na cara dele.

— Não me importa quem você é ou o tamanho que tem. Não me importo nem mesmo com o fato de que suas partes estão praticamente

se esfregando em mim neste momento. Ninguém fala assim de mim.

Marcus gentilmente empurrou minha mão para baixo e a usou para me puxar de volta para o seu lado. Ele tinha um sorriso estranho e orgulhoso no rosto. Seu corpo se encostou ao meu, tão quente, e seu delicioso aroma almiscarado fez meus hormônios de mulher dispararem.

O olhar do chefe se voltou para o alfa.

— Eu já lhe disse antes, Zeke. Não acredito nessas tradições.

Sua voz estava perigosamente baixa. Os músculos ao redor de seus ombros se sobressaíram, e eu sabia que ele estava ficando com raiva.

— Vim aqui por respeito a você e ao meu pai. Eu lhe disse que ajudaria a encontrar seu novo alfa. Isso é tudo. Tessa é minha companheira, e você a respeitará.

Sua companheira.

Uma poça de calor se instalou em minhas entranhas com suas palavras. Mais tarde, faríamos todo tipo de *acasalamento*.

Todas as minhas emoções e incertezas anteriores em relação ao chefe desapareceram. Parte de mim queria passar os dedos em seus gloriosos cabelos negros e despenteados e puxar seu rosto para o meu, para que eu pudesse beijá-lo ali mesmo, na frente de todos aqueles homens nus.

Os olhos do alfa dançavam com um fogo perigoso. Ele olhou para mim por um momento, como se eu fosse a única coisa entre ele e Marcus. Talvez eu fosse.

— Tudo bem. Mas ela nem devia estar aqui.

Sua voz não tinha sinceridade, e eu sabia que ele estava dizendo aquilo apenas para manter Marcus sob controle com sua agenda. A única verdade em suas palavras era que ele queria que eu fosse embora.

— Você não pode mais mentir para si mesmo, Marcus — continuou Zeke. — Você é o alfa legítimo. Ninguém o derrotou.

— Ainda assim. Lucas ainda me deve uma luta. Vou continuar lutando até que você faça sua escolha.

De acordo com o brilho nos olhos de Zeke, era óbvio que ele já havia feito sua escolha.

Peguei a mão de Marcus, e as palavras de Ruth voltaram à minha mente. Eu sabia que essa era a maneira de Zeke tentar fazer com que Marcus se tornasse o novo alfa da matilha. Eu nunca teria pensado que Marcus estaria envolvido nisso até ver com meus próprios olhos. A maneira como ele impunha respeito sem nem mesmo pedir por isso. A maneira como ele lutava, como cada movimento era estratégico. Ele era um rei, um rei sem coroa.

Meu coração palpitava com o que eu iria dizer em seguida.

— Você vai ficar. Não vai?

Se fosse só eu, eu o pegaria e o arrastaria pela mão para fora do parque. Obviamente, eu teria que encontrar algumas roupas para ele primeiro. Não que eu me importasse com esse homem sexy andando por aí em sua deliciosa nudez, mas o resto dos nova-iorquinos poderia se ofender. Os homens, é claro. E eu provavelmente teria que lutar para passar por algumas mulheres excitadas também. Sorri ao pensar nisso.

O chefe apertou minha mão e depois a soltou.

— Tenho que ficar — disse ele, seu hálito quente acariciando meu rosto quente.

Fiquei olhando para ele.

— Tem que ficar?

Repeti, tentando fazer com que as palavras se encaixassem.

O sorriso de satisfação no rosto de Zeke fez minha pressão sanguínea ferver, o calor subiu ao meu rosto e eu me senti uma completa idiota.

— Não posso ir embora. Não agora.

Marcus suspirou pelo nariz.

— É complicado. Mas tenho de levar isso até o fim.

Percebi então o quanto isso, seja lá o que for, era importante para ele. O respeito de todos esses wereapes fortes. Ser o alfa. Ser aquele que está no comando.

Olhei em volta e vi o que estava refletido em todos os rostos: respeito.

Todos menos um. Um macho grande, ridiculamente musculoso e ruivo, que eu sabia ser provavelmente o Lucas, ainda estava olhando para o Marcus como se quisesse brigar com ele. Mas todos os outros estavam olhando para Marcus como se ele já fosse o alfa deles. Seu rei.

Eu me senti uma tola. Ninguém em sã consciência gostaria de tirar isso de seu parceiro. Isso seria incrivelmente egoísta. E se Marcus fosse a escolha certa? E se esse fosse seu verdadeiro caminho? Era incrível de se ver, de se testemunhar. Talvez Marcus devesse liderar esse grupo.

E como o Zeke disse. Eu era uma distração.

Eu sabia que se ficasse mais tempo, minhas lágrimas me trairiam. Eu ainda estava de pé com minha postura, mas por quanto tempo? As palavras também não viriam. Se eu abrisse a boca, minhas emoções me enganariam. Eu não queria me desmanchar na frente de todos aqueles caras nus. Já tinha sido humilhada o suficiente.

Eu não tinha certeza do que esperava, mas não era isso. E eu não ficaria no caminho de alguém que poderia alcançar a grandeza.

— Tessa... — sussurrou Marcus, sua respiração fazendo cócegas em meu pescoço. A mágoa na voz de Marcus foi quase a minha ruína.

Foi horrível. Horrroso como a Carrie na formatura coberta de sangue de porco.

Engoli o nó na garganta, dei meia-volta e voltei para a trilha pelo caminho que havia percorrido, com os pés rígidos.

Eu estava indo para casa sozinha.

CAPÍTULO 10

Era a manhã de Beltane, a celebração mágica do auge da primavera. Aqui, as bruxas de Hollow Cove realizavam rituais e feitiços para proteger os habitantes da cidade e nossas plantações e para incentivar o crescimento.

O encontro anual era mais uma desculpa para reunir todas as bruxas e fofocar com bebidas e boa comida. E, é claro, as bruxas de Davenport eram as anfitriãs.

Eu não havia dormido muito nos últimos dias e a noite passada não foi melhor. Embora eu tenha dormido em minha própria cama, graças a Lilith, foi mais um momento de olhar para o teto e relembrar os acontecimentos do dia do que de tirar uma soneca de verdade.

O condomínio de Lilith ficava a quinze minutos de caminhada do Central Park, e consegui encontrá-lo sem me perder, o que foi um milagre, pois mal me lembrava de como havia chegado lá. Tudo era um borrão enquanto eu me afastava de Marcus.

Eu andava como se estivesse atordoada, mais como um caso de negação maciça. Minhas pernas pareciam gelatina, mas ainda assim consegui chegar à casa da deusa. Não era tanto o fato de Marcus não ter voltado comigo, mas eu tinha a sensação de que ele não voltaria. Seu lugar, seu verdadeiro lugar, era com a matilha de wereapes de Nova York.

Eu odiava admitir isso, mas Marcus parecia ser o alfa perfeito para aquela matilha. Ele encaixava no papel. Isso era óbvio para qualquer pessoa com um cérebro e um par de olhos. Eu só não queria aceitar isso.

Eu não tinha dúvidas de que, se ou quando Marcus se tornasse o novo alfa, ele me pediria para me mudar para a cidade de Nova York com ele. Obviamente, isso significaria o fim de seus dias como chefe em Hollow Cove. Mas eu não tinha certeza se esse era o melhor curso de ação para mim.

Depois de tanto tempo, finalmente senti que havia encontrado o meu verdadeiro lugar, que era Hollow Cove. Não necessariamente morando em Casa Davenport, mas naquela cidade peculiar, com um prefeito maluco que se vestia como se ainda vivesse nos anos 60 e onde todos sabiam dos assuntos de todos. Eu não tinha certeza se estava pronta ou se queria abrir mão disso. Isso me manteve acordada a maior parte da noite, logo após Lilith ter me levado de volta ao meu

quarto.

— Você ainda está uma horrível — disse a deusa. Eu mal havia tocado a chave no buraco da fechadura de seu condomínio quando a porta se abriu.

— Sempre tão agradável e cuidadosa com meus sentimentos — falei, imaginando se estar ali era um erro. Talvez eu devesse ter me arriscado com um ônibus de volta ao Maine. Eu usaria meu cartão de crédito se fosse necessário.

A deusa se apoiou no batente da porta, com seu roupão de seda vermelha sobre seu corpo curvilíneo.

— Ele decidiu ficar? Bem, não posso dizer que estou surpresa. Sua expressão diz que ele te deixou. Ele te abandonou?

Seus olhos se arregalaram com a perspectiva.

— Então, ele está na pista? Posso pular nele? — ela acrescentou com um sorriso picante.

Franzi a testa para a deusa, desejando ter um pouco da minha magia para poder queimá-la na hora, embora eu duvidasse seriamente que conseguiria, mesmo com magia.

— Não.

Bem, acho que não.

— Eu só... não sei o que estou fazendo aqui. Só quero ir para casa e ficar sozinha por um tempo.

Eu precisava pensar sobre minha vida e o que eu precisava fazer. Eu precisava de um plano.

— Entre.

Sentindo como se meu corpo e minha mente fossem duas entidades separadas, entrei.

Lilith fechou a porta atrás de mim.

— Tão ruim, não é?

— Não é ruim... mas não é o que eu estava esperando.

— Um grupo de homens fabulosamente musculosos e nus em seu auge, todo aquele suor, aquela raiva animalesca, aquele poder... é o sonho de uma mulher.

— É mais parecido com o da Beverly, mas não com o meu. Por que não me disse o que eles estavam fazendo?

Lilith sorriu e foi até seu sofá de couro branco.

— Eu não queria estragar a surpresa — disse ela ao se sentar, parecendo positivamente satisfeita consigo mesma. — Surpresa.

— Bem, fiquei surpresa. Você venceu.

A deusa enrugou a testa.

— Não seja tão chata. Eu a ajudei. Não foi? Não é minha culpa que você tenha se apaixonado por um wereape. Um que já tem as características certas para ser um alfa. É a fera que existe nele. Você não pode competir com a fera. É por isso que você nunca deve se

apegar demais a nenhum metamorfo. Você pode cavalgar na fera. Você transa com eles e depois vai embora. Isso sempre funcionou para mim.

Esfreguei os olhos, sentindo uma onda de cansaço pairar sobre mim e me puxar para baixo.

— Ele só está lá para ajudar o alfa atual a encontrar um novo substituto.

A deusa riu, o que deixou meus dentes em frangalhos.

— Você não acredita seriamente nisso, acredita? Encare os fatos, Marcus é um alfa, quer você goste ou não.

Ela me pegou.

— Não posso falar sobre isso agora. Estou muito cansada.

Lilith se levantou.

— Então vou mandar você para casa.

E foi assim que acabei na minha cama dois segundos depois, correndo para o banheiro para vomitar.

Quando descii as escadas, o doce aroma das flores chegou até mim como se eu tivesse acabado de entrar em uma floricultura. Entrei na cozinha e parei.

Uma coleção de narcisos amarelos, margaridas amarelas e lírios estava espalhada sobre a mesa da sala de jantar e a ilha da cozinha.

— Uau. São para esta noite?

Peguei um lírio e inalei seu aroma rico e doce.

— Para a comemoração desta noite.

Ruth se virou do fogão, radiante, com uma coroa amarela de margaridas repousando no topo de sua cabeça.

— Estamos fazendo guirlandas de flores, coroas e colares. Todo mundo na comemoração tem que ter uma flor amarela.

— Até o Hildo — eu disse ao ver o gato sentado no balcão, com os olhos apertados e parecendo irritado. Deve ter sido por causa da grande coleira de narcisos e margaridas enrolada em seu pescoço.

— Você também pode comê-las, se quiser — disse Ruth, e então decidiu que eu precisava de uma demonstração. Ela arrancou a cabeça de uma margarida e a enfiou na boca enquanto seus olhos se arregalavam. — Que delícia. Tem gosto de mel. Quer experimentar? Ela tirou outra margarida de sua coroa.

— Estou bem. Obrigada.

Minha tia Ruth estava em seu momento. Ela era tão fofa e feliz. Minha tia Ruthy era só raios de sol e arco-íris, e eu precisava de todos os raios de sol que pudesse ter em minha vida neste momento.

O telefone tocou no corredor.

Ruth limpou as mãos em seu avental.

— Eu vou atender. Estou esperando uma entrega de nozes de gnomo.

Sorrindo como uma menina em seu décimo aniversário, Ruth saiu correndo da cozinha, com os pés fazendo barulho ao bater no piso de madeira.

Eu não tinha certeza se aquilo era algum tipo de fruta rara ou nozes de gnomos. Conhecendo a Ruth, provavelmente eram as últimas.

— Todas essas flores me fazem lembrar da época em que eu estava em um prado com Ted Murphy — disse Beverly, sentada à mesa, enquanto enrolava algumas flores na tela de arame de uma coroa de flores. — Estávamos pelados. A única coisa entre nossos corpos suados, duros e escorregadios eram flores silvestres.

Ela parou o que estava fazendo como se estivesse recordando uma lembrança.

— Não há nada mais refrescante do que sexo na natureza.

— Parece um filme pornô barato — reclamou Dolores, sentada em frente a ela e trabalhando no que parecia ser um intrincado colar com margaridas, lírios e narcisos.

Beverly olhou para a irmã.

— Você só está dizendo isso porque o único sexo selvagem do qual já participou foi quando assistiu no canal National Geographic.

O-kay.

O rosto de Dolores escureceu dois tons, sua mandíbula se apertou quando três lírios esmagados caíram no chão a seus pés. Algumas coisas eu simplesmente não queria saber.

Beverly sorriu com sua vitória. Ela chamou minha atenção e piscou como se tivéssemos vencido ou algo assim.

— Não consigo nem contar quantos lugares diferentes já fiz sexo. Banheiros de avião. Elevadores. Cinema. Uma cabine telefônica - embora com muito cuidado. Cadeira do dentista. No carro, durante a lavagem automática. Uma vez, até na casa funerária. O que posso dizer? É porque sou linda. Se ao menos eu pudesse fazer algo para me tornar menos bonita e irresistível para os homens.

— Conheço alguns feitiços que poderiam te ajudar com isso — murmurou Dolores.

Beverly olhou para a irmã com um olhar que dizia que ela não tinha medo do que Dolores poderia lançar contra ela, ou talvez apenas que sua beleza era tão poderosa que nenhum feitiço poderia afetá-la, como um escudo.

Ruth voltou para a cozinha, fazendo cara feia e murmurando as palavras:

— Operadores de telemarketing... arrumem um emprego de verdade.

— Quem estava falando ao telefone, Ruth? — perguntou Beverly.

— Pessoas estúpidas do telemarketing — respondeu Ruth, com a testa franzida. — Algo sobre potes de Nutella por semana ou algo

assim? Essa é a terceira vez que eles ligam. Há algo errado com a conexão. Mal consigo ouvi-los.

Eu sorri.

— Se for grátis, diga a eles para enviarem. Eu adoro Nutella.

Eu comeria um pote inteiro de Nutella agora mesmo, e nem me sentiria culpada por isso.

Ruth arrancou outra margarida de sua coroa. Em vez de comê-la, ela passou a esfregar a cabeça amarela da margarida em seu rosto, deixando marcas de pólen amarelo. Ela me viu olhando para ela.

— É muito bom para a pele.

— Ah.

— Não preciso fazer isso.

Beverly levantou o queixo e sorriu para nós.

— Minha pele é naturalmente vibrante e exala sensualidade.

Dolores soltou um suspiro.

— Então beleza, Neutrogena.

Ruth me entregou sua margarida achatada, com os dedos manchados de pólen amarelo.

— Você quer tentar?

Eu sorri.

— Agora não. Obrigada.

— Tessa. Não se esqueça da fogueira hoje à noite — anunciou Dolores, olhando para mim por cima de seus óculos de leitura enquanto colocava a última flor em seu colar.

— Todas as bruxas da cidade estarão aqui.

Tecnicamente e tradicionalmente, essa era uma celebração de bruxas. Se eu não era mais uma bruxa, não tinha nada que estar ali.

Percebi que minhas tias estavam sendo muito cuidadosas para não falar sobre Greta e o que aconteceu comigo durante os testes. Era quase como se elas pensassem que eu poderia ter um colapso ou algo assim. Eu ainda não estava nesse nível.

No entanto, meu coração não estava nessa comemoração esta noite. A Iris teria adorado participar das festividades. Meu peito se apertou ao pensar em Iris e Ronin.

Coloquei o lírio de volta na pilha.

— Alguma notícia do Centro Médico Lua Cheia?

A culpa corroeu minhas entranhas como se eu tivesse um pequeno gremlin lá dentro, mastigando as paredes do meu estômago.

Dolores encontrou meu olhar.

— Nada até agora. Mas não se preocupe. Ela está recebendo os melhores cuidados. Eu posso garantir. Não há lugar melhor para ela do que o Lua Cheia.

— Ela estará em casa em breve — acrescentou Beverly, sua voz soando um pouco aguda e falsa, como se ela realmente não acreditasse

nisso.

O fato de não termos recebido nenhuma notícia do centro não me agradou muito.

Peguei meu telefone e toquei o nome do Ronin. Depois do quinto toque, o telefone foi para o correio de voz. Sim, ele estava me ignorando. Mesmo que eu ligasse centenas de vezes e ele desligasse na minha cara ou mandasse para o correio de voz, eu continuaria ligando até obter uma resposta.

Enquanto eu colocava o celular de volta no bolso, Ruth se virou e inspecionou meu rosto.

— Você ainda está machucada, mas seu rosto está parecendo muito menos com uma batata podre do que ontem. Isso é uma boa notícia. Nossos corpos são realmente notáveis na cura.

Eu sorri.

— Obrigada, Ruth. Eu precisava me animar um pouco.

— Por quê? — Ruth perdeu um pouco de seu sorriso. — Você teve notícias de Marcus?

Fui até a máquina de café e me servi de uma xícara nova.

— Tive. Você estava certa. Ele está na cidade de Nova York.

Batendo na cabeça de alguns wereapes.

Beverly girou em seu assento, de modo que ficou de frente para mim.

— Parece ruim.

— Parece terrivelmente ruim — concordou Dolores e tirou os óculos de leitura do rosto.

Beverly deu uma olhada na direção da irmã e disse:

— Parece uma boa história.

As duas bruxas largaram o trabalho e se juntaram a mim na máquina de café.

— Conte-nos tudo. Não esconda nada — ordenou Beverly, com o quadril apoiado no balcão. Seus olhos verdes brilhavam com a promessa dos problemas de outra pessoa.

— Quero todos os detalhes interessantes.

Relutantemente, contei a elas todos os detalhes horríveis de minha humilhação total quando Marcus decidiu ficar com a matilha de wereape em Nova York. Dolores teve a gentileza de evitar que seu rosto demonstrasse qualquer emoção. Beverly não parava de soltar "oohs" e "aahs" e se abanava quando eu chegava à parte com todos os wereapes nus, bem musculosos e bem dotados. Ruth não disse uma única palavra. Ela não precisava. Seu rosto continuava se contorcendo. Suas feições expressivas pareciam ter sido ditas em voz alta. Ela sentia pena de mim.

— Diga-me novamente quantos homens nus estavam lá — implorou Beverly pela terceira vez.

— Cerca de cem.

Beverly deu um tapinha em sua coxa.

— Não acredito *que* perdi isso. É como uma das minhas muitas fantasias de ser a única mulher em um mar de homens nus e musculosos que todos me desejam.

Eu sabia disso.

Dolores colocou o punho no quadril.

— Então ele decidiu ficar com a matilha. Interessante.

— Interessante? — disse Beverly, parecendo incrédula. — É trágico. Ele a abandonou.

Eu me encolhi por dentro com suas palavras. Não queria admitir, mas era assim que estava começando a me sentir.

Dolores acenou com a mão livre na direção de Beverly.

— Não vamos tirar conclusões precipitadas. Vamos examinar as circunstâncias — disse ela e começou a andar de um lado para o outro na cozinha. — Sabemos que esse tal de Zeke quer Marcus como o novo alfa. Mas Marcus não aceitou. Ele disse que tinha de ficar para ajudar o alfa a escolher o próximo na fila para o trabalho, como na triagem.

Pisquei os olhos.

— Acho que sim.

— Todos nós sabemos que Marcus é um homem de palavra, um homem íntegro, — continuou Dolores. — Ele não abandonaria suas responsabilidades como chefe de Hollow Cove.

— A menos que ele tenha recebido uma oferta melhor — disse Ruth, torcendo o avental nas mãos, seu gesto habitual quando estava nervosa ou estressada.

Eu a olhei nos olhos e depois desviei o olhar. Isso fazia muito sentido. Para um wereape, bem, pelo que eu havia aprendido, ser um alfa seria o emprego dos sonhos. O trabalho definitivo. Como ser o CEO de uma grande empresa.

Dolores se virou para mim.

— Como Marcus estava?

Eu sorri.

— Incrível — respondi com uma risada, sorrindo ao lembrar de seu físico fantástico.

— Como um deus grego. Não, melhor.

Beverly riu e me deu um toque de mão.

Dolores fez um som de desaprovação em sua garganta.

— Não, quero dizer, como estava o estado mental dele? Ele parecia honrado em ajudar o alfa, ou parecia... confuso... tentado a assumir esse novo papel?

— Ele parecia tentado.

Eu não ia mentir. Foi exatamente isso que vi em seus olhos.

— Então temos que dissuadi-lo — disse Ruth, dando um puxão de desafio em seu avental.

— Como? — perguntou Beverly. — É como pedir a ele que recuse um aumento. Ninguém jamais recusa um aumento. Quando muito, você pede mais.

As sobrancelhas de Ruth se enrugaram enquanto a confusão adornava seu rosto.

— Marcus está recebendo um aumento?

— Está tudo bem, Ruth — disse Dolores. — Você só tem má sorte quando está pensando.

Ruth a encarou.

— Seu rosto faz filhotinhos chorarem.

Mordi a parte interna de minha bochecha para não rir. Mesmo quando eu estava no meu pior momento, minhas tias sempre pareciam me fazer rir. Isso era família.

— E esse tal de Zeke? — perguntou Beverly, enquanto se dirigia à máquina de café e se servia de uma xícara. — Não acredito que ele pegou o celular do Marcus. Que descaramento desse cara de pau.

Dolores estava balançando a cabeça.

— Pior que o Marcus deixou.

Olhei para o meu próprio café. O que Dolores disse era verdade. Marcus poderia ter impedido Zeke de pegar seu telefone.

Mas ele o deixou.

Ele poderia ter pedido um telefone a outra pessoa.

Ele também não fez isso.

Eu não tinha certeza se isso era uma grande pista de como Marcus estava se sentindo em relação a toda essa coisa de alfa, mas com certeza me fez sentir pior e mais insegura.

No meu peito parecia que um Dogue Alemão estava sentado sobre ele. Se Marcus assumisse a posição de alfa, e se eu me juntasse a ele em Nova York... era isso que eu estaria perdendo. Minha família. Eu não tinha certeza se estava disposta a me separar delas.

Eu não diria que a ideia de ir morar com Marcus não passou por minha cabeça milhares de vezes - provavelmente mais. Mas eu não tinha certeza se estava pronta para me mudar da cidade, para longe de minhas tias, minha mãe e meu pai.

Meu pai.

Meu único vínculo com ele era esta casa. Se eu me mudasse agora... eu perderia isso também, e eu tinha acabado de começar a ter uma relação com ele.

Por falar no meu demônio progenitor, eu tinha que falar com ele. Eu não estava desistindo da minha magia ainda, não enquanto houvesse uma chance, embora muito pequena, de recuperá-la.

Mas eu tinha que fazer isso hoje à noite, durante a fogueira,

enquanto todos estavam ocupados aproveitando as festividades. Porque se elas soubessem do esquema que eu estava planejando para recuperar minha magia com a ajuda do meu querido papai, elas tentariam me impedir.

Sim, era perigoso. Insano. Somente uma pessoa louca estaria disposta a tentar.

Ainda bem que eu era louca o suficiente.

CAPÍTULO II

Fiquei parada diante da porta do porão, com o coração tentando atravessar o peito. Os sons de vozes felizes, risadas e música passavam pela janela aberta da cozinha. O cheiro de lenha queimando fazia cócegas em minhas narinas. A luz se acendeu na escuridão do lado de fora, e as chamas da fogueira subiram ao céu noturno, iluminando parte do vasto terreno.

Pela janela, um grupo de pessoas dançava em trajes coloridos. Suas capas, mantos, túnicas de verdes profundos, azuis e vermelhos e corpetes de couro pareciam ter saído diretamente de uma feira medieval. Os bruxos e bruxas aplaudiam e riam com bebidas nas mãos e coroas de flores amarelas na cabeça.

Eu sorri. Se os convidados de minhas tias já estavam dançando ao redor da fogueira com suas flores amarelas, era uma festa vencedora.

Voltei minha atenção para a porta do porão, mas uma batida chamou minha atenção de volta para a janela.

Ruth acenou para mim do lado de fora da janela aberta da cozinha. E sim, pelo que pude ver, seu rosto tinha duas longas manchas amarelas por ter esfregado aquela margarida mais cedo. Ela usava um vestido verde-sálvia com mangas bufantes adornadas com margaridas, lírios e narcisos costurados no vestido. Acima de sua cabeça havia um chapéu verde pontudo, com a borda decorada com as mesmas flores.

— Tessa. Você tem que sair! Está muito divertido. Todos estão aqui. Oh. Paris e Harry querem conhecê-la. Eles são bruxos de fora da cidade. Contei a eles tudo sobre você.

Empolgante.

— Talvez mais tarde.

Ruth perdeu um pouco de seu sorriso.

— Você está bem?

— Estou muito bem. Simplesmente ótima.

Ruth juntou as mãos com entusiasmo.

— Alguns de nós vamos ficar nus mais tarde e dançar em volta da fogueira. Não é maravilhoso?

Engraçado como Dolores não mencionou que algumas das bruxas poderiam estar como vieram ao mundo. Não tenho certeza de como me sentiria ao ver minhas tias ou outras bruxas aqui em Hollow Cove nuas. Às vezes, não dá para deixar de ver certas coisas.

— Claro. A propósito, você está ótima — falei, querendo desviar a

conversa da possível nudez.

Os olhos de Ruth se iluminaram.

— Obrigada. Hoje sou uma bruxa das flores.

— Tessa?

Minha mãe se juntou à minha tia na janela. Ela usava um vestido azul meia-noite, com um corpete justo e renda nas bordas. Seu cabelo estava empilhado no topo da cabeça em um intrincado desenho de tranças. Joias adornavam sua garganta e orelhas, e sua maquiagem era perfeita. Ela estava linda.

— O que está fazendo? Venha. Você está sendo rude.

— Onde está o colar de flores que fiz para você? — perguntou Ruth.

Minha mãe revirou os olhos.

— Não vou usar esse ninho infestado de insetos em meu pescoço.

Suspirei.

— Agora veja quem está sendo rude.

Minha mãe suspirou mais alto.

— Não. Você ainda está sendo rude. Saia agora mesmo e se junte aos seus convidados.

Afastei meus olhos da janela.

— Isso é como um pesadelo.

— É como um sonho — animou-se Ruth. — É só esperar e ver. E depois da meia-noite, todos nós iremos ao Starry Pond para um mergulho.

Quando me voltei para a janela, tanto Ruth quanto minha mãe haviam desaparecido. Eu sabia que era melhor fazer isso agora, antes que elas voltassem. Ou pior, que me arrastassem para participar da festa.

Determinada, abri a porta.

— E se isso não funcionar?

Eu ainda não havia chamado meu pai, não desde que minha magia foi retirada. Eu não tinha certeza se ainda conseguia fazer essa conexão. Talvez apenas as bruxas pudessem fazer o portal da Casa Davenport para o Mundo Inferior funcionar.

— Uma maneira de descobrir.

Respirei fundo.

— Pai? Preciso falar com você.

Esprei, meu coração batendo um pouco mais rápido.

Dois minutos se passaram e ainda não havia sinal do meu pai.

— Pai? Você está aí?

Cinco minutos e nada.

Esfreguei as têmporas. O medo me apertava as entranhas. Era isso. Eu não podia mais chamar meu pai. Fiquei olhando pela janela da cozinha, imaginando se poderia pedir a Ruth para fazer isso por mim,

pois sabia que ela não me faria perguntas.

— Tessa?

Eu me encolhi. Meu pai estava de pé na soleira do porão.

— Não me assuste assim. Por que você não está nas festividades de Beltane?

Meu pai usava um belo paletó bege com calças combinando e uma camisa branca bem passada. Seus cabelos grisalhos e sua barba estavam bem aparados perto de sua pele clara. Imaculado como sempre. Seus olhos prateados brilhavam com intensidade, mas quem o conhecia também via malícia. Foi de onde eu tirei isso.

— Funcionou — eu disse, espantada.

— O que funcionou?

— Nada. Hum. Ouça, tenho algo a lhe perguntar.

Meu pai me olhou quando entrou na cozinha.

— Por que tenho a sensação de que vou odiar isso?

Ele estava certo, então decidi começar com o favor mais fácil de pedir.

— Eu preciso - eu gostaria que você pegasse o Derrick e fizesse com que ele me devolvesse minha magia.

Pronto. Eu tinha dito isso. Agora eu só precisava esperar.

— Você sabe, não é?

Meu pai demônio soltou um suspiro enquanto apoiava as costas na ilha da cozinha, de frente para mim. Ele puxou as mangas de sua jaqueta.

— Não é tão simples assim.

— Não diga. Eu já tentei.

A raiva brilhou nos olhos do meu pai.

— O que você não está me dizendo?

E então ele acrescentou com uma voz mais alta.

— O que você fez?

— Por que essa pergunta?

— Porque você é minha filha, e eu também teria feito algo estúpido.

Pois é. Pensei em ignorar isso, mas meu pai tinha um jeito de descobrir as coisas, especialmente quando se tratava de demônios.

— Eu, a Iris e eu tentamos e não conseguimos fazer com que Derrick transferisse meus poderes de volta.

Meu pai se enrijeceu.

— Você invocou o demônio.

— Sim, nós invocamos.

Seus olhos me examinaram como se estivesse procurando ferimentos. Eles se fixaram em meu rosto.

— Ele lhe deu esses hematomas?

Meus lábios se separaram.

— Achei que tinha coberto bem. Não. Não foi ele. Foi a Allison.

— Allison? O que ela tem a ver com o Derrick?

— Nada. Isso foi antes de eu o invocar. Bem, foi a Iris quem fez.

Meu peito doeu com a lembrança do corpo mole de Iris nas mãos de Derrick. Seu rosto branco como água sanitária sem força vital.

— Ele poderia ter matado você — disse meu pai, com a voz assumindo um tom perigoso. — Você foi descompensada, mas aparentemente teve muita sorte por ele não ter feito mal a você. O que eu acho perturbador. Ele poderia ter matado você, mas não o fez.

— Foi com a Iris.

Minha garganta estava seca.

— Ele a machucou. Ela está em algum tipo de coma mágico. Não sei como chamar isso. Ela está no Centro Médico da Lua Cheia.

Eu lhe contei os eventos, a parte em que tivemos que deixar o incubus ir embora se não quiséssemos que a Iris morresse. Tudo isso.

As feições de meu pai se suavizaram ao mencionar a Iris.

— Sinto muito por sua amiga. Isso nunca deveria ter acontecido. Você nunca deveria ter convocado o Derrick. Por que colocariam suas vidas em perigo?

Levantei minhas mãos em sinal de frustração.

— Porque eu queria minha magia de volta. Sim, foi uma estupidez. Odeio quando faço coisas estúpidas e não me dou conta disso. Gosto de estar ciente de minha estupidez. Mas é isso aí. Deveríamos ter falado com você ou com minhas tias, mas não falamos. Achamos que tínhamos pegado ele. Estávamos erradas. Eu estava errada.

O silêncio se abateu sobre a cozinha, quebrado pelas risadas contínuas e contagiantes e pelos gritos de alegria vindos do quintal. Minhas tias sabiam como dar uma festa.

O olhar prateado do meu pai se fixou no meu.

— E como seu plano não funcionou... você está mudando para o Plano B. Eu.

— Exatamente.

— Sinto muito, Tessa — disse meu pai. — Mas esse incubus está a favor de Lúcifer.

Dei de ombros, sentindo-me agitada.

— O que significa o quê, exatamente?

— Ele é intocável. Não é apenas um demônio comum. Mesmo que eu quisesse, não poderia me aproximar dele. Assim como não consegui chegar perto de Lúcifer. Não há como eu me aproximar o suficiente para tentar transferir sua magia de volta. Não estou familiarizado com a transferência mágica deles, mas presumo que eu precisaria de um feitiço. E eu precisaria de vocês dois no mesmo lugar para que ele funcionasse, creio eu. Da mesma forma que ele tomou sua magia. Portanto, temo que seja impossível. Não posso chegar até ele.

— Bem, lá se vai esse plano.

Esfreguei meus olhos em sinal de frustração e cansaço. Era o tipo de cansaço que semanas de sono não curariam.

— Odeio dizer isso...

— Então não diga.

Meu pai suspirou de frustração pelo nariz.

— Você já foi feliz sem magia. Não pode tentar ser feliz sem ela novamente?

Coloquei as mãos nos quadris.

— E se fosse você? Você simplesmente desistiria da ideia de voltar a ter o seu espírito de demônio? Você perderia mamãe. Perderia a mim, já que duvido que você seria capaz de — fiz aspas com os dedos — atravessar mais para cá.

Meu pai coçou a barba e seus olhos prateados se encheram de tristeza.

— Não há nada a ser feito.

— Sim, há.

Engoli e me aproximei até ficarmos frente a frente. Meu coração disparou quando eu disse:

— Uma transfusão de sangue. Uma transfusão de sangue me devolverá o poder de demônio.

Ele havia feito isso uma vez e despertou meu poder demoníaco. Uma segunda vez talvez fosse suficiente para fortalecer meu corpo com alguma magia. Diabos, eu aceitaria mesmo que não conseguisse mais fazer magia elementar. Já era alguma coisa.

Obiryn se endireitou, seu rosto escureceu um pouco.

— Absolutamente não.

— Isso pode dar certo.

— Não.

A voz do meu pai era áspera e me atravessou.

— Como assim, *não*? Você não quer que eu possa visitá-lo novamente? Com minha magia de demônio de volta, eu poderia ter algumas habilidades mágicas. Eu poderia manter meu posto de Merlin. Eu poderia me defender.

Eu poderia chutar a bunda da Allison.

— Ninguém precisaria saber que é magia de demônio.

— Não — repetiu meu pai, e seu tom era de absoluta autoridade.

Levantei minhas mãos para o alto, frustrada.

— Qual é o problema? Você já fez isso antes e funcionou. Muito bem, lembra? Isso deu início à minha magia demoníaca.

— Isso foi só uma vez.

Meu pai esfregou os olhos, parecendo cansado de repente.

— Desta vez é diferente. Quando fiz a transfusão, você já tinha essência mágica em você. Ainda era um procedimento perigoso, mas

eu sabia que era a única coisa que poderia salvar sua vida. Desta vez não é a mesma coisa. Você não corre o risco de morrer. Muito pelo contrário.

— Porque eu não tenho um pingo de magia em meu nome.

Fazia sentido, mas isso não significava que eu gostasse ou aceitasse.

Meu pai assentiu com a cabeça.

— Você é como um humano, um ser não mágico.

— Então vai doer?

Eu adivinhei e vi seus olhos se arregalarem levemente. Eu sabia que era verdade.

— E daí? Não me importa o quanto vai doer. Eu quero fazer isso. Quero uma parte de mim de volta.

Meu pai estava balançando a cabeça, com uma profunda carranca no rosto.

— Não. Você não está entendendo.

— Eu entendo a dor. Posso lidar com ela. Confie em mim. Se eu puder ter meu poder de demônio de volta, vou suportar a dor com um maldito sorriso. A dor duraria apenas um pouco durante a transfusão, muito provavelmente. E então eu teria minha magia de demônio novamente. Isso trouxe um sorriso ao meu rosto.

O rosto de meu pai perdeu toda a expressão, e então seus olhos se estreitaram.

— Ouça-me. Se eu tentasse fazer a transfusão em você agora... isso te mataria.

Minha pequena bolha de euforia estourou.

— Ótimo.

Engoli o nó que fazia minha garganta arder.

— Tem certeza? Quero dizer, talvez você esteja errado.

— Meu sangue de demônio, a magia, será como a transferência de ácido para a sua corrente sanguínea. Mesmo que você seja minha filha biológica, isso não fará diferença. Sem sua magia, meu sangue agirá como uma entidade estranha. Você sentirá uma dor excruciante logo antes de morrer.

Dei um sorriso falso.

— Parece divertido.

Os sapatos do meu pai arranharam o chão quando ele mudou de posição, apoiando as mãos no balcão atrás dele.

— Me desculpe por não ter notícias melhores.

— As más notícias parecem ser o meu destino na vida.

Deixei escapar um suspiro, meu plano brilhante de repente pareceu tolo. Eu realmente esperava que a transfusão tivesse me devolvido pelo menos minha magia de demônio. Eu teria aceitado isso como um tiro.

Então, o que eu ia fazer agora? O plano A falhou, e agora os planos B e C eram um desastre total.

Meu pai me deu um sorriso apertado e preocupado.

— É melhor estar sem magia do que estar morta. A vida como humano... pense nas possibilidades. Ser mundano tem suas vantagens.

Eu ri. Meu pai riu. Foi uma risada difícil, daquelas em que a situação não é tão engraçada, mas, por razões desconhecidas, você não consegue parar de rir até que as lágrimas comecem a cair e os músculos do estômago fiquem com câibras.

Limpei meus olhos.

— Estou perdida.

— Você é minha filha.

Os olhos prateados do meu pai se encontraram com os meus.

— Deixe-me ver o que posso fazer com relação ao Derrick.

Meu coração deu um salto na garganta.

— Mas eu pensei que você tinha dito que ele era intocável.

— Ele é — respondeu meu pai. — É mesmo. Mas, às vezes, esses intocáveis cometem erros. Eu te avisarei se descobrir alguma coisa.

A voz do meu pai era sincera, mas percebi que ele não acreditava no que estava dizendo. Era óbvio. Derrick tinha ido embora.

— Obiryn! — O rosto de minha mãe apareceu na janela da cozinha. — Achei que você não estava a fim.

A boca de meu pai se abriu.

— Ah... bem...

— Espere aqui. Estou entrando — instruiu minha mãe. — Podemos comemorar juntos lá dentro.

Meu pai demônio sorriu.

— Adoro uma mulher que me dá ordens.

Ok, está na hora de eu ir.

— Vejo vocês mais tarde.

— Tessa? Você não vai se juntar a nós? — minha mãe chamou ao entrar pela porta dos fundos.

Nem em um milhão de anos.

— Talvez mais tarde. Tenho algumas coisas para fazer.

Virei-me e saí da cozinha para subir as escadas. Ouvir a risada de minha mãe me fez sorrir novamente. Mas por pouco tempo.

É engraçado como, quando sua vida está indo tão bem, ela pode mudar repentinamente e ficar incrivelmente ruim.

Não há mais magia. E talvez não tenha mais o Marcus.

Uma onda de peso enorme puxou meu peito, tornando a respiração cada vez mais difícil. Eu estava tendo um ataque de pânico ou estava seriamente fora de forma.

Toda vez que pensava em Marcus, em seus lábios exuberantes, em seu corpo glorioso e em seus braços grandes que me envolviam, sentia

um aperto no coração, como se algo tivesse preso nele dentro do meu peito e o estivesse esmagando.

Eu nunca havia sentido uma conexão tão forte com um homem antes. Era como se fôssemos parte da mesma coisa, ligados, acasalados. E também senti que ele estava se afastando de mim. Eu estava me concentrando em recuperar minha magia para não pensar no wereape, pois sabia que, se o fizesse, me desmancharia em caos e bagunça.

A ideia de não estar com Marcus novamente me abalou profundamente.

Quando cheguei à plataforma superior, parecia que minhas pernas estavam pegando fogo. Abri minha porta.

Minha respiração ficou presa.

Não porque eu estivesse sem fôlego para subir todos aqueles degraus, mas porque um homem estava no meu quarto. Um estranho.

Por baixo da camisa branca justa e da jaqueta cinza, ele ostentava músculos que pareciam ter levantado ônibus o dia todo. Ele era parecido com Marcus. Os ombros largos se afunilavam até chegar aos quadris finos. Um par de calças cinzas justas revelava coxas grossas e musculosas.

O estranho era incrivelmente lindo - perfeito até, de uma forma que parecia estranha. Ele era simplesmente lindo demais, e olhar para ele estava queimando minhas retinas. Seus cabelos loiros eram raspados nas laterais e presos para trás em uma longa trança. Uma tatuagem de sigilo marcava o lado direito de seu pescoço, e eu podia ver as curvas de algum desenho tribal saindo do decote de sua camisa e das costas de sua mão direita antes de desaparecer sob as mangas de sua jaqueta.

Ele parecia um maldito viking - um viking muito gostoso e maldito em um terno de negócios caro. Calculei que sua altura fosse de cerca de 1,80 m ou mais.

E onde a pele de Marcus tinha aquele bronzeado dourado e estava marcada com cicatrizes de batalhas e lutas passadas, a pele desse cara era de porcelana pálida e perfeita. Ou ele nunca havia lutado um dia em sua vida, ou teve outros lutando por ele, ou se curou com perfeição.

Seus olhos eram do azul escuro de um céu antes de uma tempestade, e ele me observava com uma intensidade fria, calculista e cruel. Eu já havia enfrentado desafios suficientes e lutado contra muitos desgraçados malignos para reconhecer o perigo. Esse cara era um predador.

Ondulações de magia pulsavam em meu quarto e ao meu redor, rolando dele em ondas potentes. Um predador muito bonito e poderoso.

Tudo em mim me dizia para correr como se minha bunda estivesse pegando fogo, mas minhas pernas não se moviam.

E, embora eu nunca o tivesse conhecido ou sequer ouvido falar de sua aparência, eu sabia com toda a certeza que estava olhando para Lúcifer.

Santo Deus.

CAPÍTULO 12

Lúcifer, o rei do inferno, estava em meu quarto.

Eu tinha experiência suficiente com uma certa deusa para saber que as divindades podiam entrar e sair quando quisessem. Nem mesmo a Casa Davenport conseguia mantê-las afastadas, embora Dolores tivesse se esforçado ao máximo. Aparentemente, deuses e deusas tinham rédea solta. Que bom.

— Lu... Lu... Lululu... Lulumômio.

Droga, lá fui eu de novo com a diarreia verbal. Tente formular palavras coerentes quando o rei do inferno aparece para uma visita. Por alguma razão estranha, eu sempre imaginei Lúcifer moreno - cabelos escuros, olhos escuros, pele escura, nunca como um viking de pele clara. Sua pele era tão clara que era praticamente luminescente.

O deus com aparência de viking abriu um sorriso.

— Eu estava imaginando como você seria. Mais bonita do que eu esperava. Muito mais bonita.

Sua voz era profunda e articulada, cheia de confiança e poder.

Eu podia ver como e por que Lilith havia se apaixonado por ele. Ele era muito charmoso e atraente.

Lambi meus lábios e tentei novamente.

— Lúcifer. Você é Lúcifer.

Eu já havia concluído isso, mas queria ter certeza.

Ele piscou. Seus olhos ardiam com um frio poder azul.

— Sim — disse ele, e eu me mexi nervosamente. — E você é Tessa Davenport. E mora aqui nesta casa com suas três tias.

Franzi a testa. Meu coração batia contra minhas costelas. Isso estava fazendo minha cabeça girar. Eu me estabilizei enquanto tentava entender o que realmente estava acontecendo.

O rei do Mundo Inferior estava em meu quarto. Eu deveria ter ficado assustada. Deveria ter desmaiado. Deveria ter saído correndo e gritando como uma alma penada. Eu deveria ter borrado as calças, mas não o fiz.

Eu estava irritada. Lívida. Não senti medo. Senti raiva. A boa e velha raiva e uma grande quantidade de adrenalina. Acrescente um pouco de estupidez e você terá uma mulher louca que não tem medo do rei do inferno.

Insanamente bonito e poderoso ou não, *ele* era a razão pela qual eu não conseguia fazer mágica. Ele era a razão pela qual Iris estava em

coma em uma cama longe de seus amigos e familiares. Foi por causa dele que perdi minha licença de Merlin. Ele não era o motivo pelo qual Marcus ainda estava em Nova York lutando contra wereapes, mas eu o culpava mesmo assim. Sim. E foi uma sensação incrível.

— Veio para terminar o trabalho?

Eu me irritei e me atrevi a dar alguns passos em direção ao meu quarto. De jeito nenhum eu estava mostrando a esse cara nada além de desdém e alguma atitude. Se eu estivesse prestes a morrer esta noite, que assim fosse. Eu não iria me acovardar e iria de acordo com minhas condições.

As sobrancelhas de Lúcifer se uniram no meio.

— Como?

Eu gritei. O desgraçado teve a coragem de parecer confuso.

— O que você quer? Você já tirou tudo de mim. Está aqui para me matar? É isso? Eu não tenho mais magia, então você não tem nada a temer de mim. Se tivesse, eu o expulsaria do meu quarto.

Essa não era a maneira de falar com um deus, mas eu não me importava.

Lúcifer franziu a testa para mim e inclinou a cabeça.

— Você está bem? Você parece um pouco desequilibrada.

— Um pequeno colapso nervoso pode fazer maravilhas por uma garota.

O sorriso de Lúcifer ficou deslumbrante.

— Posso ver por que minha esposa foi atraída por você.

— Porque sou muito divertida, Luce.

O deus me observou por um instante.

— Você não tem medo de mim. Você está... com raiva de mim.

Ele parecia bastante satisfeito com essa informação, o que só aumentou ainda mais minha raiva.

— Sim, estou com raiva. O que você esperava? Parabéns.

— Parabéns?

— Parabéns por arruinar minha vida.

Minha voz subiu uma oitava com meu temperamento afiado. Eu estava perdendo o controle. Eu sabia que havia a possibilidade de Lúcifer estar realmente aqui para me matar e que o faria depois da maneira como eu estava falando com ele, mas não conseguia me conter. As semanas de emoções que sacudiam minha cabeça e meu corpo estavam saindo. E isso ia atingir Lúcifer.

Com movimentos ágeis e atléticos, ele andou pelo meu quarto com um andar decidido, inspecionando minha mesa, minha cama e meu banheiro, com os ombros para trás e confiante.

Ele voltou e passou um dedo sobre minha mesa.

— É estranho o que os humanos acham confortável. Esta casa. Este cômodo. Estas coisas.

— Por quê? Porque não há tortura envolvida?

— Minha esposa já esteve aqui várias vezes. Não esteve?

Lúcifer me encarou do outro lado da sala.

O que eu estava aprendendo rapidamente com as divindades era que elas conseguiam identificar uma mentira. Eu era uma péssima mentirosa. Se eu tentasse mentir agora, ele poderia facilmente estalar os dedos e minha vida estaria arruinada. Eu ainda não estava pronta para morrer.

— Sim — respondi, sem desviar o olhar de seu olhar tempestuoso.

— Ela esteve aqui algumas vezes. E só quando quer alguma coisa.

Eu não queria lhe dar muitas informações sobre Lilith. Esse cara a havia enganado e aprisionado por mais de mil anos. Ele podia ter o sorriso e a aparência de um anjo, mas o cara era maligno até o âmagô.

Mas isso também me fez perceber que talvez ele não estivesse aqui apenas por mim. Ele também estava aqui pela Lilith.

— Hmmm.

Lúcifer pegou a cadeira que eu usava na minha mesa, girou-a e sentou-se.

— O que está fazendo?

Aquela cadeira era muito pequena para um homem tão grande, Deus, tanto faz.

O deus apoiou os antebraços na grade superior da cadeira.

— Sentando — ele respondeu com um sorriso sexy que teria levado as mulheres a um frenesi louco, tirando suas roupas e se jogando em cima dele.

Não esta senhora.

Eu lhe aponteí um dedo.

— Se quebrar vai pagar.

Lúcifer riu e, assim como Lilith, foi estranhamente natural. Era irritante como o inferno.

— Tudo bem. Se eu quebrá-la, vou comprar uma cadeira nova para você.

Meu corpo tremeu quando cruzei os braços sobre o peito para esconder as mãos trêmulas. Eu as apertava, com as unhas mordendo a carne das palmas das mãos. Pelo que meu pai havia me contado, Lúcifer era um líder mais recluso, de modo que poucos de seu povo, os demônios, o conheciam. No entanto, aqui estava ele, em meu quarto.

Fico imaginando o que minhas tias pensariam se o encontrassem em meu quarto.

Uma gargalhada veio de algum lugar lá fora. O som era estranhamente parecido com o de Beverly, seguido por um rosnado masculino.

A boca de Lúcifer se contraiu.

— Estranhos costumes de vocês, bruxas. Desfilas nuas ao redor de

uma fogueira. É muito... camponês. Você não acha? Até mesmo selvagem.

Se algumas das bruxas já estavam nuas, era uma festa e tanto.

— Escute aqui, seu... seu deus — eu disse, sentindo-me ao mesmo tempo corajosa e estúpida - uma combinação perigosa. — Se minha família quer correr nua em volta de uma fogueira porque isso as faz se sentir bem, isso é problema delas. Quem diabos é você para julgar?

Lúcifer abriu as mãos.

— O rei do inferno.

Ah, sim.

— Não me interessa quem você é. Diga-me o que quer ou saia do meu quarto.

A expressão de Lúcifer se transformou em uma máscara de ódio quando seus olhos se concentraram em mim. Eles brilhavam em uma onda de azul. Ele estalou um dedo e uma força invisível enrijeceu meu corpo até que eu não conseguisse me mover. Oh, que merda. O rei do inferno havia me transformado em pedra.

Senti a influência de sua mente, de sua vontade, passar por minhas proteções e entrar em mim. Lutei, tentando combatê-lo, mas era como tentar romper correntes de ferro. Eu não podia fazer nada. Fiquei vulnerável contra a dureza de seu poder, uma prisão invisível. Sim. Ele me pegou.

Então, senti uma súbita liberação e pude me mover novamente. Minha respiração saiu ofegante quando o poder dele se desprende de mim. Certo, ele era poderoso e poderia me matar com um simples toque de seu dedo. Eu teria que tomar cuidado com minha boca grande perto dele.

— Já matei aqueles que me desrespeitaram por muito menos, Tessa Davenport — disse o rei do inferno. — Mas preciso de algo de você.

Pisquei os olhos. Ele queria algo de mim depois de ter tirado quase tudo? A coragem daquele deus.

Então, fiz o que qualquer mulher sensata e não mágica faria.

Eu lhe dei o dedo.

— Acho que não. Você já pegou tudo. O que mais você poderia querer? Meu sangue? Meus ossos? Minha carne? Realmente não é tão espetacular assim.

De acordo com Allison.

Não me importava com o que ele queria. Ele não ia pegar. Desta vez, ele teria que me matar.

Os olhos do deus se voltaram para mim.

— Você passou um tempo com minha esposa. Vocês conversaram, talvez até riram. Não se iluda. Lilith não é sua amiga.

Os músculos de sua mandíbula se contraíram.

— Lilith não tem amigos.
— A culpa é sua — eu disse a ele.
— Ela é instável — continuou ele, como se eu não tivesse falado.
— Ela é louca e imprevisível. Ela é um perigo para si mesma e para os outros.

— Manter sua esposa presa por anos porque ela era mais querida do que você faria isso com qualquer pessoa.

Engoli. As palavras saíram de minha boca antes que eu pudesse me conter. O que eu poderia dizer? Ele estava me irritando.

— Você não a amava mais, então pensou, o que... trancá-la e jogar a chave fora porque achava a voz dela irritante?

Quando ele não respondeu, eu insisti:

— Você a ama?

Ele apenas piscou os olhos. Não vi amor ali, mas, por outro lado, ele era um deus. Quem sabia como eles demonstravam esse tipo de emoção. Talvez não demonstrassem. Talvez isso não fosse importante para eles.

Eu ainda não entendia por que ele estava aqui. Se ele quisesse me matar, já teria me matado ou teria enviado um de seus lacaios para fazer isso.

A tempestade atrás de seus olhos se acalmou, e isso me assustou muito.

— Onde ela está? — perguntou Lúcifer.

Ah-ha. Ele queria a Lilith.

— Não faço ideia. Não é como se eu ficasse de olho nela. Ela é uma deusa.

— Sei que ela tem um apartamento em Nova York — continuou o deus da noite, enquanto eu pensava nisso. — Acabei de voltar de lá. Ela não está lá. E não parece que ela esteja planejando voltar. Suas roupas sumiram.

Seus olhos se fixaram nos meus.

— Onde ela está?

— Eu. Não. Sei.

Eu sorri internamente. Fiquei feliz por Lilith ter escapado desse desgraçado. Parecia que ela ainda tinha amigos no "outro lado" que estavam cuidando dela e a avisaram que Lúcifer a havia descoberto. O que ele fez com ela foi horrível. Nenhum marido deveria fazer isso com sua esposa. Eu estava começando a achar que Lúcifer era o instável, não Lilith. Eu rezava para que ele nunca a encontrasse.

Corra, Lilith. Corra...

Lúcifer ergueu seu corpo alto da cadeira, levantou-se e colocou a cadeira habilmente de volta no lugar onde estava em minha mesa. Com as costas apoiadas na borda da minha mesa, ele cruzou os braços sobre o peito, com o tecido puxando ao tentar conter todos aqueles

músculos.

— Ela gosta de você — disse o deus.

Eu sorri.

— Sou uma pessoa agradável.

— Eu a sinto aqui. A marca dela está em toda parte desta casa.

Isso é porque ela o construiu de volta para nós, seu desgraçado malvado. Mas ele não precisava saber.

A mandíbula de Lúcifer se cerrou, e eu vi um tumulto em seus olhos combinado com raiva e frustração.

— Ela não confia em mim.

— Eu poderia ter lhe dito o mesmo.

Seu silêncio repentino me deixou inquieta, e eu reprimi um calafrio.

— Eu lhe darei até a meia-noite de amanhã — disse Lúcifer finalmente, seus olhos azuis ardendo com um poder gelado que fez minhas entranhas lacrimejarem. — Não porque eu goste particularmente de você, entenda. Eu simplesmente não consigo encontrá-la, então você vai encontrá-la para mim. Traga-a para a esquina da Spirit Lane com a Crystal Row. E então eu lhe devolverei o que tirei de você.

Meus braços caíram ao lado do corpo assim que minha boca se abriu.

— O quê? — perguntei, como uma ignorante, meu pulso martelando em meus ouvidos. — Eu não acredito em você. Por que eu deveria acreditar em você?

Isso não pode ser verdade. Poderia? Ele estava dizendo o que eu achava que ele estava dizendo?

— Não estou aqui para lhe contar mentiras. Vim aqui para fazer um acordo. É simples — disse Lúcifer. — Traga-me minha esposa... e eu lhe devolverei sua magia.

Ah, filho da puta.

CAPÍTULO 13

T*raga-me minha esposa... e eu lhe devolverei sua magia.*

Fiquei olhando para o local onde o rei do inferno tinha acabado de desaparecer no ar, deixando-me com a boca aberta o suficiente para enfiar um punho. Em um segundo, ele estava no meu quarto, todo imponente e com a aparência de um deus viking, e no outro, ele havia desaparecido.

Eu não mentiria para mim mesma e diria que essa não era a resposta para todos os meus problemas, porque era. Realmente era.

Mas eu tinha apenas um problema. Um problema enorme do tamanho de uma deusa. A Lilith. Eu tinha que trair Lilith para recuperar minha magia. Que droga. Drogen. Drogen. Drogen.

Um lampejo frio passou por mim. Eu era esse tipo de pessoa? Eu sacrificaria a liberdade de alguém para me beneficiar? Por minha magia? Eu entregaria Lilith conscientemente ao marido que a aprisionou por anos, sabendo que ele faria o mesmo com ela ou até pior? Eu não havia sentido ou visto nenhum amor ou qualquer tipo de emoção que indicasse que Lúcifer tinha algum afeto por sua esposa. Se Lúcifer colocasse as mãos em Lilith novamente, eu tinha a horrível sensação de que ele não se arriscaria a colocá-la em uma cela novamente, deixando-a com a possibilidade de escapar. Não. Ele iria matá-la.

Mas eu teria minha magia de volta. Teria minha vida de volta. Eu poderia ser uma Merlin novamente, usar as linhas ley, meu meio de transporte favorito, e visitar meu pai no Mundo Inferior. Era isso que eu queria.

E tudo o que eu tinha que fazer era trair a Lilith.

— Tessa?

— Ah! — gritei e me virei, com as mãos estendidas em golpes de karate. Nada de julgamentos. Eu tinha que trabalhar com o que eu tinha. Abaixei minhas mãos.

— Iris?

Minha amiga e bruxa das trevas favorita entrou em meu quarto, com seu cabelo escuro e sedoso na altura do queixo balançando. Seus grandes olhos castanhos estavam cheios de vida e curiosidade. Sua pele era de uma cor marfim quente e adorável, não o branco alvejante de quando eu a tinha visto pela última vez. Ela parecia... parecia bem. Parecia saudável.

— Desculpe por ter te assustado — disse ela, com um sorriso brotando em seu rosto de fada. — Por que você está tão tensa? Você estava ali parada, olhando para o espaço. Estava longe. O que está acontecendo? O que eu perdi?

Meus olhos ardiam e eu piscava rapidamente. Quando dei por mim, tinha atravessado a sala e a abraçado, o que já dizia muito, pois eu não era do tipo que abraçava. Eu me afastei.

— Você está ótima. Você parece bem. Como está se sentindo? Quando lhe deram alta?

Eu me encolhi com o uso que fiz dessas palavras. Fazia parecer como se ela estivesse na cadeia.

— Esta tarde — disse Iris. — Ronin nos conseguiu algum animador de energia.

Olhei por cima de seu ombro. Meu amigo meio-vampiro estava parado na porta, com as mãos fechadas atrás das costas. A culpa em seu rosto era quase palpável. Ótimo, talvez eu pudesse dar um tapa nele.

— Eu trago presentes — disse ele, analisando meu humor enquanto entrava com um sorriso envergonhado em seu belo rosto. Pelo menos ele estava falando comigo sem mostrar os dentes. Isso já era um avanço. De suas costas, ele tirou uma garrafa de vinho tinto.

Peguei o vinho, bem, porque era vinho. Dei uma olhada no rótulo. Tinha um castelo vermelho gravado no adesivo com as palavras Château Cos d'Estournel. Era francês e, como eu nunca tinha ouvido falar desse vinho, provavelmente era caro e não estava na prateleira de vendas. Eu nunca poderia comprá-lo.

— Obrigada.

Fiquei olhando para o Ronin, gostando de vê-lo se contorcer um pouco.

— Foi caro?

Ele franziu os lábios e acenou com a cabeça.

— Uma prestação de carro.

— Ótimo.

Eu ri. Ele riu ainda mais. E, sem mais nem menos, tudo estava perdoado. E eu tomei uma garrafa de vinho muito cara. Dança da vitória.

Peguei meu vinho caro e o coloquei cuidadosamente sobre a escrivaninha antes de deixá-lo cair, conhecendo a mim mesma. Virei-me e olhei para o rosto de Iris. Uma mistura de medo e culpa me atingiu em cheio.

— Sinto muito, Iris. Se eu soubesse que não poderíamos ligar o Derrick ao triângulo, nunca teria pedido para você convocá-lo. Eu não sabia. Eu não sabia.

Iris levantou a mão.

— Não é sua culpa. Fui eu quem o convocou, não você. Além disso, eu realmente achei que ia funcionar. Eu tinha certeza disso. Achei que sabia o que estava fazendo. É claro que não sabia.

Balancei a cabeça.

— Deveríamos ter consultado minhas tias.

— Talvez. Mas isso já passou. Além disso, estou me sentindo bem. Minha magia está boa. Ele não tirou minha magia, como a sua, mas sim minha força vital, minha energia. Como se eu estivesse com o pior resfriado do século. Ele não terminou o "beijo" ou como quer que seja chamado. O centro foi capaz de reverter o feitiço do demônio e repor minha força.

Ela olhou para o meio-vampiro.

— O Ronin estava lá o tempo todo.

Os dois compartilharam um olhar que tinha adoração escrita em todo o rosto do meio-vampiro.

— Vocês dois são tão bonitinhos. Eu poderia vomitar.

Eu sorri, feliz por ver como o relacionamento deles era forte.

— Por que você não ligou? Eu teria ido buscá-la. É verdade que teria sido mais demorado do que uma viagem de avião, mas eu teria feito isso de qualquer maneira.

Iris colocou sua bolsa no chão.

— Eu sei. Mas quando Ronin sugeriu que voássemos para casa na primeira classe, bem, não pude resistir. Uma garota gosta de ser mimada de vez em quando.

— De fato.

Fiquei olhando para a garrafa de vinho, pensando que ele e eu estávamos prestes a passar um tempo de qualidade.

O meio-vampiro sorriu com metade de sua boca.

— É sempre de primeira classe para minha garota. Ela merece o melhor. E apenas o melhor. Ainda bem que é isso que eu sou. O melhor em *tudo*.

O rosto de Iris começou a ficar manchado com o ronronar da voz dele, e ela se virou para mim, incapaz de acalmar o sorriso em seu rosto.

— Então?

— O que?

Iris me deu uma olhada, com uma expressão de pergunta.

— Então? O que está acontecendo?

Olhei para a minha janela.

— É Beltane. Você sabe como minhas tias gostam de fazer um show. Arrase ou vá para casa, certo?

— Não, quero dizer, o que está acontecendo com *ocê*? Você estava em transe ou algo assim quando chegamos agora há pouco. Parecia assustada, como se algo tivesse acabado de acontecer. Será que tem a

ver com o Derrick? Ronin mencionou que ele escapou por uma fenda. Ele voltou? Ele estava aqui?

— Não.

Suspirei e olhei para os dois.

— Mas pedi ajuda ao meu pai. Ele não consegue entrar em contato com o Derrick. Aparentemente, ele é como um demônio intocável ou algo assim. Então, pedi a ele que fizesse uma transfusão de sangue para recuperar minha magia.

Diante da cara de preocupação da Iris, acrescentei:

— Ele não vai fazer isso porque, aparentemente, isso me mataria. Agora que sou humana.

— Você *não* é humana — corrigiu a Bruxa das Trevas. — Apenas uma bruxa que perdeu seus poderes.

— O que a torna meio que uma humana — disse Ronin, recebendo uma careta de Iris.

— Mas não foi isso que me deixou em estado de choque.

Esperei para ter toda a atenção deles. Respirei fundo, soltei o ar e disse:

— Lúcifer estava aqui.

Os dois ficaram olhando para mim, com os olhos arregalados. O silêncio se instalou, quebrado por súbitas explosões de riso vindas de fora. Parecia surpreendentemente com Dolores.

— Vocês me ouviram? — perguntei quando o silêncio se estendeu. — Eu disse que Lúcifer estava aqui. Você sabe, o rei do inferno? Ele estava em meu quarto. Bem aqui. Falando comigo como vocês estão falando agora.

Iris piscou, com pensamentos brilhando em seus olhos.

— Qual era a aparência dele? Ele era gostoso?

Soltei uma gargalhada, com o nervosismo de antes vindo à tona. Somente a Iris faria esse tipo de pergunta.

Limpei minha garganta.

— Ele era muito bonito. Como um deus viking em um terno Armani. Fiquei totalmente desconcertada.

A bruxa das trevas sorriu.

— Aposto que sim.

Ronin passou os dedos pelos cabelos.

— Espere. Espere só um minuto. Você está dizendo que o rei do inferno, o diabo, a personificação do mal, esteve aqui? Em seu quarto agora mesmo?

— Sim.

Quando eu disse isso em voz alta, parecia loucura. Eu parecia louca. Mas, por outro lado, sua esposa havia me visitado aqui mais de uma vez. Minha vida estava seriamente complicada.

— Acho que preciso me sentar.

O meio-vampiro foi até a minha mesa e pegou a mesma cadeira em que Lúcifer havia se sentado, girou-a para ficar de frente para nós e se sentou.

Decidi não dizer a ele que sua bunda estava agora tocando o mesmo lugar em que a bunda de Lúcifer acabara de tocar.

Iris se aproximou mais e estava olhando para mim como se estivesse me inspecionando para ver se havia algum membro faltando ou algo fora do lugar.

— Se ele quisesse te matar, você já estaria morta. Ele queria algo de você. Não queria? O que era? Ele deve ter desejado muito alguma coisa para aparecer desse jeito. Nunca ouvi falar de Lúcifer aparecendo no quarto de alguém antes. Muito incomum.

— Anormal.

Respirei fundo.

— Mas você está certa. Ele queria algo.

— O quê? — responderam em coro Ronin e Iris.

— Ele disse que se eu entregasse sua esposa a ele... ele me devolveria minha magia.

— Caramba — Ronin se animou. — Legal.

Ele esticou suas longas pernas e as cruzou no tornozelo antes de se recostar em sua cadeira. Suas mãos se entrelaçaram em seu peito, parecendo que essa era a melhor notícia que ele tinha ouvido o dia todo.

Mas não a Iris. Ela parecia ter usado mal um de seus ingredientes em um feitiço.

— O que você disse?

— Nada — respondi. — Quero dizer, eu estava em choque. Pensei que ele viria para terminar o trabalho. Livrar-se de todas as provas, ou algo assim.

Fiquei rígida, lembrando-me da conversa com Lúcifer.

— Acho que talvez eu tenha lhe dado o dedo. Não, eu sei que dei.

Iris me encarou com a boca ligeiramente aberta.

Ronin se inclinou para frente em sua cadeira.

— Você deu o dedo para o rei do inferno?

Passei as mãos pelo cabelo, sentindo-me repentinamente doente.

— Sim. Eu realmente dei.

— Isso foi realmente corajoso, ou talvez apenas louco — riu Iris. — Não acredito que você fez isso.

— Pois somos duas.

Era um milagre eu ainda estar respirando.

— Ele não me matou porque precisa de mim. Ele precisa de mim para encontrar sua esposa.

— Preciso de uma bebida.

O meio-vampiro pulou de sua cadeira, pegou a garrafa de vinho,

arrancou o lacre e, com um dedo em forma de garra, esfaqueou a rolha e a arrancou.

— Isso é algo que ele faz muito?

Iris balançou a cabeça.

— Não. É a primeira vez.

Ronin jogou a cabeça para trás e tomou um gole de vinho.

— Mmmm. Frutado, mas não muito frutado. Equilíbrio perfeito entre álcool e doçura. Tenho um ótimo gosto para vinhos finos.

Ele deu uma olhada para Iris.

— E boas mulheres.

Eu ri. Eu não ia impedi-lo de beber o vinho que ele havia me dado de presente. Ele havia pago por ele.

Iris foi até a beira da minha cama e sentou-se.

— É isso. Esta é a resposta para todos os seus problemas mágicos. E tudo o que você precisa fazer é dar a ele a Lilith. Oh, meu Deus. É perfeito.

— Sim — respondi, com a sensação de enjoo voltando. — Tenho que levá-la para a esquina da Spirit Lane com a Crystal Row amanhã à meia-noite.

— Droga, esse vinho é bom — disse Ronin enquanto tomava outro gole.

Iris me observou por um momento.

— Por que lá?

Balancei a cabeça.

— Não faço ideia. Foi só o que ele disse.

A Bruxa das Trevas me lançou um olhar que era parte curiosidade, parte admiração.

— Você está hesitando. Por que está hesitando?

Meus olhos se voltaram para Ronin.

— Me dê essa garrafa.

Fui até ele e peguei a garrafa de vinho. A maneira correta de beber um vinho caro pela primeira vez provavelmente exigiria uma taça. Eu não estava me sentindo no estado de espírito do momento. Encostei a garrafa em meus lábios e tomei um grande gole. Girei a garrafa em minha boca por um momento, apreciando o sabor frutado explosivo.

— Uau. Este é o melhor vinho que já tomei.

— É ainda melhor depois do segundo gole — informou Ronin.

— Tessa? Por que você não parece feliz com isso? — questionou Iris. — Você teria sua magia de volta. Não é esse o plano?

Tomei outro gole do delicioso vinho.

— Sim. Mas e se ele a matar?

— Ela não é problema seu.

Ronin pegou a garrafa de vinho de mim e tomou outro gole.

— Acho que é uma ideia muito boa. A mulher é louca. É por culpa

dela que você perdeu sua magia em primeiro lugar. Você achou que estava fazendo uma coisa boa ao libertá-la. Eu entendo. Mas a verdade é que deixe Lúcifer lidar com ela. Você se livra da deusa maluca e recupera seus poderes. É uma ideia incrível.

— Ele tem razão.

Iris me deu um sorriso apertado.

— Você está lidando com divindades. Elas não se importam com você ou comigo. Eles se preocupam com eles mesmos. Lilith nunca foi sua amiga, Tessa. Ela usou você para escapar da prisão dela e estava prestes a usá-la novamente para matar Lúcifer. E, quem sabe, você poderia ter morrido tentando cumprir a ordem dela.

— E ela disse que, se você recusasse, ela te mataria — acrescentou Ronin.

Desde então, Lilith me disse que não podia ou não queria me matar por causa de uma conexão que eu ainda não entendia completamente. Mas decidi guardar isso para mim.

Peguei a garrafa de vinho do Ronin novamente e tomei outro gole.

— Eu sei. Vocês estão certos.

Os dois estavam certos. Lúcifer havia me dado o que eu mais queria. Minha magia em troca de sua esposa. Então, por que eu estava me sentindo um lixo?

Iris se inclinou para frente, com os olhos arregalados.

— Você acha que ele está mentindo. Você acha que vai levar Lilith para ele e ele não vai cumprir sua parte do acordo? É possível.

Balancei a cabeça, sentindo os efeitos daquele vinho maravilhoso.

— Não. Não acho que ele está mentindo.

Estranhamente, eu realmente acreditava nele. Eu sabia que se eu lhe desse Lilith, ele seria fiel à sua palavra. Chame isso de meus instintos bruxos e não bruxos. Chame isso de pressentimento.

— Ele é o único que pode realmente lhe devolver sua magia — disse Iris. — Você sabe disso. Não é?

— Sim, acho que sim.

— E isso deve significar que o Derrick não a tem mais — continuou Iris, com as sobrancelhas franzidas e a emoção estampada em seu rosto. — Ou talvez ele tenha o Derrick com ele para fazer a transferência. Sim. Talvez seja isso.

Franzi a testa ao ver que soava como uma transferência bancária, movimentando dinheiro de uma conta para outra. Talvez, para Lúcifer, fosse exatamente isso, uma simples transferência de magia de uma fonte para outra.

Mas se Derrick não tinha mais minha magia, isso significava que eu teria de avisar meu pai. Não queria que ele perdesse seu tempo, ou pior, que se colocasse em perigo por causa de uma magia que não existia mais.

— Você vai levar isso adiante. Certo?

Iris estava me observando.

Acenei com a cabeça.

— Vou.

Suspirei, não parecendo nem um pouco convincente.

— Eu vou fazer isso — acrescentei com mais convicção. Aquele vinho caro estava revirando em meu estômago. A culpa bateu, mas eu a reprimi. É como a Iris disse, Lilith não era minha amiga. Ela me colocou nessa situação, e agora eu iria usá-la para me livrar dela.

— O que Marcus acha de tudo isso? — perguntou Iris, puxando uma mecha de cabelo para trás da orelha. Meu coração deu uma pequena pontada.

Dessa vez, tomei dois grandes goles do vinho.

— Ele não sabe. Está na cidade de Nova York sem telefone. Não tenho como entrar em contato com ele.

Contei a eles a versão resumida de minha viagem ao Central Park.

— O cara sempre foi um alfa por si só — disse Ronin. Ele pegou a garrafa de vinho de mim e tomou um gole. — Quero dizer... olhe para ele. Toda aquela autoridade imponente. Ele poderia mandar uma mosca ficar quieta. E ele tem um cabelo maravilhoso.

Iris jogou a cabeça para trás e riu.

— Ele tem um cabelo maravilhoso. Mas falando sério. Você acha que ele vai aceitar?

Seu sorriso havia desaparecido. A preocupação em seu tom fez meu peito se apertar um pouco.

Meu olhar caiu para o chão.

— Honestamente? Não tenho certeza. Mas não quero ficar em seu caminho. Não quero ser *aquela* mulher. Esta é uma oportunidade única na vida dele. Quem sou eu para impedi-lo?

— A *namorada* dele — apontou a Bruxa das Trevas, e lançou a Ronin um olhar ousado que dizia que era melhor ele se cuidar.

— Exatamente. Não sou sua esposa. Não o controlo. Não que uma esposa deva controlar seu marido, mas você sabe o que quero dizer.

Iris balançou a cabeça.

— Não se preocupe. Ele não vai aceitar. Você mesma disse. Ele só estava lá para ajudar o Teke.

— Zeke — corriji.

— Você sabe como ele é — continuou Iris. — Ele nunca pode dizer não para ajudar um amigo. Isso faz parte de sua natureza. Ajudar e proteger. Esse é o nosso Marcus. É por isso que ele é um ótimo chefe.

— É verdade.

Era tudo verdade, mas isso não ajudou a esmagar a sensação de dúvida. Eu tinha estado lá. Eu tinha visto aquele olhar de orgulho em seu rosto, como os wereapes o aceitaram. Foi isso que me assustou.

— Mas isso também significa que ele seria a escolha certa para o alfa — eu disse, minha boca ficando seca de repente. — Ele seria perfeito.

— Talvez.

Iris se mexeu em minha cama.

— Ainda não acho que ele desistiria de sua vida aqui para começar uma nova. Não acredito nisso.

Eu não respondi. Eu não tinha resposta porque não tinha certeza.

— Pense nisso desta forma — disse Ronin, sorrindo. — Se ele concordar, você será a cadela alfa dele.

— Ronin!

Iris jogou um travesseiro nele, mas eu comecei a rir. Sentia falta dos meus amigos. Meu plano insano de prender Derrick quase custou a vida de Iris e minha amizade com Ronin.

Eles estavam certos. Eu tinha que fazer isso. Mesmo que eu não gostasse, eu entregaria Lilith a Lúcifer.

Mas como fazer isso exatamente?

— Chega de caras tristonhas.

Um sorriso apareceu no canto da boca de Ronin.

— Eu sei exatamente como te animar.

Ele apontou o polegar em direção à minha janela.

— Vamos lá, pessoal — disse Ronin com um sorriso diabólico enquanto esfregava as mãos. — Vamos nos despir.

CAPÍTULO 14

Para a decepção de Ronin, não fiquei nua e não participei das festividades de ontem à noite. Embora eu tenha deixado Iris e Ronin, não sabia e não perguntei se eles haviam se juntado à alegre extravagância da fogueira nudista.

Eu não estava com vontade de festejar. Eu estava feliz com o fato de Iris estar de volta e saudável, com sua magia intacta, o que era mais do que eu poderia esperar. Mas meu humor estava sombrio e perverso. E a única pessoa com quem eu queria conversar, a única pessoa que me acalmava apenas com sua presença, não estava aqui. Apenas ouvir sua voz teria ajudado, mas eu não conseguia nem falar com ele pelo telefone.

Em vez disso, fiquei com um frio no coração, uma pequena lágrima que continuava a se expandir.

Puxei a banqueta da ilha da cozinha ao lado de Iris e me sentei, com as mãos em volta de uma caneca de café e meus pensamentos confusos, como se meu cérebro estivesse cheio de bolas de algodão.

— Quase tive um ataque cardíaco quando vi você e o Ronin ontem à noite — disse Beverly, com o rosto limpo e a maquiagem impecável. Ela não parecia alguém que havia festejado até as primeiras horas da manhã, mas sim alguém que acabara de voltar de um retiro em um spa para o fim de semana.

Iris olhou para mim.

— A Tessa também.

Tomei um gole do meu café.

— Você se esgueirou por trás de mim.

— Você se curou tão rápido — disse uma alegre Ruth, batendo uma tigela de massa cor de areia contra o peito. Hildo se esparramou preguiçosamente atrás dela no balcão ao lado do fogão. — Esses curandeiros são realmente os melhores do país.

— Nossas habilidades de cura ajudaram em sua rápida recuperação — informou Dolores, a única das irmãs cujos olhos estavam inchados, seu rosto comprido sugerindo que algumas horas a mais na cama teriam feito maravilhas em sua pele. Ela pressionou as mãos sobre a ilha, com um olhar incisivo no rosto. — Sem nosso raciocínio rápido e o excelente controle de feitiços e poções, ela talvez não estivesse aqui hoje. Ela poderia estar com os pés embaixo da terra.

— Tudo bem — eu disse, olhando para Iris, que apenas deu de

ombros como se não fosse nada demais.

— Os curandeiros do Centro Médico Lua Cheia — continuou Dolores, — são os mesmos que reverterem doenças induzidas por magia, que praticam contra-maldições e que se dedicam à magia restauradora. Mas *nós* fomos as verdadeiras salvadoras aqui. Somos as campeãs mágicas.

Minha tia Dolores realmente tinha um lado narcisista. Mantive minha boca fechada. Não queria estragar o momento dela.

— Sim, muito obrigada a todos vocês — disse Iris, com o rosto corado enquanto se remexia na cadeira. Conhecendo-a, ela provavelmente estava mais chateada e envergonhada por seu feitiço não ter funcionado.

Os olhos escuros de Dolores me fixaram do outro lado da ilha.

— Mas você não precisaria de nossa ajuda se tivessem nos contado o que vocês duas estavam fazendo.

Ela também gostava de esfregar na pele.

— Você está adorável, Beverly — eu disse, querendo mudar de assunto. — Vai a algum lugar?

Os olhos verdes de Beverly se estreitaram.

— Adorável? Adorável é uma palavra usada para mulheres pouco atraentes para poupar seus sentimentos.

Ela olhou para sua blusa branca e desabotoou um dos botões superiores para que seu decote ficasse mais exposto.

— Está melhor assim? Eu estava pensando mais em uma mulher desesperada e arrebatadora que só quer que seus desejos sexuais sejam realizados.

— Sim — respondeu Dolores. — Você definitivamente se parece com uma vagabunda.

— Roderick Walsh vai me levar para almoçar.

Beverly tirou o estojo compacto da bolsa e verificou a maquiagem.

— Ele é dono do maior shopping center de Cape Elizabeth e se divorciou recentemente. Sua ex-mulher ficou com metade de tudo. Pobrezinho. Todos nós sabemos que os homens recém-divorciados se sentem inadequados, impotentes e indesejáveis. Estou aqui para mudar isso.

— Por que você não tenta ficar nua com um laço na cabeça? — disse Ruth. — Isso soa como desespero.

Beverly sorriu.

— Talvez eu faça isso.

Ela deu uma risadinha.

— Obrigada, Ruth.

— De nada.

Ruth despejou um pouco da massa em uma frigideira. O cheiro de manteiga chegou ao meu nariz e me deu água na boca.

— Iris? Você já decidiu o que quer para o seu jantar especial de hoje?

Iris olhou para mim antes de responder.

— Que isso, não precisa. Não é nada demais. Eu estou bem.

Ruth se virou com uma expressão de que pode fazer e com uma espátula rosa na mão, espalhando gotas de massa por todo o chão da cozinha.

— É claro que precisa. Este é seu jantar especial de boas-vindas. Todo mundo tem seu próprio jantar especial. Agora é a sua vez.

A bruxa das trevas olhou para sua caneca de café.

— Bom. Ok. Que tal sua famosa lasanha vegetariana?

Ela olhou para mim.

— Estou me sentindo um pouco deficiente em carboidratos.

Eu ri.

— Preciso de carboidratos como preciso de sangue.

Iris sorriu.

— Eu também.

Ruth levantou o queixo de forma importante.

— Considere feito! — Ela deu meia-volta e bateu na pata de Hildo, que estava mergulhada na tigela de massa.

Beverly fechou seu compacto, com os olhos fixos em mim.

— Você teve notícias do Marcus?

Meu estômago revirou quando senti todos os olhares se voltarem para mim. Desde que nos tornamos oficialmente um casal, nunca havíamos ficado tanto tempo separados um do outro, pelo menos não sem nenhuma notícia ou um simples telefonema.

Balancei a cabeça, sentindo-me mal novamente.

— Não. Nada ainda.

Mexi meu traseiro no banco, tentando ficar confortável, mas foi inútil.

— Não quero falar sobre isso.

Se eu falasse, perderia o controle. E, neste momento, eu precisava me concentrar. Concentrar-me em mim. Concentrar-me em como diabos eu iria fazer com que Lilith aparecesse e depois levá-la ao local designado. Sim. Nada demais.

Beverly me encarou.

— Isso não é bom, querida. Manter todos esses sentimentos desagradáveis dentro de você lhe dará rugas prematuras. E quando elas começam, você não pode voltar atrás. Basta olhar para sua tia Dolores.

Dolores franziu a testa e colocou a mão sobre o quadril.

— Oi?

Beverly olhou para sua irmã e depois de volta para mim.

— Está vendo? — disse ela com conhecimento de causa.

Iris se inclinou e sussurrou:

— Elas sabem sobre a questão?

Balancei a cabeça, sabendo exatamente o que ela queria dizer, já que havíamos conversado sobre isso na noite passada, antes de eu deixar ela e Ronin para participar das festividades.

— Que questão? — perguntou Dolores, obviamente tendo ouvido. Eu juraria que a bruxa tinha ouvido de lobisomem.

Recostei-me em minha cadeira. Aprendendo com meus erros do passado, decidi ser sincera com minhas tias.

— Lúcifer estava em meu quarto ontem à noite.

Beverly sorriu, com o rosto assumindo uma expressão sexy enquanto se inclinava sobre a ilha.

— É assim que você chama seu vibrador? Eu também gosto de dar apelidos a eles: dá uma sensação de aventura misturada com a excitação.

Ok, não era a resposta que eu estava esperando.

Limpei minha garganta. Quando tive a atenção total de minhas três tias, repeti:

— O *verdadeiro* Lúcifer, como o rei do inferno? O prenúncio das trevas? Senhor da noite? Bem, ele me fez uma visita ontem à noite.

Sentei-me e observei o silêncio atônito e a postura congelada delas. Apenas Hildo estava se movendo, sua cauda balançando para frente e para trás como o tique-taque de uma bomba.

— Lúcifer em nossa casa! — Dolores apertou o peito. — Meu peito está apertado. Não consigo respirar. Acho que estou tendo um ataque de pânico.

Ruth deu um tapinha em seu ombro.

— Não se preocupe. São apenas gases. Eu tenho isso o tempo todo. Esfreguei as têmporas, sentindo uma enxaqueca a caminho.

— E você tem certeza de que era Lúcifer? O verdadeiro Lúcifer? — Beverly estava me observando como se isso fosse algo que eu tivesse inventado ou possivelmente sonhado.

— Tenho certeza. Era ele.

Dolores franziu a testa, pensando no assunto.

— Bem... o que ele queria? Quero dizer, ele deve ter desejado algo. Um deus não aparece na casa de uma pessoa simplesmente para elogiá-la por seus móveis.

Eu me inclinei para trás.

— Ah, ele queria alguma coisa mesmo.

Beverly soltou um grito e se agarrou ao balcão para se apoiar.

— Não é isso — eu disse a ela. — Ele quer sua esposa. Ele me disse que se eu lhe trouxer a Lilith, ele me devolverá minha magia.

Minhas três tias ficaram olhando para mim como se eu tivesse sido muito profunda para reagir.

— Vocês me ouviram?

— Sim, sim, nós *ouvimos* você.

Dolores apertou os dois punhos contra os quadris.

— Fico feliz que tenha decidido nos contar. E pela expressão tranquila de Iris, acho que você contou a ela primeiro?

— Ela me contou ontem à noite — respondeu Iris. — Quando cheguei em casa com o Ronin.

Dolores balançou a cabeça.

— Isso é ruim, Tessa. Sempre que os deuses se envolvem com nós, mortais, nunca é bom para o mortal. Não somos nada para eles. Somos como seus brinquedos.

— Entendo isso.

Minha tia alta me lançou um olhar.

— Por que você? Por que ele quer que você se envolva?

— Meu palpite é que ele não tem ideia de onde ela está e como encontrá-la. Ela não é estúpida. E acho que ela tem amigos que a ajudam, que a avisam quando Lúcifer está perto.

— Oh. Talvez ele a queira de volta.

O rosto de Ruth se transformou em um sorriso.

Olhei para minha pequena tia.

— Não dessa forma, ele não quer. Tenho a sensação de que ele quer colocá-la de volta em sua gaiola... ou pior.

Definitivamente pior, mas eu não ia dizer isso diante dos olhares de horror espelhados nos rostos de minhas tias.

— E você faria isso?

Ruth estava olhando para mim com tristeza em seus olhos.

— Depois do que ela fez por nós? Pela Casa Davenport? Por sua mãe e seu pai?

Puxa vida. Eu sabia que estava chegando. Eu sabia o quanto elas gostavam da Lilith. Até eu gostava dela às vezes. A deusa me surpreendeu mais de uma vez com sua generosidade, embora fosse louca e tivesse ameaçado acabar com minha vida mais de uma vez. Abri a boca para responder, mas Dolores me interrompeu.

— É a única maneira de ela recuperar sua magia — disse Dolores com um suspiro piedoso. — Eu também não gosto disso. Mas acho que todos nós concordamos que faríamos o mesmo se fosse qualquer uma de nós. Tessa é uma bruxa de nascimento. Ela não foi feita para ser uma humana. Comum. Sem graça.

— Obrigada.

Beverly assentiu com a cabeça.

— Lilith ia tentar matar seu marido e ia usar Tessa para isso. E Lúcifer não teria mandado aquele *incubus* desgraçado — acrescentou ela com um rosnado, —tomar sua magia, se não fosse por Lilith. Ela é linda e tem um ótimo estilo, mas isso é culpa dela. Por que a Tessa

deveria viver como uma fracassada quando ela poderia ser mágica novamente?

— Foi o que eu disse — acrescentou a Bruxa das Trevas.

Ruth não estava falando. Seu rosto estava apertado com força. Isso acontecia quando ela estava pensando. Pude ver em seus olhos que ela era contra a ideia quando percebeu que Lúcifer não queria que sua esposa voltasse para uma segunda lua de mel. Ele a queria de volta para acabar com ela.

— Vou precisar de toda a ajuda possível.

Respirei fundo, vendo Ruth se virar. Ela moveu a espátula e virou uma de suas famosas panquecas de leite coalhado.

— A questão é... como faço para *trazer* Lilith até mim? Como faço para invocá-la? Ela sempre apareceu em meu quarto ou me fez aparecer onde *ela* quisesse. Sem minha magia, não posso fazer muita coisa.

Dei uma risada amarga.

— Vamos encarar os fatos. Não posso fazer nada sem minha magia. E é aí que eu espero que vocês entrem. Eu não acho que Lúcifer teria me perguntado se ele achava que eu não conseguiria fazer isso. Ele devia saber que eu descobriria de alguma forma. A quantidade certa de desespero pode levar as pessoas a fazerem coisas incríveis. Coisas estúpidas também.

— Nós a ajudaremos — disse Dolores, com uma expressão determinada quando encontrou meus olhos.

— Claro que sim.

Beverly parecia ter notado que Ruth estava de costas para nós.

— Certo, Ruth? Ruth?

— Hummm?

Dolores fez uma careta para a irmã mais baixa.

— Quando é que a troca deve acontecer?

— Hoje à meia-noite — respondi, minhas entranhas se apertando de ansiedade. — Devo levá-la para a esquina da Spirit Lane com a Crystal Row. Não faço ideia do motivo. Mas foi o que ele disse.

Pode parecer muito tempo, mas não era. Não quando você tinha que descobrir uma maneira de invocar uma deusa e depois enganá-la para que o seguisse até aquele lugar especial onde Lúcifer estaria esperando por ela.

Dolores encostou um dedo nos lábios em pensamento.

— Bem, nunca fiz isso, mas tenho certeza de que podemos encontrar um feitiço que invocará uma deusa para nós. Infelizmente, não tenho o feitiço que as Irmãs do Círculo usaram para libertar Lilith de seu confinamento. Não que ele funcionasse nesse caso, já que foi mais uma liberação do que uma convocação normal. Precisamos de outra coisa.

Ela respirou fundo e disse:

— Deve haver mais de um idiota neste mundo que já tentou invocar um deus antes. O mundo está cheio de idiotas.

— Essa pessoa idiota foi Harriette Clutterbuck — disse Ruth por cima do ombro enquanto virava outra panqueca. — Ela invocou a deusa pagã da maternidade e do parto, Akna, para ajudá-la a engravidar. Ela e seu marido estavam tentando há anos, mas ela nunca conseguia engravidar.

Essa era uma boa notícia. Eu me inclinei para frente.

— O que aconteceu?

Os ombros de Ruth se encolheram.

— Ela a comeu.

— Certo.

Dolores cruzou os braços, mas manteve o dedo tocando os lábios.

— Por que lá? Por que Lúcifer pediu esse local específico?

Boa pergunta.

— Meu palpite é que ele está preparado para prendê-la ou algo assim. Seja lá o que for que ele precise para prendê-la, bem, aquele lugar já está preparado ou estará.

Que era a única coisa que fazia sentido.

— É uma encruzilhada — disse Dolores depois de um momento. — Um espaço entre mundos onde podem ocorrer eventos sobrenaturais. Será mais fácil para ele montar sua armadilha.

Ruth estava batendo a espátula em suas panquecas com força desnecessária.

— Isso faz sentido.

Eu já tinha ouvido falar da palavra encruzilhada antes. Mas nunca tinha entendido realmente o que significava no mundo paranormal.

— Lilith não é estúpida — continuou Dolores. — Desequilibrada, talvez. Mas definitivamente não é estúpida.

— Eu sei disso.

— Como você planeja fazer com que ela te siga até lá?

Outra boa pergunta. Tomei um gole do meu café, agora frio, e fiz uma careta.

— Pensei nisso a noite toda. A única coisa que me ocorre é... terei de fingir que tenho um problema que só a Lilith pode resolver. Fazê-la se sentir importante, especial. Ela gosta disso.

Dolores assentiu com a cabeça.

— Bom. Sim. Isso pode realmente funcionar. Fazer com que ela se sinta necessária. Todo mundo gosta de ser necessário.

Ruth estava agora esfaqueando as panquecas com a espátula. Hildo havia recuado e se encostado na parede, olhando para ela como se achasse que ela fosse usá-lo como martelo.

Iris desviou o olhar do ataque de panquecas de Ruth.

— O que é isso que você vai precisar que ela resolva? Qual é o problema?

— Ainda não pensei nisso. Algo que tenha a ver com o fato de eu não ter mais magia.

É um golpe baixo, mas eu tinha visto a culpa no rosto da deusa. E ela *deveria* se sentir culpada. Por causa dela, eu estava reduzida a um fracasso. Eu soube então que era a única coisa que funcionaria com ela. Sua culpa. Convencê-la a me ajudar.

Sim, eu era uma idiota.

Beverly encostou o quadril na ilha da cozinha.

— Sim. Faça com que ela se sinta culpada. A culpa sempre funciona para mim com um homem. Eu os culpo para que me comprem joias o tempo todo.

— Como você consegue fazer isso? — perguntou Dolores.

— Eu digo a eles que não terão sexo — respondeu ela de forma objetiva, como se isso fosse algo totalmente normal.

Dolores arqueou uma sobrancelha.

— Isso é chantagem.

Beverly deu uma risadinha.

— Não. Isso é ser inteligente.

Dolores colocou sua longa trança cinza atrás das costas.

— Vou começar a revisar minha biblioteca. Beverly, você pode me ajudar. Será mais rápido. Tenho certeza de que encontraremos algo sobre como invocar uma deusa. Que o Caldeirão nos ajude se der errado.

Ela tinha razão. Se Lilith suspeitasse de algo errado conosco, ou comigo, estaríamos todas mortas.

— Se ela vir todos nós, não vai suspeitar de algo? — perguntou Iris.

Empurrei minha xícara de café frio para o lado.

— Não. Acho que isso só vai reforçar o fato de que não posso fazer magia e que preciso da ajuda das minhas tias e da minha amiga para fazer as coisas. Até mesmo para convocá-la.

— Vou cancelar meu encontro com Roderick — disse Beverly.

— Sinto muito, Beverly — eu lhe disse, embora ela não parecesse desapontada.

Beverly acenou para mim com a mão em sinal de desprezo.

— Não sinta. Quanto mais eles esperam, melhor é o sexo. Estou certa?

— Claro.

Dolores voltou-se para Ruth.

— Vou lhe dizer o que preciso em termos de poções, Ruth. Ruth? Está ouvindo?

— Sim. Claro.

Ruth deu meia-volta, com uma frigideira e uma espátula na mão, e despejou o que Iris e eu esperávamos que fossem nossas panquecas douradas: duas formas redondas duras e enegrecidas caíram em nossos pratos, parecendo piche.

Eu nunca tinha ouvido falar que Ruth tivesse queimado alguma coisa, nem mesmo uma torrada. Porque Ruth nunca queimava nada. Essa era uma regra tácita.

Sem olhar para mim, Ruth foi até a pia e despejou a frigideira. O vapor subiu quando ela abriu a torneira.

— Não se preocupe com ela — acalmou Beverly, olhando para nossas panquecas como se fossem pudim de sangue.

— Ela vai se recuperar. Ela só está chateada porque gosta muito da Lilith. Quero dizer, todas nós gostamos, mas temos que pensar no panorama geral.

Seus lábios se fecharam em uma linha fina e seus olhos tinham um traço de tristeza.

— E não vamos esquecer que ela foi a principal razão pela qual o marido dela tirou seus poderes.

Naquele momento, os ombros de Dolores ficaram tensos, e eu sabia que parte dela não estava gostando de planejar uma maneira de enganar Lilith e, por fim, entregá-la ao marido. Todas elas não se sentiam à vontade com a ideia, talvez até a odiassem, mas ainda assim iriam até o fim. Elas estavam fazendo isso por mim.

A culpa me corroeu por tê-las envolvido, mas que escolha eu tinha? Eu precisava de ajuda. Minhas tias eram as bruxas mais competentes que eu conhecia. Se alguém podia invocar uma deusa sem que isso parecesse suspeito, eram elas.

Talvez, apenas talvez, as coisas dessem certo para mim desta vez e eu recuperasse minha magia. Esta noite, eu poderia voltar a ser uma bruxa.

E, às vezes, temos que ter cuidado com o que desejamos.

CAPÍTULO 15

Passei o resto do dia e a maior parte da noite pesquisando e ajudando minhas tias a invocar uma deusa enquanto pensava no "problema" que eu deveria ter e que somente Lilith poderia me ajudar. Se Lilith sentisse o cheiro do que eu estava planejando, ela iria embora em um segundo, mas não antes de me matar.

Até o momento, o ritual - porque, de acordo com Dolores, somente um *verdadeiro* ritual pagão poderia invocar uma deusa tão antiga quanto Lilith, a primeira bruxa - consistia em música e dança de tambor, que Ruth havia concordado em executar, um pequeno altar, um sacrifício, que Beverly havia sido encarregada de fazer, e a recitação de um encantamento especial, proferido por uma suma sacerdotisa, que, é claro, Dolores havia nomeado para si mesma. Tudo dentro de um círculo.

Se eu tivesse meus poderes, poderia ter feito a convocação sozinha, sem a ajuda de minhas tias. Como não era mágica, tudo o que eu podia fazer era ajudar a transportar os enormes tomos, montar o altar no quintal e buscar ervas para Ruth na loja de ervas da cidade. Na maioria das vezes, eu apenas observava, sentindo-me inútil sem uma única gota de magia.

O ritual seria realizado no quintal, o que não daria nenhum sinal de alarme para Lilith. Eu morava aqui, então ela não suspeitaria de nenhum crime. Eu esperava que sim.

E, de alguma forma, eu tinha que levá-la para o outro lado da linha da propriedade e convencê-la a me seguir por alguns quarteirões até aquele cruzamento. A questão era: como eu faria com que ela me seguisse? Que mentira eu contaria a ela que soasse convincente?

Esse era meu único trabalho, e eu tinha que fazer isso direito. Se não conseguisse, todo esse trabalho e esforço seriam inúteis. Sem pressão.

Horas depois, com o "encantamento especial" de Dolores concluído, paramos para um merecido descanso e para o jantar de boas-vindas de Iris, preparado por ninguém menos que Ruth, que, felizmente, não havia queimado nada, para a alegria de Iris.

— Isso é maravilhoso, Ruth — comentou Ronin enquanto tomava um gole de sua cerveja sentado à mesa da sala de jantar. — É como uma festa de sabores em minha boca, e ninguém quer ir para casa.

As bochechas de Ruth ficaram delicadamente rosadas.

— Oh. Bem. Fico feliz que você tenha gostado. Era isso que a Iris queria.

— Está muito bom, Ruth — eu disse a ela, observando atentamente seu rosto.

— Obrigada por fazer isso.

— Sim, obrigada — disse Iris, que já estava na metade de sua fatia de lasanha. — Mmmm. Acho que vou querer um segundo prato.

Ruth ficou radiante com isso. Ela olhou para todos os lados, menos para mim, ainda sem fazer contato visual comigo, como se, se o fizesse, fosse obrigada a me dizer que não concordava com nossos planos de entregar Lilith a Lúcifer, mesmo que isso significasse que ela preferia que eu continuasse sem mágica.

Ronin chamou minha atenção e levantou uma sobrancelha duvidosa.

— Então, Tess... você está pronta para esta noite?

Peguei minha taça de vinho e tomei um gole, mas não muito. Eu precisaria de juízo em algumas horas. Eu era uma bêbada nervosa. Ninguém precisava ver isso.

— Sim, acho que sim. Algumas coisas ainda precisam ser resolvidas, mas acho que estamos prontos para ir. Certo?

Deixei a pergunta em aberto para minhas tias. Eu ainda estava irritada por não poder fazer nada, mas principalmente por sentir que não estava no comando.

— É isso mesmo.

Dolores cortou sua lasanha.

— Estamos mais do que prontas. Tudo deve correr como planejado. Lembre-se, não temos espaço para erros. Um simples erro e...

— Eu estarei morta — concluí para ela. — Pode dizer. Se fodermos com tudo, eu morro.

Dolores colocou os talheres em seu prato.

Eu, por exemplo, não pretendo *foder* tudo. Não pretendo estragar nada.

— Você não fode *com* nada há anos — disse uma sorridente Beverly, girando sua taça de vinho.

Dolores fez uma careta na direção da irmã.

— O que quero dizer é que não cometo erros. Minha parte do ritual será impecável. Tenho muito orgulho de qualquer prática mágica e não deixo espaço para erros. Não quando o sustento da Tessa está em jogo. E sua magia.

— Vai dar certo — disse Iris, percebendo minha inquietação. — Temos tudo o que precisamos para invocar Lilith e ainda temos cerca de cinco horas até a meia-noite. É tempo suficiente para revisarmos o ritual e nos certificarmos de que nada está errado, de que não esquecemos nada.

— Não há nada *de errado* com o ritual — disse Dolores, com a voz mais alta.

A Bruxa das Trevas me deu um sorriso reconfortante.

— Podemos até fazer alguns rituais de prática, se você quiser — disse ela em voz baixa.

Balancei a cabeça.

— Não, está tudo bem. Tenho certeza de que tudo está em ordem.

Dolores soltou um longo suspiro.

— É claro que tudo está em ordem. *Eu* organizei tudo.

Levantei minha taça de vinho para Dolores.

— É claro que está.

— O que eu gostaria de saber — disse Ronin, entre uma mastigação e outra, — é como você vai tirar Lilith de sua propriedade? Se você precisa de um homem-puta transitório para distraí-la, eu sou o cara.

Eu ri, mas me contive ao ver os punhais nos olhos de Iris. Limpei a garganta e coloquei meu copo na mesa, de repente não estava mais com fome ou sede.

— Eu pensei muito sobre isso. O dia todo.

— E? — perguntou Ronin.

— Vou lhe dizer que tenho o Derrick preso, com a ajuda da Iris, obviamente. Nós o prendemos no porão da Martha. Alguém que ele conhece é um amigo, então ele não teria suspeitado de nós. Então, vou lhe dizer que temos um feitiço que pode transferir de volta minha magia, o que nós temos — eu disse, olhando para Iris. — Vou lhe dizer que só ela pode fazer isso. Ela é a única pessoa poderosa o suficiente para transferir minha magia de volta para mim usando o feitiço e Derrick como hospedeiro mágico. Espero que eu seja uma boa mentirosa o suficiente para conseguir isso.

— Você não é.

Ruth espetou a lasanha com o garfo.

O-kay. Ai. Eu não estava acostumada a ver minha tia Ruthy tão irritada comigo. Isso estava mexendo com a minha cabeça, e eu precisava me concentrar. Não podia sentir culpa nem nada no momento. Não podia desenvolver uma consciência. Eu precisava da minha magia de volta, e Lilith era a resposta. Eu não ia recuar, mesmo que Ruth parasse de falar comigo. Se ela preferisse que eu continuasse sem magia, eu não poderia fazer nada a respeito. Ela havia feito sua escolha.

Ronin levantou o garfo e o apontou para mim.

— Para fins de argumentação, digamos que você *seja* uma boa mentirosa. Digamos que sua sessão espírita funcione muito bem e Lilith compre. Compre tudo. Tem certeza sobre Lúcifer?

Franzi a testa.

— Sobre o quê? — perguntei, embora tivesse a sensação de que sabia onde ele queria chegar.

— O que a faz ter tanta certeza de que ele vai lhe devolver a magia?

— Ele disse que faria isso. Não sou ingênua. Há uma chance real de que ele me deixe na mão. Mas é uma chance que tenho de tentar. Tenho que acreditar nele.

Ronin me encarou, parecendo não estar convencido.

— Você me disse uma vez que sua magia era um tipo *especial* de magia, como um diamante raro ou algo assim. Se a sua magia de sangue pode impedir o rei do inferno de alguma forma, você realmente acha que ele estaria tão disposto a deixá-la ir? E se outra pessoa, outro demônio, decidir que quer governar o Mundo Inferior e quiser expulsar Luci daqui? Eles usariam você. Assim como Lilith usou você. Você não acha que Luci já pensou nisso?

Que merda. Eu não *tinha pensado nisso*. *Essa foi boa, Tessa*.

— Ah... você tem razão, meu amigo vampiro. Honestamente, não, eu não tinha pensado nisso.

Certo. Isso acabou com meu super plano. Por que eu não havia pensado nisso? Ronin estava certo. Lúcifer não me devolveria minha magia pela bondade de seu coração. O desgraçado havia aprisionado sua esposa por anos. Ele não era um bom sujeito. Mesmo assim, eu acreditei nele porque parte de mim queria acreditar nele.

— Se fosse eu — disse o meio-vampiro, com os olhos fixos em mim. — Eu não a devolveria. Se eu tivesse em minhas mãos algo que pudesse me machucar ou matar, eu ficaria com ele. Claro, eu inventaria uma boa mentira, mas não me separaria dela. Muito perigoso. Só estou dizendo.

— Guarde suas palavras para você, vampiro — cuspiu Dolores. — Não precisamos que você coloque dúvidas na cabeça de Tessa. O cérebro dela não é grande o suficiente para se apegar a algo assim.

— Valeu — eu disse, irritada por ela achar que eu era uma idiota, mas mais indignada por Ronin ter inserido mais dúvidas em meu cérebro grande e sem noção. Era tarde demais para voltar atrás e começar a duvidar. Lúcifer não era um bom sujeito, mas eu confiava em meu instinto. Meu instinto havia dito que ele devolveria minha magia.

Eu tinha que confiar em mim mesma. Era tudo o que me restava.

Ruth empurrou a cadeira para trás e se levantou, levando o prato ainda cheio de comida para a cozinha. Ela tinha acabado de espetar sua refeição e empurrá-la com o garfo. Não a vi dar uma mordida.

— Vai funcionar — disse Iris, inclinando-se e apertando minha mão. — Você verá. Amanhã, a esta hora, você terá sua magia de volta. Tudo voltará ao normal.

Assenti com a cabeça, como se algo pudesse ser tão simples.

— Qual é o problema, Ruth? — perguntou Beverly. Dei uma olhada para a cozinha e vi Ruth mexendo nos armários.

— Não consigo encontrar meu açúcar orgânico — respondeu Ruth. — Preciso dele para a sobremesa. Não se pode servir crême brûlée sem caramelizar o açúcar.

Ela fechou a porta do armário.

— Acho que o deixei no Volvo.

— Eu vou buscar.

Eu precisava esticar as pernas e clarear as ideias. Mas, principalmente, eu queria que minha tia Ruthy olhasse para mim. Ela odiava o fato de estarmos preparando um ritual para esta noite, mas mesmo assim estava fazendo isso. O mínimo que eu poderia fazer era ir buscar seu açúcar.

O aceno de Ruth para o balcão da cozinha foi suficiente.

— Volto já.

Saí da mesa e me dirigi à porta da frente, tentando não pensar demais nos buracos do nosso plano mestre, mas falhando miseravelmente.

Com a mandíbula cerrada, abri a porta e meu rosto se chocou contra um corpo duro. Os músculos peitorais de um corpo duro que eu conhecia muito bem.

Dei um passo para trás e olhei para os olhos cinzentos emoldurados por cílios grossos e pretos em um rosto primorosamente bonito.

Marcus.

CAPÍTULO 16

Fiquei ali de boca aberta, tendo esquecido temporariamente como o chefe era lindo e pecaminosamente sexy. Braços musculosos esticavam sua camiseta na extensão de seus ombros largos e na protuberância de seus peitorais duros. Uma parte tola de mim queria esfregar meu rosto neles novamente. O que eu poderia dizer? Eu era uma criatura excitante.

Imagens de corpos nus e suados e lençóis retorcidos invadiram minha mente. Foi estranho. Embora eu ainda estivesse brava com ele, meu corpo parecia ter outras ideias. Meu corpo pulsava, e o calor se acumulava ao redor do meu peito e até minhas regiões femininas.

Respirei fundo. Malditos hormônios. Pior ainda, meus mamilos tinham se transformado em pedra. Mamilos traidores.

Lutei para retomar o controle enquanto minha aderência à realidade oscilava. Ele era um destruidor de calcinhas. Nenhuma outra palavra poderia descrevê-lo. Maldito seja ele e sua estúpida capacidade de estragar calcinhas.

Um sorriso surgiu em seus lábios carnudos.

— Você está ótima.

Acho que posso ter rosnado como um animal selvagem.

Senti os olhos em mim e, quando olhei por cima do ombro dele, vi homens aglomerados no gramado da frente e na rua. Não eram homens. Eram wereapes.

— Eles o seguiram até aqui?

Eu me esforcei para falar. Minha garganta estava arranhada e latejante, e eu odiava isso.

— Então, você aceitou a oferta. Agora você é o alfa deles. Isso é... ótimo. Bom para você.

Senti-me entorpecida, como se estivesse pulando em um lago gelado, entorpecida e sozinha, e não conseguia me livrar dessa sensação. Sempre houve a possibilidade de Marcus aceitar a oferta. Era uma boa oferta, mas aquela parte egoísta de mim esperava que ele a recusasse.

— Tessa.

Meus olhos desleais ardiam.

— Não posso fazer isso agora.

Dei meia-volta e saí do saguão, indo em direção à escada. Iris e minhas tias estavam amontoadas no final do corredor próximo à

cozinha, observando-me com olhos arregalados e cativados, como se esse fosse o melhor drama desde a invenção das novelas.

— Tessa, espere.

— Vá embora.

Subi as escadas o mais rápido que pude, tropecei no nono degrau e continuei como se isso não tivesse acontecido. Eu não podia encará-lo agora. Precisava me concentrar. Eu já estava com as emoções à flor da pele. A última coisa de que eu precisava era um confronto com o chefe. Isso mexeria com minha cabeça. Minha magia vinha em primeiro lugar. Eu vinha em primeiro lugar. Marcus havia feito sua escolha. Ele precisava me deixar em paz.

— Tessa, pare. Nós precisamos conversar. Pare de ser assim.

— Estou ocupada — gritei. — Volte amanhã. Marque um horário.

Eu não sabia por que havia dito aquilo.

Cheguei ao andar com pressa e abri a porta do meu quarto, mas quando estava prestes a fechá-la, o maldito wereape a segurou com uma de suas grandes mãos.

Com uma careta, me soltei e corri para o banheiro enquanto ele gritava:

— Venha cá, mulher!

— O quê?

Eu me virei, sugando o ar por entre os dentes.

— Você *não acabou* de dizer isso, seu homem das cavernas!

Marcus fechou a porta atrás de si.

— Você não está me ouvindo. Preciso que me ouça.

Coloquei as mãos nos quadris, mantendo uma distância segura dele.

— E por que eu deveria? Você não é meu dono. Não preciso de sua permissão para fazer nada. Sou uma mulher adulta. E você certamente não pode me dizer o que fazer.

— Tessa...

A raiva envolveu minha garganta.

— Não faça parte de sua matilha, Marcus. Você não me controla. Nunca deixarei que um homem me controle. Jamais.

O chefe passou os dedos por aquele cabelo sedoso, espesso e brilhante.

— Você está sendo irracional.

Se ele tivesse a audácia de me perguntar se era aquela época do mês, eu o estrangularia.

Senti um pouco de vapor saindo de meus ouvidos.

— Saia antes que eu tenha que expulsar você.

O rosto de Marcus ficou abatido.

— Você está com raiva de mim. Com muita raiva.

— Parabéns. Nunca fui boa no pôquer. Este é o meu rosto. É assim

que fico quando estou irritada. Mas quer saber? Não tenho tempo para isso, seja lá o que for. Está bem? Tenho coisas para fazer. Coisas importantes. Coisas que mudam minha vida.

A preocupação apertou as bordas de seus olhos e boca, e ele ficou parado como se estivesse surpreso por eu estar com raiva dele.

— Como o quê? Que coisas?

O homem enorme teve a coragem de parecer preocupado. Sexy e preocupado. Preocupado e sexy. Eu estava perdendo a cabeça.

Eu queria ser a pessoa madura aqui. Queria deixar de lado meus sentimentos e tentar ficar feliz pelo rapaz. Mas minha imaturidade venceu. Isso aconteceu muitas vezes.

— Você nem sequer ligou — eu disse. — Que tipo de homem faz isso? Talvez se você tivesse pegado o maldito telefone e me contado o que estava acontecendo em sua vida, eu não estaria me passando agora. Eu nunca lhe pediria para escolher entre mim e um ótimo emprego. Não sou essa pessoa. Eu nunca me intrometeria entre uma pessoa e seu futuro. Nunca me meteria nisso. Mas achei que merecia pelo menos um telefonema antes de você decidir mudar sua vida. Minha vida.

A mandíbula de Marcus se cerrou.

— Eu liguei. Várias vezes. Nenhum dos rapazes tinha celular. Então, saí de fininho e usei um velho telefone fixo no metrô de Nova York. Acho que a Ruth atendeu algumas vezes, mas eu mal conseguia ouvi-la, e ela não conseguia me ouvir. A conexão era terrível.

Que droga.

— Você é o cara da Nutella?

As sobrancelhas do chefe se ergueram.

— O quê?

Meu coração se apertou e senti um fogo ardendo em meu peito.

— Não importa.

O calor subiu à minha cabeça. Eu me sentia uma idiota agora. Marcus havia ligado pelo menos algumas vezes, de acordo com Ruth. Ele havia tentado entrar em contato comigo. Era a prova de que ele se importava. Então, por que eu ainda estava com muita, muita raiva?

— Quando percebi o que Zeke estava fazendo depois que ele pegou meu telefone, liguei para você assim que fiquei sozinho — disse Marcus, mantendo uma distância segura de mim. Percebi que ele não tinha certeza de como me abordar, por ser um pouco instável e tudo mais.

— Fui até lá para ajudar. Nunca pensei que o alfa fosse pegar meu telefone.

— Você deixou.

Seus olhos cinzentos se fixaram nos meus.

— Eu deixei. Ele também estava tentando fazer com que eu lutasse

com ele. Foi por isso que ele tirou meu telefone. Ele sabe sobre você. Sabia que eu precisava, queria, falar com você. Sabia que você estaria preocupada.

— Isso é um eufemismo.

Uma parte da minha raiva foi subitamente substituída pela mesma quantidade de irritação.

— O Zeke usou isso. Ele queria me irritar. Ele queria que brigássemos. Eu me recusei. Porque, se o fizesse, significaria que eu o estava desafiando para a posição de alfa.

— E você não fez isso?

Marcus soltou um suspiro.

— Eu não queria. Mas ele continuou insistindo. Usou de tudo para tentar me envolver em uma briga com ele, mas eu nunca cedi. Como eu lhe disse, eu estava lá para ajudá-lo a escolher, não para tomar o lugar dele.

— E como isso funciona, exatamente? Você escolheria um alfa para o alfa? Isso não faz sentido.

Marcus girou seus ombros largos.

— Não é o costume usual. E é a maneira menos favorecida. Mas todo alfa tem o direito de fazer o que quiser para escolher o próximo alfa. Para desafiar ou ser desafiado ou simplesmente fazer uma escolha. Mas quando um alfa simplesmente escolhe o próximo alfa sem lutar, sem demonstrar força, isso pode gerar problemas. Se ele escolher seu próximo substituto, um membro da matilha poderá desafiar o alfa se achar que foi a escolha errada. Que o novo alfa não é forte o suficiente para liderar a matilha.

— Então é aí que você entra.

Acenei com um dedo para cima e para baixo em seu corpo.

— É aí que todos esses músculos entram em ação. Certo?

Marcus abriu um sorriso, fazendo com que as borboletas batessem nas paredes do meu estômago.

— É isso mesmo.

Desviei o olhar de seus lábios exuberantes e bem torneados, que eram extremamente perturbadores.

— Você está me dizendo que não *aceitou* o trabalho? Você não é o novo alfa?

Como uma campeã, escondi a emoção da minha voz. Mas eu não ia mentir para mim mesma e dizer que isso não era o que eu estava morrendo e desejando ouvir todo esse tempo, porque era.

O wereape balançou a cabeça.

— Eu já tenho um emprego. Sou o chefe.

Um pouco da tensão relaxou em meus ombros. Mas algo ainda não fazia sentido.

— Então, por que eles estão aqui? Por que um bando de wereapes

está em nosso gramado da frente? Eles estão oferecendo um desconto no paisagismo?

O chefe riu com um estrondo profundo que causou arrepios de prazer em toda a minha pele.

— Eles me seguiram. Zeke ainda está tentando me fazer mudar de ideia. O wereape é implacável.

— E ele vai?

— De jeito nenhum.

Seu olhar recaiu sobre mim, e eu me mexi nervosamente. Não sei por que, mas senti que essa era uma das primeiras vezes em que estávamos sozinhos. Eu estava nervosa e apavorada naquele exato momento.

— Deixe-me adivinhar — perguntei. — Ele ainda tem seu telefone?

— Vou comprar um novo.

Foi a minha vez de rir.

— E o Lucas?

Marcus acenou com a cabeça.

— Ele é a escolha certa. Zeke acabará percebendo isso. Ele é jovem, forte e tem o respeito da matilha. Não estou interessado na política deles. Já tenho política suficiente para lidar aqui.

Soltei uma baforada de ar.

— Eu sei.

— Sinto muito, Tessa.

O rosto de Marcus estava tenso de emoção.

— Se eu soubesse que não poderia ligar para você. Se eu soubesse o quanto você ficaria chateada por eu ter ido embora, eu nunca teria ido. Eu nunca quis que você se sentisse assim.

Eu exalei.

— Eu sei.

— Eu me esqueço de que você ainda tem muito a descobrir sobre o mundo paranormal — continuou o chefe, com a preocupação apertando seus olhos. — Especialmente no que diz respeito aos wereapes. Eu deveria ter ficado com você.

— Está tudo bem. De verdade. Já passou.

Ele atravessou o cômodo lentamente, com aquele sorriso diabólico persistindo em seu rosto sexy.

— Então, de que coisas que mudaram sua vida você está falando?

Minha pulsação batia forte quando ele se aproximava, imaginando se ele poderia ouvir. Provavelmente.

— Eu tenho uma maneira de recuperar minha magia.

O enorme wereape parou e franziu a testa, não era a reação que eu estava esperando.

— E o que exatamente você precisa fazer para recuperá-la?

Dei de ombros.

— Eu meio que tenho que entregar a Lilith para Lúcifer.

Eu lhe dei a versão resumida e observei como as emoções cruzavam seu rosto. Um turbilhão de sentimentos brilhava em seus olhos cinzentos: urgência, raiva, medo, possessividade. Suas mãos se fechavam em punhos e se soltavam. Ele era um homem com muitos sentimentos bem fechados e controlados. Ele tinha que ser assim, como chefe, e isso era sexy.

Um músculo se esticou ao longo de sua mandíbula. Em seguida, todos aqueles músculos apareceram em seu pescoço e ombros. Pude ver toda aquela proteção, acariciando-me de uma forma que há muito tempo eu não era acariciada, e fiquei totalmente excitada.

— Você lhe entrega Lilith e ele devolve sua magia? — perguntou o chefe, com a voz perigosamente baixa e assustadora como o inferno.

— Esse é o plano.

Afastei os pés, pronta para a luta, sabendo que ele estava prestes a me mostrar como esse plano era estúpido e maluco, que eu não precisava da minha magia, bla bla blá.

— Eu vou com você.

Levantei minhas sobrancelhas. Não estava esperando por isso.

— Não. Se ela o vir, saberá que algo está acontecendo — eu disse a ele. — Isso, ou ela vai querer dormir com você. Ela é uma deusa muito tarada.

Um sorriso em seus lábios aqueceu meu rosto.

— Tudo bem. Posso me manter nas sombras. É minha melhor oferta, Tessa. Você não vai se encontrar com o rei do inferno sem mim. Eu não vou deixar.

Ele estava novamente sendo autoritário e controlador, e eu gostei disso.

— Tudo bem — repeti, com o rosto no que eu esperava ser irritação, enquanto meu estômago fazia a dança da dor. — Pare de me olhar desse jeito.

— Que jeito — ele ronronou ao diminuir a distância entre nós. — Você é linda.

Oh-oh. Eu conhecia esse olhar. Era o olhar de "eu vou me divertir com a sua amiguinha".

Ele tinha muitos desses talentos. Um homem de muitos talentos.

Levantei a mão e dei um passo para trás.

— Não faça isso. Fique longe de mim. Estou falando sério.

O sorriso e o rubor em meu rosto me traíram.

— Você é tão gostosa — rosnou o wereape, avançando. — Você me deixa louco. Eu quero você. Quero você agora mesmo.

Apontei para ele. As borboletas que se agitavam em minha barriga se transformaram em um ataque de vespas.

— Estou te avisando. Não faça isso.

— Por que não?

Uma pontada de desejo atingiu meu âmagô.

— Porque... porque eu deveria estar com raiva de você, seu grande ogro!

Não sei o que ele viu em minha expressão, mas um sorriso enorme dividiu seu rosto sexy.

— Senti sua falta — continuou o wereape. — Não consigo parar de pensar em como você saiu do Central Park. Como sua bunda estava maravilhosa naquela roupa. E o quanto eu queria arrancá-la de você.

Ah. Lilith estava errada sobre minha escolha de roupas. Eu estava usando aquelas calças de moletom.

Meus olhos se moveram para baixo, para a protuberância já proeminente em sua calça jeans, o que fez maravilhas para minha autoestima. Nada como um pau duro para fazer você se sentir bonita e desejada.

Quando dei por mim, suas mãos grandes e ásperas estavam sobre mim, puxando-me para ele. Ele encostou sua testa na minha, olhando em meus olhos e enviando pontadas de desejo em meu âmagô. Sua boca encontrou a minha, e eu me perdi na paixão, no desejo. Seus lábios eram macios e quentes, e o desejo por trás de seu beijo fez meu pulso disparar. O tesão bateu em meu corpo e me incendiou. Todas aquelas emoções reprimidas de alguns dias atrás vieram à tona, elevando o desejo em mim até que eu sentisse que estava prestes a explodir.

Eu estava apenas... vamos encarar os fatos. Com um tesão dos diabos.

Passei as mãos por baixo de sua camisa, explorando os músculos duros de suas costas. Assim como o wereape, sua pele era quente e macia.

Eu me afastei.

— Espere, e o Zeke e os outros? — Eu o lembrei.

— Não me importo — rosnou o wereape enquanto esmagava sua boca na minha novamente.

Sua língua procurou minha boca, e todos os pensamentos sobre Lilith e Lúcifer desapareceram de meu cérebro. Havia apenas o desejo desse homem maravilhoso e minhas vibrantes partes íntimas.

Ele deu um passo para trás e meu coração acelerou quando ele arrancou a camiseta, a calça jeans e a cueca em um único movimento. Droga, esse talento de rasgar roupas dos wereapes.

Ele estava ali em sua glória dourada, lisa, dura e nua. Seu olhar estava ardendo com algum tipo de apetite carnal animalesco.

— Não é justo — respirei.

Pisquei, e suas mãos estavam sobre mim novamente. Seus dedos encontraram o zíper da minha calça jeans e o tecido da minha

camiseta, e a aspereza de seus dedos fez minha pele pegar fogo. Pisquei novamente e minhas roupas haviam sumido. Meu sutiã também, junto com minha calcinha derretida.

— Tão, *tão* injusto — eu disse novamente, espantada e realmente excitada. — E tão excitante.

Eu não tinha ideia do que havia acontecido com minhas roupas e não estava nem aí.

O sorriso do chefe era malicioso e foi direto para o meu estômago, que se contraiu.

— Eu tenho dedos com poderes.

Eu sorri preguiçosamente.

— Conte-me sobre isso.

O homem era muito gostoso e tinha voltado para mim. Essa fera gloriosa e forte havia dito não a se tornar um alfa e voltou para *mim*.

Muito bem!

Eu queria passar minha língua por todo o seu corpo. Só de pensar em seu sabor salgado, eu me arrepiava.

Droga. Eu estava tão excitada que estava prestes a desmaiar.

Quando dei por mim, Marcus me encostou na parede com força.

— Marcus! — Eu gritei. — Seu monstro.

— Eu sou — ele rosnou, selvagem e feroz, seu animal chegando ao limite, e isso fez com que meu núcleo pulsasse de tesão. Sua língua se lançou e lambeu meu pescoço.

O wereape então me agarrou e me jogou por cima de seu ombro. Sim, um homem das cavernas. Mas depois ele me abaixou gentilmente na cama. Eu aceitei seu peso enquanto ele deslizava sobre meu corpo, minhas entranhas pulsando com um desejo ávido.

Ah, sim. Foram orgasmos múltiplos esta noite.

Eu sabia que em poucas horas as coisas poderiam piorar muito.

Mas agora, eu me permito aproveitar o momento, algumas horas de felicidade.

E deixei que Marcus me levasse até lá.

CAPÍTULO 17

Dei uma volta pelo quintal. O ar fresco da noite cheirava a agulhas de pinheiro e terra, acalmando meu rosto quente. Eu não estava quente por causa dos orgasmos múltiplos de algumas horas antes, embora estivesse naquele momento. Meu rosto estava quente devido ao estresse do que eu estava prestes a fazer.

A umidade se acumulava em minhas axilas e, a qualquer momento, eu iria cheirar como um vestiário masculino. Por que eu havia esquecido de passar desodorante novamente era um mistério. Não. Era porque eu tinha tomado banho com um chefe gostoso e nu que não parava de me massagear em todos os lugares. Tive de expulsá-lo do meu banheiro para poder me secar com a toalha sem que suas mãos grandes corressem para cima e para baixo pelo meu corpo molhado.

Meu celular mostrava 23h30 quando saí do meu quarto. Era hora de recuperar minha magia.

Eu deveria estar animada. Diabos, eu deveria estar dando cambalhotas. Mas eu me sentia mal, com muita ansiedade, e minhas pernas pareciam hastes de metal.

— Você está bem? — perguntou Marcus. Seu ombro grande roçou no meu enquanto ele caminhava ao meu lado. — Você ficou quieta assim que saímos do seu quarto.

— Parte de mim gostaria de ter ficado na cama com você — falei a ele, meus olhos focados no grande círculo de velas. Dolores, Beverly e Ruth estavam lado a lado dentro do círculo, de costas para nós quando nos aproximamos. Iris estava do lado de fora do círculo, segurando Dana, seu álbum de DNA com todos os tipos de feitiços e maldições.

— Ainda podemos voltar agora e parar. Ninguém te está forçando a fazer isso. Diga a palavra. Ficarei feliz em levá-la de volta ao seu quarto.

Avistei o Ronin encostado em um grande carvalho, com os braços cruzados sobre o peito. Mesmo na escuridão, havia iluminação suficiente para ver o estranho sorriso em seu rosto.

— Aposto que você adoraria — respondi ao me aproximar do círculo. — Mas esta é minha última chance de recuperar minha magia. Tenho que tentar. Tenho que fazer isso por mim.

Pensei em meu pai e em sua tentativa de encontrar Derrick. Eu havia me esquecido completamente de contar a ele. Culpei Marcus e três dos orgasmos mais intensos conhecidos pela humanidade. Mas eu

não tinha tempo agora. Eu o avisaria depois que isso terminasse e minha magia estivesse de volta.

Olhei por cima do ombro, passando pelo lado esquerdo da Casa Davenport até a rua.

— Onde estão todos os wereapes? Eu esperava vê-los se escondendo nas árvores ou algo assim. Eles se foram?

Marcus sorriu.

— Não. Provavelmente está apenas dando uma olhada na cidade. Provavelmente em um dos bares.

Passei por cima das velas e entrei no grande círculo, grande o suficiente para caber em uma sala de estar de bom tamanho.

— Estamos prontas? — perguntei às minhas tias.

As três bruxas se separaram quando se voltaram para mim, dando-me uma visão completa do altar e do que estava em cima dele.

Eu olhei. Um homem com cerca de 50 anos, a julgar pela queda de cabelo, pela barba grisalha e pelas rugas ao redor do rosto e da boca, estava amarrado ao altar - nu. Sua masculinidade estava coberta pelo ar da noite e provavelmente pelos mosquitos.

— Espere. Que diabos é isso? — perguntei, atônita.

Beverly sorriu, com o rosto perfeito e bonito à luz da vela.

— Este é Gary. Ele tem sido um menino muito travesso. Não é mesmo, Gary? Sim, sim, ele tem sido. Traiu sua esposa no ano passado com a filha de dezenove anos de seu melhor amigo.

Fiz uma careta.

— Que nojo.

Olhei para Gary novamente.

— Mas por que ele está aqui?

Seus olhos estavam parados como se ele tivesse tomado muitos analgésicos. Ele estava definitivamente enfeitiçado.

— Porque ele é o nosso sacrifício — disse Beverly alegremente. — Não se preocupe. Nós não o mataremos, se é isso que está pensando. Não somos assassinas. Só precisamos que ele sangre. Os desgraçados trapaceiros sempre sangram mais.

— Certo.

Por que tive a sensação de que essa não era a primeira vez que amarravam um homem nu em um altar? Eu sabia que precisávamos de sangue. Só nunca imaginei que seria sangue humano.

— Por que ele está nu?

Beverly me mostrou um de seus sorrisos perfeitos.

— Por que não?

Ela deu uma piscadela e se voltou para Gary, que estava sorrindo como se estivesse em uma viagem de ácido.

Meus olhos encontraram Ruth. Ela segurava uma tigela de cerâmica vermelha junto ao peito, e um pequeno tambor estava

pendurado no cinto em sua cintura. Linhas marcavam sua testa e ela parecia estar sofrendo. Mesmo assim, ela não fez contato visual comigo.

— Está bem, está bem. Chega de conversa fiada inútil — disse Dolores, balançando a cabeça. Sua longa trança cinza batia suavemente em suas costas. — Não temos muito tempo antes da meia-noite. Precisamos fazer isso agora.

Seus olhos encontraram Marcus.

— A menos que você consiga conjurar uma deusa com sua boa aparência, você não deveria estar perto do círculo.

— Você tem que ir — eu disse ao wereape.

Marcus manteve meu olhar fixo por um instante.

— Estarei bem ali, nas sombras, caso você precise de mim.

Assenti com a cabeça, sem saber o que responder. Não queria ter que precisar de Marcus. Se precisasse, as coisas teriam dado terrivelmente errado. Observei-o ir na direção de um bosque, em frente ao local onde o Ronin supostamente ainda estava escondido à vista de todos.

— Por que o ritual de sacrifício? — perguntou Ronin. — Quero dizer, por que não simplesmente bater seus tornozelos juntos e chamar pelo nome dela? — Ele riu. — Vocês não podem simplesmente fazer uma invocação normal?

— Porque Lilith é uma deusa pagã — respondeu Beverly. — Ela responderá melhor aos costumes antigos.

— Amarrando um cara velho e nu? — O vampiro riu mais. — Isso não é um pouco clichê?

— Ronin! — sibilou Iris, mostrando as mãos.

— O quê? — disse o meio-vampiro, parecendo bastante satisfeito consigo mesmo.

Dolores sacou um punhal e o apontou para Ronin.

— Se você não calar sua boca de vampiro e for embora, vou cortar suas partes e oferecê-las a Lilith como presente!

Ronin apertou a virilha.

— Sim, senhora.

Em um borrão, o vampiro acelerou e desapareceu na noite. Não conseguíamos mais vê-lo, mas eu tinha certeza de que ele estava em algum lugar próximo, assim como Marcus.

— Tessa, você fica ali — instruiu Dolores, apontando para um local fora do círculo e à esquerda do altar, atrás de Iris.

Fiz o que me foi pedido, tentando parecer calma e concentrada, como se estivesse no controle. Em outro momento, eu teria ficado irritada com o fato de ela me dar ordens, mas, no momento, eu não tinha energia nem para discutir. Além disso, eu tinha fé em Dolores, nas habilidades de minhas tias. Isso ia funcionar.

E em poucos minutos, eu teria minha magia de volta.

Senti uma pressão contra minhas omoplatas, um empurrão frio, e os pelos da nuca se eriçaram com a sensação de que havia olhos em mim. Virei a cabeça para trás, procurando o causador da sensação, mas só vi sombra e escuridão pontuadas pelas luzes da rua que piscavam para mim.

Eu estava perdendo a calma ou apenas reagindo à presença do Ronin e do Marcus, escondendo-me nas sombras.

Iris se virou e me encarou.

— Vai dar certo. Você verá. Logo você será uma bruxa novamente.

Assenti com a cabeça, ainda achando difícil responder, como se tivesse colado meus lábios.

— Será como se nada tivesse acontecido — continuou a Bruxa das Trevas, agarrando Dana com mais força, como se estivesse tentando se convencer.

— Senhoras, vamos começar — disse Dolores, e eu voltei minha atenção para minhas tias.

Beverly pegou a faca de Dolores e se aproximou de Gary. Com um movimento rápido de sua mão, ela cortou o pulso do homem. O sangue escuro escorreu do corte, e ela rapidamente pegou uma pequena tigela de madeira do altar e a colocou sob o ferimento. Depois de alguns segundos, ela retirou a tigela e passou algo sobre o corte, que eu não conseguia ver na penumbra. Mas aquilo estancou o sangramento.

Em seguida, Beverly se aproximou de Ruth e despejou o sangue na tigela maior de cerâmica que Ruth estava segurando o tempo todo. Ruth murmurou algumas palavras enquanto misturava o sangue com o que havia na tigela. Quando terminou, ela se juntou a Gary no altar. Com o dedo mergulhado na mistura como um pincel, ela pintou alguns símbolos no rosto e no peito do homem nu. Quando terminou, ela colocou a tigela no altar e se afastou, ficando do lado esquerdo de Dolores, enquanto Beverly ficou do lado direito.

— Você está pronta? — sussurrou Iris.

— Não — sussurrei de volta, finalmente encontrando minha voz. — Nem um pouco.

— Você está fazendo a coisa certa — acrescentou ela. — Apenas... não pense demais nisso. Isso foi feito para você. Lembre-se disso. Você está apenas recuperando o que é seu por direito.

— Eu sei.

Tentei respirar calmamente, sabendo que minha vida estava prestes a mudar, mas parecia que eu não conseguia encontrar ar suficiente.

Ruth iniciou uma batida constante em seu pequeno tambor preso ao cinto.

— Salve, Lilith, deusa das sombras, dama da noite, a primeira bruxa — entoou Dolores enquanto erguia as mãos acima da cabeça, sua voz soando no ar da noite como um sino de vento. — Nesta noite, nós lhe oferecemos este sangue, este sacrifício como um presente de agradecimento a você.

O poder surgiu ao meu redor e através de mim, e eu preendi a respiração ao sentir minhas tias usarem suas vontades e sua magia. O fluxo de energia de suas auras se uniu. Elas se uniram e ressoaram. Foi lindo, e senti uma dor em meu peito.

Estou fazendo a coisa certa. Meu coração bateu contra meu peito. O suor escorria por minhas costas. Limpei as palmas das mãos suadas em minha calça jeans, tentando ver o rosto de Ruth, mas o ombro largo de Dolores estava no caminho.

— Que nossa adoração esteja dentro do coração que se alegrou — continuou Dolores.

— Pois eis que todos os atos de amor e prazer são nossos rituais. Amada deusa, buscamos sua orientação. Pedimos que comungue conosco e se mova entre nós. Pedimos a você, Lilith, que se junte a nós no círculo esta noite!

Eu me enrijei e minha respiração sibilou pelo nariz. O derramamento de energia de minhas tias surgiu em ondas trêmulas de energia pelo ar. O chão a meus pés cantou em ressonância com o impacto. Cerrando os dentes, uma sensação de formigamento percorreu meus dedos das mãos e dos pés.

E, então, por um instante atemporal, tudo na noite - os insetos, os animais, nós - ficou totalmente silencioso e parado.

Com uma súbita explosão de energia, duas coisas aconteceram. Primeiro, as marcas de sangue em Gary brilharam em um vermelho intenso antes de se fixarem. Segundo, uma explosão de luz ofuscante passou diante de nossos olhos enquanto a energia corria pelo ar.

Eu esperei. E quando pensei que o ritual não havia funcionado, uma mulher com longos cabelos ruivos e olhos vermelhos ardentes parou no círculo ao lado do altar.

— Bem — disse Lilith, e puxou seu corpete de couro vermelho para cima, empurrando as meninas para cima. — Esta é uma surpresa.

CAPÍTULO 18

Lilith, a deusa da noite, estava resplandecente e um pouco vagabunda em seu conjunto de couro vermelho. Sua silhueta esguia estava perfeitamente envolvida em um corpete de couro justo e em uma calça que nenhum homem comum conseguiria usar. Ela completou o visual com botas vermelhas de cano alto. Seu cabelo estava penteado para trás em um rabo de cavalo baixo, o que só acentuava seus traços lindos e divinos. Ela irradiava beleza e poder.

Lilith, uma divindade poderosa e a primeira bruxa, podia estalar os dedos e acabar com minha vida. Ela não competia com bruxas ou mesmo demônios. Ela era basicamente a mãe de ambos.

E eu era a idiota que teria de induzi-la a pensar que eu tinha um problema que só ela poderia resolver. Maravilhoso.

Lilith deu um passo em direção ao altar, seus lábios vermelhos se curvaram em um sorriso.

— Faz muito tempo que não me oferecem um sacrifício humano.

Ela arrastou um dedo longo e bem cuidado sobre o peito de Gary.

— Eu teria preferido um sacrifício mais jovem e firme. A carne dele está um pouco... envelhecida, mas serve. Sangue é sangue.

Gary piscou para a deusa, com os olhos vidrados e sorrindo, completamente sem noção.

Todas as minhas tias se voltaram para mim com expectativa, sem ousar dizer uma única palavra, caso tudo fosse para o inferno.

Certo. Era a minha vez.

Tentei manter minha mente o mais vazia possível, sabendo, mas sem ter certeza, se a deusa podia ler mentes. Se ela soubesse o que eu estava planejando, eu poderia dizer adeus à minha vida.

Hora do show. Limpei minha garganta.

— Esta sou eu. Isso tudo sou eu. Sim.

Minha voz saiu bem alta. Eu estava praticamente gritando.

Lilith me encarou como se eu tivesse acabado de falar uma língua estranha que ela nunca tinha ouvido antes.

— Por que está agindo de forma estranha?

Droga. Eu ia estragar tudo.

— Não estou estranha. Sempre fui esquisita. Não tenho culpa se você nunca percebeu.

A deusa estreitou os olhos para mim.

— Não. Você está agindo de forma mais estranha do que o normal.

O que há com você?

Engoli com força, tentando não tremer.

— Ouça. Pedi às minhas tias e à minha amiga Iris que me ajudassem a convocar você. Não conseguiria fazer isso sem minha magia.

Lilith me olhou com desconfiança.

— É mesmo? E por que isso? Tem algo a ver com aquele seu macho gostoso? Você terminou o namoro e agora quer que eu cuide dele para você? É isso? Algum tipo de assassinato por vingança?

— Não.

Suas sobrancelhas se franziram.

— Por que está suando tanto? Posso sentir seu mau cheiro. Você ainda está agindo de forma muito estranha.

Que droga. Ela poderia sentir isso?

Minhas tias ficaram tensas. Os olhos escuros de Dolores se destacavam em sua palidez incomum. Beverly olhou para mim. Preocupação e medo se acumulavam em seus grandes olhos verdes. Ruth parecia que estava prestes a chorar. Vi Iris endurecer como se tivesse sido amaldiçoada e transformada em pedra.

Droga. Eu ia estragar tudo. As coisas não estavam indo tão bem quanto eu imaginava que iriam, quando eu pensava nisso.

Estou fazendo a coisa certa.

— Porque eu precisava lhe perguntar uma coisa.

Tentei novamente.

— Preciso de sua ajuda.

Os olhos de Lilith dançaram perigosamente.

— Eu não faço favores para mortais, meu pequeno demônio, você não é mais uma bruxa.

— Exatamente.

Mudei minha postura.

— É por isso que eu queria falar com você — falei, escolhendo as palavras com mais cuidado. — A questão é que... eu... nós descobrimos como recuperar minha magia.

— Mesmo? Bem, isso deve ser bom — disse a deusa enquanto cruzava os braços sobre o peito.

Ela não fazia ideia.

— É verdade.

Por que diabos eu disse isso?

— É uma questão de transferência. Colocar a magia de volta. Esse tipo de coisa.

Os olhos de Lilith se arregalaram em uma falsa ansiedade.

— Parece emocionante.

Ela não acreditou em mim.

— Temos o Derrick.

Como ela ainda parecia não estar impressionada, acrescente:

— O incubus que roubou minha magia.

O reconhecimento brilhou em seus olhos vermelhos, e eu vi a fúria se acender por trás deles.

— Você prendeu o incubus?

Dei de ombros.

— Essa foi a parte mais fácil. Derrick é cheio de si. É um desgraçado arrogante e sedento de poder, e eu sabia que ele não resistiria ao fato de o convocarmos novamente. Eu sabia que ele morderia a isca.

Lilith inclinou a cabeça.

— Que isca? Você não tem mais magia? A menos que estivesse oferecendo outra *coisa* a ele.

— Não, não é isso. Iris — eu disse, apontando para minha amiga, que ainda parecia congelada. — Ela era a isca.

— Para sexo.

— Não por sexo, mas por sua magia. Seu poder.

— Entendo — Lilith se inclinou sobre a tigela que era usada para misturar o sangue de Gary. Ela mergulhou o dedo nele e depois o chupou. — Não está ruim. Não está bom.

Eca.

— Funcionou — continuei, falando rápido enquanto as meias-verdades saíam facilmente de minha boca. Não tenho certeza de como me senti em relação a isso. — Então nós o prendemos.

Lilith olhou para mim. Um leve interesse apareceu em seu rosto. — Aqui? Em sua casa?

— Não. Eu não queria correr o risco de ele machucar minhas tias novamente. Ele está no porão da casa de uma amiga. Ela não mora mais lá. Não depois do divórcio. Está vazia.

— Lá estava eu divagando novamente. — Ele está lá agora.

— E? — Lilith mergulhou o dedo na mistura novamente. — Por que eu deveria me importar?

Exalei um pouco da tensão nervosa e esperei que a deusa pensasse que era porque eu estava prestes a lhe pedir um favor, e não porque estava prestes a traí-la.

— Bem, o feitiço que transfere a magia do incubus de volta para mim é realmente complicado. É um feitiço poderoso. E nós - minha amiga Iris e minhas tias - não somos poderosas o suficiente.

Lilith chupou o dedo, com os olhos fixos em mim.

— Então você quer que eu faça esse feitiço?

Meu coração martelou contra minhas costelas com uma força terrível.

— Exatamente.

— Acho que não vou — disse a deusa, parecendo entediada. —

Tenho coisas melhores para fazer com meu tempo. Como aqueles dois lobisomens que estavam esperando por mim no meu apartamento em Londres. Esses dois são como deuses.

Ela soltou uma risada ofegante, enfiando o dedo de volta na tigela.

— Você não quer que eu tenha minha magia de volta? — Minha raiva surgiu do nada, mas era real, então o efeito foi real o suficiente. — Eu ajudei você. — Levantei meus braços.

— E foi isso que aconteceu comigo. Não posso mais fazer mágica por sua causa.

Como uma só pessoa, ouvi a respiração ofegante de minhas tias. Iris estava imóvel como uma estátua de cimento. Eu achava que ela ainda não tinha respirado.

Os olhos de Lilith se estreitaram com uma raiva antiga.

— Cuidado, agora. Eu gosto de você, mas se continuar assim, vou quebrar esse seu lindo pescoço.

— Você vai me ajudar — eu disse, sentindo-me louca por estar falando com uma deusa dessa forma. Fiquei imaginando se Marcus teria se aproximado, esperando para me capturar se as coisas piorassem.

A deusa me observou. Seus olhos ardiam de fúria. Quando pensei que tinha ido longe demais, seu rosto se acalmou.

— Tudo bem. Eu a ajudarei desta vez. — Ela estendeu a mão, com o dedo indicador manchado de sangue. — Me dê o feitiço.

— Iris? — Chamei minha amiga.

A Bruxa das Trevas saiu de seu transe e me entregou um pedaço de papel, o mesmo que usamos em Derrick para transferir minha magia, o que acabou sendo um desastre de proporções nucleares.

Lilith deu uma olhada no papel.

— Feitiço peculiar. Eu não o conheço. Você acha que isso vai funcionar?

— Sim — respondi, tentando colocar o máximo de convicção possível em minha voz.

— Vai funcionar.

A deusa olhou para mim.

— Onde está seu amigo?

Estou fazendo a coisa certa.

— Não é longe. Cinco minutos de caminhada.

Lilith jogou o papel no chão.

— Indique o caminho.

Acho que ela havia memorizado. Afinal, ela era uma deusa.

— Boa sorte — disse Iris, parecendo sombria e aterrorizada.

Dei-lhe um sorriso apertado e olhei para minhas tias. Seus rostos estavam perturbados pelo medo e pela preocupação. Dolores ficava abrindo e fechando a boca como se estivesse prestes a dizer algo. O

rosto de Beverly se contorcia em um sorriso nervoso e forçado de encorajamento. Parecia doloroso.

Finalmente, os olhos de Ruth encontraram os meus. Mantivemos contato visual pela primeira vez desde que eu lhes contei sobre meu plano. Seus olhos azuis estavam cheios de profundo arrependimento, dor e decepção. Também vi ali um apelo para que eu parasse com o que estava fazendo.

Droga. Dei meia-volta antes que meu próprio rosto me denunciasse e fui em direção à frente da Casa Davenport. Examinei as sombras da linha de árvores à minha direita, procurando por Marcus ou até mesmo Ronin, mas não consegui ver nada além de árvores e escuridão.

— Qual é a pressa? — perguntou Lilith atrás de mim.

— Tenho que fazer xixi — falei, o que de certa forma precisava.

— Então, vá fazer xixi — respondeu a deusa, com irritação em seu tom.

— Quando terminarmos.

Estremeci com minha estupidez quando as palavras saíram. Eu não precisava fazer nada. Minhas orelhas arderam enquanto eu esperava para ver se Lilith diria algo ou sentiria algo, mas o bater constante de suas botas de salto alto nunca diminuiu.

Em minha mente, eu podia ver o rosto de Ruth, a decepção, seu apelo, a lembrança absolutamente cristalina. Afastei a imagem de seu rosto, forçando minha mente a se concentrar. Um arrepio de culpa cresceu dentro de mim. A bile subiu no fundo da minha garganta. Eu ia vomitar. Se isso acontecesse, eu poderia beijar minha magia.

Estou fazendo a coisa certa.

Procurei aquele lampejo de raiva e o segurei. A deusa havia feito isso comigo. Ela também deixou claro que acabaria com minha vida se eu não concordasse com seus planos de matar seu marido. Ela era louca. E nosso mundo estaria melhor sem ela.

Ela não era mais um problema meu. Ela seria problema de Lúcifer.

Chegamos à Spirit Lane e viramos à esquerda. Os lotes próximos à Casa Davenport eram maiores, muito maiores do que os mais próximos da cidade, e ladeados por arbustos e bosques, o que era uma coisa boa. Apenas quatro casas ficavam na Spirit Lane e, a julgar pelas janelas enegrecidas, seus proprietários estavam dormindo. Eu podia ver o fim da rua, onde Crystal Row cortava a Spirit Lane, o cruzamento.

Mais 30 metros até que eu esteja livre.

— A casa parece ótima — disse a deusa em tom de conversa enquanto caminhava na calçada ao meu lado, e eu mantive meus olhos voltados para frente. — Mas, por outro lado, sou mestre em meu ofício. É linda. A varanda envolvente faz toda a diferença. Fico

imaginando quanto custa uma casa desse tamanho hoje em dia.

— Por quê? Você está planejando se mudar para a região?

A vergonha corroeu minhas entranhas como uma serra de madeira. Lilith nos devolveu nosso lar, nossa casa. Ela fez isso sem que lhe pedíssemos. Ela simplesmente... nos deu.

— Talvez.

— Espere. O quê?

Ela ficou em silêncio por um momento.

— Não tenho família própria. Até mesmo uma deusa se sente solitária. Você é a coisa mais próxima que tenho de uma família.

Oh, me foda.

Meu pé ficou preso em uma borda irregular da calçada de cimento e eu tropecei para frente.

— Qual é o seu problema? — perguntou Lilith. — Você está bêbada?

Acenei com a cabeça.

— Muito vinho no jantar — menti. Sim, eu estava indo direto para o inferno depois disso.

Lilith riu.

— Amador. Só os bebês não conseguem segurar o vinho.

Mais uns 7 metros.

— Por que sua mãe não estava aqui esta noite? Ela não mora com suas tias?

Um frisson percorreu meus nervos, fazendo meu coração bater mais rápido e secando minha boca.

— Ela e meu pai compraram uma casa juntos. Fica logo ali, na Moon Way. Já passamos por ela.

Mais seis metros.

Minhas pernas estavam rígidas como tábuas de madeira enquanto eu me encolhia para frente. Era estranho falar assim com a deusa. Era algo mundano e quase amigável.

Enquanto caminhávamos, eu olhava para a rua, os postes de iluminação pública iluminavam o suficiente para ver as casas afastadas da rua, aninhadas em fileiras de árvores e arbustos. Os grilos das árvores chilreavam nas sombras, mas, fora isso, a rua estava quieta e silenciosa. Procurei por um sinal de que Lúcifer estava aqui, ou talvez alguma barreira ou algo do gênero. Mas não vi nada fora do comum.

Estou fazendo a coisa certa. Estou fazendo a coisa certa. Estou fazendo a coisa certa!

Então, por que estou me sentindo uma idiota?

Mais três metros.

Lilith puxou a ponta do rabo de cavalo para o rosto.

— Acho que vou ficar loira. O que você acha?

— Pare! — Eu gritei, balançando os braços como um árbitro de home plate em um jogo de beisebol.

Lilith congelou, mas seus olhos brilhavam com chamas escarlates.

— O que há de errado com você esta noite?

Balancei a cabeça. Meus braços ainda estavam esticados.

— Não consigo fazer isso. Não consigo fazer isso.

— Fazer o quê? — perguntou a deusa, com um tom duro.

— Ah, graças ao caldeirão — disse a voz de Ruth, vinda de trás de nós.

Ao me virar, vi que minhas tias e Iris tinham nos seguido. Eu estava tão concentrada em meus próprios planos que nem sequer as ouvi. Um movimento à minha direita, e Marcus veio caminhando em nossa direção, seguido por Ronin.

Lilith colocou as mãos nos quadris.

— Desembuche. O que está acontecendo?

Eu sabia que o que eu estava prestes a dizer mudaria minha vida. Também poderia acabar com minha vida. Mas eu não podia fazer isso. Não poderia viver o resto de minha vida sabendo o que tinha feito. Com sorte, ela não me mataria. Era uma chance que eu teria de correr.

— Você precisa ir embora. Agora.

A deusa me observou.

— Por quê?

Aqui vamos nós.

— Porque Lúcifer está lá fora, em algum lugar, esperando que você chegue a esse cruzamento.

Apontei para o final da rua.

Os lábios de Lilith se abriram em choque. Seu belo rosto se transformou em uma máscara de angústia e medo - pânico absoluto. Tive um vislumbre daquela mulher quebrada que eu havia visto há algumas semanas em seu apartamento na cidade de Nova York, uma visão que me deixou arrasada. Ela não esperava por isso. Eu não estava esperando por aquilo. Mas então ela se recuperou rapidamente, suas feições se endureceram e uma raiva feroz brilhou em seus olhos que estavam fixos em mim.

Sim. Ela ia me matar.

Meu coração começou a bater em um ritmo acelerado em meu peito. Um medo cru, agudo e primitivo percorreu meu corpo com força total e, por um momento, varreu todos os pensamentos e planos.

— Você me enganou — disse a deusa lentamente. Minha pele se arrepiou com a onda de magia selvagem, a magia de Lilith. — Pensei que você fosse minha amiga e você me enganou?

Ela se inclinou para a frente e, no mesmo instante, vi Marcus se aproximando por trás dela.

Oh. Merda. Oh. Que merda.

— Eu sei. Sou uma vagabunda — falei, falando rápido. — Mas ele prometeu me devolver minha magia se eu entregasse você a ele. Como você pode ver... bem... eu não poderia seguir em frente com isso porque sou uma boazinha, certo? Foi isso que você disse que eu era. Sou mole. Tenho uma grande consciência. Me processe.

O olhar de morte de Lilith estava fazendo meus joelhos tremerem de medo.

— Eu deveria matá-la por isso.

Entendi o "deveria" como um bom sinal.

— Então, seja rápida, porque ele está vindo atrás de você.

Meu coração palpitou em minha garganta quando vi Marcus parado bem atrás de Lilith. Eu não sabia o que ele achava que poderia fazer com uma deusa, mas não queria que ele se machucasse. Não queria que ninguém se machucasse. Não minhas tias. Meus amigos. Até mesmo a Lilith, aparentemente.

Abri minha boca para dizer a ela que fosse embora, mas entre uma respiração e outra, ela simplesmente desapareceu.

— Puta merda, isso foi maluco — disse Ronin, saindo das sombras, com as mãos na cabeça. — Eu quase me molhei.

Soltei um suspiro.

— Pois é.

Dolores passou por suas irmãs e se juntou a mim.

— Mas e quanto à sua magia? Você nunca a recuperará. Essa era sua única chance.

— Eu sei.

Dolores franziu a testa, com a mandíbula cerrada.

— Ela pode se vingar. Afinal, ela é uma deusa e você a enganou.

— Eu também sei disso.

— Ela pode matá-la quando você menos esperar — continuou minha tia alta. — Matar você enquanto dorme. Estrangulamento no chuveiro. Aneurisma no banheiro.

— Bacana.

— Eu sabia que você não conseguiria — disse Ruth, sorrindo para mim. — Eu simplesmente sabia. Eu sabia que você não conseguiria fazer isso com a nossa Lilith.

Nossa Lilith? Essa foi nova.

— É mesmo? Eu não sabia. Não até alguns momentos atrás.

— Sinto muito, Tessa — disse Iris, colocando Dana em sua grande bolsa. — Eu sei como isso era importante para você. E agora...

— E agora vou me acostumar a não ter magia — respondi. A sensação de estar doente voltou a aparecer. Talvez meu pai tivesse sorte e encontrasse Derrick.

— Ah, droga — disse Beverly. — Eu me esqueci completamente do Gary. — Ela riu.

— Você viu o que ele fez?

— Não — respondi.

— Ele sentiu tesão pela Lilith, desgraçado estúpido. É melhor eu desamarrá-lo e mandá-lo para casa, para sua esposa. Nu — acrescentou ela com um sorriso malicioso, seus quadris balançando enquanto ela voltava para Spirit Lane.

Juntos, voltamos para a Casa Davenport em uma espécie de silêncio mútuo e satisfeito. Respirando e ouvindo os sons ao meu redor, senti uma mão quente e dura pressionar minha parte inferior das costas e me virei para encontrar gloriosos olhos cinzentos olhando para mim.

— Você está bem? — perguntou Marcus, seu corpo duro roçando no meu assim que cruzamos o jardim da frente da casa de Davenport. — Você está tremendo.

— Estou?

Eu nem tinha notado isso. Devem ser os efeitos posteriores da adrenalina. Ou o choque de ter feito o que fiz. Porque, basicamente, eu tinha me ferrado.

— Cara, não acredito no que você fez — disse o meio-vampiro, sorrindo para mim.

— Você é louca. Sabia disso?

— Foi o que me disseram.

Agora que Marcus havia mencionado o tremor, eu estava achando que não conseguiria parar.

— Achei que o chefe aqui estava prestes a agarrar a deusa e meter um golpe de luta livre — disse Ronin. — Desculpe, cara, mas ela teria matado você.

— Bem, graças ao caldeirão, isso não aconteceu.

Pressionei Marcus com mais força, absorvendo seu cheiro. Agora que o show havia terminado, eu esperava continuar com outro show de múltiplos orgasmos e nudez. Eu merecia muito.

— Quem é aquele homem? — Ruth apontou para algo atrás de mim.

— Homem? — Beverly se virou mais rápido do que eu poderia imaginar e estava voltando. — Ele é bonito? Solteiro?

Meus pensamentos orgásticos desapareceram. Virei-me lentamente e meus joelhos se dobraram.

Um homem alto estava parado logo após a linha de nossa propriedade. Seus cabelos loiros estavam raspados nas laterais e presos para trás em uma longa trança. Mesmo na escuridão, eu podia ver a raiva brilhando em seus olhos azuis com a tempestade do que estava por vir.

Droga. Parecia que eu não ia ter sorte esta noite.

Respirei fundo e disse:

— Lúçifer.

CAPÍTULO 19

Ops. Eu havia me esquecido do rei do inferno. Como alguém pode se esquecer do rei do inferno? O ser celestial mais perigoso e sinistro? Aparentemente, isso era algo que eu podia fazer.

— Tem certeza? — perguntou Ruth, olhando para Lúcifer como se ele fosse um de seus raros cogumelos. — Ele parece amigável.

— Oh, tenho certeza de que é ele, e ele não é amigável — eu disse a ela, sabendo que nunca esqueceria um homem, deus, o que quer que fosse, como aquele. Uma vez que você o visse, ele ficaria gravado em suas retinas para o resto da vida.

Um cotovelo se chocou contra mim.

— Nunca pensei que o rei do inferno fosse tão gostoso — ronronou Beverly, seus olhos percorrendo cada centímetro do deus, como se ela estivesse tentando imaginá-lo nu. — Olhe para esse corpo. As coisas que eu faria com ele são ilegais em alguns países.

— Você pode parar de pensar com sua vagina de uma vez por todas? — Dolores se juntou a nós. — Este não é um brinquedo que você pegou no bar local quando estava voltando para casa. Trata-se de uma divindade. Um ser celestial que arquitetou para que a magia de Tessa fosse tirada dela. Ou você já se esqueceu?

Beverly revirou os olhos.

— O quê? Só estou dizendo que talvez estejamos erradas sobre ele. Talvez ele esteja aqui para uma visita social.

Ela levantou os seios, ajustando o sutiã enquanto ainda olhava para o rei do inferno como se ele fosse o peixe da temporada.

— Eu duvido.

Não. Ele estava aqui por mim. E não parecia feliz em me ver. Parecia irritado.

Lúcifer olhou para Beverly, e o que quer que ela tenha visto em seu rosto pareceu deixá-la sóbria, pois ela lentamente deu um passo atrás de mim.

Os pelos de meus braços se eriçaram enquanto um arrepio percorria meu corpo com medo da selvageria nos olhos de Lúcifer e da promessa de violência.

— Ele tem muito músculo — disse Ronin. — Eu gosto disso. Ele tem a constituição física de um deus.

— Isso é porque ele é um deus — eu lhe disse.

— Tessa.

Iris estava ao meu lado.

— Ele parece muito bravo.

Minha pulsação latejava em minha garganta.

— Não diga.

Eu também sabia que isso era culpa minha. Se eu tivesse lhe dado Lilith, ele teria um sorriso, não a cara de "*vou matar você, sua família e seus amigos*".

— Se eu soubesse que você mudaria de ideia sobre Lilith — continuou Iris, com tensão na voz, — eu teria inventado algum tipo de feitiço de proteção. Talvez até chamasse alguns demônios para nos proteger. Eu poderia ter me preparado se soubesse o que você estava planejando.

Meus olhos estavam em Lúcifer. Ele ficou ali, imóvel, me observando e ouvindo.

— Eu não sabia até ter feito.

O que era a pura verdade.

— O que vamos fazer? — sibilou Beverly, olhando em volta com um olhar selvagem.

— Ele vai nos matar! Eu não posso morrer. Sou linda demais.

— Veja. Acho que ele está sorrindo — disse Ruth, ainda não querendo admitir que ele era um inimigo e não um amigo.

— Isso é um rosnado, seu idiota. Você não consegue perceber a diferença? — esbravejou Dolores.

Ruth fez uma careta.

— Está escuro. *Parece* que ele está sorrindo.

— Poderíamos dar a ele Gary e esperar pelo melhor — disse Dolores, com os dedos se contorcendo nas laterais do corpo como se estivesse prestes a entrar em uma briga mágica.

— Ele veio aqui por alguém. Vamos lhe dar um alguém.

— Sim, sim. Ótima ideia — disse Beverly, apontando para o altar do outro lado do pátio atrás dela. — Vamos fazer isso.

— É a pessoa errada — eu disse. — Ele nunca aceitaria isso. Não quando ele está procurando por alguém especial.

Um homem mortal não era nada para o rei do inferno. Ele veio aqui por causa de sua rainha, não por causa de um trapaceiro de meia-tigela. E ele não iria embora até que houvesse dor, sangue e morte.

Marcus se colocou diante de mim como um escudo humano, percebendo minha inquietação. Eu me vi pressionada contra ele, absorvendo seu calor, o cheiro de algo almiscarado e masculino chegando até mim. Se eu não estivesse tão assustada naquele exato momento, teria achado incrivelmente romântico e quente. Ele estava olhando para o deus, avaliando-o como um adversário em potencial. Como predadores ferozes, eu sabia que os wereapes tinham um sexto sentido, instintos que lhes permitiam identificar os pontos fracos do

inimigo. Isso funcionaria com outro demônio ou criatura, mas eu duvidava que funcionasse com deuses.

Ele virou a cabeça e nossos olhos se encontraram. Sua mandíbula se fechou, e parecia que ele estava prestes a se transformar em seu alter ego, King Kong.

— A casa — disse Dolores, com a voz aguda e em pânico. — Vamos fazer uma fuga rápida para a casa. É a melhor proteção que temos.

Ela começou a caminhar de volta.

— Não vai fazer diferença — eu disse a eles, olhando para Ruth, que ainda estava olhando para Lúcifer com mais curiosidade do que medo. — Vocês sabem quantas vezes Lilith esteve lá. As proteções são inúteis.

Embora Davenport estivesse protegida contra invasões de demônios, exceto pelo meu pai, não tinha nada contra deuses e deusas.

— Você tem uma ideia melhor? Se tiver, sou toda ouvidos — acusou Dolores, parecendo lívida por eu ter insultado suas habilidades mágicas, esquecendo o medo da ira do deus. Seus olhos brilharam, e pude ver uma veia latejando em sua testa.

— No momento, não tenho nada.

Contornei o escudo corporal de Marcus, embora meu próprio corpo tremesse de terror.

— Deve haver um motivo pelo qual ele queria que eu atraísse Lilith para longe — eu adivinhei, minha voz baixa, mas eu duvidava que isso realmente importasse. — Há um motivo. Tem que haver. Só não consigo descobrir. Não é só porque ele precisava de um cruzamento para o que quer que estivesse planejando. Ele precisava dela longe da propriedade.

Mas por quê?

Naquele exato momento, Lúcifer decidiu agir. O rei do inferno entrou em nossa propriedade e caminhou em nossa direção em um ritmo vagaroso, com seus olhos azuis fixos em mim. Ruth estava certa. Ele estava sorrindo, mas não de um jeito bom.

Ohhhhh, droga.

Percebi um movimento ao meu lado e, em um borrão, Marcus estava ali, sem paletó e sem camisa, enquanto arrancava a calça jeans e calçava as botas. Antes que eu pudesse impedi-lo, o pelo irrompeu de seu corpo quando o animal assumiu o controle. Suas feições incharam em sua pele, elevando e estendendo seu corpo a proporções impossíveis. De repente, um enorme gorila de costas prateadas estava ao meu lado. Seu rugido foi estrondoso, sacudindo meus ossos e agitando meus nervos. Ele se sacudiu antes de ficar de quatro, com as mãos dianteiras apoiadas nos nós dos dedos.

Não pude deixar de olhar para essa fera gloriosa e aterrorizante. Os músculos de seu peito se flexionavam enquanto ele ficava de quatro, com a metade superior do corpo apoiada nos nós dos dedos.

Sua forma de besta era resistente a algumas magias, e ele também me surpreendeu com a magia de Derrick. Talvez ele surpreendesse a todos nós contra a magia de Lúcifer.

— E agora? — A voz de Beverly veio de trás de mim. — O que vamos fazer?

— Corra — eu disse, meus olhos em Lúcifer. — Ele veio aqui por mim. Vocês devem ir embora.

— Você não tem magia, Tessa — disse Dolores. — O que você vai fazer? Dizer a ele para ir embora e esperar que ele ouça?

— Eu não sei, ok? — Eu disse, a vontade de fugir passou pela minha cabeça, mas eu a reprimi. — Mas não era para vocês estarem envolvidos. Tudo isso é comigo. Não posso esperar que vocês fiquem. — *E que sejam mortos.* — Sigam o exemplo de Lilith. Ela foi embora.

Eu não estava preparada para morrer, mas quais eram as chances de lutar contra um deus e sobreviver? Não eram grandes, especialmente quando eu não tinha nenhum tipo de magia para me ajudar. Eu não queria morrer esta noite, mas também não queria que Marcus, Iris, Ronin ou qualquer uma de minhas tias morressem. Eu sabia que Marcus nunca iria embora, mas fiquei surpresa por minhas tias e meus amigos terem ficado quietos. Eles eram tão teimosos quanto eu.

A única que saiu para salvar a própria pele, sabendo que morreríamos, foi Lilith.

Faz você se perguntar por que eu não a entreguei. Não é mesmo?

Lúcifer parou quando estava a cerca de doze metros de distância. Um pulso frio de poder que parecia estranho, mas familiar, chiava no ar ao nosso redor, carregando o cheiro de enxofre - o fedor de demônio. Ou melhor, o fedor do rei demônio.

Agora, com Marcus ao meu lado, ficou claro que Lúcifer era mais alto e mais encorpado do que o meu wereape. Lúcifer era uma criatura grande e musculosa.

Forcei meus músculos faciais em um sorriso.

— Oi, Luce. Noite agradável para um passeio pela cidade. Os pubs são excelentes se você estiver procurando uma bebida. Você parece um cara que gosta de uma cerveja puro malte.

Meu lema era sempre: "Quando estiver com medo, recorra à estupidez".

— Pensei que tivéssemos um acordo, Tessa — disse Lúcifer. Sua voz estava sem emoção, mas seus olhos ainda mantinham aquela raiva fria. — Você mentiu para mim.

Levantei um dedo.

— Tecnicamente, eu nunca disse sim de fato.

— Você também nunca recusou.

— É verdade. Mas, como acontece com os acordos, eu tinha o direito de mudar de ideia.

Acabei de inventar isso.

O rosto de Lúcifer se endureceu.

— Você não tem direitos no que diz respeito à minha esposa.

— Como mulher, tenho o direito de intervir quando outra mulher está em perigo. As mulheres mandam, amigo.

Rezei para que Lilith estivesse muito, muito longe. Em algum lugar seguro e longe do deus-viking, o cretino abusivo.

Lúcifer balançou a cabeça.

— Eu lhe pedi para fazer uma coisa. Uma coisa simples, e você me desafiou. Era uma tarefa fácil.

— Fácil?

Levantei uma sobancelha.

— Você já lidou sua esposa?

Lancei meu olhar para trás e ao redor do rei do inferno.

— Parece que você não trouxe o Derrick com você. Você nunca iria me devolver minha magia. Ia?

Ele havia mentido. Não sabia por que eu estava chateada com isso.

Os olhos de Lúcifer brilharam, com lampejos de diversão e malícia dividindo espaço entre eles.

— Não preciso do incubus para transferir sua magia de volta.

Ele levantou a mão direita e de sua palma surgiu uma chama branca e preta.

Uma pontada horrível atravessou meu peito enquanto eu olhava para o que eu sabia ser minha magia. Magia de demônio e de bruxa entrelaçadas em uma combinação perfeita. A outra coisa que eu sabia era que nunca mais a usaria novamente.

Ele observou meu rosto por um momento. Seu sorriso se tornou agradável e malicioso.

— Como você vê... eu cumpri minha parte do acordo, por assim dizer — falou ele, e a chama sobre sua palma desapareceu.

Eu estreitei meus olhos para ele. Suas palavras pareciam falsas. Eu havia sido enganado.

— Você é um verdadeiro idiota.

Lúcifer deu uma risada de escárnio.

— Vocês, mortais, são criaturas muito sensíveis. Vivem em um mundo muito estranho. Eu sempre o odiei. Os cheiros. A fraqueza. A mortalidade. Não consigo entender por que minha esposa escolheu viver aqui no meio disso.

Com um olhar de repulsa no rosto, ele levantou as mãos, com as palmas para fora, como se estivesse insinuando que os terrenos de

Davenport eram as entranhas do nosso planeta.

— Talvez porque o idiota do marido dela não goste de estar aqui.

— Cuidado — avisou Marcus em um sussurro, seu corpo duro pressionado contra o meu.

— Tarde demais para isso — sussurrei de volta. Tarde demais para muitas coisas.

Lúcifer fez um tsunami, olhando para mim como uma criança petulante.

— Você deveria ter me dado minha esposa. Era uma coisa tão simples. Você a tinha... e simplesmente a deixou ir.

Achei que já tinha sentido olhos de divindade assustadores em mim antes. Parecia que Luce também era um stalker.

Senti-me tola e com necessidade de ser impetuosa.

— Você não está acostumado a ouvir um não. Eu entendo. Mas, infelizmente para você, eu fiquei com a consciência pesada. Eu gosto da Lilith.

Fiquei chocada quando as palavras saíram, mas eram verdadeiras.

— Eu simplesmente não poderia entregar alguém de quem gosto sabendo que você iria matá-la.

As sobrancelhas de Lúcifer se contraíram. Foi o único lampejo de emoção que vi. Ele colocou as mãos na frente das costas, com o rosto novamente sério.

— Eu poderia ter lhe devolvido sua magia. Em vez disso, você preferiu me desafiar e morrer. Criaturas estranhas, vocês, mortais.

— Eu não planejei a parte da morte — eu disse a ele, ouvindo o movimento nervoso das minhas tias e da Iris atrás de mim. — Mas, sim, somos criaturas estranhas.

— Mesmo que você tenha feito amizade com minha esposa, não posso te deixar viver

— ele ameaçou, e meu rosto ficou frio. — Por causa do que você é.

— Eu disse a você — disse a voz de Ronin, e parte de mim queria se virar e bater nele.

Lúcifer sorriu, e isso me assustou muito.

— Você é muito...

— Inteligente? — perguntei.

— Rara, perigosa — respondeu o rei do inferno. — Uma anomalia, na verdade. É por isso que você morrerá esta noite.

Um rosnado profundo saiu da garganta de Marcus, e eu estendi a mão e apertei seu ombro, dizendo-lhe para ficar quieto por enquanto. Todos nós sabíamos o que aconteceria em alguns instantes.

Vislumbrei a frustração que se apertava nos olhos de Lúcifer e senti a tensão nele, a necessidade imensa de sua esposa que ele estava tentando esconder.

Engoli quando uma pergunta ficou gravada em meu cérebro.

— Antes que você me mate, eu tenho uma pergunta.

Ainda assim, não planejava morrer, mas eu era uma criatura curiosa.

Lúcifer me olhou com o mesmo tipo de interesse com que Ruth o estava observando.

— Faça sua pergunta.

O quê? Isso foi uma surpresa.

— Por que você não pôde levar Lilith para cá, nesta propriedade? Só não entendo por que tive que trazê-la para a esquina da Spirit Lane com a Crystal Row.

Lúcifer sorriu. Era repugnantemente sexy.

— Os mortais são criaturas gananciosas e estúpidas. Acima de tudo, vocês servem a si mesmos. Eu os subestimei.

— Disponha.

Sorri, embora estivesse desapontada por ele não ter me dado a resposta. Eu queria lhe dizer que ele também era um filho da puta ganancioso, mas como *todos nós vamos morrer em breve*, decidi guardar isso para mim.

O sorriso do deus se condensou, como se ele estivesse excessivamente confiante de que acabaria vencendo, e Marcus inclinou seu corpo de modo que metade dele ficasse na minha frente, protegendo-me.

— Mas eu encontrarei minha esposa — disse o deus. — Mesmo sem sua ajuda, eu a terei novamente. Ela não poderá escapar de mim por muito mais tempo.

— Ela vai — respondi.

— Você e esta preciosa cidadezinha vão morrer.

Ficando com os punhos fechados, agachei-me. Eu não era muito boa em habilidades de combate um a um, como Allison poderia atestar, mas eu não iria cair sem lutar.

Murmúrios de feitiços e maldições chegaram até mim, e eu sabia que minhas tias e Iris estavam se preparando para um confronto infernal. Uma onda familiar de energia se espalhou pelo ar, com um aroma que misturava agulhas de pinheiro, terra úmida e folhas de um prado de flores silvestres - bruxas brancas. Também senti um rastro de energia fria e reconhecível pulsando com um toque de enxofre - a magia negra da Iris.

As bruxas estavam prontas e esperando.

A adrenalina subiu em mim, deixando-me todo quente e nervosa. Esperei, observando o rei do inferno e esperando que um de seus dedos se movesse ou estalasse ou o que quer que ele fizesse quando estivesse pronto para matar nós, pobres mortais. Mas o cara não se mexeu e, pela expressão calma e calma em seu rosto, parecia que ele também não planejava se mexer.

Franzi a testa, não gostando do fato de Lúcifer não ter nem mesmo franzido uma sobrancelha, muito menos ter mexido uma mão ou algo assim.

— O que está esperando? Pensei que você quisesse me matar.

— Não gosto de sujar minhas mãos com sangue mortal — disse o deus, olhando para suas mãos. — É por isso que não o farei.

Meus lábios se separaram.

— Então, você não vai nos matar? — Ouvi o Ronin expirar alto.

Os olhos azuis de Lúcifer se fixaram nos meus.

— Não vou. Mas eles vão.

Das sombras fora da luz, veio uma série de sibilos e rosnados profundos. Minha pele se arrepiou quando as coisas que faziam os sons sibilantes saíram.

Grandes cães de caça, do tamanho de pôneis, com pelos escuros, dentes brancos brilhantes e olhos vermelhos e flamejantes, muitos que não dá para contar, saíram. Imagine Dobermans com esteroides, e você ia captar. Mais cães saíram da escuridão, andando em uma alegria sedenta de sangue. Cães do inferno. Eu já havia lido sobre eles. Mas nunca pensei que fossem reais.

Em seguida, um grupo de homens simplesmente apareceu como se fosse formado pela própria escuridão. Quarenta homens fortes e vestidos com armaduras prateadas e capacetes mascarados decorados com asas e sigilos, suas espadas brilhavam à luz da lua. Era algo saído diretamente de um filme *do Senhor dos Anéis*.

Era um exército. O exército de Lúcifer.

Bem, que grande merda misericordiosa.

CAPÍTULO 20

Esse era um momento perfeitamente aceitável para entrar em pânico. E foi o que fiz. Entrei em pânico.

Primeiro veio a negação, o momento em que *isso não pode ser real*. Em seguida, vieram os tremores, seguidos pela intensa batida do meu coração que certamente quebraria uma costela.

Como minhas tias e meus amigos poderiam lutar contra um exército como esse? Um exército do inferno? Poderíamos resistir por alguns minutos, mas logo eles matariam a todos nós.

E foi tudo culpa minha. Se eu tivesse lhe dado a Lilith, nada disso estaria acontecendo.

Muito bem, Tessa.

Mas eu tinha certeza de que Lúcifer teria me matado de qualquer forma, já que eu ainda representava uma ameaça para ele. Talvez não hoje ou na próxima semana, mas o dia chegaria.

Ele poderia ter minha magia com ele, mas agora que eu o estava encarando, ele estava cheio de raiva, orgulho e desejo de poder. Lúcifer era um ser de violência, engano e sede de domínio.

Ronin estava certo. Lúcifer não teria me deixado viver. Portanto, eu teria perdido de qualquer maneira.

Marcus, o gorila, me agarrou e me puxou para perto dele, interrompendo minha tagarelice mental aleatória.

— Vamooos lutaaa — rosnou o gorila.

— São muitos — eu disse, desejando ter alguma magia para fazer algo. Lutar sem magia era péssimo. Lutar com membros superiores inúteis e sem treinamento era ainda pior.

Eu me sentia tão incompetente e odiava me sentir assim. Eu costumava ser linha de frente. Ficar sentada à margem não era meu estilo. Mas o que diabos eu deveria fazer?

Quando voltei meus olhos para o local onde havia visto Lúcifer pela última vez, ele havia desaparecido.

Os cães de caça e o restante do exército se espalharam até formar um semicírculo ao nosso redor. O cheiro de enxofre e de cachorro molhado pairava no ar noturno, tão forte que fez meus olhos lacrimejarem. Meu coração batia tão forte que eu o sentia em meu couro cabeludo.

Atrás de mim, vozes se elevavam no ar com feitiços e encantamentos, fortes e confiantes. Minhas tias eram bruxas duronas,

destemidas, com incríveis habilidades de magia de batalha. Eu já as tinha visto lutar. Elas podiam ser brutais, mas estávamos em grande desvantagem numérica. Poderíamos durar um pouco, fazer uma boa luta e até matar alguns, mas não conseguiríamos no final.

Meu peito apertou. Seria um banho de sangue. E não seria do exército de Lúcifer. Nós não sobreviveríamos a isso.

Mas então algo inesperado aconteceu.

Grunhidos altos vieram de algum lugar atrás de mim. Quando me virei, temendo o pior, formas que reconheci surgiram das sombras. Formas semelhantes às do enorme gorila de costas prateadas que ainda estava me segurando.

O bando do Zeke.

Uma centena de gorilas selvagens, fortes, ferozes e com água na boca vieram correndo e se colocaram entre nós e o exército e os cães infernais de Lúcifer. Não reconheci o Zeke no grupo, mas vi um tufo de pelo vermelho, que eu sabia ser o Lucas. Mas então apareceu um pelo branco em meio a um mar de cinzas e pretos. Um enorme gorila branco e cinza avançou sobre os nós dos dedos. Ele era enorme. Eu sabia, sem dúvida, que estava olhando para o Zeke.

Meus joelhos tremeram quando a gratidão tomou conta do meu corpo. O alívio que vi nos rostos de minhas tias ecoou o meu, enquanto a grande matilha de gorilas formava uma parede protetora.

— Eles não foram embora? Esse tempo todo?

Fiquei olhando para Marcus.

O gorila de costas prateadas deu de ombros.

— Nós lutamos — ele repetiu. O gorila bateu com os punhos no chão, concordando com os termos e reconhecendo que de fato iria lutar.

Fechei as mãos e as levantei.

— Tudo bem, mas estou lhe avisando. Posso acidentalmente dar um soco em mim mesma.

Quando dei por mim, estava flutuando no ar. Meu traseiro bateu em algo sólido quando aterrissei nas costas do gorila, montada nele como se fosse um cavalo. Seus cabelos grossos, ásperos e elásticos roçaram em minhas mãos enquanto eu agarrava um punhado deles.

— Está bem. Assim está melhor.

Apertei minhas coxas contra sua enorme caixa torácica. Meu coração pulou algumas batidas. Mesmo sabendo que estávamos prestes a lutar contra feras do inferno, não pude evitar o sorriso que se espalhou pelo meu rosto. O medo e a excitação eram sentimentos inebriantes.

Ok, mesmo que estivéssemos enfrentando um perigo mortal, isso era legal. E agora, eu tinha uma carona.

— Legal — Ronin disse, sorrindo. Em seguida, ele estalou o pescoço

e rolou os ombros.

— É uma pena que você tenha perdido sua magia para essa luta. Não tem problema. Matarei o suficiente para nós dois — disse o meio-vampiro, com os olhos dilatados e escurecidos. Ele levantou as mãos e garras brotaram das pontas de seus dedos e engancharam os polegares em si mesmo. — Estou me sentindo especialmente violento esta noite.

Não tive tempo de comentar quando uma massa de cães gigantes veio correndo em nossa direção, espalhando-se pela noite como se fossem criaturas malignas do inferno, como se a própria escuridão os tivesse vomitado. O cheiro que escorria das feras era violentamente podre, como uma combinação de vômito e fezes.

O gorila branco e cinza abriu sua boca cheia de dentes e rugiu. A matilha de gorilas se pôs em movimento, movendo-se com a velocidade e a precisão de predadores enquanto enfrentavam os cães de caça de frente. O chão tremeu como se estivessemos passando por um terremoto - o tremor da fúria da matilha.

— Sogureeee— disse Marcus, o gorila.

Uma mistura de medo e excitação me prendeu novamente. Inclinando meu corpo para frente, envolvi meus braços ao redor de seu pescoço e pressionei meus joelhos com força contra sua caixa torácica muscular.

— Venham me pegar, vira-latas! — gritou Ronin, com um sorriso maníaco no rosto, enquanto saltava para frente e se lançava sobre o cão infernal mais próximo, enfiando suas garras como adagas no rosto e no peito da criatura.

A voz de Dolores se elevou acima dos rosnados e dos gritos. Com o coração na garganta, vi chamas amarelas saindo de suas mãos estendidas. Seu fogo atingiu um dos cães infernais, cobrindo-o, mas a fera continuou se movendo, mal sentindo os efeitos das chamas enquanto se lançava contra um wereape. Os dois caíram e eu os perdi de vista.

Uma coisa era certa. Os cachorros do inferno eram resistentes. Mas os wereapes também eram.

Olhei por cima do ombro. Os homens blindados, demônios, ainda não haviam se movido. Eles estavam esperando. E eu não gostei disso.

Gritos e berros soaram, gritos que poderiam ter sido humanos e berros e rugidos que não poderiam ser - uma tempestade selvagem de música, de dentes batendo, esmagadora e carregada de adrenalina. Sons de violência eficiente e brutal misturados ao uivo de dor e à quebra de ossos. O ar tinha cheiro de sangue, animal e enxofre.

Um lampejo de pelo escuro chamou minha atenção à minha direita, e eu me virei. Um grande cão do inferno veio galopando em nossa direção como o pônei mais feio que já existiu.

Instintivamente, soltei o pescoço de Marcus e levantei as mãos,

com uma palavra de poder em meus lábios, pronta para explodir aquele cachorro feio em nada. Usei minha vontade... e então parei. Fechei minha boca como um tola, sentindo um grande vazio onde antes havia um poço de magia.

Lembrei-me de que não tinha magia.

Eu me agitei para o lado enquanto o gorila batia com os punhos no chão. Aterrorizada, consegui me levantar e jogar meu corpo para frente, agarrando seu pescoço grosso e possivelmente engolindo alguns fios de cabelo no processo.

O wereape mudou seu peso e, com um poderoso impulso de suas pernas traseiras, ele disparou para a frente e correu para encontrar o cão infernal enquanto eu saltava para cima e para baixo, segurando-me para salvar minha vida. Por que isso foi uma boa ideia mesmo?

O cão de caça abriu sua boca cheia de dentes, indo em direção à jugular de Marcus e, provavelmente, à minha cabeça no processo.

O punho de gorila de Marcus disparou em um borrão, acertando um golpe violento na têmpora do cão infernal. Ouvi um estalo horrível quando a cabeça da criatura se projetou para trás. O cão do inferno cambaleou e se ajoelhou. Marcus estava sobre ele em um segundo. Ele subiu sobre ele, eu ainda me segurando com dificuldade e me sentindo como uma trilha prestes a cair de um penhasco. Com os punhos, ele esmagou a cabeça da criatura, repetidas vezes, até que ela não fosse mais reconhecível e parecesse uma geleia de framboesa da Ruth.

Engoli de volta a bile de minha garganta. Isso foi muito nojento.

— Taaa bem? — perguntou o gorila, inclinando a cabeça em minha direção. Seus olhos cinzentos brilhavam com uma fúria fria.

— Nunca estive melhor. Deveríamos fazer isso com mais frequência. Como um encontro noturno.

O gorila me mostrou uma boca cheia de dentes, em sua versão de um sorriso que teria assustado uma pessoa comum. Ainda bem que eu não era comum. Eu podia não ser mágica, mas ainda vivia em um mundo paranormal onde gorilas assassinos eram nossos namorados.

Eu podia dizer que Marcus estava gostando de lutar e matar - todos aqueles instintos primitivos e protetores em alta velocidade. Ele foi criado para isso. Todos aqueles músculos e força incomparável eram para proteger aqueles que ele amava e sua cidade. E ele era bom nisso. Era estranho que isso me excitasse?

Sim, ele era obviamente uma excelente escolha para um alfa. Mas ele era o alfa de Hollow Cove.

Rugidos soaram ao nosso redor. Olhando para cima, vi as massas rodopiantes que eram os gorilas Lucas e Zeke, lutando lado a lado. Zeke bateu seu corpo contra dois cães de caça antes de pegá-los e esmagá-los juntos. Seus crânios se quebraram como ovos esmagados. Zeke soltou um rugido como o de uma poderosa máquina - para matar

a ameaça. Era impressionante vê-lo. Ele não parecia estar pronto para se aposentar. Mas eu não tinha tempo para isso.

— Aaaamos — disse Marcus.

E partimos novamente.

Os músculos se flexionaram e deslizaram sob mim enquanto Marcus, o gorila, saltava para a frente em uma explosão de velocidade pelo terreno. O vento batia em meu rosto, meu cabelo era jogado em meus olhos. Era difícil não sorrir, não me sentir fortalecida por estar montada em uma fera tão magnífica. Havia também a parte de segurá-lo entre minhas coxas.

Sim, eu estava sorrindo, sorrindo como uma tola. É bem possível que eu estivesse louca.

Soltei um grito quando o gorila saltou sobre o galpão do jardim em um só salto e, por um segundo, quase perdi o controle e caí de suas costas. Não que cair fosse doer tanto assim. Eu estava mais preocupada com meu ego. Ex-bruxa arremessada não era um apelido pelo qual eu esperava ansiosamente. Mas eu me agarrei a ele, segurando sua garganta com mais força, mas não a ponto de sufocá-lo.

Ao nosso redor havia uma massa rodopiante de cães do inferno e gorilas. Borrões de dentes, garras, músculos, pelos e morte.

Marcus soltou um rugido assustador, fazendo com que os cães soubessem que ele estava vindo atrás deles. Era quase como se ele quisesse *que* eles soubessem. Sim, ele queria mesmo.

Eu deveria estar segurando uma placa sobre minha cabeça que dizia *pancadas grátis aqui*.

Um cão do inferno com pelo preto e olhos vermelhos veio em nossa direção pelo lado direito com a mandíbula aberta. Marcus não parou. Diabos, ele nem mesmo diminuiu a velocidade, mas acelerou. Ele golpeou o demônio com o braço direito em um esforço leve. O cão de caça voou para trás e caiu no chão. Eu podia ver os ossos de sua coluna vertebral se destacando nitidamente em suas costas magras e emaciadas.

— Está veno isso? — disse o gorila com orgulho, com os músculos salientes embaixo de mim. — Sou bo. Mais na cama no sexx.

— Você é louco. — Eu ri, com o rosto corado. Eu realmente não deveria estar rindo. Também não deveríamos estar falando sobre sexo.

Seus ombros balançaram enquanto um riso profundo irrompia de sua garganta. O que só me fez rir mais. Éramos uma combinação celestial. Nós dois estávamos loucos.

— Marcus! — eu gritei.

Mais dois cães infernais vieram em nossa direção. Como um rinoceronte brutal, o gorila passou pelos demônios, espalhando-os como pinos na frente de uma bola de boliche.

Levantei a cabeça e examinei a área até avistar Ronin, cortando o

pescoço de um cão do inferno e usando suas garras como se fossem lâminas, como uma versão horrível de Edward Mãos de Tesoura. Assim que o demônio caiu, outro se lançou contra o meio-vampiro. Ronin girou e cravou duas garras em sua jugular. E assim que esse caiu, outro veio.

Um gorila vermelho, Lucas, esmagou seu punho contra a base do crânio de um cão e o enfiou na carne macia e nos músculos, fazendo com que o sangue negro escorresse. Em seguida, ele arrancou a mão, levando com ela parte da coluna vertebral do demônio. Eu já tinha visto Marcus fazer isso antes e supus que fosse coisa de wereape.

O ataque foi sangrento, brutal, primitivo e violento. Foi uma aniquilação. Foi uma matança do tipo "mate todos os demônios antes que eles nos destruam".

Um trovão rasgou o ar quando um raio branco atingiu um cão do inferno, jogando-o no ar e arremessando-o violentamente no chão. O rosto de Beverly estava contorcido em uma mistura de fúria e concentração enquanto ela atingia a criatura novamente, enquanto outra onda de choque de trovões ecoava. O cão infernal se contorceu e não moveu mais nenhum músculo.

Se ainda não tivéssemos acordado os vizinhos, isso certamente aconteceria.

Iris estava ao lado de Beverly, jogando o que pareciam ser sacos hexagonais em um cão do inferno que se aproximava. Um deles explodiu com o contato em uma nuvem de poeira vermelha. O impacto fez com que o demônio caísse no chão.

Dolores e Ruth estavam lado a lado. Dolores estendeu as palmas das mãos para Ruth, e chamas amarelas dançaram sobre suas palmas. Ruth borrifou algo nas palmas das mãos da irmã. As chamas aumentaram duas vezes de tamanho e mudaram de amarelo para verde-escuro. Então, Dolores se virou e um fogo verde saiu de suas mãos estendidas e atingiu um cão desavisado.

O cão desapareceu sob as altas chamas verdes. A fera cambaleou e depois explodiu em cinzas.

Belo truque.

Olhei rapidamente ao redor, sentindo uma mudança no ar. O cheiro era menos sulfuroso.

Então, o silêncio repentino me atingiu. Limpei os cabelos dos olhos, cuspi um pouco do cabelo do gorila que estava em minha boca e olhei ao redor.

Estávamos em um mar de cadáveres e sangue. Para onde quer que eu olhasse, os corpos daqueles cães do inferno estavam amassados e esmagados, decapitados, queimados e muito mortos. Avistei alguns wereapes com cortes sangrentos em seus torsos, pernas e braços, mas não vi nenhum deles deitado entre os mortos.

Dolores, Beverly e Ruth estavam com o rosto vermelho e sem fôlego, mas sem ferimentos, pelo que pude ver. Iris se ajoelhou ao lado de um cão de caça caído, arrancando o que eu pude ver que eram alguns fios de pelo.

E Ronin, bem, Ronin tinha um pé plantado no corpo de um cão morto, apoiando a mão no joelho em uma pose de Capitão Morgan.

Todos nós conseguimos. Todos nós. E tínhamos derrotado os cães do inferno.

— Conseguimos — eu disse, impressionada e extasiada com o fato de minha família e amigos ainda estarem vivos.

E foi aí que os soldados de Lúcifer entraram em ação.

CAPÍTULO 21

Eu me coloquei e observei, horrorizada, os quarenta demônios de armadura avançarem sobre nós como uma guarda real saída de um filme medieval. A luz da lua brilhava em suas armaduras e espadas, avançando como uma maré letal e adornada em joias.

Um dos demônios de armadura cortou um gorila e depois se virou para outro, com a mão livre girando em uma série de gestos. Um poder frio surgiu em torno desse gesto, e um dos gorilas simplesmente parou de se mover. O crepitar no ar ao redor deles aumentou. O gorila ainda não se movia, como se estivesse enfeitiçado.

— Merda. Os caras de armadura têm magia — respirei.

E então, com um grande golpe de sua espada, ele cortou a cabeça do gorila.

— Bem, isso não é bom — murmurei.

— Poorr — gritou Marcus. Seu corpo tremia de raiva, fazendo-me sentir como se estivesse sentada em uma cadeira de massagem.

Agora eu entendia por que Lúcifer havia enviado os cães primeiro - para garantir que estivéssemos cansados e fracos e para nos fazer acreditar que havíamos vencido pouco antes de ele enviar as maiores armas. Claramente, esses caras blindados eram a verdadeira ameaça.

Os soldados de armadura levantaram suas espadas em uníssono e, de repente, chamas vermelhas envolveram suas lâminas.

— Pooorr — gritou Marcus novamente.

— Porra mesmo — eu disse para as costas largas do gorila. — Eles têm espadas de fogo.

Ao meu redor, ouvi os gorilas se agacharem, com rugidos borbulhantes em suas gargantas enquanto atacavam com uma investida frontal. Eles soltaram uivos agudos, assustadores e selvagens.

— Venham e peguem, homens de lata! — Ronin gritou em sua versão de um grito de guerra. Ele perdeu parte de seu sorriso. Com o rosto firme, ele deu um passo para trás. Suas garras funcionavam para cortar carne e até ossos, mas eram inúteis contra o aço.

Alguns dos soldados blindados se separaram, avançando firmemente em direção às minhas tias e à Iris. Os soldados fizeram gestos rápidos com as mãos, acompanhados de explosões de pressão mágica que pulsavam no ar ao nosso redor com qualquer magia que eles fossem lançar.

— Para trás, seus demônios! — Dolores gritou, levantando os

braços acima da cabeça como se estivesse prestes a fazer uma oferenda, enquanto o ar zumbia com energia elementar.

Beverly, Ruth e Iris estavam juntas com Dolores, todas movendo as mãos habilmente enquanto seus lábios formavam o que só poderia ser um feitiço de proteção para afastar qualquer magia que os soldados blindados estivessem prestes a lançar contra elas.

Juntos, a fileira de soldados blindados fechou os punhos com as mãos livres, e senti os pelos da minha nuca se eriçarem com a mudança na pressão do ar. A energia vermelha, da mesma cor de seus olhos, se enroscou em suas palmas.

E então, como se fossem um só, eles apontaram com as mãos para minha família.

Juntando as mãos até formarem um círculo, minhas tias e Iris gritaram um feitiço que não consegui entender, e uma cúpula trêmula de energia azul se expandiu sobre elas no momento em que uma explosão de magia vermelha as atingiu.

O escudo tremeu sob a pressão, e preendi a respiração por um momento horrível, quando pensei que o escudo deles cairia. Mas ele resistiu.

— Graças ao caldeirão — sussurrei. Mas eu sabia que ele não conseguiria se manter por muito mais tempo, não sob essa ameaça.

O som de punhos batendo em metal e carne aumentou com o súbito rugido da batalha quando os dois grupos se enfrentaram. Os demônios de armadura atacaram com força e rapidez como uma rajada de vento com sua velocidade sobrenatural, e eu olhei horrorizada para os corpos caídos de alguns gorilas em seu rastro.

Uma onda de magia vermelha atingiu um gorila no peito. Ele vacilou por um momento, e eu sibilei entre os dentes. Ele balançou a cabeça e, em seguida, puxou os lábios para trás e rugiu, lançando-se contra o demônio de armadura que o havia atacado. Em um lampejo de pelos e músculos, o gorila agarrou o demônio e o levantou como se ele não pesasse nada - e o derrubou sobre o joelho. Com um estalo horrível, o corpo do demônio se partiu ao meio, como se o gorila tivesse acabado de quebrar uma baguete francesa.

— Ahhh! — Gritei quando Marcus acelerou para frente sem aviso, fazendo com que eu me curvasse para trás em uma versão ruim de uma pose de camelo da ioga. Meu corpo se inclinou para trás como se eu tivesse sido atingida por uma força g.

Com músculos abdominais que eu não sabia que possuía, consegui me lançar sobre suas costas, envolvendo meus braços em seu pescoço mais uma vez.

— Um pequeno aviso da próxima vez! — Gritei contra o pelo de seu pescoço, minha adrenalina subindo. — Você quase me derrubou.

Mas Marcus não respondeu.

Meu corpo saltou quando o gorila de dorso prateado atacou algo com a velocidade e a força de um trem de carga. Levantei um pouco a cabeça ao ouvir o grito e o som de carne sendo rasgada.

Um gorila branco lutava contra dois soldados blindados. Um longo corte vermelho marcava seu braço enquanto ele socava e chutava os demônios, seus movimentos eram cansados e lentos. Mas, mesmo assim, eu vi o que ele estava fazendo. Ele estava impedindo os demônios de usar sua magia. Inteligente.

Ele rolou para o lado e desferiu um chute enorme, de quebrar os ossos, em uma das pernas do demônio. O demônio blindado caiu.

Naquele momento, outra espada blindada o atingiu, logo abaixo de suas costelas, empurrando-o para cima e para trás. A espada o atravessou e saiu por suas costas, emergindo como uma folha de grama ensanguentada.

— Nãooooo! — gritou Marcus, acelerando o passo.

Eu não conseguia tirar os olhos de Zeke, o sangue era um forte contraste com seu pelo branco e cinza-claro. Ele vacilou, sua boca se abriu em um suspiro.

O demônio torceu sua lâmina com um estalo repugnante e a puxou de volta.

Zeke caiu de joelhos. Sua cabeça balançou enquanto ele olhava com os olhos arregalados para o rasgo em seu peito. E então ele desmaiou.

O rugido de Marcus parecia saído diretamente de seu pior pesadelo. Eu nunca tinha ouvido nada tão agudo e ao mesmo tempo tão aterrorizante. Foi assustador como o inferno.

A cabeça do soldado blindado girou em nossa direção. Mas já era tarde demais.

Marcus atingiu o demônio com a força de um ônibus batendo em uma parede de cimento a cinquenta milhas por hora.

Fomos navegando em frente. Eu. Marcus. Disse o demônio.

Eu mal senti a aterrissagem. Estava muito ocupada tentando me manter nas costas do gorila.

Meu corpo estremeceu como se eu estivesse cavalgando um cavalo sem sela em um rodeio, enquanto Marcus golpeava a cabeça do demônio com os punhos, entrando em um frenesi raivoso de golpes.

Senti a fúria da tempestade embaixo de mim quando Marcus arrancou os membros do soldado. Imagino que sua armadura não o protegia de amputações repentinas. Com um último puxão, a cabeça do demônio foi arrancada de seu pescoço, e Marcus a jogou fora.

E então ele estava se movendo novamente.

Ele se lançou contra um grupo de soldados blindados, como um lutador da UFC, chutando, socando e rasgando com um borrão de punhos batendo no metal, entre rugidos, ranger de dentes e pelos

escuras voando. O metal se rasgou. Ossos se quebraram. Cada soco esmagador fazia a bile subir à minha garganta.

Estremeci quando a ponta de uma lâmina passou por cima de minha cabeça. Droga. Foi por pouco.

A raiva de Marcus vibrava através dele. Eu a senti no enrijecimento de seus músculos e na mudança de sua pele. Senti a sede de sangue. Em sua fúria, ele havia esquecido que eu estava em suas costas. Tudo o que eu podia fazer era me segurar para sobreviver enquanto ele se lançava contra outro grupo de soldados blindados.

Marcus rasgou os súditos de Lúcifer com uma rapidez voraz, seu corpo poderoso era uma máquina de matar com esteróides.

Minhas coxas e braços ardiam de dor enquanto eu me esforçava para permanecer nas costas do gorila. Eu não era conhecida pela minha força na parte superior do corpo. O suor escorria por minhas costas e testa enquanto eu me agarrava à fera.

Eu vou cair. Eu vou cair.

— Marcus! Estou escorregando. Não consigo me segurar!

Marcus estava perdido em sua raiva e não conseguiu me ouvir.

O gorila se lançou contra outro grupo de demônios com armaduras. Uma espada cortou seu braço, fazendo com que o sangue escorresse do corte, mas Marcus mal percebeu quando explodiu em movimento.

Ele golpeou um demônio à sua frente como se fosse uma vespa irritante e pegou a cabeça de outro entre suas mãos enormes, esmagando seu capacete como se fosse uma lata de cerveja. Ouvi um estalo e o som de ossos sendo esmagados antes de o demônio ficar mole em suas mãos.

Uma força bruta atingiu Marcus na lateral, no momento em que senti uma queimadura em meu corpo como se tivesse sido eletrocutada. Perdi o controle e caí sobre o gorila como um boneco de teste de colisão sem cinto de segurança.

Voei das costas de Marcus e aterrissei com força no chão. Agradeço ao caldeirão pelo amortecimento macio da grama e pela minha gordura extra. Caso contrário, eu teria quebrado seriamente os ossos do quadril e o cóccix.

Mas ainda assim doía, especialmente porque eu não tinha conseguido planejar minha aterrissagem com um rolamento sofisticado ou algo assim.

Com a boca aberta - porque, aparentemente, era isso que se fazia quando se estava caindo -, inalei um pouco de grama, um pouco de terra e, possivelmente, uma ou duas pedras enquanto rolava até parar.

Senti a respiração sair de meus pulmões ao bater com o peito no chão. Ofegante, engasguei com o cheiro sufocante de podridão, enxofre e cabelo queimado.

Minha cabeça latejava como se eu tivesse sido atingida por uma marreta, pisquei e rolei para o lado. Minha cabeça ficou nublada por um momento, e a escuridão nublou minha visão. Piscando os pontos negros dos meus olhos, eu me ajoelhei enquanto tomava um pouco de ar e me virei para ver Marcus imóvel como uma estátua grega e imóvel, assim como eu tinha visto o outro gorila endurecer sob o feitiço do demônio blindado. Seus olhos cinzentos eram a única coisa que se movia. Eles me fixaram, e tudo o que vi foi medo e desespero total e absoluto, não por ele, mas por mim.

Franzi a testa, pensando que ele achava que eu tinha me machucado na queda. Eu me machuquei, mas sobreviveria.

No momento em que fui me levantar, pisquei ao ver o fio afiado de uma espada prateada reluzente. Os olhos vermelhos e flamejantes do soldado de capacete me olharam através do visor de seu capacete.

E então ele baixou sua espada.

CAPÍTULO 22

Durante o ano passado, tive vários momentos de vida que me fizeram brilhar diante dos meus olhos. Mesmo assim, nunca me acostumei com eles.

Eu me enrijei como uma tola, até urinei um pouco, enquanto olhava para a lâmina afiada e avançada da espada.

Sim. Eu ia morrer.

E quando a lâmina estava a um milímetro do meu pescoço, no momento em que senti a lâmina gelada tocar minha pele, ela explodiu em uma nuvem de cinzas. O mesmo aconteceu com o demônio de armadura.

Tossi com as cinzas nojentas que havia engolido porque, aparentemente, também abri a boca antes de meus momentos de suposta morte. Cuspi o que só poderia ser descrito como o gosto de areia de gato. Nojento. Limpando as cinzas e as lágrimas dos meus olhos, tentei entender o que estava vendo.

— Lilith? —Devo ter batido a cabeça na queda. Certamente eu estava tendo alucinações. A deusa não poderia estar bem perto de mim.

— Não. A fada do dente —disse ela, com os longos cabelos ruivos soltos e flutuando ao seu redor como se ela estivesse debaixo d'água. — Levante-se. Ou você planeja ficar sentada a noite toda?

Certo, não estava alucinando. O lado esquerdo da minha cabeça latejava, então eu a bati na queda.

— Você está realmente aqui? Aqui mesmo? Neste exato momento? Mas... por que você está aqui? Pensei que você tivesse ido embora?

A deusa olhou para mim. Seus olhos brilhavam com uma ira mal contida.

— Se você não se levantar agora, você morre.

Muito bem. Levantei-me, cambaleei e estendi os braços para me firmar. Ainda estava em choque ao ver a única pessoa, a deusa, que eu jamais esperaria ver em um bilhão de anos. Enruguei o nariz ao sentir o cheiro de cabelo queimado.

Lilith ficou me olhando por um tempo a mais.

— O que você fez com seu cabelo e sobrancelhas?

— O quê?

Levantei a mão e estremei ao sentir uma grande calvície em todo o lado esquerdo do meu couro cabeludo. Deslizei a mão sobre o osso

da minha sobrançelha sem cabelo, onde minhas sobrançelhas costumavam estar, e dei de ombros.

— Muito Head and Shoulders?

— Está horrível — disse a deusa, como se minha vaidade devesse ser mais importante para mim do que minha vida no momento.

— Uma careca não combina com você. Eu, por exemplo, consigo usá-la. Bem, porque sou uma deusa e minha beleza é imensurável.

Falando de minha vida.

— Você acabou de salvar minha vida.

Mais uma vez, a deusa estava usando seus truques, salvando minha vida quando eu a traíra e quase a entregara ao deus do qual ela estava fugindo todo esse tempo.

— Eu sei.

Os olhos vermelhos de Lilith brilhavam de fúria. Ela não parecia realmente feliz com o fato, como se por algum motivo tivesse que fazer isso.

— Não posso deixar você morrer — disse ela.

Estreitei os olhos, minha cabeça parecia estar cheia de água.

— Por que não? Não é como se você não tivesse ameaçado minha vida antes. Muitas vezes, se me lembro bem. Por que agora é diferente?

— Estamos conectadas pelo seu sangue — disse a deusa, e novamente minha boca se abriu.

— Hã? Você pode falar mais devagar? Minha audição ainda está tentando chegar ao meu lobo temporal. Posso ver seus lábios se movendo, mas nada do que está saindo deles faz sentido.

— Não é complicado. Quando você me libertou da minha jaula, usou seu sangue. Estamos conectadas.

É, eu realmente não entendi isso, mas não tinha tempo para discutir com ela e minha cabeça ainda estava confusa.

Mas, no momento, eu tinha assuntos mais urgentes para resolver do que essa versão de boa samaritana da deusa do inferno.

Marcus.

O feitiço que queimou uma parte do meu cabelo e das minhas sobrançelhas também o atingiu.

Corri em direção ao gorila de costas prateadas, na verdade, estava mais para um andar. Por um milagre, ele ainda tinha a cabeça conectada ao pescoço. Ele piscou para mim quando me aproximei, com raiva e medo ainda presentes em seus olhos. Coloquei minhas mãos sobre seu peito, meus dedos formigando de medo, mas ele ainda estava quente, ainda estava duro. Mas tão rígido quanto um bloco de cimento.

— Oh, droga. Preciso de um feitiço ou de uma contra maldição. Que droga. Você pode desfazer isso? — Perguntei à Lilith quando ela

se juntou a mim. — Ele está muito duro!

Bem, não era exatamente o que eu queria dizer, mas você entendeu o que eu quis dizer.

Um sorriso apareceu no rosto da deusa quando ela olhou para a virilha do gorila.

— Você sabe o que quero dizer.

Meu coração ficou preso na garganta.

— Você pode desenfeitiçá-lo ou o que quer que seja? Por favor. Ele não pode ficar assim. Ele estará morto em segundos.

Ela revirou os olhos dramaticamente como se eu fosse um idiota por perguntar e estalou os dedos.

Senti um súbito estalo da pressão do ar contra minha pele. Um vento frio soprou ao meu redor, trazendo consigo o aroma de especiarias.

— Abaeexem — Marcus jogou seu corpo sobre mim e Lilith, esmagando-nas no chão, enquanto eu vislumbrava algo prateado passando sobre nossas cabeças.

Senti o hálito quente de Lilith roçar meu rosto quando ela se virou para mim sob o corpo duro e quente de Marcus. — Tem certeza de que não quer me emprestar seu macho? Só uma noite. As coisas que ele poderia fazer comigo... as coisas que eu poderia fazer com ele...

— Urgh!

Chutei minhas pernas até que Marcus entendeu a mensagem e puxou seu corpo enorme para longe de nós.

O gorila de costas prateadas se abaixou e girou, agarrando o demônio blindado por trás e arrancando sua cabeça, com capacete e tudo.

— É sério. Apenas uma noite — disse a deusa, olhando para Marcus, o gorila, como se quisesse pular nele naquele exato momento. — Ele é esplêndido. Eu o aceitaria assim mesmo. Como uma fera. Para sua informação, eles são muito *maiores* quando estão em sua forma de animal.

Se ela não tivesse acabado de salvar minha vida, eu teria lhe dado um soco.

Em vez disso, apontei para a batalha.

— Você pode fazer algo a respeito do exército de seu marido? — rosnei com os dentes cerrados, olhando para os demônios blindados que cortavam mais gorilas. Minha pulsação disparou quando vi um grupo de cinco demônios lançando sua magia vermelha contra o escudo de minhas tias e de Iris. O escudo vacilou e, por um momento, pensei que fosse cair.

Não aconteceu. Ainda não.

O gorila de costas prateadas colocou seu corpo entre Lilith e eu e qualquer demônio blindado idiota que estivesse em nosso caminho.

— Lilith? — Eu gritei. — Por favor, faça alguma coisa se puder. Estamos sendo massacrados.

O rosto de Lilith brilhou de decepção.

— Não precisa gritar. Mas eu gostaria de salientar que eles estão aqui por causa de seu rabo mentiroso e ardiloso.

— Sério? Você está fazendo isso agora?

Meu coração afundou quando não consegui ver o Ronin em lugar algum. Onde estava aquele maldito meio-vampiro? Se ele estivesse morto, eu lhe daria uma surra na vida após a morte.

— Eu estou. — A deusa colocou as mãos nos quadris. — Você provocou isso para si mesma. Você mentiu para mim. Você me enganou. Talvez você mereça morrer. Talvez eu deva deixar que eles matem todos vocês.

— Sério? — Eu me irritei. — Se bem me lembro, salvei seu traseiro daquela gaiola. Isso não é só comigo. Você também está envolvida nisso.

A deusa deu de ombros.

— Pensei que fôssemos amigas.

— Oh. Meu. Deus! Vocês estão me matando.

Em um lampejo de cabelo castanho, avistei o Ronin cercado por um grupo de demônios perto do galpão do jardim. Meu momento de alívio foi substituído por puro pânico quando notei as espadas flamejantes apontadas para sua garganta. A maior parte de seu rosto estava encoberta pelas sombras, mas eu só conseguia ver o terror nele. Eu nunca o tinha visto tão assustado.

Merda.

Lilith olhou para seus dedos perfeitamente bem cuidados, parecendo entediada.

— Não somos amigas? Pensei que fôssemos amigas. Amigos não traem uns aos outros. Amigos dizem a verdade uns aos outros.

Minha pressão arterial estava atingindo um nível perigosamente alto.

— Sim. Sim, somos amigas! Eu cometi um erro. Sinto muito. Os amigos também sabem quando é hora de perdoar. Como agora. Por favor, nos ajude! Nos ajude! — Eu disse, agitando minhas mãos como uma idiota.

Lilith sorriu, parecendo perfeitamente radiante, como se tivesse acabado de sair de um elegante salão de beleza de Nova York.

— Viu.

Ela estendeu a mão e apertou minha bochecha.

— Não foi tão difícil. Foi?

Por incrível que pareça, observei a deusa se virar, dar três passos à frente e, em seguida, abrir os braços ao lado do corpo, enquanto palavras que eu não entendia saíam de seus lábios. Poderiam ser de

demônio. Poderiam ser palavras sem sentido.

Um vento soprou, trazendo o cheiro de especiarias, o cheiro que eu agora associava à magia de Lilith. Lentamente, ela levantou os braços. Ouvi um súbito estrondo de trovão e vi um flash de luz seguido de uma onda de calor.

Então, como um efeito dominó, o corpo de cada demônio blindado explodiu em uma nuvem de poeira e cinzas até que tudo o que restou foram pilhas de cinzas cinzentas e o cheiro de ovos podres.

Fiquei olhando por alguns instantes, certificando-me de que ela não havia deixado passar um desgraçado blindado. Meu olhar se voltou para Ronin, que estava remexendo em uma pilha de cinzas como se estivesse procurando uma lembrança ou algo assim. Seu rosto tenso se transformou em um sorriso quando ele me viu olhando para ele.

— Nós pegamos eles, Tess. Nós os pegamos, porra.

— Nós pegamos.

A pressão no ar diminuiu, e olhei para ver que o escudo de minhas tias e de Iris havia desaparecido, com seus rostos felizes e aliviados.

Ruth apontou para um monte de cinzas que Dolores estava prestes a chutar com seu sapato.

— Não faça isso. É um bom adubo para o meu jardim.

Não sei se eu gostaria de comer os vegetais que sairiam dessa horta, mas tanto faz.

Entre as cinzas estavam os corpos de seis gorilas, incluindo o branco de Zeke. Os gorilas restantes, todos os noventa e quatro, se ajoelharam no chão, com a cabeça baixa em sinal de tristeza e respeito.

O ar se deslocou ao meu lado, e Marcus correu para o corpo de Zeke no momento em que vi Ruth ajoelhada ao lado dele, aplicando pressão em seus ferimentos.

— Ele está vivo — murmurei, subitamente consciente das dores do meu próprio corpo. Amanhã ia doer pra caramba. E, dessa vez, eu tomaria um pouco do tônico curativo de Ruth. Tomaria um maldito galão dele.

— Apenas quatro mortos — anunciou a deusa, com um tom profissional e formal. — Os outros estão gravemente feridos, mas vivos.

— Como você sabe?

Lilith arqueou uma sobrancelha para mim.

— Certo. — falei, meu corpo tremendo enquanto os efeitos da adrenalina passavam.

— Obrigada por ter voltado. Você não precisava, mas voltou. Você nos salvou. Você me salvou. Ainda não entendo por que você fez isso.

— Bem, se eu me mudasse para cá e vocês estivessem todos

mortos, seria um pouco entediante — disse a deusa. — Qual é a vantagem de morar aqui se for uma cidade fantasma? Gosto de manter meu entretenimento por perto.

Percebi que ela estava evitando meus olhos - algo que eu havia percebido que ela fazia quando estava desconfortável.

Eu sorri.

— Você realmente gosta de mim, né? Quero dizer, você me vê como sua família. Como uma irmã? Admita.

Lilith revirou os olhos novamente, mas eu vi um claro brilho neles.

— Sabe, você vai ter muito trabalho para fazer no seu gramado. Há buracos na grama por toda parte. Você pode tropeçar e quebrar um tornozelo.

— Não mude de assunto. Você acha que sou da família.

— Não seja ridícula. Os mortais não são meus amigos. Eu costumava me alimentar deles. Vocês não passam de animais. Os seres superiores comem os mais fracos.

Sim, isso foi nojento, mas eu sorri mesmo assim.

— Tudo bem, mas para esclarecer, você realmente gosta de mim.

A deusa soltou um sopro de ar exasperado.

— Não me irrite com sua mortal estúpida...

Os olhos vermelhos de Lilith brilharam com um medo selvagem, sua boca se abriu em um "o" silencioso.

Eu me virei.

Foi tudo muito rápido.

Lúcifer apareceu atrás de nós. Seu rosto estava cheio de fúria, seus olhos brilhavam com algum tipo de magia infernal. Ele estava furioso.

Sem aviso prévio, ele sacudiu o pulso e lançou uma bola de escuridão em Lilith.

— *Não!*

E, como uma idiota, eu me joguei no caminho e recebi toda a intensidade do feitiço de Lúcifer.

CAPÍTULO 23

Eu era a campeã quando se tratava de fazer coisas estúpidas em minha vida, mas isso ocupou o primeiro lugar.

Uma forte explosão de energia me atingiu, fazendo com que eu voasse pelo terreno. Aterrissei de bunda no chão com as pernas no ar. Não foi bonito. Minha cabeça se chocou contra o chão um momento depois, com uma explosão de pontos negros em minha visão e uma dor muito real. As palmas das minhas mãos se transformaram em garras enquanto eu ofegava de dor e sentia o gosto de sangue na boca.

Foi quando começaram as convulsões.

Eu me encolhi em uma bola enquanto a energia fria e ácida se espalhava pela minha corrente sanguínea, queimando-me por dentro. Parecia que minha cabeça estava se partindo em duas, e minha visão ficou embaçada enquanto a dor aumentava. O cheiro de carne queimada encheu meu nariz. Era a minha carne? Eu estava realmente queimando por dentro? É possível.

Lutei para manter minha respiração uniforme enquanto algo frio e desconhecido se infiltrava dentro de mim. Minha cabeça se inclinou para trás quando essa nova energia se acumulou em mim. Meu corpo se contraiu e meu medo aumentou à medida que o poder se espalhava em fluxos sobre e dentro de meu corpo como luz líquida. Senti o simples toque da mente de outra pessoa. A de Lúcifer.

Sua magia batia e pulsava dentro de mim. Respirei fundo com o súbito derramamento de magia que subia por minhas mãos e braços. O poder cresceu, forte e constante, penetrando em mim com uma espécie de ânsia faminta e substituindo minha dor e medo por nada além de poder e ferocidade. Era muito perigoso e sedutor.

Meus músculos pararam de ter convulsões, e eu respirei fundo. Respirei mais uma vez e depois outra. Meu corpo relaxou, deixando apenas a cabeça latejante e o gosto de algo metálico em minha boca.

Senti um formigamento como se milhares de formigas estivessem rastejando pelo meu corpo e suspirei de alívio quando a dor na minha cabeça diminuiu. Respirei lentamente. Meu Deus, que sensação boa.

Eu estava *respirando*? Como eu ainda estava respirando? Eu tinha sido atingida pelo poder de Lúcifer e sobrevivido? Como isso era possível?

Olhei para cima e vi Lilith em pé sobre mim, com os olhos redondos e os cabelos ruivos caindo em volta de um rosto totalmente

chocado. Éramos duas.

— Você está viva?

Ela revirou os olhos para mim, como se esperasse ver alguma fumaça ou partes faltando.

— Como você não está morta?

Boa pergunta. Abri a boca para responder, mas alguém me adiantou.

— Tessa!

Mãos quentes e duras esfregavam meus braços para cima e para baixo enquanto eu me virava e piscava para o belo rosto de Marcus.

— Como você pôde fazer algo tão estúpido?

— Quando é que eu não faço isso? — respondi. Minha garganta ardia e estava um pouco seca. Ele estava de volta em sua forma humana, todo dourado, musculoso, suado e nu. Do jeito que eu gostava dele.

Ele me levantou e me examinou como Lilith havia feito.

— Mas você está bem. Você está boa. Você está bem — acrescentou ele, mais para si mesmo do que para mim.

Respirei fundo.

— Parece que sim.

Eu nunca tinha ouvido falar de alguém que tivesse sido atingido por um deus como Lúcifer e sobrevivido. Diabos, eu nunca tinha ouvido falar que Lúcifer tivesse atingido alguém ou algo assim. Mas se ele o fizesse, eu tinha certeza de que seria o fim deles. Então, por que eu sobrevivi?

— Oh, meu caldeirão! Tessa! — disse Dolores enquanto corria para lá, seguida por Ruth, Beverly e Iris.

Com seu quadril, minha tia alta empurrou um Marcus nu para fora do caminho. Ela segurou meu queixo com as mãos, olhando para meu rosto e meus olhos. Ela ergueu a mão.

— Quantos dedos?

— Três — respondi. — Estou enxergando bem. Não há nada de errado com meus olhos.

Em um borrão de movimento à minha direita, Ronin estava lá.

— Tess. Você está careca de um lado — ele riu. — Você não tem sobrancelhas, e agora está fervendo. Literalmente, uma brasa fumegante.

— É bom saber.

Ruth se aproximou e tocou gentilmente meu couro cabeludo com os dedos.

— Tenho uma pomada que pode resolver isso em um instante. Tem cheiro de cocô, mas faz maravilhas.

— Mal posso esperar.

Iris estava olhando para mim com um sorriso estranho no rosto. Eu

conhecia esse sorriso. Era parte fascínio e parte inveja. Ela era a única bruxa viva que trocaria de lugar comigo só para sentir como era ser atingida por um dos feitiços de Lúcifer. Ela era louca, assim como eu. Por isso nos dávamos tão bem.

— Devemos levá-la para dentro — disse Beverly.

— Sim, sim — disse Dolores, puxando meu braço.

Eu me soltei de seu apoio.

— É muito interessante e fascinante que eu esteja aqui, embora febril, mas estamos esquecendo de algo importante.

Virei minha cabeça e avistei o rei do inferno.

Lúcifer estava observando nossa conversa com uma expressão intrigada. Seu rosto não estava torcido em fúria, e seus olhos eram azuis claros, não brilhavam com aquele olhar assassino de morte. Ele parecia... curioso.

Mas o rosto de Lilith ficou todo enlouquecido.

— Seu desgraçado! Você tentou me matar!

Lilith marchou até Lúcifer, seus cabelos e roupas se erguendo no ar com alguma magia invisível. Eu já a tinha visto furiosa antes, mas dessa vez parecia que ela estava prestes a arrancar a cabeça dele com as próprias mãos.

Lúcifer olhou para sua esposa.

— Não. Não é disso que se trata.

— Já não bastou você ter me mantido prisioneira por mais de mil anos? Agora quer acabar com minha vida!

Lúcifer balançou a cabeça.

— Eu não tentei matar você. Ouça o que estou dizendo. Eu só...

— Mentiroso! — esbravejou Lilith. E então os dois mudaram para uma língua estranha que eu nunca tinha ouvido antes, falando muito rápido, gritando mesmo, com muitos gestos com as mãos. Era como se estivéssemos testemunhando uma briga de casal em outro país.

A única coisa boa disso tudo era que Lúcifer havia perdido o interesse em mim.

— Devemos ir enquanto eles estão discutindo — disse Marcus, sua voz baixa e lendo minha mente. Suas mãos ainda esfregavam meus braços para cima e para baixo, causando deliciosos formigamentos dentro de mim.

— Ele tem razão. Vamos lá. Vamos — insistiu Dolores e, como sempre, foi ela quem nos conduziu de volta à casa.

Comecei a avançar, mas algo no tom de Lilith me fez parar e me virar.

Eles ainda estavam jogando as mãos para o alto em uma discussão acalorada, mas algo estava errado. Eu vi isso no rosto de Lilith. Ela parecia... parecia assustada.

Quando Lúcifer agarrou o pulso de Lilith com força, eu meio que

perdi o controle.

Algo dentro de mim estalou.

Instintivamente, reuni minha energia - da minha raiva, do meu medo, da minha cabeça dolorida e do couro cabeludo queimado, e até mesmo um pouco do meu ego ferido por causa das minhas sobranças faltando. Levantei a mão direita e uma lança de energia negra saiu da minha palma e atravessou o terreno.

Não percebi o que estava acontecendo ou o que eu tinha feito até que fosse tarde demais.

Observei como tudo parecia mudar em câmera lenta. Meus olhos seguiram minha lança de energia negra enquanto ela voava em linha reta e atingia Lúcifer bem no peito. Foi um tiro perfeito. Aparentemente, eu tinha uma mira muito melhor quando não estava concentrada.

Oooooooooopaaaaaa.

O rei do inferno cambaleou para trás, com a boca aberta e parecendo ainda mais surpreso do que eu. Ele esfregou as mãos em sua camisa de seda cara, como se estivesse procurando buracos ou algo assim. Sua expressão passou por diferentes estágios - surpresa, curiosidade e, depois, raiva total.

Duplo "oopaaa".

— Ok, acho que isso é ruim — sussurrei, e fui atingida por uma súbita sensação de conhecimento, como se eu estivesse perdendo algo importante aqui.

Agente firme!

— Espere um pouco. — Olhei fixamente para minha mão. — Puta merda. Recuperarei meu poder de demônio. Como isso é possível?

Não havia como errar. Senti a pulsação fria e familiar dentro de mim, fluindo em minhas veias como se nunca tivesse saído.

Senti meu poder e confiança voltando para mim. Toda ela. Minha magia roubada voltou para mim, enchendo-me como uma garrafa com um formigamento quase doloroso enquanto eu me agarrava ao que era meu.

Estou de volta, querida.

— Tessa — advertiu Marcus, e senti seu corpo bater no meu quando ele me empurrou para trás.

Olhei para Lúcifer e perdi meu sorriso. A raiva tomou conta de seu rosto. Ele cerrou a mandíbula, fazendo com que as veias em suas têmporas se destacassem.

Talvez eu não fosse sobreviver a isso, afinal.

Minhas tias estavam olhando abertamente para mim, com medo e choque. A única que parecia impressionada e feliz era Iris, e talvez um pouco invejosa por eu ter atingido o rei do inferno com meu poder.

— Tess, precisamos sair daqui — sibilou Ronin, aparecendo do

meu outro lado. — Tipo, agora mesmo.

Meu coração disparou quando comecei a me afastar, com Marcus ainda usando seu grande corpo como escudo. Meus olhos se moveram de Lilith para Lúcifer.

Lilith afastou uma longa mecha de cabelo ruivo do rosto. Seus olhos estavam duros enquanto ela olhava para o marido.

— Você mereceu isso.

A cabeça de Lúcifer se inclinou na direção dela.

E então algo extraordinário aconteceu novamente.

Lúcifer, o senhor supremo do Submundo, começou a rir.

Começou como um tipo de riso tranquilo que se dava em um restaurante, mas depois explodiu em um riso forte e alto, aquele em que as lágrimas saíam dos olhos, seguido de cólicas estomacais.

— Ok, quem mais acha isso estranho?

Parei, olhando para Lúcifer enquanto ele ria e continuava a rir muito até que comecei a ficar irritada.

— Que diabos você fez com ele? — perguntou Ronin.

Balancei a cabeça.

— Como diabos eu deveria saber?

Eu realmente não sabia. E também não tenho certeza se gostei dessa versão dele. Era assustador.

Tudo o que eu sabia era que qualquer feitiço ou magia que Lúcifer havia lançado em Lilith havia, de alguma forma, devolvido minha magia.

E então, para completar a estranheza e o constrangimento da situação, Lilith começou a rir também.

— Você deveria ter visto seu rosto — gritou ela, apontando para o marido. — Foi tudo... Ela fez uma careta, tentando imitar a expressão dele, que era realmente meio assustadora.

— E então você ficou todo tenso. Achei que você fosse chorar.

Lúcifer começou a rir novamente.

— Uma bruxa mortal acabou de atirar em mim. Ela atirou em mim. Em *mim*.

E então ele foi dominado por um ataque de risos fortes que o fizeram se inclinar para frente.

Eu estava realmente irritada com as risadas deles, mas ele tinha acabado de me chamar de bruxa, então eu o perdoaria por isso.

— Estou muito confuso agora — disse Ronin.

— É melhor que eles estejam rindo do que tentando nos matar — informou Dolores. Ela exalou em voz alta. — Acho que essa luta acabou.

— Eu devo ir cuidar do Zeke — disse Ruth. — Ele vai precisar de alguns pontos para os ferimentos mais profundos.

Eu a observei atravessar o terreno até onde o gorila alfa estava

agora sentado em sua forma humana.

— O que aconteceu com os corpos?

A maioria dos wereapes estava de volta à sua forma humana, nus, alguns sentados e outros observando a troca de Lúcifer e Lilith com expressões estranhas em seus rostos.

Os olhos de Beverly se arregalaram ao ver aquilo. Um sorriso lento se espalhou por seu rosto adorável.

— Acho que vou ajudar a Ruth.

E então ela partiu, correndo em direção à massa de homens nus como se estivesse competindo na corrida feminina de cem metros rasos.

— Eles levaram os corpos para longe da vista, por respeito — respondeu Marcus. — Eles serão levados de volta para a cidade de Nova York amanhã.

— Eu sinto muito. Eles não precisavam morrer.

Marcus pegou minha mão.

— Não é sua culpa. Eles escolheram lutar. Não precisavam, mas o fizeram.

— Mesmo assim, não me faz sentir melhor.

Marcus segurou meu rosto e me beijou.

— Ok. Talvez *isso tenha* ajudado um pouco.

O chefe me deu um sorriso ardente.

— Eu já volto.

— Você não pode ir embora depois de um beijo como esse. Não é justo com meus lábios.

— Tenho que encontrar minhas roupas — respondeu o chefe enquanto se afastava. Fiquei olhando para o sua bela bunda.

— Por que você precisa de roupas? — respondi, com os olhos ainda fixos naquele bumbum fino dele.

Estranho. Ele nunca se importou com suas roupas, que provavelmente estavam rasgadas em pedaços. Era o que geralmente acontecia quando ele se esbanjava.

— Isso é estranho. Não é? — disse Ronin.

Eu me virei para a pergunta em sua voz.

— Oh. Meu. Deus!

Lilith e Lúcifer aparentemente tiraram suas roupas no espaço de alguns segundos em que me virei e estavam em um tipo de agarramento muito sensual.

E eles estavam flutuando.

Ronin assobiou.

— Está ótimo, deuses, está bem.

— Uau, não posso acreditar nisso — disse Iris, seu rosto escurecendo dois tons. — Eles... eles vão fazer isso aqui mesmo, na frente de todo mundo?

Dei de ombros.

— Eles são deuses.

Achei que isso era resposta suficiente. É estranho como todos nós parecíamos incapazes de tirar os olhos das divindades sexuais.

Ronin me cutucou.

— Rápido. Dê-me seu telefone. Eu perdi o meu.

— O quê? Por quê?

Eu não conseguia tirar meus olhos dos corpos nus dos deuses enquanto eles pairavam no ar. Cinquenta centímetros, setenta, um metro, um metro e meio.

— Quero tirar algumas fotos... talvez um vídeo — respondeu o meio-vampiro. — O quê? Eu nunca vi pornô celestial.

Nesse momento, Lúcifer girou Lilith, acariciou seus seios muito grandes e depois a curvou. Ele agarrou os quadris dela e...

— Tenho que ir, pessoal. — Eu ri, com os olhos arregalados, e me virei. Nunca conseguiria *desver* isso.

Iris agarrou um Ronin sorridente e o afastou com força do show pornô em andamento, e todos nós voltamos para a casa.

Ronin tinha razão. As coisas não poderiam ter sido mais estranhas esta noite. Eu tinha a sensação de que Lúcifer não estava mais interessado em me matar. Ele não estava interessado em nada que tivesse a ver comigo. Considerei isso como uma vitória.

Uma coisa era certa: minha disputa com os deuses havia terminado.

Ou assim eu esperava.

CAPÍTULO 24

Sentei-me em um banquinho ao lado da ilha da cozinha, muito cheia de adrenalina e com a sensação inebriante de ter minha magia de volta muito forte para me preocupar com o cansaço, com as partes do meu corpo que doíam ou com a minha aparência.

— Pare de se mexer — ordenou Ruth, com um sorriso em seu rosto bonito. Usando um par de luvas de cozinha cor-de-rosa, ela segurava um frasco de pomada verde e um bastão de madeira achatado. — Você não quer que eu passe muita pomada para crescer cabelo. Caso contrário, ele crescerá em todo o seu rosto e você ficará parecendo um monstro peludo.

— Marcus vai odiar — miava Hildo, deitado na ilha. — Ou talvez ele *adore*.

Sorri como uma idiota, apesar de sua pomada ter o cheiro e a aparência de algo que rastejava pelo esgoto da cidade.

— Eu tenho minha mágica, Ruth. Estou de volta. Sou uma bruxa. Posso ser uma Merlin novamente.

A ideia de que eu poderia voltar a ser uma Merlin licenciado me deixou em alta, como se eu tivesse tomado dez expressos de uma só vez. Mesmo que eu quisesse, não conseguia parar de me mexer. Era como se minha pele quisesse sair do meu corpo e dar algumas cambalhotas na cozinha.

Ruth deu uma risadinha.

— Eu sei.

Seus grandes olhos azuis fixaram os meus.

— Engraçado como as coisas conseguem se consertar sozinhas — disse ela, e eu me lembrei de nossa conversa há algumas semanas, quando ela me disse exatamente a mesma coisa. Hmm. Ruth era vidente?

Uma sensação de frescor se espalhou pelo meu couro cabeludo quando Ruth aplicou outra camada de Cresce-Cabelo. Senti um formigamento no couro cabeludo, como uma leve sensação de queimação, semelhante à de quando se pinta o cabelo. Começou a coçar.

Levantei minha mão.

— Não faça isso — advertiu Ruth, e eu congelei, com minha mão ainda no ar. — A menos que você queira ter dedos peludos.

— Ah, isso explica as luvas de cozinha.

Abaixei minha mão.

—Ei, Ruth.

Ronin olhou de soslaio para minha tia baixinha.

—Você acha que pode me salvar um pouco?

Ruth olhou para Ronin.

— Claro, mas por quê? Seu cabelo está ótimo.

Ronin deu um sorriso presunçoso.

— Obrigado, querida. Mas é para o meu peito.

Ele baixou a gola da camiseta, expondo seus peitorais lisos, sem pelos e musculosos.

— Iris gosta do tipo mais viril. Sabe como é, para encenar no quarto.

— Ronin — sibilou Iris, sentada ao meu lado. Manchas rosadas apareceram em ambas as bochechas.

— Penso em um lenhador com uma camisa xadrez e até mesmo um machado — disse o meio-vampiro. — Aluguei uma cabana no norte. Manter as coisas excitantes em nossa vida sexual é uma responsabilidade real. Algo que levo muito a sério. E sou excepcionalmente criativo, com grande atenção aos detalhes.

— Oh, Deus, Ronin, pare. — Iris escondeu o rosto com as mãos. — Por que você sempre tem que ser tão aberto sobre nossa vida sexual? Ela deveria ser particular. Você sabe... entre nós dois.

— Ele é um vampiro — disse Dolores, sem tirar os olhos do bilhete que estava escrevendo. — É de sua natureza se gabar de seus empreendimentos sexuais.

Ergui uma sobrancelha e olhei para Iris.

— Quero saber mais sobre essa cabana na floresta.

— Urgh.

Iris se apoiou na ilha da cozinha e enterrou a cabeça em seus braços.

Outra sensação de frio me assaltou quando Ruth passou um pouco de sua pomada em minhas sobrancelhas, ou onde minhas sobrancelhas deveriam estar, já que, aparentemente, elas haviam sido chamuscadas. Acreditei na palavra dela, pois ainda não havia me olhado no espelho.

Quando terminou, ela se inclinou para trás.

— Pronto. Pronto. Você deve começar a sentir um formigamento e pode arder um pouco. Isso significa que está funcionando. Não toque em seu rosto.

Abaixei minha mão novamente. Droga. Eu nem tinha percebido que a tinha levantado.

— Quanto tempo vai demorar para meu cabelo crescer de novo?

Se demorasse uma semana ou mais, eu teria que cortar meu cabelo, e eu realmente não queria. Talvez eu começasse a usar chapéus.

— Quinze minutos.

— Ah? Uau.

Minha tia Ruth era realmente talentosa em poções e pomadas mágicas. Fiquei emocionada por ela não estar mais chateada comigo. Ela estava fazendo contato visual de verdade novamente.

Peguei minha pequena tia e a abracei, apreciando como seu rosto ficava vermelho.

— Você é incrível, Ruth — eu disse no alto de sua cabeça e depois a soltei.

— E quente — disse Ronin, acrescentando outra camada de vermelho ao rosto de minha tia.

— Oh, vocês dois.

Ruth olhou para mim, com o rosto contraído como se estivesse tentando se lembrar de algo.

— Ah, e você precisa enxaguar tudo depois de quinze minutos, e então pode lavar o cabelo como faz normalmente.

— O que acontece se ela não lavar? — perguntou Ronin, embora eu também quisesse saber.

Ruth deu de ombros e disse:

— Então você vai acordar de manhã parecendo o primo Coisa, da *Família Addams*.

— Legal — riu Ronin. — Iris pode gostar disso também.

— Vou me certificar de lavar tudo — respondi, agora um pouco assustada.

Ruth pegou Hildo e o enrolou em seus ombros como se fosse um cachecol. O gato familiar ronronou alto, claramente satisfeito por estar sendo usado como um xale de gato. Ainda sorrindo, Ruth saiu da cozinha e desapareceu na sala de poções.

Iris se endireitou.

— Onde está o Marcus? Pensei que ele estivesse com você?

— Lá fora. Acho que está procurando suas roupas. Ele provavelmente está com Zeke e os outros.

A Bruxa das Trevas se inclinou para mais perto de mim, observando meu couro cabeludo.

— Uau. Já posso ver alguns de seus cabelos saindo da pomada.

— Sério? — Levantei a mão para tocar minha cabeça, mas parei. Ter dedos peludos definitivamente prejudicaria minha vida sexual. Talvez eu devesse encontrar algumas luvas de cozinha antes de me meter em problemas.

Meu pai entrou na cozinha, segurando um copo com um líquido dourado que parecia muito com gim.

— Bem, acho que Lúcifer e Lilith se foram. Podemos todos relaxar.

Ligar para o meu pai foi a primeira coisa que fiz assim que entrei em casa. Ele precisava saber o que havia acontecido, e eu queria que

ele parasse qualquer investigação que estivesse fazendo para encontrar o incubus Derrick.

— Onde está mamãe? — Peguei meu café e tomei um gole.

— Está dormindo — respondeu meu pai. — Ela ficou o dia todo pintando a casa nova. Está exausta. Eu não queria acordá-la.

Eu sabia que ela ficaria brava por eu não ter lhe contado sobre minha magia. Mas era apenas um dia. Acordá-la não teria feito muita diferença. Minha magia ainda estaria lá em outra manhã.

— Você chegou a encontrar o Derrick?

— Sim — respondeu meu pai. Ele tomou um gole de seu gim. — Ele está morto.

Cuspi o café da minha boca, molhando a ilha da cozinha.

— Desculpe-me. O que?

Meu pai tomou outro gole de sua bebida, juntando-se a nós no balcão da cozinha.

— Isso explica por que não consegui encontrá-lo. Mas ele está definitivamente morto.

— Ótimo — murmurou Iris e folheou uma página de Dana na ilha da cozinha.

Fiz uma careta, resistindo à vontade de coçar o couro cabeludo. — Você acha que Lúcifer o matou?

Meu pai apoiou seu copo na ilha, tomando cuidado para não se inclinar onde eu havia cuspidado meu café.

— É isso que penso, sim. Livrar-se das provas e tudo o mais. Não posso dizer que estou triste por vê-lo partir. Sujeito frustrado.

— Eu também não. Ele era um desgraçado. Mas ele ainda era o cara de Lúcifer.

— A política do submundo é complicada. Talvez nunca saibamos o verdadeiro motivo pelo qual ele foi eliminado. Mas suspeito que ele sabia demais sobre os planos de Lúcifer.

— Certo. Ou o fato de que Lilit e Lúcifer estavam de repente fazendo sexo quente no pátio — eu disse a ele com uma risada. — Foi uma noite estranha, mas cheia de acontecimentos.

— De fato — concordou meu pai.

— Oh, oi, Obiryn — disse Ruth, voltando para a cozinha. Com Hildo ainda enrolado em seus ombros, ela tinha um balde de cinzas em uma mão e uma pequena pá e vassoura na outra.

— Para onde você está indo? — Perguntei à minha tia.

— Vou colher algumas das cinzas dos demônios para o meu jardim.

Ela sorriu como se estivesse indo colher mirtilos no meio da noite.

— Até logo! — ela disse e desapareceu pela porta dos fundos da cozinha. Eu a observei partir. Uma bola de luz apareceu logo acima de sua cabeça, uma luz de bruxa. Pelo menos ela estava preparada.

A porta se abriu novamente e Beverly entrou na cozinha parecendo luminescente e fresca, nem um pouco como se tivéssemos lutado contra um bando de demônios há algumas horas. Acho que isso teve algo a ver com os homens nus em nosso quintal.

— Não é maravilhoso? — Ela sorriu e foi até a cozinha. Empilhou alguns panos limpos em suas mãos. — Todos esses homens musculosos, lindos e disponíveis.

Eu disse.

— O que há de tão maravilhoso nisso? — rosnou Dolores, sem tirar os olhos de sua carta.

Beverly colocou uma mecha de cabelo loiro atrás da orelha.

— Tenho um encontro para cada noite desta semana com homens diferentes.

Ela sorriu de forma diabólica.

— Você não pode domar essa leoa, não quando há tanta, tanta presa para ser capturada.

— Parece que você quer devorá-los — murmurou Dolores.

Um pequeno sorriso malicioso apareceu na boca cheia de Beverly.

— Quem disse que eu não quero?

Ronin levantou sua cerveja para Beverly.

— É isso aí, garota.

Os olhos de Beverly se iluminaram.

— Oh, eu estou indo. Estou indo com força.

Sem saber ao certo como responder, apenas acenei com a cabeça em silêncio.

Observei minha tia Beverly encher uma tigela com água, verificar seu reflexo na torradeira e depois desaparecer pela porta dos fundos da cozinha.

Levantei a mão para coçar o couro cabeludo novamente.

— Droga.

Enfiei as mãos embaixo da bunda para evitar que se mexessem.

Olhei para Dolores, curiosa.

— Para quem você está escrevendo às duas da manhã?

— Para a velha Greta — respondeu Dolores, parecendo satisfeita. Ela abaixou a caneta e tirou os óculos de leitura. — Ela precisa saber que sua magia voltou. Mal posso esperar para ver o olhar de surpresa em seu rosto presunçoso e enrugado quando você lhe mostrar. Ha! Vai ser como o Natal.

Enruguei o rosto.

— Por favor, não me diga que ela precisa voltar e me testar? Não de novo.

Dolores piscou os olhos.

— E então? — perguntei.

Um sorriso se desenhou em seus lábios.

— Você me disse para não lhe contar.

Soltei um suspiro exasperado.

— Tudo bem, tudo bem. Tenho minha magia de volta. Ela pode me testar o quanto quiser. Só precisarei de alguns dias de descanso e voltarei a ser o que era antes.

Fazia sentido que ela tivesse que me testar para ter certeza de que eu era um fracasso, e agora ela tinha que me testar novamente para me reintegrar como uma Merlin.

— É melhor você ter seu sono de beleza — disse Dolores. — Porque eles estarão aqui amanhã de manhã, bem cedo.

— Claro que sim.

Suspirei e verifiquei meu telefone. Eu tinha cerca de quatro minutos antes de ter que lavar a pomada para crescimento de cabelo. Levantei-me do banco.

— Bem, é melhor eu dormir um pouco.

— Sim, nós também vamos — anunciou Iris, levantando-se e colocando Dana em sua bolsa. — Estarei de volta amanhã de manhã. Não quero perder os testes.

— Obrigada.

Voltei-me para meu pai.

— Vejo você amanhã à noite ou mais cedo, dependendo da reação de minha mãe.

Meu pai sorriu.

— É melhor dormir mais.

Com isso, saí da cozinha e fui para o corredor. Quando eu estava prestes a subir a escada, a porta da frente se abriu e um Marcus meio vestido apareceu.

— Não conseguiu encontrar sua camisa? — perguntei, admirando os músculos dourados de seu tórax duro, meus dedos com vontade de tocá-lo. Minha língua queria lamber aquele pequeno gotejamento de suor que vi em seu peitoral direito.

— Não — disse ele, exibindo um de seus sorrisos de um milhão de dólares. — Achei que você não se importaria.

— Nem um pouco — ronronei, meu olhar viajando até sua calça jeans e querendo arrancá-la. Um torneio orgástico com Marcus era exatamente o que eu precisava no momento.

Ele inclinou a cabeça, franzindo a testa.

— O que é isso em seu rosto e em seu cabelo?

Minha boca se abriu em mortificação e um pouco de pânico. Com que diabos eu estava parecendo?

E então me lembrei de que não me importava.

— A pomada de crescimento de cabelo da Ruth. Tenho que lavá-la. Comecei a subir as escadas e olhei por cima do ombro.

— Você vem?

Percebi então como isso soava, fazendo meu rosto corar.

Um pequeno rosnado irrompeu de sua garganta.

— Pode apostar que sim.

Com o coração batendo forte, subi os degraus, ciente de que Marcus estava logo atrás de mim.

— Está olhando para a minha bunda?

— É uma bunda muito bonita — disse o chefe, fazendo com que minha pele se arrepiasse deliciosamente.

A escada não podia ser mais longa. Meus hormônios ficaram em fúria quando chegamos ao patamar do sótão e entramos no meu quarto.

Assim que fechei a porta, ele agarrou meus ombros e me girou para encará-lo. Soltei um gritinho de surpresa, que foi interrompido pelo esmagamento de seus lábios nos meus. Soltei um pequeno grito de surpresa, que foi interrompido pela pressão de seus lábios nos meus.

Ah, sim. Isso estava acontecendo.

Seu beijo era duro e possessivo, e eu me derreti nele, apreciando a sensação e o sabor dele. Ele tinha gosto de especiarias e de algo selvagem e feroz, e eu não conseguia me satisfazer. Meus braços deslizaram ao redor de seu pescoço e eu o puxei para mim. Seu rosnado me aqueceu, despertando todos os meus sentidos. Apertei-me com mais força contra ele, minhas mãos escorregando por seu pescoço e sobre as cordas de músculos duros em suas costas.

Suas mãos deslizaram pela minha camisa, acariciando minhas costas, e habilmente abriram meu sutiã. Em seguida, escorregaram para a frente e agarraram meus seios. Seus dedos roçaram meus mamilos, provocando-os e fazendo-os doer enquanto me causavam arrepios.

— Vou fazer você gritar esta noite — rosnou o chefe, afastando os lábios dos meus para recuperar o fôlego. — Muitas e muitas vezes.

Viva!

— Precisamos de um lugar só nosso — respirei, sabendo que nem mesmo as paredes da Casa Davenport poderiam esconder a quantidade de gritos que estavam prestes a sair de minha garganta em alguns minutos. — Nosso próprio lugar. Um novo lugar onde possamos começar a criar raízes de verdade.

Eu queria morar com ele, mas não em seu escritório, onde seus funcionários veriam minhas idas e vindas. Precisávamos de algo novo.

Os músculos de seu pescoço e tórax se sobressaíam. Ele parecia feroz, como se estivesse prestes a me comer viva.

Viva!

— Nós vamos — disse ele, com a voz embargada pela emoção, e percebi que ambos tínhamos concordado com esse próximo passo em

nosso relacionamento. — Podemos começar a procurar amanhã. Esta noite, vamos fazer isso aqui.

— Sim, chefe.

Chefe, por favor.

Ele me beijou novamente com um gemido faminto e, em seguida, agarrou minha bunda e me prendeu contra a protuberância muito dura do seu jeans. O cheiro dele e o calor de seu corpo estavam me deixando tonta.

Meu corpo se contraiu sob seu toque. Eu não queria soltá-lo. Eu queria pular em seus ossos naquele exato momento, com minhas regiões femininas pulsando por um pouco de ação.

Mas eu tinha gosma no cabelo e cheirava mal como um banheiro masculino. Algumas coisas tinham de ser feitas com um pouco mais de classe e higiene.

Eu me afastei.

— Estou um nojo. Preciso de uma ducha. Não vou deixar que você me toque mais até que eu tenha removido as cinzas de demônio e todas as outras impurezas da minha pele.

Marcus me puxou de volta, com um brilho pecaminoso nos olhos.

— Não me importo. Gosto de você toda suada e suja. Isso me excita. Deve ser meu lado animal — acrescentou com um sorriso.

Eu o afastei de brincadeira, ficando seriamente excitada com a dureza de sua masculinidade.

— Eu também tenho que lavar essa sujeira do meu cabelo. Nós dois estamos nojentos.

Marcus rosnou, com uma expressão lasciva.

— Você está me deixando louco. Acho que não posso esperar tanto tempo.

Se eu tinha alguma dúvida sobre como eu o fazia se sentir ou alguma insegurança sobre minha celulite, meus braços flácidos ou minha barriga de vinho, elas desapareciam diante da luxúria que ele sentia por mim.

Com seus olhos cinzentos segurando os meus, vi um borrão, e ele estava sem calças, em pé em sua glória nua com um pênis muito duro.

— Um dia, você terá que me ensinar a fazer isso — eu disse a ele, sabendo que minhas roupas estavam tão sujas que eu teria que tirá-las com cuidado se não quisesse que a pele fosse arrancada ao mesmo tempo. — Mas não se preocupe. — Olhei fixamente para sua grande longa e dura. — Eu vou destruir o pequeno Marcus.

O wereape riu, com seus olhos sensuais.

— Ele não é tão pequeno assim.

— Não, ele não está.

Eu sorri.

— Vá em frente e tome seu banho. Eu já estou indo.

Marcus dobrou a calça jeans e a colocou na cadeira ao lado da minha mesa. Em seguida, entrou no banheiro. Ouvi o som do chuveiro enquanto me movia para o meu armário principal e para a frente do espelho alto.

— Ruth estava certa — eu disse. — Meu cabelo voltou a crescer.

O lado esquerdo tinha quase o mesmo comprimento que o direito. Eu só precisava esperar mais alguns minutos e estaria como novo.

— Pelo menos eu tenho sobrancelhas.

Emocionada por ter meus cabelos e sobrancelhas de volta, tirei cuidadosamente minhas roupas sujas e manchadas de cinzas.

— Você vem? — disse a voz de Marcus vinda do chuveiro.

— Em um minuto — gritei de volta.

Quando corri para o banheiro, bati com o quadril na cadeira ao lado da minha mesa porque não tinha controle motor, e a calça jeans do Marcus caiu com um estrondo.

— Urgh.

Abaixei-me para puxá-la para cima e algo pequeno e quadrado caiu de um dos bolsos.

Uma caixa. Uma pequena caixa preta.

Fiquei paralisada, com o coração disparado. Por que Marcus estaria carregando o que parecia ser uma caixa de joias? Foi por isso que ele procurou seu jeans. Ele tinha a caixa com ele.

Olhei para o banheiro. A porta estava ligeiramente entreaberta, de modo que eu não conseguia ver Marcus, mas podia ouvir os respingos de água.

O que uma bruxa faz quando uma linda caixa preta cai da calça jeans de seu namorado?

Ela pega a caixa e a abre, é isso.

Inclinei-me e peguei a caixa, com os dedos tremendo ligeiramente. Prendendo a respiração, abri-a com um estalo.

Um anel estava em uma almofada branca. Eu o peguei e o segurei mais de perto. Era de ouro branco com pequenos diamantes circulando ao redor dele como um anel da eternidade. Não era um anel espalhafatoso, com um diamante do tamanho de uma ervilha, um que você tinha que piscar para afastar o brilho quando ele atingia a luz. Era simples. Era lindo. Era perfeito.

Vislumbrei uma inscrição na parte interna. Ao incliná-la na luz, ela dizia: *MINHA*.

— Puxa vida! Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! — Sim, eu parecia um golden retriever feliz.

MINHA.

Eu nunca havia pertencido a ninguém antes, não de fato.

MINHA.

Cacete.

Meu primeiro pensamento foi que Marcus iria me pedir em casamento. A segunda?

Allison ia odiar isso.

CAPÍTULO 25

Fiquei olhando para o teto. O amanhecer era uma promessa dourada no horizonte, e eu ainda não tinha dormido nada. Eu estava olhando para o teto há cerca de uma hora, ouvindo a respiração baixa e uniforme de Marcus. Seu belo rosto era suave e tranquilo, sua respiração era baixa e rítmica. Eu estava tão tentada a passar os dedos em sua testa ou em suas deliciosas madeixas pretas, mas isso certamente o acordaria. O homem nem sequer roncava. Ele era perfeito.

E eu deveria ser dele.

Esse era o principal motivo pelo qual eu não conseguia dormir e continuava acordando, sonhando com anéis gigantes rolando pela colina, eu fugindo e eles tentando me esmagar.

Havia anéis por toda parte. E, se eu olhasse fixamente para um ponto no teto por tempo suficiente, poderia ver um anel. Se eu fechasse os olhos - novamente, anéis eram pintados na parte interna de minhas pálpebras.

O sol nascente era um anel. As formas nas nuvens eram anéis. Anéis. Anéis. Anéis.

Eu era um caso mental. E eu não conseguia parar de sorrir, um sorriso largo e bobo que quase tocava minhas orelhas.

Marcus ainda não havia me mostrado o anel, mas ele estava chegando. Ele o tinha com ele, então pretendia fazê-lo em breve. Por que outra razão ele o traria consigo?

Pensei que ele fosse fazer isso ontem à noite, depois que enfiei a caixa de volta no bolso de sua calça jeans. Fizemos uma ginástica orgástica no chuveiro, e eu fiquei ainda mais entusiasmada com nossa relação sexual, pois sabia o segredo dele. Mas depois que levamos a cena do chuveiro para a cama e ficamos deitados lá por cerca de uma hora, parecia que ele não ia fazer isso.

Eu tinha deixado isso de lado. Eu não queria ser aquela mulher que estragou a apresentação dele porque ela estava muito empolgada.

Mas eu estava animada. Não pude evitar.

— Você está bem? — Marcus perguntou enquanto estava deitado de lado ao meu lado algumas horas atrás, passando uma mão áspera para baixo e para cima em meu braço.

— Você está toda inquieta. Nervosa por causa de amanhã?

Não.

— Sim. Um pouco. Estou mais ansiosa para mostrar a Greta e Silas que estou de volta.

O que era parcialmente verdade. Eu estava ansiosa para ver a cara do Silas quando eu desse uma surra nele.

Marcus depositou um beijo em meu ombro e depois em meu pescoço.

— Você vai se sair bem.

Ele se virou de costas e cruzou um braço sob a cabeça.

— Não sei por que eles estavam com tanta pressa para tirar sua licença de Merlin. Se tivessem esperado, nem teriam que ter vindo aqui.

Dei de ombros.

— Não sou eu que faço as regras. Só tenho de tentar cumpri-las. Mesmo que eu ache que elas são estúpidas.

O chefe sorriu.

— Pense nisso como a última vez. Você não terá que fazer isso nunca mais.

Virei a cabeça no travesseiro para poder ver seu rosto.

— A menos que Lúcifer decida tirar minha magia novamente.

Isso ainda era uma possibilidade devido ao meu sangue único. Era algo com que eu teria de conviver.

— Você acha que ele vai fazer isso? Eu tinha a impressão de que o cara tinha resolvido seus problemas com a esposa.

Ele riu.

— Parecia que eles estavam se dando muito bem.

— Sim. Espero que você esteja certo. Mas sabe, não vou mais pensar nisso. No que me diz respeito, está tudo acabado. Preciso seguir em frente e viver minha vida... pensar no meu futuro... no nosso futuro.

Dica. Dica.

O chefe olhou para o teto, sua expressão era ilegível.

— Fico feliz que tenha recuperado seus poderes. Sei o quanto eles significam para você. Mas mesmo que não os tivesse, isso não mudaria o que sinto por você.

Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Lá vem ele.

Marcus se virou para me olhar, com seus olhos cinzentos sonhadores.

— Deveríamos comemorar. Vou levá-la para jantar fora para comemorar. Há um novo restaurante em Cape Elizabeth que eu gostaria de experimentar. As críticas são boas.

E então meu balão de felicidade esvaziou.

Tentando não parecer desapontada, forcei um sorriso no rosto.

— Parece ótimo.

Ficamos em silêncio por um tempo, eu pensando em anéis e

Marcus pensando em Deus sabia o quê.

— Quando o Zeke vai para casa? — Perguntei depois de não aguentar mais o silêncio.

— Amanhã. Eles precisam levar os corpos de volta e preparar os preparativos para o funeral.

— Mas não todos eles. Acho que Beverly tem alguns encontros quentes com alguns dos membros do grupo.

O chefe riu.

— Sim. Alguns caras ficarão por aqui por um tempo.

Meu sangue zumbia em meus ouvidos.

— O Zeke está chateado por você ter recusado? Quero dizer, ele veio até aqui para tentar tentá-lo. Ele deve estar um pouco desapontado.

Marcus ficou olhando para o teto por um tempo antes de responder.

— Ele sabe que eu nunca aceitarei — respondeu o chefe. — Ele sabe agora. Reconheceu isso. Lucas realmente se esforçou. Ele lutou como um campeão. Ele provou para a matilha que era realmente a escolha certa como alfa. A matilha o está apoiando, todos eles. Até o Zeke.

— Ótimo — eu disse, sorrindo.

Marcus se virou e se abaixou em cima de mim.

— Eu não vou a lugar nenhum.

— É melhor não — eu disse, logo antes de seus lábios encontrarem os meus.

Depois de mais uma rodada de tango horizontal - mas quem está realmente contando -, caímos no sono. Bem, ele dormiu enquanto eu estava sendo torturada por sonhos com anéis, e continuava acordando.

Quando não conseguia mais olhar para o teto, levantei as pernas da cama e fui na ponta dos pés até o banheiro. Depois de fazer minhas necessidades, vesti-me e fui em busca do café da manhã.

Eu estava faminta. E eu precisava de um estômago cheio, de energia para dar uma surra no Silas.

Sentindo-me como se estivesse no paraíso, ou melhor, no *MEU* paraíso, fechei a porta do meu quarto e desci as escadas correndo.

O cheiro de manteiga e de algo doce como baunilha encheu meu nariz, misturado com o aroma do café que estava sendo preparado quando entrei na cozinha. Seguindo meu caminho, pude ver Ruth no fogão, sorrindo enquanto preparava uma fornada do que parecia ser uma torrada francesa. Hildo, seu familiar, mergulhava a pata na massa, como de costume. Dolores e Beverly estavam sentadas à mesa da cozinha, Dolores lendo o jornal da manhã, enquanto Beverly folheava seu pequeno livro preto de homens elegíveis que ela mantinha sob controle.

As duas olharam para cima quando me aproximei e fui direto para a máquina de café. Eu precisava de cafeína como precisava de ar naquele momento. Não que eu achasse inteligente adicionar cafeína a um corpo já nervoso, mas eu precisava.

Enchi minha xícara, tomei um gole longo e profundo e bati nos lábios.

— Delicioso. Este café é muito bom — falei, virando-me e apoiando meu traseiro na borda do balcão. — Como estão todas? Vocês parecem bem. Hoje vai ser um dia quente e agradável, eu acho.

Dolores olhou para mim por cima da borda de seus óculos de leitura.

— Você está de bom humor.

— É toda aquela aquela movimentação que ela fez com o Marcus na noite passada, não é? — interveio Beverly, com um sorriso malicioso em seu rosto lindo e perfeito. Ela olhou para mim e deu uma piscadela. — Esta casa tem paredes finas, querida. Quero dizer, paredes *realmente* finas.

Abri e fechei a boca. Eu estava de bom humor, mas não o suficiente para ter uma conversa sobre minha vida sexual com minhas tias.

Beverly folheou uma página de seu livro.

— Eu também estaria toda sorridente se tivesse tido quatro orgasmos na noite passada, sabe — provocou minha tia, com o rosto fresco e a maquiagem impecável como sempre.

Eu me encolhi. Será que eles poderiam nos ouvir no chuveiro também? Era hora de encontrar um lugar só nosso, pra ontem.

Ruth se virou do fogão. Seu olhar estava perplexo.

— Quatro orgasmos? Isso é possível?

Dolores engasgou com seu café.

Ok. Me mate agora.

Beverly deu uma risadinha.

— É claro que é possível, boba.

Ela sorriu com orgulho e disse:

— Meu recorde é de sete orgasmos em uma única relação sexual.

Seus olhos encontraram os meus.

— Você ainda tem um longo caminho a percorrer se acha que pode superar isso.

— Uh... Ummm...

Que diabos eu deveria dizer a isso? Eram apenas oito da manhã e estávamos falando de orgasmos.

Mas fui poupada de ter essa conversa quando Ruth colocou um prato com duas torradas francesas na ilha da cozinha.

— Aqui está, Tessa — disse ela, toda animada e sorridente. — O xarope de bordo está bem ali.

Ela apontou para a lata de xarope de bordo com uma grande folha de bordo vermelha no rótulo.

— Minha amiga Sophie me manda um lote todo ano. Ela é uma bruxa do outro lado da fronteira, em Quebec. Bom apetite.

— Obrigada.

— Tem muito mais. Você precisa de força para os testes desta manhã — disse Ruth ao voltar para o fogão.

Limpei a garganta ao me sentar.

— E temos certeza de que eles estarão aqui? Tão rápido assim?

— É claro que temos certeza — respondeu Dolores, recuperando-se de seu ataque de tosse.

Esperei por mais, mas achei que essa seria toda a resposta que eu receberia. Depois de servir uma generosa porção de xarope de bordo, mergulhei em minha torrada francesa e dei uma mordida. Que delícia.

— Tããão bom — eu disse com a boca cheia. — Obrigado, Ruth.

— De nada, querida — disse Ruth por cima do ombro. Ela virou a cabeça, com uma pergunta no rosto. — Você acha que o Marcus também vai querer? Eu tenho muitos.

Eu engoli.

— Não tenho certeza. Ele ainda está dormindo.

— Eu também estaria, depois de todo o trabalho de ontem à noite — disse Beverly enquanto folheava outra página de seu livro preto.

Dolores olhou para sua irmã.

— Pensei que você já estivesse com a agenda cheia para esta semana. Você não tem encontros com alguns dos homens do wereape?

— Eu tenho.

Beverly levantou os olhos de seu livro, parecendo satisfeita consigo mesma.

— Mas uma garota nunca pode ter encontros demais.

— Claro que pode — disse Dolores. — Geralmente elas são chamadas de trabalhadoras.

Ruth deu uma risadinha como se aquela fosse uma manhã normal na casa dos Davenport. Acho que era.

Dei outra mordida em minha torrada francesa.

— Então, com quem você vai sair no primeiro encontro?

Eu nunca me interessei muito pela vida amorosa da minha tia, mas sete homens diferentes em sete dias diferentes? Isso merecia ser pontuado. Provavelmente, ela merecia uma medalha.

Beverly levantou os olhos de seu livro e exibiu um sorriso deslumbrante.

— Zeke vai me levar para almoçar.

Pousei meu garfo.

— Zeke? Tem certeza?

Ela me olhou com olhar de *você está brincando comigo*, como se eu

ousasse perguntar se ela tinha certeza sobre um cavalheiro.

— Está bem. Você está certa. Só achei que ele estava voltando para Nova York. Foi o que Marcus me disse.

— Ele mudou seus planos para mim — disse minha tia. — Sou conhecida como a mulher que consegue o que quer de um homem. Sou abençoada com aparência e corpo maravilhosos e com a capacidade de persuadir o sexo oposto.

— É mais como manipular o sexo oposto — bufou Dolores. — Do jeito que você oferece sua vagina por aí? É claro que você consegue o que quer.

As bochechas de Beverly ficaram coradas, mas ela estava sorrindo.

— Eu não *agito* minha vagina por aí, Dolores. Eu a apresento.

Foi minha vez de engasgar e tossir, mas, felizmente, consegui manter toda a torrada francesa na boca.

Beverly riu. Até Dolores começou a rir. Essa conversa estava ficando cada vez melhor. Fiquei grata por Marcus ainda estar dormindo. Ele não precisava presenciar isso.

Ruth se inclinou sobre meu ombro, olhando para o meu prato.

— Eu também faço formas com a minha torrada francesa — sussurrou ela, como se estivéssemos compartilhando um segredo.

— Hã? — Olhei para baixo. — Oh. Eu fiz um anel.

Eu tinha esculpido um anel em minha última torrada francesa e nem tinha percebido. Eu precisava de ajuda.

— O que é isso? — perguntou Dolores, levantando a cabeça e tentando ver meu prato.

Com o garfo, cortei minha torrada francesa ao meio.

— Nada. Só estou mexendo na minha comida.

Eu tinha que colocar minha cabeça no lugar e parar de pensar em anéis para poder me concentrar no que estava prestes a enfrentar esta manhã. Minha carreira como Merlin dependia disso.

A campainha da porta tocou.

Dolores dirigiu seu olhar em minha direção. Eu podia ver as rodas girando em sua cabeça.

Sorri e estalei os dedos.

— Vamos ao jogo, senhoritas.

CAPÍTULO 26

Osol queimava a parte superior do meu couro cabeludo enquanto eu estava no quintal, de frente para um Silas sorridente e um pátio que mais parecia um júri, a julgar pelas carrancas e sobrancelhas críticas.

O bruxo tatuado ficou de pé com uma postura presunçosa. Tão irritante. E estranhamente satisfatório.

— Você está sorrindo porque sentiu minha falta? — Eu lhe perguntei.

O cavanhaque de Silas se esticou junto com seu sorriso.

— Estou sorrindo porque vou bater em você de novo. Estou sorrindo porque vou gostar de infligir dor em você.

— Ah, é mesmo?

— Você é apenas uma perdedora em busca de atenção. Desta vez, você vai ficar no chão.

— Com essa de novo?

Ele me encarou por um momento.

— Você não pode ter sua magia de volta. Sim, as bruxas podem perder seus dons com a idade. Assim como a aparência, a magia desaparece com o passar dos anos. Elas esgotam seu poço de magia. Ele secou. Mas ela nunca volta. Quando uma bruxa perde sua magia, ela se perde para sempre.

Eu me olhei com o polegar.

— Não essa bruxa.

Silas bufou.

— Você não é uma bruxa. Você é um fracasso. E hoje, vou provar isso novamente.

Eu queria estrangulá-lo com seu rabo de cavalo.

— Vamos ver.

Desviei meu olhar para o pátio, para a mulher idosa em um vestido de seda azul-claro. Ela se sentou em sua cadeira com orgulho, como se fosse um trono. Seus cabelos brancos e curtos balançavam com a brisa da manhã, e ela não parecia nem um pouco cansada. Não parecia alguém que tivesse viajado cerca de quatrocentos e cinquenta quilômetros em um curto espaço de tempo.

Era altamente improvável que alguém pudesse fazer uma viagem tão rápida de Nova York, a menos que tivesse um jato particular ou algo melhor... ou que usasse um meio de transporte mágico.

— Vocês devem ter vassouras muito rápidas para chegar aqui tão

rápido — eu disse ao Silas.

Silas soltou um suspiro pelo nariz.

— Você não gostaria de saber.

— Na verdade, eu gostaria.

Esperei por uma resposta, mas ele não abriu a boca. Ah, bem. Isso teria sido interessante.

Ainda assim, eu tinha a sensação de que Greta usava linhas ley como eu, o que explicaria o fato de eu nunca ter sido suspensa de usá-las nos julgamentos de bruxas, porque ela também as usava. E Silas, sendo o bruxo frustrado e invejoso que era, não queria que eu soubesse.

Dolores sentou-se em uma cadeira à esquerda de Greta. A cadeira de minha tia estava um pouco mais distante do que a de Greta, e eu sabia que Dolores tinha feito isso de propósito. Como um cachorro marcando seu território. Essa era sua maneira de mostrar a Greta quem estava no comando aqui.

Beverly estava ao lado dela e não parava de olhar por cima do ombro, como se estivesse esperando alguém. Essa pessoa era o Zeke. O homem, wereape, havia se machucado gravemente na noite passada, pelo menos foi o que pensei. Ou ele se curou muito rápido ou simplesmente não queria perder um encontro com minha linda tia Beverly.

Ruth parecia mais nervosa do que eu. Ela se sentou sobre as mãos, balançando para frente e para trás e parecendo um pouco pálida. Hildo não estava em seu colo. Conhecendo-o, ele provavelmente estava se empanturrando com todos os restos da torrada francesa.

Marcus estava de pé atrás deles, apoiado na parede dos fundos de Davenport, com os braços cruzados. Ele havia aparecido descendo as escadas assim que a campainha tocou, há cerca de meia hora.

— Estou indo para casa me trocar. Volto já — disse ele enquanto beijava o topo da minha cabeça e desaparecia pela porta dos fundos da cozinha, deixando-me sozinha para cumprimentar Greta e Silas.

Agora ele estava na varanda dos fundos, vestido com roupas limpas e com uma expressão de preocupação no rosto. Olhei para os bolsos de sua calça jeans. Não consegui ver nenhuma protuberância. Espere. Eu conseguia ver *uma protuberância*, mas não a protuberância acentuada de uma pequena caixa em um de seus bolsos. Eu me senti como uma pervertida, olhando para o volume do meu homem. Será que ele tinha o anel com ele? Será que o deixou em seu apartamento? Se deixou, o que isso significa? Será que ele mudou de ideia?

Eu estava caótica. Um caos nervoso e sem foco.

No entanto, Marcus estava todo concentrado em Silas com um olhar assassino, como se quisesse abrir um buraco no peito de Silas. Havia uma história ali. O bruxo havia aprisionado Marcus e o

espancado, enquanto colocava um amuleto mágico em volta do wereape para que ele não pudesse se curar e ficasse com uma dor constante e excruciante.

Eu odiava aquele desgraçado. Parecia que Marcus também o odiava.

Percebi que Silas estava me observando. Seu sorriso maligno indicava que ele havia percebido minha inquietação e que estava desconcentrada. Que merda. Não era assim que eu havia fantasiado sobre esse momento. Eu tinha fantasiado muito sobre isso. Eu precisava clarear minha mente.

— Você vai ser reprovada — zombou o bruxo, confundindo meu nervosismo com os testes.

Ignorando-o, vi a Iris e o Ronin caminhando ao lado da casa, indo se juntar às minhas tias e a todos no pátio dos fundos.

Isso me deu uma ideia.

Com o coração aos pulos, corri até a Iris e fui diretamente ao seu rosto.

— Preciso que você me faça um favor.

Iris piscou os olhos.

— Claro. Qualquer coisa. Do que você precisa?

Mudei minha postura.

— Me bata.

Ronin riu.

— Isso é como um dos sonhos que eu tive. Você e a Iris - UAU!

O meio-vampiro esfregou o local onde a Iris o socou.

A bruxa das trevas voltou seu olhar para mim.

— Você está louca. Quer que eu *bata em* você?

Assenti com a cabeça.

— Não consigo me concentrar. Fico pensando no anel e no Marcus...

— Espere. Que anel? Existe um anel? — disse Iris, com os olhos arregalados como se estivessem prestes a sair das órbitas.

— Sim. Não. A questão é que preciso me concentrar se quiser passar nesses testes, e minha mente não está ajudando. É por isso que preciso que você me dê um tapa na cara com toda a força que puder. Faça isso. Faça isso agora. Porque se você não fizer isso, eu vou ser reprovada e não vou conseguir minha licença Merlin. É isso que você quer? Você quer que eu...

A mão de Iris surgiu do nada. Sua palma atingiu minha bochecha esquerda com força, e minha cabeça girou para o lado, quase me causando uma chicotada.

— OW!

Pressionei minha mão em minha bochecha latejante.

— Muito forte? Desculpe.

Iris parecia um pouco aterrorizada com o que tinha acabado de fazer, mas eu podia ver os cantos de sua boca se retorcendo, como se uma parte dela tivesse realmente gostado de me dar um tapa na cara.

— Não. Está tudo bem. Funcionou. Obrigada.

Iris sorriu.

— Disponha.

Ronin balançou a cabeça.

— Mulheres. Criaturas complicadas. Eu realmente não entendo vocês.

Com a bochecha ainda latejando, voltei correndo para o lugar onde Silas estava esperando. Estranhamente, ele não estava olhando para mim. Ele estava olhando para o pátio com uma carranca no rosto.

— Quem é a ruiva? — perguntou ele.

Segui seu olhar. Que merda. Lilith estava aqui. Aparentemente, ela achou que não havia problema em pegar uma cadeira e sentar-se ao lado de Beverly. Eu não conhecia todas as regras e regulamentos quando se tratava de bruxas e tribunais, mas não achei que ser amiga de uma deusa ficaria bem no meu registro. Se Greta ou Silas descobrissem quem ela era, isso poderia não ser bom para mim. Nada bem mesmo.

— Nossa prima — respondi, mantendo minha voz uniforme. — Ela está comprometida, então pode esquecer — falei rapidamente, achando que esse tipo de declaração soaria real o suficiente. — Você não faz o tipo dela.

Silas fez uma cara de quem não estava interessado, então eu sabia que ele tinha acreditado na minha mentira.

Marcus estava olhando para mim como se eu tivesse perdido a cabeça. Talvez eu tivesse, só um pouquinho. Pode me chamar de louca, mas o tapa tinha funcionado. Eu estava concentrada. Só conseguia me concentrar no latejar de minha bochecha e nos testes. Era isso.

Dei algumas corridas no local, coloquei os pés no chão e esfreguei as mãos.

— Vamos começar logo ou não?

Silas me observou por um instante e depois se voltou para Greta, aparentemente esperando sua aprovação.

Seus olhos escuros encontraram os meus, ela os manteve fixos e, em seguida, fez um único aceno de cabeça.

Então, tudo bem.

— Onde está sua bolsa de truques? — perguntei, percebendo que Silas não tinha uma bolsa com ele como da última vez.

As tatuagens no rosto e no pescoço de Silas brilhavam em vermelho.

— Sou eu a bolsa.

Quando dei por mim, o bruxo estava tirando a camiseta, enquanto Beverly batia palmas e fazia alguns "oohs" e "ahhs" animados.

Seu peito nu e tonificado estava completamente coberto de tatuagens. As runas e os sigilos cobriam seus braços e ombros até o pescoço. Eu sabia que sua tinta era sua magia. Eu já o tinha visto usá-las antes. As tatuagens foram inscritas nele para lhe dar poder.

Então, ele ia usar sua magia em mim. Eu podia jogar esse jogo.

— Pode vir — eu disse a ele e fiz um sinal com a mão.

Quando olhei para Marcus, o chefe havia se afastado da parede e estava de pé perto da borda do pátio. A inclinação de sua cabeça e a tensão em sua postura mostravam que ele estava furioso. Seus olhos brilhavam com uma fúria animal, do tipo que o deixava a segundos de explodir e rasgar Silas se ele machucasse um fio de cabelo sequer do meu corpo. Isso era muito excitante.

De volta ao Silas.

As tatuagens em seu rosto e pescoço continuavam a brilhar. Uma runa tatuada no músculo peitoral esquerdo de Silas brilhava em vermelho. Senti uma súbita vibração no ar, puxando minha pele com força. Ele estalou os dedos e chamas vermelhas pairaram sobre as palmas de suas mãos. Ele estendeu as mãos para o lado, um gesto clichê para o praticante de magia arrogante. Exibicionista.

Eu também poderia me exibir.

Eu era uma bruxa. Uma bruxa das sombras com meu próprio conjunto de truques.

A adrenalina subiu, misturada com a magia inebriante.

Silas empurrou suas mãos para frente. Dois disparos de fogo vermelho furioso vieram em minha direção como dois lança-chamas.

Desgraçado. Não sei se isso foi legal. O bruxo queria me assar.

Não me mexi. Quando seu fogo estava a cerca de cinco centímetros do meu rosto, puxei uma linha ley, pulei e meu corpo foi puxado para longe em um piscar de olhos.

Ouvi a respiração frustrada de Silas e me esforcei para não rir. Não, eu ri. Eu ri muito.

Não fui muito longe, apenas torci e fiz um bumerangue com a linha ley de volta para me colocar bem atrás do bruxo tatuado.

Ele se endireitou, com a cabeça se movendo de um lado para o outro, procurando por mim.

E então, por brincadeira, dei-lhe um chute na bunda.

Silas caiu no chão, com os braços e as pernas balançando como se estivesse dando um mergulho. Ele não ficou no chão por muito tempo. Pisquei, e ele estava de pé com um olhar assassino. Todas as tatuagens em seu corpo brilhavam em vermelho.

— Você parece um enfeite de Natal — eu disse a ele.

Ele jogou as mãos em mim novamente.

Mas eu estava pronta para ele.

— Infilutis! — Eu trovejei, liberando minha vontade e todas as emoções reprimidas por ter tido minha magia arrancada de mim, enquanto empurrava minhas mãos contra a bruxa.

Uma força cinética o atingiu, lançando-o de ponta-cabeça a uns 30 metros para trás.

Corri para lá, com minha magia ainda fluindo em mim, para garantir que ele permanecesse no chão. Mas então, com um grunhido, o desgraçado se levantou, dobrando-se na cintura, claramente com dor.

— Vadia — ele gritou. — Você está morta.

— Já chega, Silas — disse a voz de comando de Greta.

Olhei para o bruxo e lhe dei um sorriso.

— Seja um bom cachorro e ouça seu mestre.

Os olhos de Silas brilharam de ódio.

— Você não é nada. Vou acabar com você.

— Eu duvido. Seu poder não se compara ao meu. Você é um cara pequeno. Tem muito pau na sua personalidade e pouco nas suas calças.

O rosnado de Silas foi cruel, como um coioote selvagem prestes a atacar minha jugular.

— Sua puta maldita.

O ar fervilhava de energia. Meu coração acelerou, sentindo a mágica que ele faria comigo. Eu o havia humilhado. Entendi isso. Mas ele havia tentado me assar como um peru de Ação de Graças.

— Chega — ordenou Greta. Foi apenas uma palavra, mas funcionou.

As tatuagens no corpo de Silas se tornaram pretas. Sem dizer uma palavra ou olhar sequer, ele se afastou. Eu o observei até que ele passou pela casa e desapareceu em algum lugar na rua.

— Tessa Davenport — chamou Greta, e eu me vi caminhando de volta para o pátio. — Já vi tudo o que precisava ver — continuou a velha bruxa, que agora estava de pé. — É óbvio. Você readquiriu sua magia. Estou curiosa para saber como isso é possível. Em todos os meus anos, nunca ouvi falar de uma bruxa que tenha recuperado sua magia perdida. Quer me explicar?

Que droga.

Todas as minhas tias se enrijeceram. Ruth parecia que estava prestes a vomitar.

Engoli com força.

— Digamos que o incubus que a tomou morreu e, então, minha magia foi devolvida.

Era mais ou menos verdade.

— Bom o suficiente?

A velha bruxa me observou e percebi que ela não acreditava em mim. Então ela se virou e olhou para Lilith, que estava balançando uma perna no joelho, parecendo entediada.

Senti como se alguém tivesse jogado um balde de água gelada em minhas costas. Se ela descobrisse sobre a Lilith...

— Parabéns, Tessa — disse Greta, voltando seu foco para mim. — Sua licença Merlin será restabelecida. Enviarei a você a papelada necessária para assinar.

Seus olhos brilhavam com algo que eu não conseguia ver, mas vi o pequeno sorriso em seu rosto. A senhora idosa não sorria com frequência. Eu poderia contar as vezes em que ela sorriu para mim. Duas - contando com essa.

Com uma última olhada em cada uma de minhas tias, a velha bruxa saiu do pátio.

— Eu vou com você — disse Dolores ao se juntar à bruxa mais velha, e as duas começaram a conversar.

— Você foi muito bem — disse Marcus ao aparecer ao meu lado, com a mão pressionada na parte inferior das minhas costas enquanto me puxava para ele. Ele encostou seus lábios nos meus. Que delícia. Eu o beijei de volta. Foi rápido, mas preencheu meus sentidos e deixou meus hormônios em fúria. Isso também me trouxe de volta a ideia do anel. Aproveitei o momento para passar as mãos em suas coxas e fiz um rápido movimento frontal que terminou com uma massagem na bunda. Não havia nada lá. Ele não trouxe o anel com ele.

Marcus soltou um pequeno rosnado, confundindo minha busca corporal com uma dica de que eu precisava de sexo.

Eu me afastei e sorri para seu belo rosto, vendo o desejo em seus olhos cinzentos.

— Obrigada. Achei que poderia ter sido um pouco exagerada com o chute.

— Dar um chute na bunda dele foi a melhor parte — disse Ronin quando ele e Iris se juntaram a nós. — Não dava para ver o rosto dele, mas nós víamos. Ele ficou todo vermelho. Achei que ele ia chorar como um bebê.

— Estou feliz por você ter feito isso. — Iris me deu um sorriso de lábios fechados. — Ele merecia demais. E pior ainda. Ele é um otário.

Abri a boca para responder no momento em que Lilith se juntou ao nosso grupo.

— Os jogos já terminaram? — ela perguntou e, quando acenei com a cabeça, ela acrescentou: — Que decepção. Pensei que ia assistir a um duelo de bruxos. Um duelo de bruxos de verdade, com maldições, sangue e morte. Mas você simplesmente... deu um chute na bunda dele — ela zombou, parecendo toda piedosa e linda.

Eu ri.

— Verdade.

Franzi a testa quando a deusa decidiu passar a mão sobre o bíceps esquerdo de Marcus. Limpei minha garganta.

— Lilith, já que você está aqui, tenho uma pergunta a fazer — eu disse a ela. Eu não conseguia tirar essas perguntas da cabeça até obter uma resposta concreta.

— Seja rápida — disse a deusa, ainda esfregando a mão no braço de Marcus. — Tenho um encontro sexual com meu marido.

Meus lábios se entreabriram.

— Então... vocês estão, tipo, juntos de novo? Vocês são uma coisa agora? Tudo está perdoado?

Lilith deu de ombros.

— Casais brigam. Não é incomum. Mas o sexo... o sexo é incrível.

— Mas ele a trancou em uma gaiola? Por um tempo *muito* longo. Você se esqueceu disso?

A irritação apareceu no rosto da deusa.

— Cuidado, minha pequena bruxa demônio. Podemos ser amigas, mas há um limite.

Sim, irritar uma deusa não foi muito inteligente, mas pelo menos ela parou de tocar no meu homem.

— Tudo bem. Sabe por que seu marido queria que eu a levasse para longe da Casa Davenport? Ele pediu que eu a levasse especificamente para a esquina da Spirit Lane com a Crystal Row. Por quê?

Lilith deu de ombros.

— Por ter investido parte de minha magia na reconstrução de sua casa, eu me protegi. A magia da casa e a magia da terra ao redor dela teriam agido como uma proteção contra a magia de Lúcifer.

Interessante.

— Isso tem alguma coisa a ver com o fato de eu ter recuperado meus poderes quando ele tentou me matar - na verdade você - com sua magia?

— Sim, mas não era um feitiço de morte — explicou a deusa. — Era um feitiço de *possessão*. Lúcifer tentou me enredar com o feitiço. Mas quando ele o usou, bem, teve o efeito oposto. Por causa da minha magia já infundida neste lugar, o feitiço dele agiu como uma liberação em vez de um feitiço de posse. Então, quando você foi atingida, seus poderes foram transferidos de volta. Fim da história.

Eu sorri.

— Interessante. Mas minha história está apenas começando.

Porque meu homem tinha uma caixa com um anel, e agora não tinha mais. O que diabos isso significava?

Foi aí que as coisas ficaram estranhas. Mais estranhas do que o

normal, é claro.

O chão tremeu e um barulho se abateu sobre mim, fazendo-me recuar, como o som de pedras moendo. O impacto reverberou sob minhas pernas como se a própria terra estivesse prestes a se abrir.

— Uh... o que está acontecendo? — Virei a cabeça para trás, procurando a origem do barulho, e encontrei os olhos arregalados de Marcus. Ele agarrou minha cintura e me puxou para perto.

Sentimos outro impacto, e o chão tremia mais forte agora. Ele estava vindo de cerca de 30 metros de nós. Um estrondo estrondoso ecoou em nossos pés.

— Terremoto! — gritou Ruth e colocou as mãos sobre a cabeça, como se isso fosse protegê-la.

Não achei que fosse um terremoto.

Olhei de relance para Lilith.

— É você? Está fazendo alguma coisa?

Lilith pareceu um pouco irritada com minhas perguntas.

— Não. Não estou fazendo nada agora, além de ficar olhando para você.

— Então?

Deixei minha pergunta pairando no ar.

A energia zumbia ao nosso redor e, então, uma grande rachadura dividiu o chão como se a própria terra tivesse aberto a boca. E do buraco na terra surgiu uma forma, uma forma grande e branca. Vimos uma explosão repentina de luz e, quando a luz diminuiu, pisquei. E meu queixo caiu.

Um minúsculo chalé, não, uma casa de fazenda com telhado de metal preto, revestimento de madeira branca e uma gloriosa varanda envolvente sustentada por colunas grossas e redondas, estava no local onde o chão havia se desmanchado há pouco, mas agora estava nivelada.

Era... era uma réplica da Casa Davenport. Exatamente igual, só que muito menor.

— Puxa vida — eu respirei. — A Casa Davenport acabou de ter um bebê.

Parecia ridículo, mas eu estava olhando para ele.

— Bebês? Eu adoro bebês — disse uma feliz Ruth, com os olhos arregalados de admiração e um sorriso estampado no rosto.

Beverly estava de boca aberta, olhando para a nova casa minúscula como se não pudesse acreditar no que estava vendo.

— Eu não tinha ideia de que o Casa Davenport tinha esse nível de magia.

— Eu também não — eu disse a ela.

— Mas por quê? Por que a Casa Davenport faria isso?

Dolores veio correndo em nossa direção.

— Por que ela criaria uma versão menor de si mesma bem no meio do quintal?

Ruth deu uma risadinha.

— Acho que é fofo. Talvez Casa Davenport estivesse se sentindo sozinha e precisasse de um amigo.

— As casas não ficam sozinhas — esbravejou Dolores. — Elas são reformadas. São enfeitadas. Pintadas. Elas não dão à luz bebês de casas pequenas.

— Esta aqui sim.

E eu sabia o motivo. Eu sabia em minhas entranhas.

Desvencilhei-me de Marcus e dei um passo à frente, sentindo-me como se estivesse em um sonho. Meus olhos se voltaram para a linda e minúscula casa de fazenda com uma fileira de hortênsias Anabelle aconchegadas na varanda da frente. *Minha* casa de fazenda.

— É para mim. Para mim e para o Marcus — eu disse, sabendo que era verdade. Como Casa Davenport havia me ouvido, ela fez isso por mim.

As emoções afloraram e eu pisquei para afastar as lágrimas. Era perfeito. Eu estaria morando na Casa Davenport sem realmente *morar* na Casa Davenport. Eu finalmente teria minha privacidade com meu homem.

Eu me virei para o wereape e disse:

— Bem-vindo ao lar.

Não perca o próximo livro da série As Bruxas de Hollow Cove!



MAIS LIVROS DE KIM RICHARDSON

AS BRUXAS DE HOLLOW COVE

Bruxa das Sombras
Feitiços da meia-noite

SOMBRA E LUZ
[Caçada Sombria](#)
[Vínculo Sombrio](#)
[Ascensão Sombria](#)

ARQUIVOS SOMBRIOS

[Feitiços e Cinzas](#)
[Encantos E Demônios](#)
[Magia e Chamas](#)
[Maldições e Sangue](#)

GUARDIÕES DE ALMA

Marcada
Elemental
Horizonte
Submundo
Seirs
Mortal
Ceifeiros
Selos

REINOS DIVIDIDOS

Donzela de Aço
Rainha das Bruxas
Magia de Sangue

SOBRE A AUTORA

KIM RICHARDSON é uma autora best-seller do USA Today de fantasia urbana, fantasia e livros para jovens adultos. Ela mora no leste do Canadá com o marido, dois cachorros e um gato velhinho. Os livros de Kim estão disponíveis em edições impressas e as traduções estão disponíveis em mais de sete idiomas.

Para saber mais sobre a autora, acesse:

www.kimrichardsonbooks.com